

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA  
INSTITUTO DE LETRAS E LINGUÍSTICA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS

JOAQUINA APARECIDA NOBRE DA SILVA

**Tese de Doutorado**

**COMPLEMENTAÇÃO DO NÚCLEO CAUSATIVO NO PORTUGUÊS  
BRASILEIRO**

**Uberlândia  
2017**

JOAQUINA APARECIDA NOBRE DA SILVA

**COMPLEMENTAÇÃO DO NÚCLEO CAUSATIVO NO PORTUGUÊS  
BRASILEIRO**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos, do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Estudos Linguísticos.

Área de concentração: Estudos em Linguística e Linguística Aplicada.

Linha de pesquisa: Teoria, Descrição e Análise Linguística

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maura Alves de Freitas Rocha

**Uberlândia  
2017**

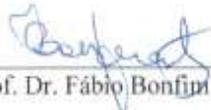


JOAQUINA APARECIDA NOBRE DA SILVA

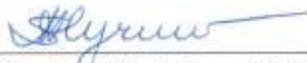
**COMPLEMENTAÇÃO DO NÚCLEO CAUSATIVO NO PORTUGUÊS  
BRASILEIRO**

Tese aprovada para a obtenção do título de Doutora no Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, do Instituto de Letras e Linguística, da Universidade Federal de Uberlândia (MG), pela banca examinadora formada por:

Uberlândia, 29 de junho de 2017.



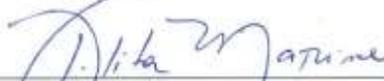
Prof. Dr. Fábio Bonfim Duarte, UFMG/MG



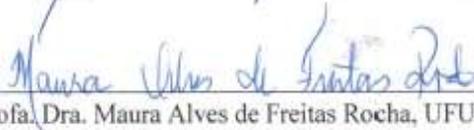
Profa. Dra. Sônia Maria Lazzarini Cyrino, UNICAMP/SP



Prof. Dr. José Sueli de Magalhães, UFU/MG



Profa. Dra. Talita de Cássia Marjine, UFU/MG



Profa. Dra. Maura Alves de Freitas Rocha, UFU/MG

Às minhas filhas, Victória e Laura, inspiração do meu viver!

À minha mãe, verdadeira guerreira.

Às minhas irmãs, Dolores e Marisa.

Ao meu amor Anderson.

A todos os alunos e alunas por sempre fortalecer a minha paixão pela docência!!

## AGRADECIMENTOS

Este trabalho não teria sido possível sem as bênçãos do meu Deus, que é perfeição e graça, e sem a luz do Divino Espírito Santo. Cada raciocínio foi guiado pela Luz Superior que me protege todos os dias.

Agradeço à minha amiga, orientadora Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maura Alves de Freitas Rocha. Você tem toda a minha admiração pelo apoio, pela sabedoria na orientação, por pontuar com firmeza e clareza os rumos da pesquisa. Sou imensamente grata pelo seu entendimento de cada fase do trabalho e de cada fase da minha vida. Devo a você a superação de muitos desafios na caminhada. Carrego comigo a orientação que se estendia na conversa do café, a qual me fazia retornar sempre com muita motivação.

Agradeço às minhas filhotinhas, Laura e Victória, que bem compreenderam as minhas ausências, parceiras todo o tempo. Agradeço ao meu esposo, Anderson Barbosa, carinho e presença que fortaleceram a caminhada. Aos amigos, Samuel e Nicinha, é um presente estar neste mundo ao mesmo tempo em que vocês.

Agradeço a minha família, especialmente minha irmã Marisa e ao Neilton pela acolhida carinhosa e o café quentinho. Agradeço minha irmã Dolores, minha mãe Dona Vilma que sempre me incentivaram. Mulheres fortes e determinantes na minha história. Aos meus irmãos, exemplos de luta e honestidade. Agradeço imensamente à minha sogrinha e a toda família pelo apoio constante e o cuidado com a Laura e com a Victória.

Agradeço ao professor Fábio Bonfim Duarte pela acolhida na UFMG e pelas valorosas discussões. Aos professores, Fábio Bonfim Duarte, Sonia Maria Lazzarini Cyrino, José Sueli de Magalhães e Talita de Cássia Marine que compuseram a banca de defesa da tese, pelas contribuições valiosas. Aos professores do programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Uberlândia, pelos ensinamentos.

Às colegas Jacqueline, Valdete, Solange, Virgínia pelo apoio constante e por me ouvirem com tanta dedicação.

Agradeço à secretaria do Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL/UFU), pela valiosa atenção, pelo carinho e pela paciência. Agradeço a todos os servidores da UFU que, com bastante solicitude, auxiliaram na resolução de todas as questões que se fizeram presentes ao longo do curso.

Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) que me concedeu, por parte do período, oportunidade de ser bolsista. Agradeço ao IFNMG pela oportunidade de afastamento do trabalho e pelo auxílio financeiro, em parte do período dedicado ao curso.

Agradeço a todas as forças positivas que se emanaram na realização deste grande sonho. O Doutorado é o meu grande presente da maturidade. Obrigada Nossa Senhora Aparecida!!

“A gente quer passar um rio a nado, e passa; mas vai dar na outra banda é num ponto muito mais embaixo, bem diverso do em que primeiro se pensou”

(GUIMARÃES ROSA, 2001, p. 51).

## RESUMO

Esta tese tem o objetivo de analisar a complementação do núcleo causativo em perspectiva sincrônica e diacrônica no Português Brasileiro. Trata-se do estudo de estruturas analíticas com verbos causativos (deixar, fazer, mandar) seguidas de verbos infinitivos, em sentenças tais como: (*Eu fiz ele entrar, tomar uma água com açúcar e relaxar um pouco./ Fizeste mal em deixá-lo entrar, mas agora é preciso salvá-lo*), e de estruturas lexicais em que o verbo causativo não é lexicalizado, em estruturas similares à (*Maricota, ainda não te cansou essa janela?*). O material analisado consiste em entrevistas transcritas e textos de peças teatrais. Os textos contemplam o percurso de tempo do século XIX, século XX e início do século XXI. Adoto o pressuposto de que a variação e a mudança linguística ocorrem em consonância a alterações paramétricas na gramática da língua e que as línguas naturais projetam um núcleo causativo (Cause<sup>o</sup>). Assim, a análise das construções causativas é desenvolvida no arcabouço teórico-metodológico formado pela Teoria da Variação e Mudança de Weirich, Labov e Herzog (1968), de Labov (1972), pela Sociolinguística Paramétrica na proposta de Tarallo e Kato (1989), e a versão minimalista da Teoria de Princípios e Parâmetros (cf. Chomsky 1995 e trabalhos subsequentes), Roberts (2007), Pykkänen (2002, 2008). Proponho ampliação na proposta de Pykkänen (2002, 2008), ao demonstrar que o núcleo causativo pode selecionar também TP defectivo e o sistema C-T completo. As construções causativas analíticas licenciam complementação de  $v^o_{\text{CAUSE}}$  em variação no período estudado. A variação de seleção de complemento pelo núcleo  $v^o_{\text{CAUSE}}$  nas causativas no PB se estabelece em categorias funcionais, a saber: vP não fásico, vP fásico, TP defectivo e CP. Destaca-se ainda que essas categorias se mostram de forma ambígua em alguns contextos em que as propriedades se mesclam em  $vP_{\text{fásico}} / TP_{\text{defectivo}}$ ;  $vP_{\text{não fásico}} / TP_{\text{defectivo}}$ ;  $TP_{\text{defectivo}}/CP$ ;  $vP_{\text{fásico}}/TP_{\text{defectivo}}/ CP$ . O núcleo  $v^o_{\text{CAUSE}}$  passa a selecionar o complemento CP ao mesmo tempo em que o sistema gramatical do PB se estabelece.

**Palavras-chave:** Causativas. Complementação. Categorias funcionais. Variação. Mudança Linguística.

## ABSTRACT

This dissertation aims to analyze the complementation of the causative head in a synchronic and diachronic perspective in Brazilian Portuguese. It is the study of analytic structures with causative verbs (*deixar, fazer, mandar*) followed by infinitive verbs, in sentences such as (*Eu fiz ele entrar, tomar uma água com açúcar e relaxar um pouco./ Fizeste mal em deixá-lo entrar, mas agora é preciso salvá-lo*), and lexical structures in which the causative verb is not lexicalized, in structures similar to (*Maricota, ainda não te cansou essa janela?*). The material analyzed consists of sociolinguistic interviews and texts of plays. The texts contemplate the course of time of XIX, XX century and beginning of XXI century. I adopt the assumption that variation and linguistic change occur in line with parametric changes in language grammar and that natural languages project a causative head (CauseP). Thus, the analysis of causative structures is developed in the theoretical-methodological framework formed by Variation and Change Theory, (WEIREINCH, LABOV and HERZOG (1968), LABOV (1972)), by Parametric Sociolinguistics in Tarallo and Kato's (1989) proposal, and by Minimalist version of Principles and Parameters Theory (see Chomsky 1995 and subsequent works), Roberts (2007), Pylkkänen (2002, 2008). I propose an extension of Pylkkänen's proposal (2002, 2008), demonstrating that the causative head can also select defective TP and the complete C-T system. The analytical causative constructs license complementation of Cause<sup>o</sup> in variation in the studied period. The variation of complement selection by the Cause<sup>o</sup> in PB is established in functional categories, namely: non-phasic vP, phasic vP, defective TP and CP. It should be noted that these categories are shown ambiguously in some contexts where the properties are mixed in phasic vP / defective TP; non-phasic vP / defective TP; defective TP / CP; phasic vP / TPdefective / CP. The result show Cause<sup>o</sup> selects CP complement at the same time the PB grammar system is established.

**Key words:** Causative. Complementation. Functional categories. Variation. Linguistic Change.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Gráfico 1 - Distribuição das Estruturas Causativas no Português Clássico .....	53
Gráfico 2- Estatuto do Verbo Formador de Causativas Sintéticas em PB .....	131
Gráfico 3 – Ambiguidade vP/TPdefectivo e CP/TP defectivo no Português Europeu .....	139
Gráfico 4 - Seleção de voCAUSE nas Causativas Analíticas em PB.....	165
Gráfico 5– Seleção de Cause <sup>o</sup> nas causativas analíticas em PB - sem ambiguidade.....	166
Gráfico 6- Ambiguidade Estrutural nas Causativas Analíticas em PB .....	167
Gráfico 7 - Variação entre clíticos e pronomes lexicais nas construções causativas .....	182
Quadro 1 - Projeção de Categorias Funcionais nas Estruturas Causativas no PE.....	50
Quadro 2 - Causativas em Línguas Românicas .....	57
Quadro 3 - Paradigma de concordância verbal no PB coloquial .....	68
Quadro 4 Comparação entre o T finito e T não finito em PB .....	68
Quadro 5 - Propriedades que Predizem os Complementos de v <sup>o</sup> CAUSE .....	86
Quadro 6 - Propriedade que prediz o estatuto v <sup>o</sup> CAUSE .....	105
Quadro 7 - Propriedades que predizem os complementos de v <sup>o</sup> CAUSE (ampliado).....	109
Quadro 8 - Diagnósticos de identificação de complementos de v <sup>o</sup> CAUSE .....	120
Quadro 9 - Propriedades da Complementação Seleccionada por v <sup>o</sup> CAUSE nas Causativas Analíticas .....	156
Quadro 10 - Paradigma Flexional do Verbo em PB .....	177

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1– Ordem VV/VSV e Faixa etária em PB contemporâneo .....	62
Tabela 2 – Distribuição da Seleção voCAUSE nas Causativas Sintéticas em PB .....	129
Tabela 3 – Estatuto do Verbo Formador de Causativas Sintéticas em PB .....	131
Tabela 4 - Distribuição das Construções Causativas Analíticas no Português Europeu .....	138
Tabela 5 – Estatuto do Verbo Formador de Causativas Analíticas em PB .....	162
Tabela 6 – Comparação do Estatuto do Verbo em Causativas Sintéticas e Analíticas em PB .....	162
Tabela 7 – Distribuição da Seleção voCAUSE nas Causativas Analíticas em PB.....	164
Tabela 8 - Forma e Preenchimento do Sujeito Encaixado .....	180
Tabela 9 - Posição do Clítico - Sujeito Encaixado nas Causativas Analíticas em PB .....	183
Tabela 10 - Forma Sujeito Encaixado nas Causativas Analíticas em PB.....	185
Tabela 11– Ordem VS e Ordem SV nas Causativas Analíticas em PB .....	187
Tabela 12 – Flexão do verbo não finito nas Causativas Analíticas em PB .....	188
Tabela 13 – Fator Idade na Complementação das Causativas Analíticas em PB.....	189

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

A°	Núcleo adjetivo
A	Adjetivo
AgrS	Concordância sujeito
AgrO	Concordância objeto
Agree	Concordância
C	Complementizador
CP	Categoria Comp
CauseP	Categoria do núcleo causativo
D	Determinante
DP	Sintagma determinante
DS	Estrutura profunda
ECM	Marcação excepcional de caso
EF	Traços de borda
EPP	Princípio de Projeção Extendida
INFL	Categoria flexional
LF	Forma lógica
LSN	Língua de sujeito nulo
LSNP	Língua de sujeito nulo parcial
LCS	Estrutura conceitual lexical
NP	Sintagma nominal
N°	Núcleo nominal
N	Nome
NegP	Categoria de negação
OI	Objeto indireto
PB	Português Brasileiro
PCL	Português Clássico
PE	Português Europeu
PF	Forma fonética
PP	Sintagma preposicionado
PSN	Parâmetro do Sujeito Nulo

P°	Núcleo preposicional
PL	Plural
PRO	Categoria vazia
pro	Categoria vazia
SG	Singular
Spec	Especificador
SVO	Ordem sujeito verbo objeto
TP	Categoria de tempo
uD	Determinante com traços não interpretáveis
UG	Gramática universal
v°	Núcleo verbal
VP	Categoria de verbo
VS	Ordem verbo-sujeito
VV	Ordem verbo-verbo
SN	Sujeito nulo
SV	Ordem sujeito-verbo
XP	Categoria X ( não especificada)
x°	Núcleo X

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>13</b>
<b>2 MODELO DE ESTUDO DE VARIAÇÃO E DE MUDANÇA ADOTADO.....</b>	<b>25</b>
<b>2.1 Sociolinguística Paramétrica .....</b>	<b>25</b>
<b>2.1.1. Compatibilização de Teorias - Tarallo e Kato (1989).....</b>	<b>29</b>
<b>2.1.2 Processo de Mudança Sintática.....</b>	<b>30</b>
<b>2.2 Resumo do Capítulo .....</b>	<b>31</b>
<b>3 A ESTRUTURA CAUSATIVA: DESCRIÇÃO DO FENÔMENO.....</b>	<b>33</b>
<b>3.1 Construções Causativas Lexicais .....</b>	<b>33</b>
<b>3.1.1 Causativas lexicais formadas por verbos inacusativos, inergativos e transitivos.....</b>	<b>37</b>
<b>3.2 Resumo Parcial .....</b>	<b>44</b>
<b>3.3 Construções Causativas Analíticas .....</b>	<b>46</b>
<b>3.3.1 A configuração Faire – Infinitive (Fazer – infinitivo).....</b>	<b>46</b>
<b>3.3.2 A configuração Faire-Par (Fazer – Por) .....</b>	<b>47</b>
<b>3.3.3 Configuração das Causativas no PE Moderno.....</b>	<b>49</b>
<b>3.3.4 Configurações das Causativas no PE Clássico.....</b>	<b>52</b>
<b>3.3.5 Configuração das Causativas Analíticas no PB.....</b>	<b>57</b>
<b>3.3.5.1 A forma do Causado e a Ordem VV.....</b>	<b>58</b>
<b>3.3.5.2 A variante Inovadora: VSV.....</b>	<b>61</b>
<b>3.3.5.3 Rumo à Complementação Sentencial – CP/TP.....</b>	<b>63</b>
<b>3.4 Resumo do capítulo .....</b>	<b>73</b>
<b>4 MAPEAMENTO SINTÁTICO DAS CONSTRUÇÕES CAUSATIVAS .....</b>	<b>75</b>
<b>4.1 v<sup>o</sup>CAUSE – Estrutura Bipartida do vP .....</b>	<b>75</b>
<b>4.2 VoiceP – O Lugar do Argumento Externo.....</b>	<b>78</b>
<b>4.2.1 Parâmetro - Agregação de VoiceP .....</b>	<b>79</b>
<b>4.2.2 Parâmetro - c-seleção de v<sup>o</sup>cause.....</b>	<b>86</b>
<b>4.2.2.1 v<sup>o</sup>CAUSE – Seleção de Raiz √.....</b>	<b>87</b>
<b>4.2.2.2 v<sup>o</sup>CAUSE – Seleção de vP Não Fásico.....</b>	<b>89</b>
<b>4.2.2.3 v<sup>o</sup>CAUSE – Seleção de vP Fásico .....</b>	<b>90</b>
<b>4.2.3 Ampliação da Proposta de Pykkänen (2002, 2008).....</b>	<b>91</b>
<b>4.2.3.1 v<sup>o</sup>CAUSE – Seleção de TP defectivo .....</b>	<b>92</b>
<b>4.2.3.2 v<sup>o</sup>CAUSE – Seleção de CP .....</b>	<b>96</b>
<b>4.3 Resumo do Capítulo .....</b>	<b>99</b>
<b>5 CAMINHO METODOLÓGICO .....</b>	<b>101</b>
<b>5.1 Hipóteses e Perguntas de Pesquisa.....</b>	<b>103</b>
<b>5.2 Objetivos.....</b>	<b>104</b>
<b>5.3 A seleção dos Contextos .....</b>	<b>104</b>
<b>5.4 Grupos de Fatores: Linguísticos e Sociais.....</b>	<b>109</b>
<b>6 O NÚCLEO CAUSATIVO NO PB.....</b>	<b>118</b>
<b>6.1 Natureza do Núcleo v<sup>o</sup>CAUSE.....</b>	<b>118</b>
<b>6.2 Complementação do Núcleo Causativo nas Estruturas Lexicais no PB.....</b>	<b>120</b>

6.2.1 Causativas Lexicais Formadas a partir de Verbos Inacusativos .....	121
6.2.2 Causativas Lexicais Formadas a partir de Verbos Inergativos.....	122
6.2.3 Causativas Lexicais Formadas a partir de Verbos Transitivos.....	125
6.2.4 Quantificação dos Dados – Complementação de $v^{\circ}_{CAUSE}$ nas Estruturas Lexicais .....	129
6.3 Complementação Seleccionada por $v^{\circ}_{CAUSE}$ nas Causativas Analíticas .....	133
6.3.1 Complementação do Núcleo Causativo no Português Clássico.....	133
6.3.2 Complementação do Núcleo Causativo nas Estruturas Analíticas no Português Brasileiro.....	140
6.3.2.1 Núcleo $v^{\circ}_{CAUSE}$ que selecciona vP Não Fásico.....	141
6.3.2.2 Núcleo $v^{\circ}_{CAUSE}$ que selecciona vP Fásico .....	144
6.3.2.3 Núcleo $v^{\circ}_{CAUSE}$ que selecciona TP defectivo .....	147
6.3.2.4 Núcleo $v^{\circ}_{CAUSE}$ que selecciona CP .....	152
6.3.3 Ambiguidade Estrutural na Complementação das Causativas.....	157
6.3.4 Quantificação dos Dados – Complementação de $v^{\circ}_{CAUSE}$ nas Estruturas Analíticas .....	161
6.4 Resumo do capítulo .....	169
7 ENCAIXAMENTO DA COMPLEMENTAÇÃO CP NO SISTEMA LINGUÍSTICO E SOCIAL DO PB.....	172
7.1 PB – Língua de Sujeito Nulo Parcial .....	172
7.2 Remarcação Paramétrica e Efeitos na Sintaxe do PB.....	175
7.3 Efeitos das Alterações Sintáticas nas Causativas e Complementação CP.....	180
7.4 Faixa Etária e Complementação CP .....	188
7.5 Resumo do Capítulo .....	189
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	192
REFERÊNCIAS .....	195
APÊNDICE A - <i>CORPUS</i> DE PEÇAS DE TEATRO .....	206
APÊNDICE B– EXEMPLOS DE CONSTRUÇÕES CAUSATIVAS ANALÍTICAS ...	208
APÊNDICE C – EXEMPLOS DE CONSTRUÇÕES CAUSATIVAS SINTÉTICAS...	212

## 1 INTRODUÇÃO

O presente estudo visa investigar as propriedades sintático-semânticas das construções causativas, consideradas do ponto de vista da variação e da mudança sintática no Português Brasileiro (doravante PB), em perspectiva sincrônica e diacrônica. Em particular, trata-se da análise de estruturas analíticas com verbos causativos (deixar, fazer, mandar), em (1) e (2), com verbos infinitivos, e estruturas lexicais em que o verbo causativo não é lexicalizado, em estruturas similares às exemplificadas a seguir, em (3) e (4):

- (1) Fizeste mal em **deixá-lo entrar**, mas agora é preciso salvá-lo. (13-1-A)<sup>1</sup>
- (2) Patife! Porém o que mais me mortifica e até **faz-me chorar**, é ver teu pai, o mais honrado cabo-de-esquadra, prestar o seu apoio a essas tiranias constitucionais. (31-3-A)
- (3) Senhora, sabe que mais? **É preciso casarmos esta menina**. (1-5-A)
- (4) Maricota, **ainda te não cansou essa janela?** (11-3-A)

A estrutura causativa é um fenômeno comum às línguas naturais, envolvem, geralmente, o evento da causação e o evento causado e apresentam propriedades semânticas, sintáticas e morfológicas similares, tal como observado por Comrie (1981).

Comrie (op. cit.) considera que as causativas apresentam uma relação de causa e efeito com o envolvimento de um elemento causador e um elemento causado. Bittencourt (1995, 2001) analisa a expressão da causatividade em PB e considera que a causatividade<sup>2</sup> apresenta uma relação entre duas fases distintas, causadora e causada. Essas fases podem ser

<sup>1</sup> No presente estudo, adotei as seguintes convenções para identificação das ocorrências: todos os exemplos da diacronia contêm a seguinte informação: número da ocorrência, número do texto e letra correspondente ao tempo. Ex: (31-3-A).

A: século XIX

B: século XX

Já todos os exemplos da sincronia contêm número da ocorrência, número da entrevista, letra do tempo e faixa etária. Ex: (15-E13-C-6).

Faixa etária 6: de 17 a 29 anos

Faixa etária 7: de 30 a 59 anos

Faixa etária 8: 60 anos e acima

Em relação ao tempo, uso a letra C que representa tempo contemporâneo - século XXI.

<sup>2</sup> Bittencourt usa os termos *causatividade*, *causativar*. Mais à frente, neste texto, outros autores usam o termo *causação*, *causativizar* com o mesmo sentido. Na presente pesquisa, emprego todos esses termos, uma vez que não há alteração de sentido.

realizadas separadamente em duas orações distintas, ou em uma oração única superposta, ou não, a uma outra relação causativa. Observe os exemplos<sup>3</sup> a seguir.

- (5) Essa notícia é uma verdadeira bomba que **vai fazer** a gente **vender** toda a tiragem da revista.
- (6) Foi você que **queimou** o meu braço.
- (7) Antes de mais nada, é preciso [**fazer** o moleque [**descer** os livros da estante]].

No exemplo em (5), a fase causadora compreende o elemento causador e o verbo causativo (*Essa notícia/fazer*). Já a fase causada, efeito da fase causadora, desenvolve-se em torno do verbo infinitivo (*vender*). No exemplo em (6), as fases causadora e causada se apresentam em única oração em torno do verbo (*queimar*). O termo (você) é o elemento causador e o efeito é o fato de o braço ter sido queimado. Em (7), há uma estrutura causativa (*descer os livros da estante*) encaixada, superposta a outra estrutura causativa. A fase causadora se constitui em torno do verbo *fazer*, e a fase causada se constitui em torno do verbo *descer*.

Quanto à estrutura, as causativas podem se realizar, nas diversas línguas, na forma analítica, morfológica ou lexical e, semanticamente, apresentar uma causação direta ou indireta. Tanto a forma sintática quanto a semântica da causação se apresentam em um *continuum*, tendo em vista a complexidade do fenômeno. Assim, descrevo, a seguir, cada uma dessas formas.

De modo geral, segundo Comrie (1981), a estrutura analítica apresenta predicados separados para a causação e para o efeito, conforme exemplificado em (8).

#### CAUSATIVA ANALÍTICA

- (8) a. [**Eu fiz ele entrar**], tomar uma água com açúcar e relaxar um pouco.  
(31-5- 8B)<sup>4</sup> (Língua: Português Brasileiro)
- b. [**I caused John to go**].  
'Eu fiz John ir'.  
(Língua: Inglês) (COMRIE, 1981, p.167)

<sup>3</sup> Exemplos retirados de Bittencourt (1995).

<sup>4</sup> Dado da presente pesquisa.

No exemplo em (8a), a causação se estabelece na matriz [*eu fiz*] e o efeito ocorre nos termos encaixados [*ele entrar*]. Em (8b), os predicados também são separados, a causação se estabelece em [*I caused*] e o efeito em [*John to go*].

A estrutura morfológica apresenta meios morfológicos, como afixos por exemplo, para imprimir causatividade à sentença, conforme exemplificado em (9) e em (10).

#### CAUSATIVA MORFOLÓGICA

- (9) a. *u-zuka kuzá zapukaz a'e*  
 3-matar mulher galinha ela  
 'A mulher matou a galinha.'  
 (Língua: Tenetehára) (CAMARGOS, 2013, p.55)

- b. *u-zuka-kar awa zapukaz kuzá Ø-pe a'e*  
 3-matar-CAUS homem galinha mulher C-por ele  
 'O homem fez a mulher matar a galinha.'  
 (Língua: Tenetehára<sup>5</sup>) (CAMARGOS, 2013, p.55)

- (10) a. *Aneuk nyan reubah*  
 criança DEM cair  
 'A criança caiu.'  
 (Língua: Acehnese) (LEGATE, 2014, p.112)

- b. *Hasan geu-peu-reubah aneuk nyan.*  
 Hasan 3POL-CAUS-cair criança DEM  
 'Hasan fez a criança cair.'  
 (Língua: Acehnese<sup>6</sup>) (LEGATE, 2014, p.112)

Nos exemplos em (9b) e em (10b), a semântica da causação é introduzida pela inserção de morfemas causativos. No exemplo em (9b), segundo Camargos (2013), o morfema {-*(u)kar*} introduz o evento da causação e desencadeia o evento causado. Já no exemplo em (10b), segundo Legate (2014), o responsável pela interpretação causativa é o morfema {-*peu*}.

Comrie (1981) considera ainda estruturas intermediárias entre a causativa analítica e a morfológica, como no Francês, Italiano e Português Europeu, que licenciam a formação de

<sup>5</sup> Língua Tenetehára pertencente à família de línguas Tupi-Guarani falada por índios Guajajára e Tembê no estado do Maranhão. (DUARTE, 1997, 2003, 2007), (CAMARGOS, 2013).

<sup>6</sup> Língua Acehnese é um ramo das línguas Malaio-Polinésia, é falada em Aceh (Sumatra) na Indonésia por aproximadamente 3.5 milhões de pessoas. Informação disponível em: <http://www.omniglot.com/writing/acehnese.htm>. Acessado em 10 jan. 2016.

um verbo complexo causativo composto pelo elemento “*faire*” (fazer) e verbo infinitivo, em um único predicado, como exemplificadas em (11).

CAUSATIVA INTERMEDIÁRIA ENTRE A ANALÍTICA E A MORFOLÓGICA

- (11) a. J’a **fait courir** Paul.  
 ‘Eu fiz Paulo correr.’  
 (Língua: Francês) (COMRIE, 1981, p.169)
- b. Paolo ha **fatto ridere** la classe.  
 Paolo fez rir a classe  
 ‘Paolo fez a classe rir’.  
 (Língua: Italiano) (GUASTI, 2006:144)
- c. Os pilotos **mandaram arranjar** o carro aos mecânicos.  
 (Língua: Português Europeu) (GONÇALVES, 1999, p.318)

Já na estrutura lexical, a causatividade não se relaciona à morfologia, mas envolve ampliação de predicado, conforme exemplificado em (12). Em (i) represento a forma não causativa, e em (ii), a forma causativa.

CAUSATIVA LEXICAL

- (12) a) i. O salário aumentou.  
 ii. Também não adianta [**eu** aumentar o salário]. (21-E13-E6)  
 (Língua: Português Brasileiro)
- b) i. The window **broke**.  
 ‘A janela quebrou.’
- ii. John **broke** the window.  
 ‘John quebrou a janela.’  
 (Língua: Inglês) (SCHÄFER, 2008, p. 9)
- c) i. Das Fenster **zerbrach**.  
 ‘A janela quebrou’.
- ii. Hans **zerbrach** das Fenster.  
 ‘Hans quebrou a janela.’  
 (Língua: Alemão) (SCHÄFER, 2008, p. 30)
- d) i. I supa **kegete**.  
 A sopa-NOM queimou-N.ACT.
- ii. O Janis **ekapse** ti supa  
 O João-NOM queima-ACT a sopa-ACC  
 ‘João queima a sopa.’  
 (Língua: Grego) (SCHÄFER, 2008, p. 25)

Nos exemplos em (12), para cada uma das línguas elencadas, apresento a forma não causativa e a forma causativa com a inserção de um sujeito causador. No exemplo do PB, em (12a) ii – ocorre a inserção do elemento causador (*eu*) como sujeito, já o termo (*salário*) que, na contraparte não causativa, atua como tema continua a atuar como tema na construção causativa. O mesmo processo ocorre nos demais exemplos<sup>7</sup>.

Nas línguas naturais, as causativas lexicais podem apresentar a mesma forma verbal (homônimas) tanto para a estrutura causativa como para a estrutura não causativa, como exemplificada em (12 a-c). Essas estruturas constituem a alternância causativo-incoativa<sup>8</sup>, como estudado por Schäfer (2008), entre outros.

Além disso, as causativas lexicais podem apresentar formas heterônimas na realização da estrutura causativa e anti-causativa, conforme exemplificadas em (13)<sup>9</sup>. Enquanto as estruturas homônimas não apresentam alteração na forma verbal, as heterônimas apresentam uma forma verbal supletiva para realizar a causatividade.

- (13) a) i. u-**màno**        mutuk        a'e (estrutura anti-causativa)  
           3-morrer        mutuca        ela  
           ‘A mutuca morreu’
- ii. u-**zuka**        kuzá        mutuk        a'e (estrutura causativa)  
           3-matar        mulher        mutuca        ela  
           ‘A mulher matou a mutuca’.  
           (Língua: Tenetehára)
- b) i. Mary **saw** the pictures. (estrutura anti-causativa)  
           ‘Mary viu as imagens’.
- ii. Peter **showed** the pictures to Mary. (estrutura causativa)  
           ‘Peter mostrou as imagens a Mary’.  
           (Língua: Inglês)

Os estudos que versam sobre as estruturas causativas reforçam a complexidade tipológica que essas construções apresentam. Na literatura linguística, encontram-se diferentes nomenclaturas para o mesmo fenômeno, tais como: causativas analíticas ou perifrásticas, ou ainda produtivas; causativas lexicais ou sintéticas; causativas morfológicas ou sintéticas.

<sup>7</sup> Aprofundamento do assunto sobre inserção de argumento externo nesse tipo de estrutura em Schäfer (2008).

<sup>8</sup> Aprofundamento sobre a estrutura causativo-incoativa em Rappaport Hovav (1995), Naves (2005), Cançado et al (2013), Amaral (2015), entre outros.

<sup>9</sup> Exemplos citados em Camargos (2013). Em (13a-i e em 13b-i) não há a semântica de causação na estrutura da sentença, por isso são anti-causativas.

Diante disso, para efeito de organização metodológica e textual e levando em conta as considerações de Silva (2009), Camargos (2013), Blanco (2010) e as de Bittencourt (1995, 2001), assumo dois tipos de orações causativas para análise, nesta tese, sobre o PB: causativas sintéticas/lexicais<sup>10</sup> (são aquelas que não projetam morfologicamente o verbo causativo realizado) e causativas analíticas (são aquelas que realizam morfologicamente o verbo causativo).

Para a seleção das ocorrências, usei algumas estratégias e diagnósticos. A seleção de dados de causativas analíticas teve como referência a estrutura com os verbos causativos *mandar, fazer e deixar*.

Já a seleção das ocorrências de causativas sintéticas dependeu de uma série de fatores. Primeiramente, verifiquei a causatividade das sentenças por meio do teste de inserção do advérbio *quase*. Esse teste consiste na verificação da presença de eventos complexos, ou seja, identifica, por meio da ambiguidade gerada, a existência do evento da causação e a do evento causado. Se o resultado for uma leitura ambígua indica que a causatividade está presente (cf. LEVIN; RAPAPPORT-HOVAV 1995, NAVES 2005, CIRÍACO; CANÇADO 2009, CANÇADO et al. 2013, OLIVEIRA 2016, entre outros). Apresento, a seguir, exemplos do teste citado.

(14) Ana fechou a janela.

1ª leitura: O que Ana *quase* fez foi fechar a janela.

2ª leitura: O que Ana fez foi *quase* fechar a janela.

(15) Maria engavetou os documentos.

1ª leitura: O que Maria *quase* fez foi engavetar os documentos.

2ª leitura: O que Maria fez foi *quase* engavetar os documentos.

A causatividade é evidenciada, nos exemplos acima em (14 e 15), pela possibilidade de haver as duas leituras mostradas, sendo que os modificadores têm escopo tanto sobre o evento causado quanto sobre o evento da causação. As ocorrências em que a interpretação bi-eventiva não se aplicou foram descartadas.

Integram também o *corpus* das causativas lexicais as estruturas formadas com verbos de mudança de estado. Entendendo a causatividade como uma transformação, mudança ou

---

<sup>10</sup> Nesta tese, os termos *lexical* e *sintética* são intercambiáveis.

alteração no estado (físico, psicológico, modo de movimento, de locação, de posse) do argumento interno afetado, muitas pesquisas indicam que os verbos de mudança de estado (quebrar, amadurecer, abrir, entre outros) se inserem numa construção sintática causativa (NAVES 2005, CIRÍACO; CANÇADO 2009, CANÇADO et al. 2013).

É defendido por Oliveira (2016) e outros que esses verbos impõem uma mudança do elemento que passa de *não quebrado* a *quebrado*, de *não maduro* a *maduro*, de *não aberto* a *aberto*. Nesse sentido, emprestamos de Oliveira (2016) a estratégia<sup>11</sup> para reconhecimento de causatividade nesse grupo de verbos a partir da constatação do acarretamento *tornar-se estado*, tal como demonstrado nos exemplos a seguir:

(16) A senhora deveria ser a primeira a **animar-me!**... (503-4-B)

(animar-me: tornar-me animado)

(17) Maricota, ainda te não **cansou** essa janela?(11-3-A)

(cansar: tornar cansada)

Esclareço que as construções resultativas que exibem o agente responsável causador constituem também o *corpus* desta pesquisa. O presente estudo não faz distinção entre construções resultativas e construções causativas, uma vez que não se considera causa e efeito como unidades distintas, na verdade, uma existe em função da outra. A interpretação da causa e do efeito pode aparecer de formas imbricadas no léxico com diferentes estruturas sintáticas (LEITE, 2006).

Segundo Leite (2006), os critérios básicos para se ter uma construção resultativa são: a) presença de SN, na posição de sujeito ou objeto; que admita mudança de estado, b) natureza resultativa expressa em X faz com que Y se torne Z; c) presença de um verbo cujo argumento apresente uma escala com um ponto final representado pelo sintagma resultativo, tal como representado nos exemplos, a seguir:

(18) João quebrou o vidro em pedaços.

(19) Ana arrumou as camisas em pilhas separadas.

(20) O vidro quebrou em pedaços.

---

<sup>11</sup> Outras estratégias de identificação de causatividade nas estruturas serão apresentadas na metodologia.

Como se pode perceber em (18 e 19), a construção resultativa não exclui a causatividade presente na estrutura. Em (20), a construção é resultativa, mas não é causativa, por não apresentar o agente causador.

Adoto, para a investigação desse *corpus*, o pressuposto de que a variação e a mudança linguística ocorrem em consonância a alterações paramétricas na gramática da língua. Assim, a análise das construções causativas será desenvolvida no arcabouço teórico-metodológico formado pela Teoria da Variação<sup>12</sup> por meio das propostas de Weirich, Labov e Herzog (1968), doravante (WLH), de Labov (1972), os da Sociolinguística Paramétrica na proposta de Tarallo e Kato (1989), e a versão minimalista da Teoria de Princípios e Parâmetros (cf. Chomsky 1995 e trabalhos subsequentes), tendo ainda como referência a abordagem da mudança sintática, conforme formulada em Roberts (2007).

As construções causativas têm chamado a atenção de muitos estudiosos de diferentes línguas e em diferentes perspectivas teóricas, entre eles, Kayne (1975) em Francês, Burzio (1986) em Italiano, Gonçalves (1999) em Português Europeu, Zubizarreta (1985) em Espanhol, Francês e Italiano, Bittencourt (1995), Gomes (2005), Borges (2008), Pereira (2013) em PB, entre outros. Esses estudos indicam que a construção causativa apresenta configurações morfossintáticas específicas, quase sempre exclusivas, e que, relativamente à coesão existente entre os elementos, cabe questionar como se explica a seleção de complemento do núcleo causativo e quais são os fatores envolvidos na variação sintática dessas construções.

Além disso, com base em trabalhos sobre a causatividade em Português, (cf Bittencourt (1995), Gonçalves (1999), Gomes (2005), Borges (2008), Andrade (2002), Trannin (2010) entre outros), pode-se afirmar que essas estruturas apresentam um conjunto de variação que determinam diferentes configurações sintáticas. Essas estruturas infinitivas completivas de verbos causativos exibem grupos de variantes em coexistência, (exemplificadas adiante), a saber: Infinitivo Flexionado, ECM, Fazer-Infinitivo, Fazer-por e Causado Nulo, que se diferem quanto à marcação de caso, ordem das palavras, possibilidade de subida de clíticos, flexão do infinitivo, sintaxe do causado.

Os dados analisados por Bittencourt (1995), Borges (2008) nos levam a apontar, de início, que a configuração com Causado Nulo se aplica a contextos sintáticos específicos e que a configuração ECM está em contínuo processo de expansão devido a fatores sintáticos como, entre outros definidos no desenrolar da pesquisa, não restrição à transitividade de verbo

---

<sup>12</sup> As denominações Teoria da Variação, Sociolinguística Quantitativa e Sociolinguística Laboviana são intercambiáveis neste estudo.

infinitivo e possibilidade de preenchimento do sujeito da oração infinitiva em uma posição fixa. Essas pressuposições nos mostraram que necessário se fez aprofundar a investigação para explicar as propriedades gramaticais e os fatores sociais que estão em jogo nesse contexto de variação e buscar uma análise linguística uniforme para essas construções nas diversas línguas.

Para conferir uma maior uniformidade na análise da variação nas estruturas causativas analíticas e lexicais, sob a ótica do Minimalismo em conjunto com os pressupostos da Teoria da Variação, fiz uso da proposta teórica desenvolvida por Pylkkänen (2002, 2008). Essa abordagem mostra que as línguas naturais projetam um núcleo causativo ( $\text{Cause}^0$ ) e um núcleo VoiceP que aloca o argumento externo [+ agentivo] e verifica caso Acusativo.

Nessa proposta esses núcleos podem ser projetados de forma agregada ou de forma independente, conferindo variação entre as línguas no que diz respeito à natureza desse núcleo causativo. Além disso, o núcleo  $\text{Cause}^0$  pode selecionar diferentes complementações, a saber: raiz, vP não fásico e vP fásico. Ao analisar a estrutura argumental das construções causativas analíticas em PB, constatei que o núcleo causativo pode também selecionar estruturas mais amplas do que o vP. Dessa forma, proponho, neste estudo, que o núcleo causativo pode selecionar também TP defectivo e o sistema C-T completo. Proponho, na verdade, ampliar a abordagem de Pylkkänen (2002, 2008).

Esse aparato teórico e o estudo inicial dos dados contribuíram para a definição da hipótese geral que norteia esta pesquisa e assim se apresenta:

- a variação na complementação da estrutura causativa está relacionada à natureza do núcleo  $v^0_{\text{CAUSE}}$  na gramática do PB.

Diante disso, esta pesquisa, de modo geral, objetiva descrever e analisar as relações existentes entre a variação na estrutura causativa e a natureza do núcleo  $v^0_{\text{CAUSE}}$  na gramática do PB, tendo em vista o percurso histórico a partir do século XIX até os dias atuais.

Detalhando esse propósito, pretendo responder às seguintes questões:

- i. Qual é a natureza do núcleo  $\text{Cause}^0$  em PB no que diz respeito ao núcleo  $\text{Voice}^0$  e à seleção do complemento XP encaixado?
- ii. Como se explica o encaixamento da variação na complementação do núcleo causativo no sistema linguístico do PB?

- iii. Se há de fato uma mudança em curso na configuração das causativas em PB, como ela vem ocorrendo ao longo do tempo? Busco explicar: Que contextos favorecem as formas inovadoras e quais são resistentes ao seu avanço?

No desenvolvimento da análise dos dados, primeiramente defino a natureza do núcleo causativo e o tipo de complemento selecionado por esse núcleo. Para tanto, foram aplicados diagnósticos sintáticos, elaborados a partir da descrição das causativas e dos estudos de Pylkänen (2002, 2008), Blanco (2010), Guasti (1997, 2006), Camargos (2013) e Legate (2014).

Após essa etapa, passo à análise das variáveis e dos grupos de fatores. A escolha das variáveis e o elencamento dos grupos de fatores partiram das hipóteses sociais e sintáticas formuladas neste trabalho, englobando as ocorrências do PB diacrônico e as do PB sincrônico.

O material analisado consiste em 100 (cem) entrevistas realizadas sob a metodologia da Entrevista Sociolinguística e de 20 (vinte) peças teatrais. Os textos contemplam o percurso de tempo do século XIX, século XX e início do século XXI.

Diante do exposto, a relevância da presente pesquisa consiste em aprofundar a investigação sobre a variação e a sintaxe nas construções causativas, tendo como recorte de tempo o século XIX até os dias atuais. Soma-se a isso a lacuna na literatura da área sobre o percurso das causativas em PB, a partir do surgimento de uma gramática própria<sup>13</sup>, com dados que representam o vernáculo.

É importante destacar que os resultados da presente pesquisa contribuirão para o entendimento da emergência do PB como sistema gramatical independente. Para tanto, ao mapear a variação nas causativas e investigar se está havendo mudança em progresso em relação às configurações dessa estrutura, far-se-á um contraponto com os estudos já realizados, como em Bittencourt (1995), Gomes (2005), Borges (2008), Silva (2009), Trannin (2010), Andrade (2010), Pereira (2013), Milani (2014), entre outros.

Além disso, os resultados desta pesquisa poderão levar a um maior entendimento dos fatores sociais e linguísticos favorecedores da variação neste tipo de estrutura e explicar o encaixamento dessa estrutura no sistema linguístico e social do PB, contribuindo assim para a descrição do sistema gramatical do Português Brasileiro.

A presente tese apresenta, além desta introdução, sete capítulos. O Capítulo 2 versa sobre o modelo de variação de mudança adotado. Destaco o papel fundamental da

---

<sup>13</sup> Em Kato e Roberts (1993), Tarallo, entre outros, constata que, por volta de 1880, o PB apresenta propriedades em direção a uma gramática própria.

Sociolinguística Laboviana em conjunto com uma teoria linguística forte – o Gerativismo na explicação da mudança sintática. Essa junção de teorias foi denominada, a partir do trabalho de Tarallo e Kato (1989), de Sociolinguística Paramétrica.

O Capítulo 3 apresenta a descrição do fenômeno em estudo. Primeiramente, mostro uma visão geral e a seguir descrevo as estruturas causativas sintéticas e as estruturas causativas analíticas. Por considerar a complexidade da estrutura causativa, teço considerações sobre os aspectos sintáticos e semânticos dessa estrutura.

Dedico o Capítulo 4 ao mapeamento sintático das estruturas causativas, unificando a análise, por considerar que tanto as estruturas com a projeção do núcleo Cause<sup>o</sup> lexicalmente realizado ou não realizado são provenientes de uma base sintática. Descrevo também a proposta de análise de Pylkänen (2002, 2008) a partir dos parâmetros agregação de VoiceP e c-seleção do núcleo causativo. Além disso, apresento a minha proposta de ampliação teórica a partir do estudo de Pylkänen (2002, 2008).

No Capítulo 5, formalizo o caminho metodológico trilhado nesta investigação, com a descrição e explicação dos diagnósticos sintáticos e os fatores linguísticos e sociais analisados. No Capítulo 6, apresento a aplicação da proposta teórica, com a análise da complementação XP das causativas. A primeira parte da análise consiste no estudo da natureza do núcleo causativo em PB, seguida da complementação nas causativas lexicais e da complementação nas causativas analíticas.

Consta ainda desta tese o Capítulo 7, o qual explica o encaixamento da variação e mudança nas causativas analíticas, as quais passam a selecionar a categoria CP como complemento. Por fim, apresento as considerações finais, no Capítulo 8, e a indicação de prosseguimento da investigação.



## 2 MODELO DE ESTUDO DE VARIAÇÃO E DE MUDANÇA ADOTADO

O modelo de estudo da variação e da mudança sintática seguido neste estudo é o da Sociolinguística Paramétrica na versão minimalista da Teoria de Princípios e Parâmetros (cf. Chomsky 1995 e trabalhos subsequentes), tendo ainda como referência a abordagem da mudança sintática, conforme formulada em Roberts (2007 e subsequentes). Essas teorias são tomadas em conjunto, devido ao fato de convergirem na ideia de que “um parâmetro é uma dimensão sobre a qual sistemas gramaticais podem variar<sup>14</sup>” (ROBERTS, 2007, p. 122).

Assim, apresento, sinteticamente, o modelo de Princípios e Parâmetros no âmbito das propostas chomskianas de (1981) e de (1995 e subsequentes), em seguida, mostro a proposta de junção das teorias como Tarallo e Kato propuseram e, por fim, alio o processo de mudança sintática no âmbito da Sociolinguística Laboviana e da Teoria Gerativa, em Roberts (2007).

### 2.1 Sociolinguística Paramétrica

Tarallo e Kato (1989) propõem a harmonização entre os pressupostos da Sociolinguística com os pressupostos da Teoria de Princípios e Parâmetros e apresentam assim a Sociolinguística Paramétrica. Esses autores trataram da Teoria de Princípios e Parâmetros na proposta de Chomsky (1981), cuja visão foi reformulada no trabalho de 1995 (e subsequentes) na versão do Programa Minimalista.

O modelo de Princípios e Parâmetros nasce a partir de reformulações dos postulados do Gerativismo em Chomsky (1981) que consistiram, de modo geral, em passar de uma gramática de regras subjacentes para uma gramática de princípios. Para o autor, as propriedades da linguagem são definidas pela faculdade (biológica e inata) de linguagem que funciona como um programa para o desenvolvimento da gramática de qualquer língua nativa.

Essa faculdade de linguagem é composta por princípios universais (comuns a qualquer língua e que determinam a natureza e a aquisição da estrutura gramatical) e também por parâmetros de variação (que são selecionados de acordo com as especificidades da língua do falante). Os parâmetros procuram dar conta da diversidade entre as línguas e são marcados com valor positivo ou valor negativo no processo de aquisição, dependendo das propriedades específicas de cada língua à qual a criança está exposta no ambiente linguístico.

---

<sup>14</sup> “A parameter is a dimension along which grammatical systems may vary.” (ROBERTS, 2007, p. 122). A tradução dessa passagem e as demais apresentadas ao longo do texto são de minha responsabilidade.

Chomsky (*op. cit*) considera a UG (Universal Grammar) o estágio inicial de um aprendiz da língua, anterior a qualquer experiência linguística e, como estágio final ou estável, a gramática do indivíduo adulto. Dessa forma, a aquisição da língua pela criança consiste na aprendizagem do léxico e na fixação dos valores dos parâmetros da UG, sendo assim, é nessa fase de aquisição o lugar da mudança linguística nas línguas naturais.

Na proposta do Programa Minimalista e suas extensões, no entanto, a noção de parâmetro se amplia (HOLMBERG e ROBERTS, 2010), considerando uma hierarquia de microparâmetros em rede para dar conta das especificidades das línguas, sem perder os princípios teóricos de origem.

A proposta Minimalista mantém a essência da concepção de Princípios e Parâmetros e inova o aparato explicativo do sistema linguístico, objetivando excluir propriedades e regras conceitualmente desnecessárias. Nesse âmbito, Chomsky (1995, e estudos subsequentes) postula que as representações linguísticas são criadas a partir de um processo de derivação. Nesse processo, participam componentes tais como: o Léxico, Sistema computacional, Forma Lógica (FL) e Forma Fonética (FF).

O léxico compreende um conjunto de traços fonológicos, semânticos e morfossintáticos. Compreende assim as categorias lexicais e funcionais. As categorias lexicais são, a grosso modo, nome (N), verbo (V), adjetivo (A) e preposição (P). Já os núcleos funcionais são o determinante (D), tempo (T), complementador (C) e o núcleo  $v/*v$  na projeção cindida do VP, configurando as categorias funcionais DP, TP, CP,  $v*P$ .

Outro componente proposto no processo de derivação de uma expressão linguística, Chomsky (1995), é o sistema computacional (sintaxe) em que operações básicas tais como *Merge* (Concatenar, Confluir, Fundir) e *Move* (Mover) são aplicadas aos objetos sintáticos, de forma recursiva. A derivação leva em conta, ao selecionar as operações necessárias, o Princípio da Interpretação Plena<sup>15</sup> e o Princípio da Economia<sup>16</sup> Derivacional.

A função do sistema computacional é retirar as informações do léxico para construir as expressões linguísticas que serão enviadas para interpretação na FL e na FF. A derivação inicia-se na numeração que é uma coleção de itens lexicais. A primeira tarefa é selecionar (*Select*) elementos da Numeração, os quais são alocados na estrutura sintática via operações sintáticas (*Merge*, *Move*, *Adjoin*). A operação *Merge* consiste em juntar dois

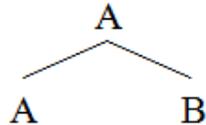
---

<sup>15</sup> Princípio da Interpretação Plena (*Full Interpretation*): conjunto das restrições cognitivas que os sistemas de interface impõem ao funcionamento da linguagem humana. As representações linguísticas devem ser totalmente interpretáveis em suas respectivas interfaces. (Kenedy, 2013, p.122).

<sup>16</sup> Princípio de Economia Derivacional: operações mais complexas só são ativadas como último recurso. (Kenedy, 2013, p. 230).

elementos e formar um objeto sintático, tal como representado, a seguir, por Adger (2002, p.114):

- (1) a. Passo 1: seleciona A  
 b. Passo 2: seleciona B  
 c. Passo 3: Merge A e B



A operação *Move* permite que elementos gerados em dada posição possam se mover para outra posição dentro da estrutura, representa o deslocamento dos elementos e ocorre pela necessidade de o sistema checar traços formais. Assim, a grosso modo, o Sistema computacional faz uma cópia de um item já existente no espaço da derivação e combina, via *Merge*, essa cópia com outro elemento já existente no espaço derivacional. Após isso, a cópia deixada na posição base é apagada.

Para um objeto sintático não prejudicar a derivação, é necessário que todos os seus traços sejam interpretáveis. Assim, os traços não interpretáveis devem ser valorados antes de a derivação seguir para *spell-out*, momento em que as informações seguem para as interfaces Forma Fonológica e Forma Lógica.

É proposto, por exemplo, que a presença do traço *phi* não-interpretável em uma categoria a torna uma sonda (*probe*), que terá que buscar um alvo para “verificar” o seu traço não-interpretável. Assim, os atributos da sonda devem incluir os atributos faltantes do alvo e este alvo deve estar em um dado domínio sintático, ou seja, não pode haver uma categoria interveniente capaz de checar o traço. Dessa forma, é exigida a relação de localidade.

Essa operação que envolve uma sonda e um alvo é denominada *AGREE* e envolve a concordância de caso e sistemas relacionados como traços *phi*, caso estrutural, traço EPP, movimento para posição argumental e as propriedades dos núcleos funcionais  $T^{\circ}$ ,  $C^{\circ}$ ,  $v^{\circ}$ . Por meio dessa operação, os traços *phi* e o traço EPP podem atrair o DP com o qual concordam até o especificador de TP, garantindo, dessa forma, que esse DP (ou equivalente), tenha Caso (Nominativo, na Língua Portuguesa) e que a posição de sujeito gramatical seja preenchida (satisfação do traço EPP). Esses traços pertencem ao núcleo da fase C e são herdados pelo TP. T, por derivação, serve como uma sonda no nível da fase CP, formando o sistema C-T.

Essencial no Programa Minimalista é a noção de fases. Essa noção consiste na definição de domínios de localidade para a aplicação dos processos sintáticos. Chomsky (1999, 2000) assume que os domínios físicos são CP e v\*P. A localidade dos processos é garantida pela *Phase Impenetrability Condition (PIC)*, que é uma condição de impermeabilidade das fases. Essa condição permite que somente a borda e o núcleo da fase estejam acessíveis a processos de fora, ou seja, aos complementos são proibidas relações diretas para fora da fase. Nesse contexto de sintaxe, as relações de movimento ocorrem entre o interior da fase e suas bordas e entre as bordas e o exterior.

A noção de fases, proposta em Chomsky (1999), será considerada na presente análise, como será visto mais à frente neste texto, acompanhando a proposta de Pykkänen (2002, 2008) no estudo da seleção física efetuada pelo verbo leve causativo.

A Sociolinguística, por sua vez, trata da variação e da mudança linguística e contempla a análise dos usos variáveis de fenômenos da língua em seu contexto social. Essa abordagem teórica sugere um modelo de linguagem que acomoda os fatos do uso variável e de seus determinantes sociais e estilísticos para propiciar descrições mais adequadas do uso linguístico. Assim, a Sociolinguística toma para si o desafio de estudar a língua no dia a dia, buscando regularidades dentro da variação da fala no contexto de uso.

WLH (1968) consideram que, mesmo diante da variação presente na língua, é possível obter uma sistematização. Esses autores mostram também que é a presença da heterogeneidade que permite ao sistema linguístico se manter em efetivo funcionamento mesmo nos períodos de mudança linguística.

Esses autores propõem os princípios norteadores da mudança linguística: a variação assume o caráter de diferenciação sistemática; nem toda variação envolve mudança, mas toda mudança envolve variação; a generalização de uma mudança não é nem uniforme, nem instantânea, envolve a covariação de mudanças relacionadas ao longo de períodos substanciais de tempo; fatores sociais e linguísticos estão proximamente relacionados no desenvolvimento da mudança linguística.

Essa proposta teórica objetiva analisar e legitimar as variantes linguísticas presentes em uma comunidade de fala, explicar a relação existente entre variação e mudança linguística, explicar como se processa o encaixamento de uma variável no sistema social e linguístico de uma comunidade e que fatores interferem nesse processo, e também analisar a avaliação social dessa variável pelos falantes da comunidade.

Esse foco teórico possibilita dimensionar quais são os possíveis caminhos que uma mudança linguística pode trilhar a partir da análise de fenômenos linguísticos e, mesmo

que o fenômeno estudado se mostre em variação estável na língua, esse arcabouço teórico possibilita formular hipóteses mais seguras sobre as possíveis direções que uma mudança pode tomar.

### **2.1.1. Compatibilização de Teorias - Tarallo e Kato (1989)**

Tarallo e Kato (1989), na concepção da Sociolinguística Paramétrica, buscam alinhar as análises da Língua-E, da teoria da Variação, com as da Língua-I<sup>17</sup>, da teoria de Princípios e Parâmetros, de uma análise de dados para uma descrição dos mecanismos subjacentes responsáveis por esses dados. Assim, dados da Língua-E podem desvendar e explicar a Língua-I, ao mesmo tempo em que os postulados da Língua-I auxiliam na explicação das propriedades da Língua-E, com as possíveis previsões e generalizações, em relação à variação e à mudança linguística.

Esses autores consideram que a variação e a mudança linguística ocorrem em consonância com alterações paramétricas na gramática da língua e que processos semelhantes de variação e mudança linguística podem ser encontrados em outras línguas.

Essa proposta sustenta ainda que a Sociolinguística Paramétrica permite “o realinhamento de uma propriedade de um componente da gramática, do parâmetro sintático, por exemplo, a partir dos resultados probabilísticos sobre outro fenômeno variável presente em outra parte da mesma gramática”. Isso significa que é possível explicar as variações concomitantes em uma língua ou prever as possíveis alterações no sistema linguístico a partir da análise do parâmetro sintático em conjunto com os resultados probabilísticos. É possível também estabelecer relações entre os traços de um determinado parâmetro com fenômenos variáveis presentes na gramática da língua.

De acordo com a Teoria de Princípios e Parâmetros, as diferenças sintáticas entre dois ou mais estágios de uma língua, assim como as diferenças entre as línguas, são explicadas em termos de fixação diferente para um determinado parâmetro. Assim, a mudança sintática é, na verdade, alteração na marcação de parâmetro e, em razão disso, está vinculada à aquisição da linguagem, como mostrado anteriormente. Nesse sentido, a mudança se estabelece quando as crianças selecionam uma gramática diferente da gramática dos adultos devido às propriedades dos dados linguísticos primários a que foram expostas.

---

<sup>17</sup> Segundo Chomsky (1986), Língua-E é externa, extensional, social, já a Língua-I é interna, intensional, individual.

### ***2.1.2 Processo de Mudança Sintática***

Roberts (2007), de forma próxima a Tarallo e Kato (1989), mostra como a Sociolinguística Laboviana pode interagir com a Teoria de Princípios e Parâmetros na compreensão da mudança sintática. É mostrado que a mudança se inicia pela reanálise de dados primários pelos indivíduos e há um período de variação, em que as variantes podem ser parte de gramáticas em competição, difusão, ou outra forma, até que um sistema supere o outro ou convivam harmonicamente por um longo período de tempo. Nesse contexto, é destacada a importância de se investigar o tipo de variação e que implicações esse tipo de variação pode trazer para o processo de mudança sintática, caso do presente estudo.

Roberts (1993) propõe que a mudança ocorre de maneira gradual por meio de manifestações superficiais de alguma mudança em certa estrutura que, por sua vez, provocam reanálise diacrônica. Nesse sentido, são propostas três fases para a implementação da mudança. A primeira seria constituída por passos - pequenas mudanças visíveis, construções que se tornam mais raras, estruturas que se tornam menos frequentemente usadas, mas não totalmente eliminadas dos dados, pois o sistema gramatical ainda permite aquelas estruturas. A segunda seria a reanálise diacrônica - é a análise "errônea" de alguma estrutura: a criança atribui uma interpretação sintática diferente, mas não incompatível, para uma dada estrutura. A terceira fase consistiria na mudança paramétrica - ocorrerá através de reanálises diacrônicas, interagindo com elas, e provocando a refixação do valor de um determinado parâmetro da língua.

A Reanálise Diacrônica, de acordo com Roberts (2007), ocorre por meio das relações entre a língua-E de uma geração e a língua-I da outra geração, no sentido de buscar simplicidade e economia na fixação do parâmetro. Isso se estabelece no pressuposto de que estruturas menos marcadas são ativadas pelas crianças na aquisição de uma língua. Assim a mudança sintática tende a se implementar tendo como rumo as formas não marcadas.

Roberts propõe que a ambiguidade estrutural e a preferência pela simplicidade estrutural são pré-condições para a Reanálise Diacrônica, a qual está diretamente relacionada com a mudança paramétrica. O autor assume que, nas estruturas sintáticas, a reanálise envolve somente as categorias funcionais e as operações de movimento e de concordância. Assim, a reanálise reflete os limites das opções paramétricas disponíveis na Gramática Universal.

Inserindo aqui a contraparte social, externa na explicação da mudança, a proposta Laboviana é um aporte necessário para o entendimento da variação e possível processo de mudança nas construções causativas em estudo. Em conjunto com os fatores internos acima

mostrados e tendo em vista que será observado o percurso temporal de uma estrutura sintática no PB, as contribuições sociolinguísticas serão significativas a partir das seguintes assertivas:

- a) nem toda variação pressupõe mudança, mas toda mudança pressupõe variação;
- b) fatores sociais e fatores linguísticos são elementos inerentes à mudança;
- c) princípios de mecanismos de mudança que ocorreram no passado podem apresentar traços similares aos princípios que operam nas mudanças no presente.
- d) a variação e/ou mudança no passado ajudam a explicar o presente e o presente ajuda a projetar o futuro, assim, torna-se possível fazer predições sobre o rumo da mudança linguística;
- e) fatores históricos e sociais interferem na variação e mudança linguística.

Diante disso, o presente estudo investigou as propriedades que permitem a variação nas construções causativas e que fatores externos relacionados a fatores linguísticos afetam o sistema e favorecem ou desfavorecem as configurações das sentenças causativas ao longo da implementação do sistema linguístico do PB até a contemporaneidade. Além disso, foi analisado se há uma mudança em curso na configuração das causativas em PB e como ela ocorre ao longo do tempo.

## **2.2 Resumo do Capítulo**

Este capítulo apresentou o modelo de estudo de variação e de mudança adotado. O modelo de análise consiste na junção dos pressupostos da Teoria de Princípios e Parâmetros com os da Sociolinguística Laboviana. A união dessas teorias foi primeiramente aplicada por Tarallo e Kato (1989). Apresentei também como a mudança sintática será analisada, tendo em vista a abordagem da análise de propriedades, do Gerativismo, e a abordagem de probabilidades, advinda da Sociolinguística Laboviana.

Para o encaminhamento das investigações desta pesquisa, postulo que a natureza do núcleo causativo na gramática do PB se relaciona diretamente com a variação e mudança na sintaxe da estrutura causativa. Sendo assim, apresento a seguir a descrição e desdobramentos da estrutura causativa.



### 3 A ESTRUTURA CAUSATIVA: DESCRIÇÃO DO FENÔMENO

A construção causativa mostra-se complexa por apresentar engendramento semântico, sintático e morfológico realizado de diferentes formas. Assim, busco descrever o fenômeno da causatividade para delinear o padrão de variação morfossintática que emerge na complementação das estruturas causativas no PB.

Neste capítulo, encontra-se, inicialmente, sintetizado um panorama das causativas lexicais indicando a possibilidade de formação a partir de verbos inergativos, de inacusativos e de transitivos. A seguir apresento estudos das causativas analíticas na configuração Fazer Infinitivo e Fazer Por. Apresento também estudos que contemplam o Português Clássico, Português Europeu Moderno e o Português Brasileiro.

Esses estudos em conjunto sinalizam a existência de dois conjuntos inter-relacionados de variação nas causativas: variação na natureza do XP complemento de *v* causativo tanto nas estruturas sintéticas como nas analíticas e variação morfossintática nas formas de realização do causado, flexão do infinitivo e ordem dos constituintes, no complemento infinitivo nas construções causativas analíticas.

#### 3.1 Construções Causativas Lexicais

As construções causativas lexicais, alvo de análise na presente tese, apresentam traços semânticos<sup>18</sup> e sintáticos que as diferem das demais construções. Devido à complexidade do fenômeno, muitos estudos e muitas polêmicas têm sido estabelecidas. Assim, tomo como ponto de referência estudos tais como os de Bittencourt (1995, 2001), Miyagawa (1998), Pylkkänen (2002;2008), Harley (2008), Silva (2009), Blanco (2011), Horvath e Siloni (2011), Camargos (2013), Milano (2014), Cançado (2005) Cançado et al (2013), Amaral (2015), Oliveira (2016), entre outros para identificar as propriedades das construções causativas lexicais.

Destaco que analisar construções causativas equivale à observação dos traços semânticos, lexicais e sintáticos, embora o foco da presente tese seja sintático. Assim, é importante esclarecer que a construção causativa lexical envolve a ampliação do predicado com a inserção de um argumento externo, desencadeador do evento causativo, tal como em:

---

<sup>18</sup> O escopo do presente trabalho não contempla a propriedade semântica dos traços de causação direta e indireta. Desenvolveremos a análise desses traços na continuidade da investigação.

- (1) a. O copo quebrou.  
b. Ana quebrou o copo.

No exemplo (1b), o termo *Ana*, que foi acrescentado à estrutura argumental da sentença, funciona como argumento externo, desencadeador da ação de quebrar o copo. Esse tipo de causativa, no PB, expressa a noção de causatividade na entrada léxica do verbo, não sendo necessária a presença de um verbo morfologicamente realizado do tipo *fazer*, *mandar*, *deixar* e não se utiliza de morfologia específica para o aumento da valência.

Como anteriormente mostradas e exemplificadas, as causativas lexicais, no PB, também podem apresentar-se com homônimos e com heterônimos. Os homônimos apresentam a mesma forma alternante do verbo causativo e do não-causativo, (exemplos: abrir, fechar, quebrar, sumir, etc.).

Já as heterônimas contêm formas distintas para o par causativo / não causativo (exemplos: matar-morrer, ensinar-aprender, mostrar-ver, etc.). Essas formas, conforme Bittencourt (1995, 2001), são de aceção causativa implícita (sumir/esconder, cair/derrubar, sair/tirar) e são biargumentais com argumento externo Agentivo e argumento interno Paciente. Exemplifico esse fenômeno em (2 e 3), a seguir:

- (2) O menino caiu.

(3)

O cachorro	derrubou	o menino.
[Agente]		[Paciente]

Em relação ao estatuto semântico das configurações sintéticas, Bittencourt (1995, 2001) demonstra que o elemento causador pode estar envolvido em ação, em evento, em essência (ou qualidade), em instrumento, entre outros. Já o elemento causado, além de, canonicamente, caracterizar-se como elemento afetado, Paciente, pode-se revestir também de certa carga de agentividade<sup>19</sup>, tal como expresso no exemplo (4).

- (4) Graças a Deus estudei **todos os meus filhos!**

<sup>19</sup> Na presente pesquisa, serão analisadas as construções causativas com verbos ativos. Aquelas na voz reflexiva não serão consideradas, devido a restrições no preenchimento do Núcleo de VoiceP. Bittencourt (1995) cita ainda caso de causativização em que o causado Paciente assume também o papel de causador agentivo com o acréscimo do traço [+ volição]. São estruturas mono-oracionais, intransitivas, configurando estrutura causativa reflexiva implícita, como exemplificado a seguir.

Abigail caiu no chão só para impressionar o marido. (Agente=Paciente)

“Abigail se fez/deixou cair no chão só para impressionar o marido.

Essa mesma autora destaca, no que diz respeito às propriedades morfossintáticas, as formações causativas decorrentes de verbos intransitivos com sujeito pouco ou nada agentivos, ou seja, formas causativo-ergativas. Essas formas passam por uma gradual expansão, tanto na expansão de inventário de verbos causativizados como de produtividade, a partir de formas derivacionais (dolarizar, terceirizar, informatizar), verbos que indicam fenômenos da natureza, verbos epistêmicos, sensitivos e de aceção direcional, como exemplificado em (5) - (7).

- (5) Essa mistura [de bebidas] sempre me **amanhece** com dor de cabeça.
- (6) Acabou essa moleza de te **entrar** pelas portas do fundo.
- (7) Só você mesmo para me **conseguir estudar** Filologia.

As estruturas lexicais apresentam argumento interno, sendo que este argumento é interpretado semanticamente como [+ Afetado, - Agente] ou [+ Afetado, + Agente], alvo da modificação desencadeada pelo argumento externo causador. Na estrutura em que o argumento interno é [- Agente] tem-se ação mais direta e mais coerciva, como exemplificado em (8). Enquanto naquelas em que o argumento interno é [+ Agente], a interpretação esperada é a de que a ação foi realizada em co-participação de Causador e Causado, conforme exemplificado em (9).

- (8) Quanto mais **você** esmagar o **biscoito**, mais delicioso o doce vai ficar.
- (9) Primeiro, **eu** fujo o **preso**, depois eu digo que ele fugiu sozinho.

Destaco as formas lexicais que, segundo os estudos de Bittencourt já citados, apresentam causatividade implícita, formadas por verbos transitivos causativizados, ou por verbo com argumento externo (co-referencial) não lexicalizado, como exemplificado em (10)<sup>20</sup>.

- (10) a. Quanta estação nova de metrô esse Quércia **vem construindo!**  
 ('Quanta estação nova de metrô esse Quércia vem mandando/fazendo construir!')
- b. 'DNER remenda estrada assassina'.

<sup>20</sup> Os exemplos 4-12 constam em Bittencourt (2001).

- c. ‘O Estado faz obras em todo o interior’.
- d. ‘Governo quer construir nova rodovia até Ipatinga’.

Essas construções, segundo a análise realizada por Bittencourt (1995, 2001) e Milani (2014), envolvem implicitamente uma relação de comando, em que um causador agentivo superficial delega o serviço/ação a outra pessoa ou grupo profissional da área do serviço, os quais serão os agentes da ação expressa pelo verbo transitivo da sentença. Assim tem-se, numa contraparte analítica, a forma (*mandar remendar, mandar fazer, mandar construir*), exemplificada em (11)

- (11) a. ‘DNER remenda estrada assassina’.  
 b. DNER (manda) remendar estrada assassina

Bittencourt, nos estudos citados, indica que essas construções seriam uma versão mais resumida das causativas *Faire Par* (fazer-por), do Francês, do Italiano e do Português Europeu, construção em que se pode omitir o Causado, e o verbo *faire* (*fazer*) atua como um morfema. Essa posição reforça a análise defendida por Milani (2014) que prevê um morfema causativo não lexicalizado para essas construções, como será mostrado adiante.

O sistema permite também o licenciamento de estruturas causativas lexicais com o elemento agentivo explícito, como observado por Bittencourt (1995, 2001). Esse tipo de estrutura é exemplificada em (12).

- (12) a. A Luma de Oliveira **fez** [‘fez fazer’] a sua fantasia de madrinha da bateria **pelas costureiras da própria escola**.  
 b. Ele **consertou** [‘mandou/fez consertar’] o carro **por aquele mecânico de nome maluco**.

As causativas lexicais podem ser formadas por diferentes tipos de verbos: inergativos, inacusativos, transitivos, conforme será apresentado na subseção a seguir. Apresentarei também a derivação dessas construções sob a abordagem dos estudos de base Minimalista, como o de Silva (2009) e de Milani (2014) e outros.

### 3.1.1 Causativas lexicais formadas por verbos inacusativos, inergativos e transitivos

As estruturas lexicais podem ser formadas por verbos inacusativos, inergativos e transitivos, conforme exemplificação a seguir. Apresento estruturas com verbos inacusativos, exemplificados em (13 e 14), os inergativos em (15 e 16) e os transitivos em (17 e 18).

<b>VERBOS INACUSATIVOS</b>
----------------------------

- (13) a. As luzes apagaram.  
 b. Ignácia **apagou** as luzes? (520-4-B)
- (14) a. Os olhos fecharam.  
 b. **Agora resolvi fechar os olhos** e atirar a ficha ao léo da sorte! (544-1-B)

<b>VERBOS INERGATIVOS</b>
---------------------------

- (15) a. Os filhos casaram.  
 b. Ele casou todos os filhos dele aqui nessa igreja.
- (16) a. A turminha se ajuntou.  
 b. A gente juntava a turminha e cada um contribuía.

<b>VERBOS TRANSITIVOS</b>
---------------------------

- (17) Eles tiraram os idosos de dentro de casa.
- (18) Eu quase matei o menino de susto.

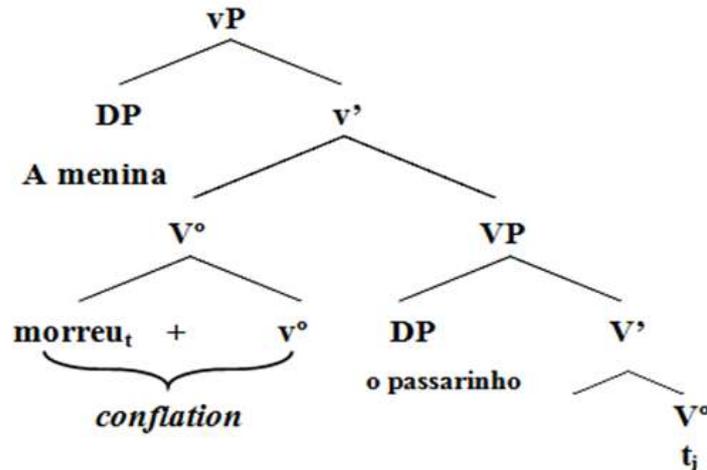
De modo amplo, a explicação da derivação da causativa lexical, segundo a análise de Silva (2009) Camargos (2013), Milânio (2014) e outros, segue os pressupostos de Hale e Keyser (1993, 2002) que propõem que os verbos têm uma estrutura argumental complexa, envolvendo um núcleo  $v^0$  causativo, verbo leve, e um  $X^0$  (que pode ser  $A^0$ ,  $P^0$ ,  $N^0$ ,  $V^0$ ). O verbo leve pode ser fonologicamente realizado, ou não.

Nesse contexto teórico, a estrutura causativa sintética só é formada por meio da operação sintática *conflation* de  $v^0 \leftarrow X^0$ . Essa operação consiste na condensação de núcleos sintáticos em que a matriz fonológica do núcleo de um complemento (N, A...) é inserida na posição de núcleo, vazio ou afixal, que o governa, originando uma única palavra. A representação sintática, em (19) a seguir, ilustra essa operação, a partir da sentença exemplificada em (19a)<sup>21</sup>. Nessa sentença, o verbo leve não está realizado fonologicamente,

<sup>21</sup> Exemplos de (19) - (31) constam em Silva (2009). Esclareço que, no trabalho de Silva (2009), foram empregados exemplos citados em Bittencourt (1995, 2001).

logo a presença do núcleo vazio permite a ocorrência de *conflation*, a causativização do verbo e assim, a formação da causativa sintética.

- (19) a. A menina morreu o passarinho.  
b.



(SILVA, 2009, p.81)

As estruturas lexicais formadas a partir de verbos inacusativos causativizados, conforme Silva (2009), são estruturas que selecionam um argumento interno com os traços semânticos [- Desencadeador, + Afetado]. Admitem alternância de valência, como demonstrado nos exemplos (20a) com o verbo inacusativo e (20b) com o inacusativo causativado, mas o argumento permanece com a mesma interpretação semântica de [+Afetado].

- (20) a. **A chave** sumiu.  
b. O menino sumiu **a chave**.

As causativas sintéticas formadas a partir de verbos inergativos apresentam um argumento com traços de sujeito prototípico. Há a inserção do elemento Causador, o argumento interno tem a propriedade semântica de [+ Desencadeador, + Afetado] e o argumento externo, [+ Desencadeador, - Afetado]. A seguir, apresento os exemplos dessas sentenças causativas, em (21).

- (21) a. Eu almocei os meninos depois levei eles pra escola.  
b. O próprio dentista sentou o cliente na cadeira.  
c. Espera um pouco que eu subo você aí.

Pode-se depreender, a partir da descrição apresentada por Silva (2009), que tanto as construções de inacusativos causativizados como as de inergativos causativizados ampliam a grade temática e admitem a inserção de um elemento causador. Esse elemento causador é o argumento externo com as propriedades [+ Desencadeador, – Afetado]. No entanto, essas estruturas se diferenciam quanto às propriedades do argumento interno, elemento causado dentro do processo de causação. Enquanto na causativa com inergativo, em (22), o causado é [+ Desencadeador, + Afetado], na causativa lexical com inacusativo, em (23), o causado é [- Desencadeador, + Afetado].

(22) Eu subo **você** aí.

(23) O menino sumiu **a chave**.

Em relação à causativização de inergativos, a autora discute duas questões. A primeira é o fato de que, segundo Hale e Keyser (1993; 2002), verbos inergativos não podem ser causativizados porque o núcleo verbal que encabeça esses predicados não apresenta uma posição de sujeito disponível. Em caso contrário, haveria sentenças malformadas, ferindo o princípio de Interpretação Plena (Full Interpretation Principle). A segunda questão diz respeito à violação do Critério Temático, devido ao fato de a causativa sintética licenciar dois DPs, ambos com a propriedade semântica de [+ Desencadeador].

Silva (2009), por meio de constatação empírica, apresenta dados com causativas sintéticas a partir de verbos inergativos com duas posições argumentais preenchidas com a propriedade semântica de [+ Desencadeador], mas diferindo na propriedade [Afetado]. Segue a exemplificação:

(24) a) Eu almocei **os meninos** e depois levei eles pra escola.

b) O pai casou **a filha** com um negociante.

c) O pai estudou **os dez filhos**.

d) A professora correu **o menino** pra fora da sala.

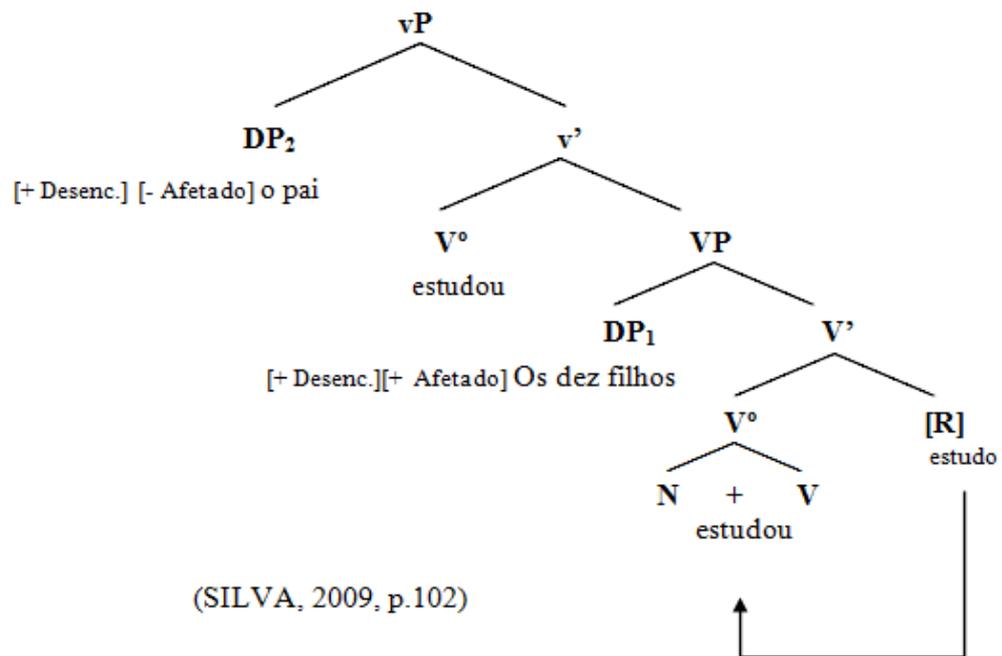
e) A diretoria do Atlético estreou **Éder**.

f) Ela viajou **o noivo** pro Rio e caiu na gandaia.

Para tal situação, a autora propõe que a estrutura vP terá de ser expandida para alocar esses dois argumentos desencadeadores da ação, resultando em alteração na estrutura argumental dos verbos inergativos. Assim duas operações *Conflation* seriam realizadas, uma

para a formação de verbo inergativo contendo apenas um lugar sintático a ser ocupado pelo DP [+ Desencadeador, – Afetado] e outra para a causativização do verbo em que mais um lugar sintático seria criado a fim de alocar o DP [+ Desencadeador, + Afetado]. A estrutura argumental final do verbo inergativo causativizado será similar à de outros verbos, como representado em (25).

(25) O pai estudou os dez filhos.



Para explicar a presença de dois DPs desencadeadores na estrutura causativa sintética, o que, à primeira vista, parece violar o Critério Temático, a autora aplica a proposta de Cançado (2003, 2005). Cançado assume que papéis temáticos são feixes de propriedades semânticas, tais como *Desencadeador*, *Afetado*, *Estativo* e *Controle*. É mostrado que essa proposta não viola o Critério Temático, uma vez que dois DPs, na mesma sentença, não apresentam as mesmas propriedades semânticas, assim não apresentariam o mesmo papel temático. Esse aspecto pode ser observado no exemplo (25), nas propriedades do DP<sub>1</sub> e as do DP<sub>2</sub>.

Cada propriedade assume uma posição na Hierarquia temática e cada argumento da sentença pode apresentar mais de uma propriedade semântica, como se pode observar na representação sintática em (25). De acordo com a Hierarquia proposta, o elemento com a propriedade [Desencadeador] ocupa uma posição mais alta e elemento com a propriedade [Afetado] ocupa uma posição mais baixa.

Considerando essa proposta, Silva (2009) mostra que, na oração causativa sintética, o DP [+ Desencadeador, – Afetado] será alocado em posição mais alta, Spec de vP e será argumento externo. Já o DP [+ Desencadeador, + Afetado] ocupará posição mais baixa, Spec de VP e será argumento interno.

Essa pressuposição traz consequências para a análise das construções causativas tanto sintéticas como analíticas. Primeiramente, pode-se deduzir que a causativa sempre apresentará um elemento [+ Afetado], como já previsto em Saksena (1980) e estudos sobre causatividade. No entanto, a causativa não apresentará dois DPs [+ Desencadeador, + Afetado], para não violar o Critério Temático. Silva (2009) indica que essa análise resolve o problema de impedimento de causativas sintéticas formadas a partir de verbos inergativos.

Essa interpretação traz novos ares à questão da agentividade nas estruturas causativas, cuja definição perpassa diversas nuances. No trabalho de Saksena (1980), por exemplo, é proposto o elemento agente afetado, no de Kratzer (1996), faz-se referência ao agente prototípico, já Legate (2014) faz referência ao iniciador como argumento externo, introduzido pelo núcleo VoiceP<sup>22</sup>.

As causativas sintéticas formadas a partir de verbo transitivo, por sua vez, foram divididas em dois subgrupos: transitivos causativizados que admitem alternância ergativa, exemplificado em (26), e transitivos causativizados que admitem alternância transitiva, exemplificado em (27).

- (26) a. O professor **acabou** a aula mais cedo.  
 b. A aula acabou mais cedo.
- (27) a. Eu **consertei** o carro por aquele mecânico de nome maluco.  
 b. O mecânico consertou o carro. / ? O carro consertou.

A autora analisa que, em construções como (27 a), o verbo leve atribui caso Acusativo ao argumento interno (*o carro*) e a preposição que atua como uma preposição funcional licencia o argumento [+ Desencadeador, - Afetado], ou seja, o termo (*aquele mecânico de nome maluco*) e atribui Caso Oblíquo a ele. A inserção dessa preposição é assim necessária, uma vez que atua com uma operação de último recurso, fazendo com que a derivação atenda às condições de *Full Interpretation*.

---

<sup>22</sup> Essa categoria será analisada mais adiante.

Ainda sobre a estrutura causativa sintética com verbos transitivos causativizados, vale destacar estruturas em que os verbos são relacionados ao sistema motor; apresentam ambiguidade em relação ao verdadeiro executor da ação verbal, apresentam uma relação de posse entre os DPs e, para se realizarem as ações, pressupõe-se o uso de instrumentos artificiais alienados (bisturi, tesoura, alicate e outros). Essas estruturas foram analisadas por Milanio (2014) e estão exemplificados a seguir em (28)<sup>23</sup>.

- (28) a. Mara cortou o cabelo.  
 b. Pedro operou o pé.  
 c. Caetano reformou o apartamento.  
 d. José consertou o carro.  
 e. Tereza pintou a casa.  
 f. O fazendeiro inseminou as vacas.  
 g. Ester transplantou a córnea direita

Milanio (2014) assume que essa estrutura é derivada de uma configuração analítica subjacente, em que o pronome indefinido (*alguém*) ocupa a posição de sujeito da oração encaixada, como exemplificado em (29).

- (29) a. Caetano reformou o apartamento.  
 b. Caetano<sub>i</sub> fez [*alguém* reformar [<sub>i</sub>] apartamento.

Em sua análise, a autora considera os trabalhos de Pylkkänen (2002, 2008) e Blanco (2010, 2011). Nesses trabalhos, são utilizados os núcleos funcionais Voice e vPCAUSE na explicação de como os argumentos das estruturas causativas são projetados na representação sintática.

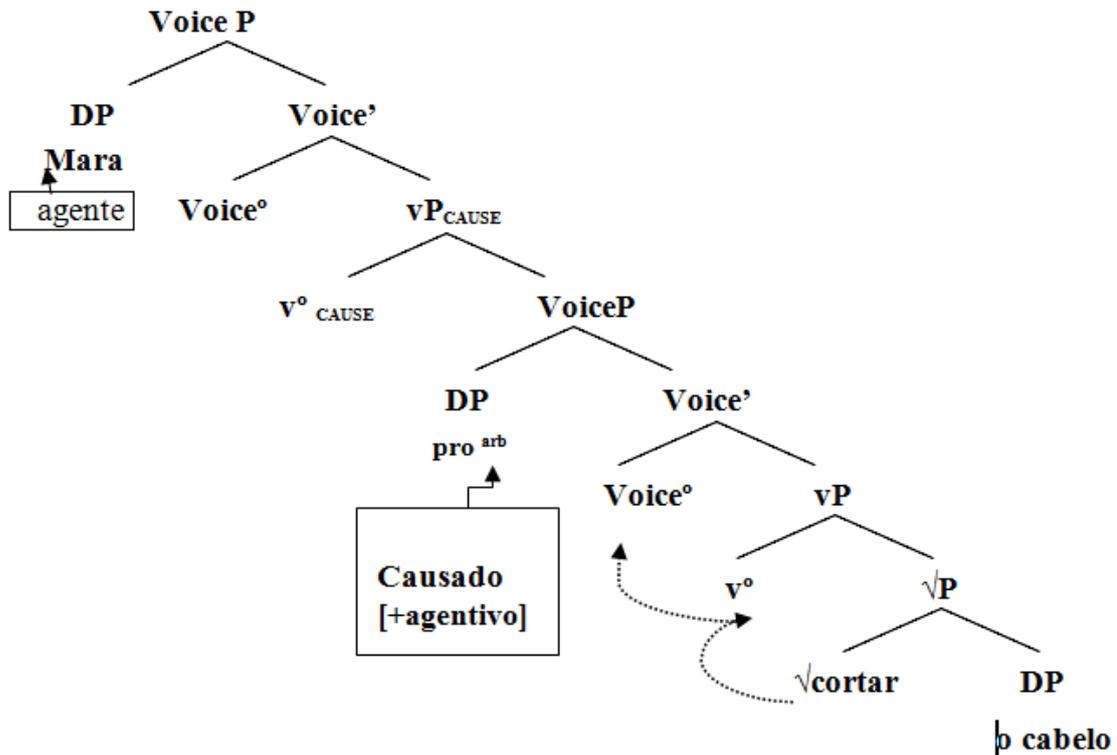
Na estrutura em estudo, é proposto por Milanio, em estudo já citado, que há um verbo leve causativo *fazer* não lexicalizado e um argumento agente afetado também não realizado fonologicamente e interpretado como DP *pro* arbitrário. Este DP tem a propriedade semântica [+ agentivo] e é o responsável por executar a ação verbal expressa pelo verbo transitivo. Há a projeção de dois vPs, sendo que um aloca o verbo leve causativo e o outro aloca o verbo transitivo, há também a projeção de duas fases (de acordo com CHOMSKY,

<sup>23</sup> Exemplos de (28) – (30) constam em Milanio (2014).

2000), VoiceP em que o argumento externo dos vPs são alocados. Essa proposta é representada na configuração sintática em (30), a seguir.

(30) a. Mara cortou o cabelo.

b.



(MILANIO, 2014, p. 68)

A descrição e explicação do fenômeno vão aplainando o caminho para a análise empreendida na presente tese. Assim, a partir do exposto, assumo para a análise desenvolvida nesta tese que:

- as causativas envolvem a estrutura bipartida do vP, com verbo leve causativo lexicalizado ou não;
- a causativização de verbos transitivos, inergativos e inacusativos se processa por meio da operação *conflation*;
- Com verbos transitivos de ação e com inergativos, dois elementos agentes/desencadeadores/iniciadores podem ser projetados na estrutura, sendo que o elemento em posição mais alta é [-afetado] e o elemento em posição mais baixa é [+afetado].

### 3.2 Resumo Parcial

Em resumo, destaca-se que o estudo de Bittencourt apontou que o processo de inovação que as causativas sintéticas apresentam é a expansão de causativização de itens de uso exclusivamente intransitivo, no PB. Além disso, constatou-se que a produtividade das causativas sintéticas supera a das causativas analíticas.

Já o estudo de Silva (2009) evidenciou a estrutura bipartida do vP nas causativas sintéticas e explicou a derivação de causativas com verbos inergativos, inacusativos e transitivos. A autora explicou também a presença de dois DPs [+ Desencadeador] na estrutura argumental da sentença, preservando o Critério temático e o Princípio da Interpretação Plena.

Destaco que essa análise tem aplicação para a explicação da agentividade nas construções causativas, uma vez que “o grau de distribuição da agentividade entre os componentes Causador e Causado constitui um dos pontos nevrálgicos da distinção semântica, podendo ter implicações para a instanciação sintática nas diversas línguas” (BITTENCOURT, 1995, p.22).

Milanio (2014), por sua vez, apresenta uma análise de causativa sintética com verbo transitivo que pode ser relevante para a explicação da estrutura argumental das causativas analíticas, uma vez que considera a projeção de dois vPs e duas fases (VoiceP) na estrutura sintática.

Esses estudos em conjunto apontam variação em relação à estrutura do XP encaixado. Silva (2009) apresentou estruturas em que esse XP é um VP, enquanto Milanio analisou estruturas em que o XP é vP fásico. Já Bittencourt apresenta uma análise que aborda, de forma ampla, a complementação oracional e não oracional das estruturas causativas. No entanto, a autora sinalizou que há causativa sintética com estrutura similar a das *Faire Par*<sup>24</sup> (fazer-por) do Italiano e do Português Europeu. Essas estruturas apresentam um complexo verbal (verbo *faire*/fazer mais verbo infinitivo) formando uma única grade temática, sem posição argumental para argumento externo encaixado. Isso quer dizer que, nessa estrutura, o XP encaixado é um VP simples. Assim, tem-se variação na estrutura argumental da sentença causativa sintética, podendo essa selecionar VP ou vP para o XP encaixado.

Diante disso, a presente pesquisa investiga, no Capítulo 6, se essa variação estrutural se estabelece nas causativas lexicais em PB e de que forma; que propriedades

---

<sup>24</sup> Essa estrutura será descrita na subseção, a seguir.

formais atuam no licenciamento dessa variação e como é a produtividade de cada uma das variáveis ao longo do tempo.

Acrescento ainda que a descrição apresentada até este ponto permite levantar, de forma resumida, alguns traços sintático-semânticos das construções causativas lexicais, tais como:

- envolvem a ampliação do predicado com a inserção de um argumento externo, desencadeador do evento causativo;
- a noção de causatividade é expressa na entrada léxical do verbo, não sendo necessária a presença de um verbo morfologicamente realizado do tipo *fazer, mandar, deixar* e não se utiliza de morfologia específica para o aumento da valência;
- não apresentam morfema causativo, ou seja, sem morfologia que realize o núcleo causativo;
- apresentam argumento interno, sendo que este argumento é interpretado semanticamente como [+ Afetado, - Agente] ou [+ Afetado, + Agente], alvo da modificação desencadeada pelo argumento externo causador;
- podem apresentar-se na forma homônima ou na forma heterônima;
- podem apresentar aceção intrínseca constituídas por itens tais como (aprisionar, atingir, canalizar, consertar, encerrar, enlatar) que não licenciam um par não causativo (Ele consertou o carro. \* O carro consertou.)
- podem ocorrer com verbos de mudança de estado, de locação, de posse (quebrar, amadurecer, abrir, entre outros).
- podem selecionar vP ou VP a depender do estatuto do verbo (inacusativo, inergativo, transitivo);
- são estruturas de oração única;
- são estruturas bieventivas: evento da causação e evento causado.
- podem ser formadas por verbos inergativos, inacusativos ou transitivos,
- podem apresentar um causador agentivo superficial que delega o serviço/ação a outra pessoa ou grupo profissional da área do serviço, os quais serão os agentes da ação expressa pelo verbo transitivo da sentença. (O governo reformou o museu.)
- o sistema permite também o licenciamento de estruturas causativas lexicais com o elemento agentivo explícito (PP) diferente do argumento externo (Ele **consertou** [‘mandou/fez consertar’] o carro **por aquele mecânico de nome maluco.**)

Esses traços foram observados na seleção e análise dos dados da estrutura causativa lexical, a serem mostrados nos capítulos seguintes. Apresento, a seguir, a descrição das construções causativas analíticas.

### 3.3 Construções Causativas Analíticas

Neste estudo, são consideradas como estruturas causativas analíticas aquelas formadas por um verbo causativo morfologicamente realizado e seu complemento. Essas estruturas foram definidas por Kayne (1975), como *Faire – Infinitive* e como *Fair-Par*. Essas duas configurações estão presentes em diversos estudos, tais como Zubizarreta (1985) e em Guasti (2006) sobre as causativas românicas; em Burzio (1986) sobre as causativas no Italiano e, especificamente sobre as causativas no Português Europeu, nos estudos de Gonçalves (1999), e de Trannin (2010). Apresento a seguir essas configurações, tendo como foco os elementos que complementam o núcleo causativo.

#### 3.3.1 A configuração *Faire – Infinitive* (*Fazer – infinitivo*)

Kayne (1975) descreve duas estruturas para essa configuração com diferente complementação: uma com verbo encaixado intransitivo ou com apenas um complemento preposicionado, sujeito pós-verbal, exemplificada em (31). E outra estrutura com verbo encaixado com objeto não preposicionado, sujeito pós-verbal e preposicionado, exemplificada em (32).

(31) Il a fait **partir son amie**<sup>25</sup>.

ele fazer-3SG-PAST sair-INF sua amiga

‘Ele fez sua amiga sair’.

(32) Il fera **boire un peu de vin à son enfant**.

ele fazer-3SG-FUT beber-INF um pouco de vinho a seu filho

‘Ele fará seu filho beber um pouco de vinho’.

(KAYNE, 1975, p. 203-204)

<sup>25</sup> Exemplos de (31) - (35) extraídos de Trannin (2010).

Já Zubizarreta (1985) acrescenta que, nessa configuração, os verbos causativos podem internalizar o argumento externo do verbo encaixado; o argumento externo encaixado é realizado sintaticamente. A preposição *à* é uma falsa preposição, pois geralmente rege um argumento Agente e é semanticamente irrestrita, em (32).

Para explicar a derivação dessa construção, Zubizarreta (1985) e Burzio (1986) consideram a hipótese do verbo complexo, em que os verbos causativos formam um complexo com o verbo encaixado, constituindo uma única estrutura lexical, originando duas construções, ambas mono-oracionais, em (31 e 32).

Segundo Burzio (1986), a construção *Faire-infinitive* é derivada, o causativo seleciona um complemento oracional que aciona o apagamento do sujeito encaixado e uma regra de movimento de VP forma o predicado complexo, em (31). Isso permite ao predicado complexo, por meio do verbo causativo, atribuir Caso Acusativo sob regência. Nas construções em que há um NP objeto causativo do verbo encaixado, o sujeito dessa estrutura aparece com Caso Dativo, conforme exemplificado em (32).

Guasti (2006), sobre os causativos românicos, mostra que, nessas estruturas, o sujeito se superficializa na posição direita do núcleo verbal, em Spec vP. Nas construções *Faire-Infinitive*, tanto o argumento interno quanto o externo de um verbo transitivo ou intransitivo podem atuar como sujeito gramatical do verbo selecionado.

### 3.3.2 A configuração *Faire-Par* (Fazer – Por)

A configuração *Faire-par* (Fazer-por), exemplificada em (33), é preposicionada e relacionada com a forma passiva, segundo Kayne (1975).

- (33) Elle fera manger cette pomme **par Jean**.  
 ela fazer-3SG-FUT comer-INF esta maçã por Jean  
 ‘Ela fará Jean comer esta maçã’.  
 (KAYNE, 1975, p.234)

Esse tipo de estrutura, de acordo com Zubizarreta (1985) apresenta as seguintes propriedades: os verbos causativos podem bloquear a realização sintática do argumento externo do verbo encaixado; esse argumento externo pode estar lexicalmente presente e sintaticamente não realizado. Nenhum argumento pode ser realizado como sujeito sintático do verbo encaixado. Confira o exemplo a seguir.

- (34) a. Ce médicament fait dormir.  
 este remédio fazer-3SG-PRES dormir-INF  
 ‘Este remédio faz dormir’.
- b. On a laissé nettoyer la chambre **par Pierre**.  
 nós deixar-1PL-PAST limpar-INF o quarto por Pierre  
 ‘Nós deixamos limpar o quarto por Pierre’.  
 (ZUBIZARRETA, 1985:262)

Nessa construção, *Faire* funciona sintaticamente como um morfema preso, pode bloquear, apagar ou internalizar o argumento externo. *Faire* age como um gatilho indireto desses processos por ter um argumento externo na sua estrutura lexical e ser o núcleo do verbo complexo derivado, sendo assim agramatical com verbos inacusativos.

Para essas estruturas causativas, como exemplificado em (35), Burzio (1986) mostra que o material que segue *faire* é um complemento VP gerado na base. O sujeito encaixado aqui é ‘temático’ com a preposição ‘da’, pois não há atribuição de papel temático à posição de sujeito, uma vez que a estrutura não apresenta essa posição de sujeito. Por não apresentar a posição de sujeito, o Italiano não permite construção ECM nas causativas.

- (35) Maria ha fatto [  $\nu$ P **riparare la macchina da Giovanni.** ]  
 Maria fazer-3SG-PAST consertar-INF o carro por Giovanni  
 ‘Maria fez Giovanni consertar o carro’.  
 (BURZIO, 1986:228)

Nas construções *Faire-par*, o sujeito do infinitivo é suprimido - o complemento do verbo causativo é um VP nu faltando o  $\nu$ P mais alto, portanto faltando a posição para o argumento externo, de acordo com Guasti (2006). O argumento interno ocupa a posição V e o causado adjunto é adjungido ao VP. Dessa maneira, é formada uma grade temática única que inclui os argumentos de cada um dos verbos.

Vale destacar que, como se verá mais adiante, as causativas em PB contemporâneo diferem dessa estrutura. O verbo causativo não se comporta como um afixo verbal, como se pode perceber nos exemplos (36)<sup>26</sup>. Nesses exemplos, duas orações são

<sup>26</sup> Exemplos colhidos na fala espontânea.

formadas e a negação é permitida tanto com o verbo causativo quanto com o verbo encaixado, reforçando os traços sentenciais da cláusula encaixada.

- (36) a. A mãe fez [os filho abaixar o volume da TV.]  
 b. A mãe não deixou [ o filho faltar aula.]  
 c. A mãe deixou [o filho não ir pra aula somente ontem.]

A descrição apresentada sinaliza pontos em comum como a estrutura *faire-infinitive* e a *faire-par*, a formação do predicado complexo e a atribuição de caso Acusativo, Oblíquo e Dativo, mesmo a termos que funcionam como agentes da ação expressa pelo verbo infinitivo da sentença encaixada. Esse contexto reforça o caráter complexo dessas construções. O aparato explicativo é diferente em cada abordagem, mas abrange as possibilidades de licenciamento do fenômeno linguístico em estudo.

Desses estudos, importam-nos os traços que são comuns ao Português Europeu e ao Português Brasileiro, tendo em vista uma Gramática Universal e a variação e mudança estrutural nas orações causativas que pode ter ocorrido ou estar em progresso ao longo da implementação da gramática própria do Português Brasileiro<sup>27</sup>. Cyrino (2010, 2011) e Sheehan e Cyrino (2016), por exemplo, afirmam que o PB contemporâneo perdeu a estrutura *Faire Infinitive* do tipo Italiano e a do tipo Francês. Borges (2008), por sua vez, afirma que o PB contemporâneo não mais apresenta as estruturas *Faire Infinitive* e *Faire Par*.

Apresento, a seguir, a descrição das causativas em PE. A ordem desses estudos não está cronologicamente organizada. Primeiramente, apresento as causativas no PE moderno, tratando a respeito das categorias funcionais projetadas nessa estrutura. Em seguida, o estudo sobre as causativas no Português Clássico, que, por mostrar a evolução do comportamento das causativas ao longo do tempo, é disposto neste texto mais próximo dos estudos sobre o PB.

### 3.3.3 Configuração das Causativas no PE Moderno

A estrutura sintática da complementação do núcleo causativo está relacionada com a projeção de categorias funcionais, de acordo com Gonçalves (1999). Nesse sentido, essa autora propõe uma escala de defectividade nas causativas fazer infinitivo, ECM<sup>28</sup> e

<sup>27</sup> Cf. Tarallo (1993).

<sup>28</sup> ECM: Estrutura de Marcação Excepcional de caso, descrita mais adiante no texto.

infinitivo flexionado no PE moderno. Como se pode perceber, no Quadro 1 a seguir, as categorias funcionais determinam a configuração sintática das causativas, conforme Costa e Gonçalves (1999).

Quadro 1 - Projeção de Categorias Funcionais nas Estruturas Causativas no PE

<b>Presença/Ausência de categorias funcionais</b>	<b>Propriedades sintáticas</b>	<b>Exemplos</b>
Ausência de uma categoria funcional que aceite o clítico no contexto da oração completiva	Clítico referente ao sujeito ou ao objeto se junta obrigatoriamente ao verbo da matriz.	Eu mandei-lhes comer a sopa. *Eu mandei comer-lhes a sopa.
Ausência de uma categoria funcional sentencial	O objeto da oração subordinada pode ser o sujeito do verbo causativo nas passivas com <i>se</i> .	Mandaram-se comprar vários livros aos meninos.
Ausência de categoria funcional de negação (Neg)	A negação no contexto da oração encaixada tornará a sentença agramatical.	*Os pais mandaram não ler o livro aos meninos.
Ausência de projeção da categoria funcional AgrS	Construções com ordem VV – concordância sujeito-verbo impedida.	Eu mandei comer (*em) a sopa aos meninos.
Presença de projeção da categoria funcional AgrS	Construções com ordem VSO – concordância sujeito-verbo permitida na oração completiva.	Eu mandei os meninos comerem a sopa.
Ausência da categoria funcional T	Verbos causativos não aceitam complementos com auxiliares perfectivos, por estarem na categoria funcional T.	*Eu mandei ter comido a sopa à Maria.
Ausência da categoria funcional C	Verbos causativos não aceitam o movimento wh na oração completiva.	*Eu mandei onde pôr o livro ao João?

Fonte: elaborado a partir de Gonçalves (1999), em Gomes (2005, p.63).

Gonçalves (1999) constata que as construções *fazer-Infinitivo* são defectivas pela ausência dos núcleos funcionais C, AgrS, T e AgrO. Assim, o complemento infinitivo se forma em VP e não apresenta fenômenos como a concordância sujeito-verbo, a ocorrência do marcador de negação frásica e a legitimação dos clíticos complementos. O marcador de negação frásica no domínio encaixado é agramatical, indicando a existência de um só T ativo no domínio mais alto.

Para explicar as configurações das causativas *Fazer-infinitivo*, Gonçalves (1999) trata também do Predicado Complexo, tal como Zubizarreta (1985), Burzio (1986) e Guasti (2006). Esse tipo de predicado apresenta traços como união de dois ou mais verbos com forte

ligação semântica e sintática; verbo Infinitivo encaixado; forma infinitiva sem marcas de concordância; domínio oracional infinitivo selecionado como complemento pelo verbo matriz; sujeito encaixado ocupando posição final e é cliticizável em Acusativo ou Dativo, como mostrado no exemplo em (37).

- (37) a. O professor mandou sair os meninos<sup>29</sup>.  
b. Os pilotos mandaram arranjar o carro aos mecânicos.

No que diz respeito à marcação de caso, nas construções *Fazer-Infinitivo*, o sujeito de verbo intransitivo infinitivo comporta-se como objeto direto do complexo verbal, e o sujeito de verbo transitivo infinitivo como objeto indireto do complexo, recebendo, respectivamente, caso acusativo e dativo. Essa descrição do PE é comum à descrição das propriedades das outras causativas românicas anteriormente apresentadas a partir dos estudos de Zubizarreta (1985), Guasti (2006) e Burzio (1986).

Nas estruturas causativas ECM, em (38), observa-se a ordem canônica dos termos da sentença, sujeito do domínio encaixado, se cliticizado, apresenta-se na forma acusativa. Em relação às categorias, AgrS não é projetada no domínio infinitivo; não há a relação de concordância entre sujeito-verbo; o domínio infinitivo possui T ativo para legitimação do NegP; a projeção de AgrO permite a clíticos objeto direto do verbo encaixado verificar Caso acusativo dentro do domínio infinitivo. Existem dois domínios funcionais ativos, um para o verbo causativo e outro para o verbo infinitivo, permitindo ao sujeito encaixado verificar traços fora do domínio infinitivo.

- (38) a. O professor mandou os meninos sair.  
b. O professor mandou-os sair.

Já nas estruturas causativas do tipo *Infinitivo-flexionado*, em (39), Gonçalves (1999) assume que há projeção de AgrS, licenciando a concordância sujeito-verbo, há movimento do DP sujeito para [Spec, AgrSP] e do verbo para o núcleo AgrS, legitimando o Caso nominativo do DP sujeito. T é projetado e é ativo, legitimando o núcleo Neg, permitindo o marcador de negação frásica no domínio da sentença infinitiva.

<sup>29</sup> Exemplos (37 - 39) retirados de Gonçalves (1999, p. 320).

- (39) a. O professor mandou os meninos saírem.  
b. O professor mandou os meninos filmarem os actores.

Resumindo o exposto, tem-se que as construções Fazer-Infinitivo não projetam as categorias C, AgrS, T, AgrO, já as construções ECM não projetam AgrS e as de Infinitivo Flexionado projetam as categorias C, AgrS, T, AgrO. Essa constatação leva a autora a propor uma escala de defectividade, sendo que a estrutura Fazer infinitivo estaria no topo, ECM em posição intermediária e Infinitivo flexionado em uma posição de menos defectividade nessa escala.

É importante buscar esclarecer se essa escala interfere em um possível processo de mudança. Construções mais complexas com mais categorias funcionais projetadas seriam mais resistentes a mudanças? Como seria a escolha do falante em relação às construções causativas em PB? As estruturas mais resistentes a mudanças sintáticas seriam as mais defectivas? Retornaremos a essas questões na análise dos dados.

Apresento, a seguir, a descrição da complementação do núcleo causativo no PE Clássico, com base em Trannin (2010), cujo estudo acompanha a evolução da variação das estruturas causativas nesse período. Esse trabalho é de grande valia para a descrição dos fatores linguísticos nas causativas na presente pesquisa e balizou os resultados da variação nas causativas em PB.

### 3.3.4 Configurações das Causativas no PE Clássico

Trannin (2010) estuda a variação nas causativas nas configurações *fazer-infinitivo*, *fazer-por*, ECM e infinitivo flexionado no PE clássico ao longo dos séculos XVI ao XIX. A autora constatou que, nos séculos XVI e XVII, predominam as construções *fazer-por*, exemplificadas em (40). Já nos séculos XVIII e XIX, a construção predominante é *fazer-Infinitivo*, exemplificada em (41)<sup>30</sup>.

- (40) Porém Nero emperador **mandou pintar** em pano um coliseo de CXXI pés. (F. de Holanda, 1517)
- (41) O ciúme **fez perder** a vida a Mariana, porque seu marido Herodes não pôde sofrer que se amasse a sua formosura. (C. de Oliveira, 1702)

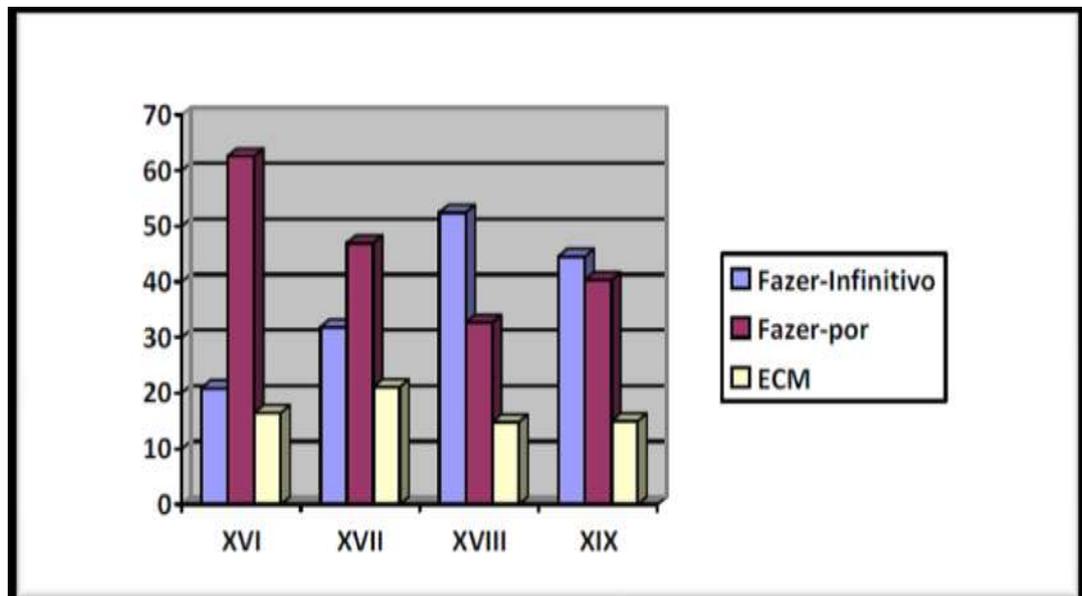
<sup>30</sup> Exemplos extraídos de Trannin (2010).

Duas mudanças ocorridas nos complementos infinitivos são abordadas nas construções: a queda na subida de clíticos em contexto de predicado complexo e a emergência do infinitivo flexionado. Esse contexto evidencia que a tendência na construção causativa é um engendramento que vai se desfazendo.

Para a primeira mudança, a autora cita Andrade (2010) que mostra que a queda na subida de clíticos e na formação de predicado complexo se deve ao aumento de produtividade da ênclise e do sujeito pré-verbal, identificada com a perda de V2<sup>31</sup> no século XVIII. A queda na subida de clítico é explicada pela presença de um traço-EPP em um núcleo da camada CP, fazendo com que o movimento do clítico seja tomado como fato não marcado. Já a queda na formação de predicado complexo estaria relacionada à fixação da posição de sujeito, próprio da construção ECM, que passa a ser interpretada como forma não marcada.

Os resultados analisados por Trannin (2010) indicam a ocorrência de diferentes configurações sintáticas das causativas ao longo do tempo analisado. Nos dados, a autora constata, conforme demonstrado no Gráfico 1, a diminuição de *fazer-por* proporcionalmente ao aumento de *fazer-infinitivo*. Já a construção ECM se mantém quase estável, fato constatado também por Andrade (2010).

Gráfico 1 - Distribuição das Estruturas Causativas no Português Clássico



Fonte: Trannin (2010, p. 117)

<sup>31</sup> Ordem V2: ordem resultante do movimento do verbo para C°.

Com o intuito de imprimir uma outra interpretação aos dados, pode-se dizer que esse resultado apresentado no Gráfico 1 indica que a configuração sintática causativa, ao longo do tempo, vai fazendo escolha por uma estrutura na qual haja uma posição de sujeito, como a *fazer-Infinitivo* e a ECM. Já a estrutura *Fazer-por*<sup>32</sup>, comum à causativa do Italiano, vai perdendo espaço por não licenciar essa posição de sujeito. Esse comportamento implica que a mudança sintática privilegia um afrouxamento da estrutura, criando uma posição para alocar o sujeito, conforme já apontado em Davies (1994). Soma-se a isso a emergência do infinitivo flexionado nas causativas, exemplificado em (42), que é uma estrutura sintática bioracional que licencia o sujeito do verbo infinitivo encaixado e permite a concordância entre esses elementos.

- (42) Eu mandei os meninos comerem a sopa.  
(GONÇALVES, 1999)

Para o infinitivo flexionado, em sentenças semelhantes a (42), Trannin explica, a partir do estudo de Martins (2006), que essa estrutura emerge em contextos de ambiguidade estrutural promovida por elipses em contextos de coordenação, é relacionada a outras mudanças como a perda da obrigatoriedade da subida do clítico e o aparecimento da negação do predicado em orações infinitivas. O infinitivo flexionado aparece em complemento de orações com verbos ECM. No entanto, nos dados analisados por Trannin, não há orações completivas de infinitivo flexionado a verbos ECM.

A autora mostra também que, em sua análise, não há evidência de mudança ocorrida no complemento infinitivo das construções causativas ao longo do tempo e ainda que a mudança ocorrida na passagem do PCI para o PE refere-se à posição do verbo e do sujeito do infinitivo encaixado. A estrutura não sofre mudanças na derivação. Essa posição também foi sinalizada em Davies (1994) ao mostrar que a variação nas causativas envolve somente a superfície. No entanto, veremos na análise e discussão dos dados que o PB apresenta comportamento diferente na derivação das estruturas causativas.

A explicação formal para o licenciamento dessas estruturas parte das propostas de Cyrino (2008), Guasti (2006), Martins (2006) e de Gonçalves (1999). Trannin, no estudo em questão, assume que o complemento infinitivo de *fazer-Infinitivo* é um CauseP que seleciona vP, já nas estruturas causativas *fazer-por*, o complemento infinitivo é um VP simples. Nas

---

<sup>32</sup> Para aprofundamento da estrutura **Fazer-por**, remeto o leitor ao estudo de Sheehan e Cyrino (2016).

estruturas de ECM, o domínio infinitivo é um TP defectivo em que duas estruturas estariam disponíveis a partir do século XVI: um TP defectivo e um complemento com sistema C-T ativo.

Pode-se depreender das análises apresentadas para o PE que, da mesma forma que nas construções causativas sintéticas em PB, a variação nas causativas analíticas ocorre no licenciamento do XP encaixado, a ser demonstrado mais a frente. Esse XP, como foi mencionado acima, pode ser um vP, ou um VP simples, ou ainda um TP. No caso das estruturas causativas com complemento de infinitivo flexionado, o XP configura-se como um CP. Observemos as estruturas em (43)<sup>33</sup>:

(43) a. O ciúme **fez** [vP **perder** a vida a Mariana ]

[CauseP [vP causado v [InfP [VP V<sub>inf</sub> DP] ] ] ]

b. Sua mulher me **mandou** [vP **chamar** por Dom Alexandre]

[CauseP [VP V<sub>inf</sub> DP]

c. A graça de Deus, quando vem a algumas almas e lhe manda primeiro suas inspirações, é como os senhores que vão pelas estradas e **mandam** seus criados **prevenir** o aposento. (A. das Chagas, 1631)

[CauseP [TP T<sub>def</sub> [VP [InfP [VP V<sub>inf</sub> DP] ] ] ] ]

d. O professor **mandou** os meninos **fazerem** a lição.

[CauseP [CP [VP [InfP [VP V<sub>inf</sub> DP] ] ] ] ]

De início, os exemplos em (43) indicam a variação na seleção de complemento da projeção CauseP. Em (43a), o núcleo de CauseP seleciona vP, em (43b), o núcleo de CauseP seleciona VP, Em (43c), a seleção é TP. Em (43d), o núcleo de CauseP seleciona CP. Essa variação na complementação do núcleo causativo será analisada nas construções causativas em PB, como veremos no Capítulo 6, mais à frente neste texto.

É importante destacar os rumos que a variação nas causativas seguiram do Português Clássico para o PE moderno, uma vez que o PB nasce do Português Clássico, conforme Galves, (2001). Em resumo, tem-se que o Português Clássico que compreende o período do século XVI à primeira metade do século XIX, segundo Galves (2001), é uma

<sup>33</sup> Exemplos e representação da estrutura argumental (43 a-c) extraídos de Trannin (2010).

língua V2 que licencia o alçamento V-para-COMP. Com a perda desse movimento que possibilitava várias posições para o sujeito, vários efeitos são observados, como o aumento da ênclise e o aumento de construções SV, ou seja, uma posição mais fixa para o sujeito. Andrade (2010) relaciona esses fatos às mudanças ocorridas nas causativas que são a queda na subida de clíticos em contexto de predicados complexos e a queda na formação de predicados complexos.

Essa posição sinaliza que a variação e a mudança que envolve o sistema linguístico como um todo também influencia a estrutura da construção causativa. O que se tem, na verdade, é que a variação e a mudança são encaixadas no sistema linguístico licenciador das estruturas, tal como proposto pela Sociolinguística Laboviana. Nesse sentido, reforça-se a proposta de que a estrutura sintática das causativas analíticas em PB está passando pelo mesmo processo de mudança pelo qual a estrutura canônica das sentenças em PB está passando, ou seja, evidenciando os efeitos de alterações sintáticas já constatadas em PB. Essa temática será retomada adiante.

Antes de passar à descrição das causativas no PB, apresento o Quadro 2 que resume os estudos até aqui apresentados. Vale destacar que nos estudos de Kayne, Burzio, Guasti e Zubizarreta (1985) não há referência às causativas com infinitivo flexionado, uma vez que as línguas investigadas não licenciam esse fenômeno. Destaca-se também que, no Italiano, não há ocorrência da estrutura causativa ECM, no Português Moderno não há referência à estrutura Fazer-por. Embora Trannin (2010) trate do infinitivo flexionado nas causativas, a ocorrência dessa estrutura não foi significativa<sup>34</sup>.

Destaco que, mesmo sendo de grande valor descritivo, tratar a análise das causativas a partir das configurações Fazer-infinitivo, Fazer-por, ECM, Infinitivo-flexionado não é aparato teórico suficiente, uma vez que não contempla a explicação formal da variação e a ambiguidade na complementação dessas estruturas nas línguas naturais.

---

<sup>34</sup> Lima-Salles e Pilati (2014, p.216) explicam que, embora presente em outros contextos sintáticos, o infinitivo flexionado é ausente nas construções causativas nos séculos XVI ao século XIX. Isso se deve ao fato de que o “padrão V2 vigente até o século XIX (e a consequente restrição à ordem SV no português) restringiu a ocorrência da causativa com infinitivo flexionado”.

Quadro 2 - Causativas em Línguas Românicas

Causativas / estudos	Configurações
Francês (KAYNE, 1975)	<i>Faire-infinitive</i> <i>Faire – par</i>
Italiano (BURZIO, 1986)	<i>Faire-infinitive</i> <i>Faire – par</i>
Românicas (ZUBIZARRETA, 1985)	<i>Faire-infinitive</i> <i>Faire – par</i>
Românicas (GUASTI, 2006)	<i>Faire-infinitive</i> <i>Faire – par</i>
PE Clássico (TRANNIN, 2010)	Fazer-infinitivo Fazer – por ECM Infinitivo-flexionado
PE Moderno (GONÇALVES, 1999)	Fazer-infinitivo ECM Infinitivo-flexionado

Fonte: a autora

### 3.3.5 Configuração das Causativas Analíticas no PB

As pesquisas sobre as causativas analíticas em PB focam ora na complementação do núcleo causativo, ora nos elementos que compõem essa complementação. É observada a tentativa de classificação das construções, tal como mostrado anteriormente, em configurações Fazer-infinitivo, Fazer-por, ECM, Infinitivo-flexionado, ou pela ordem dos constituintes (ordem VV, ordem VSV), pela marcação de caso (dativo, acusativo, nominativo), ou ainda focando no elemento sujeito do infinitivo (o causado). De forma geral, os estudos sobre as causativas analítica no PB, dentre os quais citamos (BITTENCOURT, 1995; GOMES, 2005; BORGES, 2008; PEREIRA, 2013; CYRINO, 2010, 2012; SHEEHAM e CYRINO, 2016) apontam os seguintes processos de variação e mudança:

- Perda do complemento finito (BORGES, 2008; BITTENCOURT, 1995);
- Perda do dativo (BORGES, 2008; BITTENCOURT, 1995; PEREIRA, 2013);
- Ausência de causativas *fazer-infinitivo* no PB contemporâneo (BORGES, 2008) (CYRINO, 2010, 2012), SHEEHAM e CYRINO, 2016);
- Ausência de causativas *fazer-por* no PB contemporâneo (BORGES, 2008);

- Variante inovadora com verbo matriz causativo, causado e verbo encaixado infinitivo (Vcaus C Vinf). (BORGES, 2008; GOMES, 2005);
- Ordem (VV) verbo causativo e verbo infinitivo com Causado Nulo se mantém produtiva nos períodos estudados (BORGES, 2008);
- Reanálise do complexo oracional (BORGES, 2008);
- Ambiguidade das construções causativas ECM com as de Infinitivo flexionado (BORGES, 2008), (CYRINO, 2010, 2012);
- Produtividade da subida de clítico (PEREIRA, 2013);
- Produtividade do complexo verbal (PEREIRA, 2013);
- Perda da subida de clítico (CYRINO, 2010, 2012);
- Perda de causativas formadas com complexo verbal (CYRINO, 2010, 2012), SHEEHAM e CYRINO, 2016);
- Variação como efeitos de fase de mudança em progresso em PB; (BITTENCOURT, 1995; GOMES, 2005; BORGES, 2008; PEREIRA, 2013).

Apresento a seguir a descrição da complementação dessas estruturas, perpassando as formas do causado, as ordens VV e VSV e como traços imbricados atuam na explicação da variação na complementação sentencial em formação no PB.

### 3.3.5.1 A forma do Causado e a Ordem VV

Borges (2008), na perspectiva da Gramática Gerativa, a partir de dados coletados em documentos dos séculos XVIII e XIX, na antiga região da Capitania de Goiás, atual Centro-oeste, foca na configuração do causado, em especial, na configuração do causado nulo. O autor compara as construções causativas dessa época com as do período atual. Nessa comparação, é constatada a perda do complemento finito<sup>35</sup>, como já mostrado no trabalho de Bittencourt (1995), a perda do dativo e postula-se que há mudança paramétrica na realização da construção do dativo.

<sup>35</sup> O complemento finito é formado por sentença com verbo no subjuntivo, conforme exemplos, a seguir:

a. Mandei *que eles saíssem*.

b. Mando que daqui em diante *que se pague* da crus da fabrica para a mesma fabrica meya 8<sup>a</sup> para cada encomendaçáo. ( Dado – século XVIII)

O autor constata também, em seus dados, as seguintes configurações:

- causativas românticas (com causados DP acusativos, PP dativos, clíticos acusativos e dativos), exemplificadas em (44 a 47)<sup>36</sup>;
- fazer-por (com PP não dativos), exemplificada em (48);
- causativas com causado de realização nula, exemplificadas em (49).
- A construção com infinitivo flexionado e causado nominativo não é analisada em virtude de haver somente uma ocorrência.

- (44) ...porem qual vigilante Sentinella, deve **fazer chegar** aos pés do Throno a **omissão do Funcionamento publico**. (Causado: DP acusativo)
- (45) A junta do Hospital da Caridade **faz saber ao publico**, que tendo seo Presidente tomado a si a responsabilidade (...) a Roda da Loteria andarã impreterivelmente no dia sete do mez de Janeiro. (Causado: PP dativo)
- (46) (Commandande Militar) vio na Scena coroado seo Busto no meio dos aplausos, e vivas de alegria, e de entusiasmo, que (...) suppos, como disse, **o** querião **fazer morrer** de prazer. (Causado: clítico acusativo)
- (47) Sn. Redactor, será a cazo ignorância invencível (...) o que **lhe** fez levantar hum falso testemunho ao Conselho Geral. (Causado: clítico dativo)
- (48) S. Ex<sup>a</sup>. o **mandou reprehender** publicam **pello ajud. das ordens**. (Causado: PP não dativo)
- (49) ...mas os parentes tanto fizerão, que Consequeião de S. Rm. **deixar enterrar** o mancebo na Igreja. (Causado: realização nula)

Considerando as ocorrências com complementos de verbos no infinitivo encaixados a verbos causativos, os dados de Borges, na diacronia, apresentam em 113 ocorrências, 24% de causativas fazer-infinitivo (com causados DP acusativos, PP dativos, clíticos acusativos e dativos); 6% de causativas fazer-por (com PP não dativos); 70% de causativas com causado nulo de interpretação arbitrária.

Essa produtividade alta da estrutura com causado nulo, no entanto, parece se dever mais ao gênero textual utilizado no *corpus*, o qual pode destoar da variedade linguística atualizada no vernáculo da língua da época. Foram usados documentos oficiais em que constam orientações para a administração da antiga Capitania de Goiás, como dito anteriormente. Como se trata de um contexto de poder, ordens e serviços, é comum a anulação do causado, executor da ação ordenada pela entidade superior.

<sup>36</sup> Exemplos de 44 a 49 extraídos de Borges (2008).

O causado nulo, segundo o autor, apresenta interpretação arbitrária, de categoria pronominal nula – PRO – com distribuição e propriedades referenciais específicas; marcado com o traço [+ humano]. Essa estrutura exige que o verbo encaixado seja transitivo direto, conforme exemplificado em (50)<sup>37</sup>, a seguir.

(50) João mandou [PRO lavar o carro]

Outro ponto que merece destaque nessa configuração é que a estrutura que Gomes (2005) nomeia de VV<sup>38</sup> engloba o conjunto de sentenças com Causado Nulo nos dados de Bittencourt (1995) e de Borges (2008). Sendo assim, foi possível depreender desses estudos, a produtividade da configuração VV/Causado Nulo ao longo dos séculos XVI a XX no Português.

As construções com causado nulo, segundo Borges (2008), estão presentes em todos os períodos estudados, diacronia e sincronia, ou seja, é uma estrutura que se mantém. Os dados de Bittencourt (1995) apontam que essa configuração se mantém estável nos séculos XVI, XVII, XVIII e XIX. No século XX, essa configuração sofre uma diminuição na frequência de uso, como evidenciado nas porcentagens, a seguir, da mesma autora:

SÉCULO	%
XVI	54.5
XVII	55.3
XVIII	50
XIX	46.9
XX	19.4

Já Borges, no estudo citado, verifica uma frequência de 70% em dados dos séculos XVIII e XIX. O estudo de Gomes (2005) com dados do PB contemporâneo, da fala espontânea, apresenta 36.7% de ocorrência da configuração VV. Esses resultados indicam o rumo da variação nas configurações das causativas em PB, mostrando decréscimo dessa configuração no século XX. Como dito anteriormente, a estrutura vai disponibilizando ao longo do tempo uma posição sintática para DP argumento externo do verbo infinitivo encaixado.

<sup>37</sup> Exemplo de Borges, (2008, p.102).

<sup>38</sup> Segundo esse estudo, a ordem VV não permite infinitivo com marca de flexão, o causado pode ser nulo ou pode selecionar NP na forma clítica anteposta ao verbo causativo. (Exemplo: Mande lavar o carro mais cedo.)

Nesse sentido, a comparação dos dados da diacronia com os resultados do estudo de Andrade (2002) levou Borges (*op. cit.*) a constatar que o PB contemporâneo não atualiza causativas românicas (Fazer-infinitivo) bem como as causativas Fazer-por. Segundo o autor, a principal distinção entre as causativas do PB colonial e as causativas do PB contemporâneo está na reanálise do complexo verbal, em que a estrutura mono-oracional passou a ser bioracional, gerando mudança na posição do causado, a partir da mudança na codificação do dativo em PB.

Assim, na subseção a seguir, apresento a ordem VSV, analisada como variante inovadora em PB.

### 3.3.5.2 A variante Inovadora: VSV

O PB contemporâneo atualiza uma variante inovadora, segundo Borges (2008); Gomes (2005), formada com causativa com complemento infinitivo (flexionado ou não), com causado não preposicionado e anteposto ao verbo encaixado e pode ser licenciado pela flexão do infinitivo ou pelo verbo causativo por Marcação Excepcional de caso (ECM), conforme Borges (2008).

Essa estrutura resulta da interpretação de que o complexo verbal, comum às causativas românicas em uma estrutura mono-oracional, licencia o causado à direita do verbo como um DP ou um PP (conforme exemplificado em 51<sup>39</sup>) passou por um processo de reanálise em PB, formando a sentença [verbo causativo + causado + verbo infinitivo], expressa no exemplo em (52). Esse contexto indica que o verbo causativo nessas estruturas deixa de selecionar um vP ou VP simples e passa a licenciar um TP defectivo<sup>40</sup> ou CP como complemento.

- (51) a. Mandou [<sub>vP</sub> **limpar a casa aos filhos**].  
 b. Mandou [<sub>VP</sub> **comprar mais tinta**] [<sub>PP</sub> **pelo pintor**].
- (52) a. Mandou [<sub>CP</sub> **os filhos limparem a casa**].  
 b. Mandou [<sub>CP?/TP?</sub> **o pintor comprar mais tinta**].

<sup>39</sup> Exemplos elaborados por mim, avaliados como gramaticais e aceitáveis.

<sup>40</sup> Assumo, conforme estudos gerativos (Chomsky, 1981 e subsequentes) estrutura ECM projeta TP defectivo, incapaz de atribuir caso ao DP sujeito em seu domínio.

Vale destacar aqui que, neste contexto, ocorre a ambiguidade das construções ECM e de infinitivo flexionado no caso do singular de 3ª pessoa<sup>41</sup>, conforme exemplificado em (51b). Não é possível definir se o causado “pintor” recebe nominativo do infinitivo ou se recebe caso acusativo do verbo causativo “mandou”. Gomes (2005) mostra que o falante do PB interpreta a sentença encaixada em causativas com estrutura exemplificada em (52) como uma sentença canônica de ordem sujeito-verbo-objeto, mostrando até mesmo a variação na flexão do infinitivo como consequência de alterações sintáticas nesta gramática.

Para a derivação das estruturas inovadoras (exemplificadas em 52) em PB, Borges (2008), seguindo a proposta de Andrade (2002), explica que o verbo causativo seleciona uma oração encaixada do tipo CP e que as categorias funcionais C e T são projetadas com a função de fazer a interpretação do tempo (*irrealis* ou contingente) e de codificar número e pessoa, licenciando o caso nominativo. Observe o exemplo (53)

(53) ...eu nunca [**vi o papai e a mamãe brigar**]...

A análise sociolinguística realizada por Gomes (2005) indica também que a ordem VSV foi considerada como a forma inovadora no PB contemporâneo, uma vez que foi mais atualizada (com o percentual de 73.7%) pelos falantes mais novos, conforme Tabela 1, a seguir<sup>42</sup>.

Tabela 1– Ordem VV/VSV e Faixa etária em PB contemporâneo

Faixa etária	Ordem VV	Ordem VSV
Acima de 45	45.5%	54.5%
31 a 45	45.2%	54.8%
20 a 30	26.3%	73.7%

Fonte: Gomes (2005, p. 149)

Além disso, foi constatado que é nessa ordem VSV que se atualizam as variações morfossintáticas nas causativas relacionadas à flexão do infinitivo, marcação de caso e forma do causado. Essa afirmação vai ao encontro da proposição de Davies (1996) de que as

<sup>41</sup> Essa ambiguidade já foi apontada por Andrade (2010), por Trannin (2010) e por Cyrino (2008, 2010).

<sup>42</sup> De acordo com os estudos Sociolinguísticos, os grupos socioeconômicos intermediários são os que avançam o processo de mudança linguística. Em relação à faixa etária, pode-se atestar a mudança em progresso quando há maior incidência da variante inovadora nas faixas mais jovens e menor frequência nas faixas mais velhas. (Tarallo, 1986).

alterações na construção causativa, na diacronia do Português, ocorrem a partir da inserção do *Causee*<sup>43</sup> entre o verbo matriz causativo e o verbo infinitivo encaixado.

Nesse contexto, destaca-se a importância de se considerar a possibilidade da seguinte previsão: se os falantes mais novos estão implementando essa ordem dos constituintes, por consequência as crianças da geração futura também poderão implementar as inovações. Esse contexto implica que os dados da Língua-E estão gerando uma informação diferente para a próxima geração, levando em conta que, de acordo com os pressupostos da mudança sintática, é no processo de aquisição da língua que se estabelece o espaço da mudança gramatical.

### 3.3.5.3 Rumo à Complementação Sentencial – CP/TP

Ao longo dos períodos estudados, a construção causativa analítica em PB apresenta variação na complementação. Além de outras formas, o complemento do núcleo causativo projeta TP defectivo, nas estruturas ECM, ou projeta CP/TP não defectivo, nas estruturas com infinitivo flexionado, ou ainda apresenta ambiguidade de interpretação sintática entre essas categorias funcionais.

Além disso, os estudos anteriormente citados indicam que no PB contemporâneo, nas construções causativas analíticas, não há o licenciamento do predicado complexo, da subida de clítico<sup>44</sup> e de estrutura fazer-infinitivo. Para explicar esse quadro apresento a seguir a proposta teórica de Cyrino (2010, 2012).

Cyrino (2010) lança bases para a interpretação sintática das causativas no PB contemporâneo na modalidade coloquial. Para explicar a ausência das estruturas causativas *fazer-infinitivo*, a autora propõe que a subida de clíticos, conforme exemplificada em (54a), é relacionada à formação de predicados complexos nas línguas românicas. Para formar o predicado complexo, é necessário o movimento do sintagma não finito para o especificador do V mais alto. Esse movimento propicia também a subida do clítico e, para licenciar esse movimento, é necessário um sistema C-T defectivo. Como o sistema C-T em PB é não defectivo, não acontece a subida de clítico, exemplificado em (54b), e nem a formação de complexo verbal, logo causativas *fazer-infinitivo* não serão formadas.

<sup>43</sup> *Causee*: elemento causado sujeito do infinitivo encaixado nas estruturas causativas.

<sup>44</sup> Remeto o leitor a Pereira (2013), o qual apresenta posição divergente em relação à subida de clítico e predicado complexo nas causativas em PB.

- (54) a. O João me quis visitar<sup>45</sup>. (PE)  
 b. O João quis me visitar. (PB)

Em relação à subida de clítico, é mostrado, a partir de uma análise unificada, que esse fenômeno ocorre em estruturas tais como causativas *fazer-infinitivo*, exemplificadas em (55); perífrases verbais (auxiliar + particípio) e configurações de reestruturação que apresentam predicados complexos sintáticos românicos. Para a autora, em todas essas estruturas, a formação do predicado complexo se deve ao movimento de um XP, o qual provê a condição necessária para a subida de clítico ao V mais alto. Focarei, a seguir, os aspectos relacionados à construção causativa.

- (55) a. O João **mandou comer** a sopa à Maria. [PE]  
 b. O João **a mandou comer** à Maria. [PE]

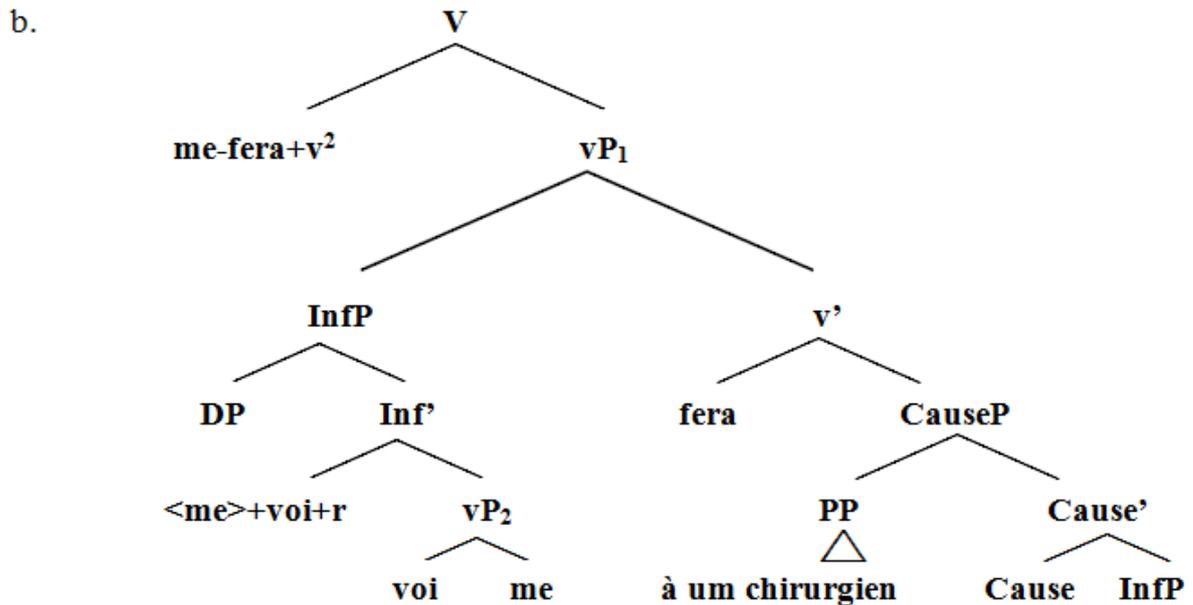
Conforme descrito anteriormente, esse tipo de estrutura em (55) forma predicado complexo por requerer a subida de clítico, seja ele argumento acusativo ou o sujeito dativo do infinitivo. Para explicar a derivação dessa estrutura na gramática da língua, Cyrino (2010) baseia-se em Chomsky (2005, 2006) e Richards (2007) no pressuposto de que núcleos das fases (C,  $v^*$ ) espriam seus traços de borda, juntamente com os traços *phi*, se eles os tiverem, para as projeções não fase mais baixas. Após sondar por um alvo, esses traços acionam o movimento deste alvo para o especificador da categoria mais baixa não fase.

Cyrino (*op. cit.*) assume que o predicado complexo sintático românico forma uma fase  $v^*$ . Assume também CauseP como a projeção funcional abaixo de um verbo causativo. Já o movimento do sintagma infinitivo (InfP) é acionado pelos traços de borda no  $v^*$  mais alto funcional. O núcleo mais alto V herda os traços de borda de  $v^*$ , e concorda com o núcleo verbo-nominal InfP. Como o  $v$  mais baixo é defectivo, ele não é uma fase, assim licencia a subida do InfP, conforme mostrado na árvore a seguir, em (56).

---

<sup>45</sup> Exemplo (54b) elaborado a partir da minha intuição de falante do PB. Exemplos (54a) e (55) - (66) extraídos de Cyrino (2010).

- (56) a. Jean me fera voir à un chirurgien. [Francês]  
 Jean me-CL-ACC fazer-3SG-FUT ver-INF a um cirurgião  
 ‘Jean fará um cirurgião me examinar’.



(CYRINO, 2010, p.193)

Cyrino (op. cit.) propõe que o InfP em *fazer-infinitivo* se move para [Spec, VP] do verbo causativo, formando um predicado complexo, em que a subida de clítico é obrigatória.

Além disso, Cyrino (2008, 2010) mostra que, por ter sofrido mudança diacrônica, o PB perdeu a possibilidade de formar predicados complexos. Em PB não existem efeitos de transparência<sup>46</sup> nessas estruturas, porque o núcleo funcional mais baixo possui traços *phi* e isso não permite que o *v\** mais alto sonda traços nominais do núcleo infinitivo. A ausência da formação de predicados complexos é constatada pela ausência de construções causativas *fazer-infinitivo* e pela presença de outras estruturas que são agramaticais em línguas românicas, mas são possíveis em PB. Apresentam-se, a seguir, alguns traços exemplificados que confirmam essa diferença no PB.

- Ausência de subida de clítico com verbos de reestruturação (conforme CYRINO, 1993; PAGOTTO, 1992)

- (57) João **pode/quer/vai te ver**. [PB]

<sup>46</sup> Efeitos de transparência, segundo Gonçalves (1999): subida de clítico, movimento longo do objeto, presença de operador de negação frásica na complementação, interrupção da adjacência verbal por material lexical diverso.

➤ Ausência de subida de clítico em tempos verbais compostos / perifrásticos

- (58) a. João **está provavelmente te telefonando**. [PB]  
 b. João **tinha possivelmente me visto**. [PB]

➤ Ausência de causativa *fazer-infinitivo*

- (59) a. \*O João **mandou comer** a sopa à Ana. [PB]  
 b. \*O João **mandou-lhe comer** a sopa. [PB]  
 c. \*O João **viu sair** a Maria. [PB]  
 d. \*O João **viu-a sair**. [PB]  
 e. \*O João **mandou-a comer** à Ana. [PB]

Cyrino mostra que, para existir um predicado complexo sintático românico, o T mais baixo tem que ser defectivo, ou seja, inativo para valorar traços. Nesse sentido, a autora cita uma proposta de defectividade em que uma categoria é defectiva se falta a ela um ou mais de seus traços *phi*, (CHOMSKY, 2001):

- I. Uma fronteira *phi* interpretável é não defectiva se ela apresenta todos os traços.<sup>47</sup>
- II. Uma fronteira *phi* interpretável é defectiva se faltam a ela todos os traços.
- III. Uma fronteira *phi* interpretável é incompleta se faltam alguns dos seus traços.

Nos contextos em que há formação de predicados complexos românicos, como nas causativas *fazer-infinitivo*, o T mais baixo (infinitivo encaixado) nas demais línguas românicas é defectivo, enquanto em PB o T mais baixo é incompleto por apresentar apenas traço de número e é de natureza diferente daquele das línguas românicas. A autora, assim, propõe que T infinitivo não é diferente de T finito no que diz respeito aos traços *phi*, ele pode valorar nominativo e o TP deveria ser um TP “normal”. As evidências são exemplificadas a seguir.

- Presença de sujeito nominativo focalizado na oração encaixada; (reestruturação, tempos compostos);

(60) os capitalistas **tentam eles** moldar o sindicalismo para que seja flexível<sup>48</sup>.

- Presença de negação entre os verbos, antes do TP mais baixo. (reestruturação, tempos compostos);

(61) Ao contrário, as opiniões são super bem vindas a esse blog... só tenho a dizer que antes eu não via a tv aberta e agora **vou não ver** a tv digital aberta.

<sup>47</sup> I. A  $\Phi$ -bundle is *non-defective* if it has **all** of its features.

II. A  $\Phi$ -bundle is *defective* if it lacks **all** of its features.

III. A  $\Phi$ -bundle is *incomplete* if it lacks **some** of its features.

<sup>48</sup> Exemplos (56 a 65) de Cyrino (2010, p.203-207).

- Ausência de ECM nas causativas, há a verificação de Caso Nominativo.

(62) vcs não acreditam o que ela **viu eu fazer** e ta imitando igualzinho! ...

Cyrino evidencia também que, em PB, as causativas podem apresentar infinitivo flexionado ou sem flexão nos mesmos contextos. Isso indica que o T infinitivo mais baixo é próximo ao infinitivo flexionado. Sinaliza também que em PB há um sistema CP relacionado ao T infinitivo em orações encaixadas, da mesma forma que o infinitivo flexionado em PE.

Além dessas constatações a favor de que, em PB, o T mais baixo é de natureza diferente, Cyrino (*op. cit.*) considera também que o infinitivo flexionado ocorre, mesmo em contextos em que o infinitivo flexionado é proibido ou que não apresenta a estrutura canônica que o permitiria, exemplificado em (63), (64) e (65), como em estruturas de controle obrigatório e de volição, em estruturas de alçamento, com factivas e com predicados epistêmicos. Isso significa que o T infinitivo é não defectivo em PB, portanto é responsável pelo Caso Nominativo nessas estruturas.

- (63) pessoas que compram almas, ou vidas, que **tentam não serem** vendidas por dinheiro.
- (64) ...elas **parecem gostarem** de brigar mais por questões de amigas...
- (65) Durante o casamento de Lino e Lina, Inocência e Zoraide **lamentam, em pensamento, perderem** ele para outra.

Para fundamentar a proposição de que em PB o T não finito é similar ao T finito no que diz respeito aos traços *phi*, Cyrino (2010) apresenta a conclusão de Nunes (2007). Este autor propõe, a partir do paradigma flexional realizado no PB coloquial contemporâneo (Quadro 3), que há T finito *phi* completo, com traços de número e pessoa, encontrado na cláusula matriz. Existe também T finito *phi* incompleto, com somente traço de número, encontrado no T mais baixo em estruturas de alçamento.

Quadro 3 - Paradigma de concordância verbal no PB coloquial

<b>Pessoa</b>	<b>Verbo</b>	
Eu	Canto	<b>P:1; N:SG</b>
Você	Canta	P:default; N:default (=3SG)
Ele,ela	Canta	P:default; N:default (= 3SG)
A gente	Canta	P:default; N:default (= 3SG)
Vocês	Cantam	P:default; <b>N:PL</b> (= 3PL)
Eles	Cantam	P:default; <b>N:PL</b> (= 3PL)

Fonte: Nunes (2007) apud Cyrino (2010).

A partir do quadro de paradigma de flexão apresentado por Nunes (2007), Cyrino afirma que T é especificado somente por número e as informações de pessoa são providas no componente morfológico por regras redundantes, levando a assumir que em PB, traços de pessoa podem ser traços dissociados.

Cyrino faz um paralelo do paradigma do T infinitivo com o paradigma do T finito, resumido no Quadro 4, a seguir. Ela conclui que, em termos de traços, o infinitivo pessoal comporta-se como o T finito: ambos distinguem traço de número (singular, *default* e plural) e somente 1ª pessoa e *default* no traço de pessoa.

Quadro 4 Comparação entre o T finito e T não finito em PB

<b>T finito</b>			<b>T não finito</b>		
Paradigma de concordância verbal			Paradigma de concordância verbal		
Eu	canto	<b>P:1; N:SG</b>	Eu	cantar	P: default; N:default (= 3SG)
Você	canta	P:default; N:default (3SG)	Você	cantar	P: default; N:default (= 3SG)
Ele	canta	P:default; N:default (3SG)	Ele	cantar	P: default; N:default (=3SG)
Ela	canta	P:default; N:default (3SG)	Ela	cantar	P: default; N:default (= 3SG)
A gente	canta	P:default; N:default (3SG)	A gente	cantar	P: default; N:default (=3SG)
Nós	cantamos	<b>P: 1; N:PL</b>	Nós	cantarmos	<b>P: 1; N:PL</b>
Vocês	cantam	P:default; <b>N:PL</b> (3PL)	Vocês	cantarem	P:default; <b>N:PL</b> (= 3PL)
Eles	cantam	P:default; <b>N:PL</b> (3PL)	Eles	cantarem	P:default; <b>N:PL</b> (= 3PL)

Fonte: Cyrino (2010).

A comparação entre o T finito e o T não finito reforça o fato de a sentença encaixada (SV), nas construções causativas em PB, se comportar como uma sentença canônica finita, como já havia sido sinalizado em Gomes (2005). Segundo esse estudo, ao analisar estruturas com contexto para flexão do infinitivo, exemplificado em (66), a variação

no emprego de infinitivo com marcas de flexão ou sem marcas de flexão “entraria no conjunto de variação de concordância entre sujeito/verbo, relacionada ao empobrecimento da morfologia verbal, presente nas estruturas de ordem canônica (SVO) no PB” (GOMES, 2005, p. 114).

- (66) [...] gostei tanto que eu fiquei com uma vontade tremenda de **mandar meus filhos estudarem em Londres**.<sup>49</sup>

Em resumo, conforme os estudos de Cyrino, no PB:

- não há a formação de predicados complexos sintáticos românicos, o movimento XP que forma esses predicados não pode ocorrer, logo não há a formação de sentenças *fazer-infinitivo*;
- T não finito é similar a T finito, ambos apresentam somente traço [número];
- como há um sistema C-T [+phi], o sujeito nominativo é possível, o que desabilita a estrutura ECM. Assim, em PB, não apresenta causativas *fazer-infinitivo* e causativas ECM.

Diante dessas constatações, Cyrino (2012, p.152) sugere que em PB ocorrem as seguintes estruturas causativas:

- (67) a. João **me** mandou comer sopa<sup>50</sup>.

[<sub>v\*</sub> me + mandou + v\* [<sub>VP</sub> <mandou> <me> [<sub>CP</sub> (+ phi) [<sub>TP</sub> (+ phi) PRO [<sub>T'</sub> [<sub>VP</sub> <PRO> [<sub>VP</sub> comer sopa]]]]]]

- b. João **me** mandou **eu** comer sopa.

[<sub>v\*</sub> me + mandou + v\* [<sub>VP</sub> <mandou> <me> [<sub>CP</sub> (+ phi) [<sub>TP</sub> (+ phi) eu [<sub>T'</sub> [<sub>VP</sub> <eu> [<sub>VP</sub> comer sopa]]]]]]

- c. João mandou **eu** comer sopa.

[<sub>VP</sub> <mandou> [<sub>CP</sub> (+ phi) [<sub>TP</sub> (+ phi) eu [<sub>T'</sub> [<sub>VP</sub> <eu> [<sub>VP</sub> comer sopa]]]]]]

Do ponto de vista diacrônico, Cyrino (2012) aponta que o PB perdeu o movimento de XP que permitia a formação de predicados complexos. Esse movimento é possível somente se o domínio encaixado não tem tempo independente, ou seja, se não há C-T ou se C-T é defectivo, como dito anteriormente.

<sup>49</sup> Exemplos retirados de Gomes (2005, p. 114).

<sup>50</sup> Exemplos extraídos de Cyrino (2012, p.152).

No PB houve mudança na constituição de traços de T das sentenças finitas (enfraquecimento da concordância) que afetou também o T não finito, evidenciado pela estrutura ambígua e causativa com o infinitivo flexionado. Assim, a perda do movimento XP em causativas é evidenciado com a existência de estrutura causativa sem movimento, com T não finito e não defectivo. Isso quer dizer que, em PB, as causativas analíticas se configurarão em duas orações distintas, com dois C/TPs.

Considerando os dados de Davies e Ferreira (2006), Cyrino mostra que, no PB, a partir do século XVI, as causativas *fazer-infinitivo* são as primeiras construções de predicado complexo a desaparecer e as causativas produtivas são aquelas em que no domínio encaixado há C-T. Para a autora, esse resultado evidencia que as causativas são reanalisadas como contendo Ts não defectivos.

Vale destacar que minha posição é divergente em relação ao que é considerado como amostra do PB. Nesta pesquisa, assumo a posição de Tarallo (1993) de que a emergência da gramática própria do PB se dá no final do século XIX. Embora não se possa considerar dados do século XVI como representativos do Português do Brasil, citei-os aqui para contribuição no entendimento da evolução da variação das causativas no Português no Brasil.

Esses dados mostraram também que as causativas se configuraram como sentença ECM e sentença de infinitivo flexionado com contextos de ambiguidade, como (68). T poderia ser defectivo ou não defectivo, conforme Cyrino.

(68) João mandou o menino sair.

T<sub>[defectivo]</sub> = infinitivo não flexionado, acusativo (o menino), ECM

T<sub>[não defectivo]</sub> = infinitivo flexionado, nominativo (o menino), CP

A partir da constatação de que sujeitos nominativos não nulos ocorriam em outras sentenças da língua, na presença de um T empobrecido, ou seja um T com traço só de número, Cyrino (2012) propõe que a mudança no PB consiste no fato de que “uma estrutura não finita que contém um C-T<sub>[defectivo]</sub> é perdida em favor de uma estrutura semelhante que contém um C-T<sub>[não defectivo]</sub>”. (CYRINO, 2012, p.155). Essa mudança indica que, no PB contemporâneo, a interpretação da sentença (68) se desenvolva considerando a cláusula encaixada com T<sub>[não defectivo]</sub> = infinitivo flexionado e verificação de Caso nominativo (o menino).

Diante do exposto, considero que, se a análise de Cyrino (2012) estiver no rumo adequado da mudança em PB, os dados da presente pesquisa mostrarão que, no século XIX e início do século XX, haverá ambiguidade entre esses dois tipos de configurações na complementação do núcleo causativo: C-T<sub>[defectivo]</sub>, C-T<sub>[não defectivo]</sub> (ECM e infinitivo flexionado). Já da segunda metade do século XX até hoje, começa a se consolidar uma estrutura nova, com uma cláusula encaixada com traços de sentença canônica em PB, ou seja, com C-T<sub>[não defectivo]</sub>. Retomo esse tópico no Capítulo 6.

Analisar, na estrutura causativa, a sentença encaixada como uma estrutura sentencial canônica implica considerar fatores como:

- causado (ou sujeito do verbo mais baixo) com verificação de Caso Nominativo;
- redução do conjunto dos traços *phi* em C-T em sentenças finitas; Perda do traço [pessoa] (GALVES, 1993); Presença só do traço [número] (NUNES, 2007);
- verbo infinitivo com traços de verbo finito, ou seja, T<sub>[não defectivo]</sub> (CYRINO, 2010; 2012);

Esses fatores direcionaram a presente pesquisa em relação ao percurso histórico da variação nesse tipo de estrutura na verificação de Caso do causado (Nominativo, Dativo, Acusativo, Oblíquo); no comportamento do infinitivo (que se tornou similar ao comportamento do T finito no PB contemporâneo); na complementação oracional do verbo causativo na estrutura causativa analítica.

Diante do exposto acerca das construções causativas analíticas, apresento agora um resumo para melhor entendimento. Conforme mencionado no início desta subseção e considerando as configurações apresentadas, observa-se um conjunto de variação morfossintática passível de ser encontrado nos dados em estudo no presente trabalho, no período de tempo a partir do século XIX até a contemporaneidade, em PB. Assim, são apresentadas a seguir, as configurações das variantes em PB, tendo como referência, de modo específico, os estudos diacrônicos e sincrônicos analisados por Bittencourt (1995), Gomes (2005), Borges (2008), Cyrino (2010, 2012). Considerou-se a forma de preenchimento do causado na organização das configurações.

(69) **a. Infinitivo Flexionado / (causado nominativo)**  
 Maria mandou [os pintores comprarem mais tinta].

**b. Infinitivo Flexionado / ECM (causado nominativo / causado acusativo)**  
 Maria mandou [os pintores comprar mais tinta].  
 Maria mandou [eles comprar mais tinta].

**c. Marcação de Caso Excepcional – ECM (causado acusativo)**

Maria mandou-os [comprar mais tinta].

Maria me deixou sair mais cedo.

**d. Fazer-Infinitivo (causado PP dativo)**

Maria mandou [comprar mais tinta aos pintores].

Maria mandou-lhes [comprar mais tinta].

**e. Fazer-por (causado PP não-dativo)**

Maria mandou [comprar mais tinta (pelos pintores)].

Maria mandou-a [comprar (pelos pintores)].

**f. Causado Nulo (causado nulo – PRO)**

Maria mandou comprar mais tinta.

Destaco, a princípio, que nessas configurações, a forma de preenchimento do causado ou a ordem dos constituintes não fornecem um critério claro de análise. O causado nulo, por exemplo, pode fazer parte de uma estrutura que não licencia o sujeito do infinitivo como a estrutura Fazer-Por ou se configurar como sujeito nulo referencial/ nulo genérico numa estrutura que licencia o sujeito, tal como proposto em Sheeham e Cyrino (2016).

Já a ordem VSV pode ocorrer em uma configuração de infinitivo flexionado ou de ECM. Esses aspectos sinalizam que a realização lexical não expressa a estrutura subjacente dessas estruturas, requerendo a aplicação de um aparato teórico para a descrição e explicação da derivação dessas sentenças numa abordagem translinguística. Esse é o propósito delineado para a presente tese.

Esse conjunto de variação na sintaxe da construção causativa, embora em abordagens teóricas diferentes, é atestado por Bittencourt, Borges e Gomes, nos estudos citados, como um feixe de variação relacionado a um processo de mudança sintática pelo qual o PB está passando. Nesse sentido, retomo Tarallo (1993) em relação à possibilidade de haver mudanças sintáticas sintaticamente induzidas.

Esse contexto descritivo sinaliza que a variação e a sintaxe das causativas em PB se devem à reorganização do sistema pronominal; enfraquecimento do paradigma flexional das formas verbais, tendência ao preenchimento da posição de sujeito, constituindo processo de alteração na marcação paramétrica da gramática do PB e fase de mudança em progresso.

Os estudos sobre as causativas analíticas em PB revelam dois conjuntos de variação que se estabelecem no complemento infinitivo do verbo causativo. O primeiro conjunto são variações morfossintáticas tais como (complementação sentencial do núcleo causativo com sujeito preenchido, ordem SV, sujeito gramatical nominativo). Essas variações

serão investigadas sob o aparato teórico metodológico da Sociolinguística Paramétrica, buscando explicar o encaixamento na gramática do PB.

O segundo conjunto de variação, observada nas causativas sintéticas e nas causativas analíticas, as últimas tanto no PE quanto no PB, diz respeito ao estatuto do XP encaixado. Diferenças semânticas, morfológicas e sintáticas são entendidas na literatura Gerativa atual como instâncias da estrutura interna do complemento de  $v$  causativo, o qual seleciona uma raiz lexical ou um XP, tal como atestado por Harley (1995, 2005); Miyagawa (1998, 2010b) Pylkkänen (2002, 2008), Legate (2014), Camargos (2013), Duarte e Camargos (2011).

Na variedade colonial do PB, Borges (2008) aponta a presença da estrutura Fazer-Infinitivo e da estrutura Fazer-Por. Já na sincronia, é constatada a ausência dessas estruturas, mas a presença da estrutura ECM com ambiguidade com o Infinitivo Flexionado e o Causado Nulo com alta produtividade durante todo o período analisado. Isso indica, como anteriormente mostrado, que na diacronia, o XP encaixado pode ser  $vP$  ou  $VP$ , na sincronia a estrutura ambígua pode projetar XP sendo  $TP_{\text{defectivo}}$  ou CP, já o Causado nulo pode estar em uma configuração em que o XP pode se projetar como  $VP$  ou  $vP$ .

Gomes (2005) constata a ordem VSV com 73,7% de ocorrências. O fato de o sujeito infinitivo estar intercalado entre o verbo causativo e o verbo infinitivo sinaliza que a estrutura se configura como ECM ou como Infinitivo flexionado, sendo assim seleciona  $TP_{\text{defectivo}}$  ou CP. Já Cyrino (2010, 2012) defende que no PB contemporâneo, o núcleo causativo projeta somente CP.

Para tratar, de maneira uniforme e translinguística, desse segundo conjunto de variação tanto nas causativas sintéticas como nas causativas analíticas, farei uso também da abordagem teórico metodológica da Sociolinguística Paramétrica. A explicação da variação na seleção do núcleo causativo ( $VP$ ,  $vP$ ,  $TP$ ,  $CP$ ), ou seja, do complemento selecionado por  $v$ , tomarão como rumo teórico as propostas de Pylkkänen (2002, 2008), Legate (2014).

### 3.4 Resumo do capítulo

Buscou-se, neste capítulo, apresentar descrições e explicações para as causativas sintéticas e analíticas. Os estudos, de forma geral, contribuíram para o entendimento das intrincadas relações morfológicas, semânticas e sintáticas nas construções causativas. A

lacuna que se estabelece diz respeito a um tratamento uniforme da variação sintática nessas construções que dê conta de explicar estruturas causativas e sintéticas ao longo do tempo.

Os estudos também mostraram que se trata de uma estrutura com dois eventos (evento da causação e evento causado) seja expresso com duas orações ou com uma oração. No entanto, analisar a estrutura causativa como mono-oracional ou como bioracional apenas é insuficiente, uma vez que estrutura aparentemente mono-oracional pode conter duas orações como mostrou Milano (2014). Estrutura com verbo causativo lexicalizado e verbo infinitivo pode se apresentar como estrutura intermediária como mostrou Comrie (1981).

Destaco que tratar a estrutura somente como sintética e como analítica pode ser complicado, uma vez que a nomenclatura *causativa sintética* engloba várias outras propriedades como causação direta/indireta, causativa lexical, causativa morfológica. Além disso, morfemas causativos são realizados tanto em estruturas analíticas como em estruturas sintéticas. Assim, reitero que causativa analítica, nesta tese, refere-se à estrutura com o verbo causativo lexicalizado, realizado na estrutura superficial da sentença, e estrutura sintética é aquele em que o verbo causativo (fazer, mandar, deixar) não é lexicalizado.

Outro ponto que merece destaque é o fato de a complementação do verbo causativo ser analisado de diferentes formas. Bittencourt (1995, 2001), Trannin (2010), Borges (2008) abordam a complementação quanto à forma dos constituintes lexicalizados. Gonçalves (1999) trata das categorias funcionais projetadas no domínio encaixado.

Diante do exposto, observa-se a necessidade de um tratamento mais uniforme para a variação nas estruturas causativas. Assim, na perspectiva Minimalista da Teoria de Princípios e Parâmetros, busco, neste trabalho, explicar a variação das causativas no PB sob a abordagem de Kratzer (1996), Pylkkänen (2002, 2008), Legate (2014). No capítulo que segue apresento a proposta de análise teórica que tem como foco a complementação do núcleo causativo.

## 4 MAPEAMENTO SINTÁTICO DAS CONSTRUÇÕES CAUSATIVAS

Pylkkänen (2002, 2008) assume que a causativização se estabelece na sintaxe e não exige, necessariamente, o aumento no número de argumentos do verbo. Trata de um evento composto de duas fases; evento da causação e evento causado. Para explicar a similaridade e a variação das construções causativas entre as línguas, a autora defende a existência de um argumento implícito causativo que introduz o evento da causação (CauseP) e assume a proposta de VoiceP como introdutor de argumento externo.

A autora propõe que todas as línguas podem projetar o núcleo  $v^o_{\text{CAUSE}}$  e ainda que esse núcleo pode ser projetado de forma agregada a VoiceP ou separadamente. Acrescenta-se ainda a variação na seleção do complemento de  $v^o_{\text{CAUSE}}$ , a qual pode ser um complemento VP sem argumento externo, pode selecionar diretamente uma raiz de categoria neutra<sup>51</sup>, ou ainda um vP fásico com argumento externo. Na análise dos dados da presente pesquisa, eu proponho alargar essa proposta de Pylkkänen (2002, 2008), demonstrando que o núcleo causativo pode selecionar categorias mais amplas que o vP fásico, tal como complemento TP defectivo e ainda um complemento sentencial completo C-T, como mostrarei adiante.

Nesse contexto sintático, o vP é bipartido em VoiceP (introduz argumento externo e atribui caso acusativo) e  $vP_{\text{CAUSE}}$  (introduz a semântica da causação). Apresento, neste capítulo o mapeamento sintático das construções causativas. Primeiramente, mostro a fundamentação da proposta de licenciamento do núcleo causativo e do núcleo Voice P. A seguir apresento a proposta dos parâmetros agregação de Voice e Cause e a complementação que o núcleo cause pode selecionar. Além disso, apresento a ampliação da proposta de Pylkkänen, nos trabalhos citados, para a explicação de estruturas causativas cujo núcleo causativo seleciona um complemento sentencial completo.

### 4.1 $vP_{\text{CAUSE}}$ – Estrutura Bipartida do vP

Pylkkänen (*op. cit*) defende a ideia de que toda construção causativa é formada com um núcleo causativo, um elemento verbal funcional, responsável por introduzir o evento de causação na semântica da estrutura. Além disso, o núcleo  $v^o_{\text{CAUSE}}$ <sup>52</sup> sintaticamente tem a

<sup>51</sup> Expressão “raiz de categoria neutra” usada nos termos de Marantz (1997).

<sup>52</sup> O núcleo causativo tem recebido vários rótulos no âmbito da literatura da Teoria Gerativista, tais como  $v^o$  e Cause<sup>o</sup>. Assumimos, neste trabalho, a representação  $v^o_{\text{CAUSE}}$  para esse núcleo.

forma de um verbo leve com a projeção ( $vP_{CAUSE}$ ) e com a função de encaixar o evento causado como seu complemento.

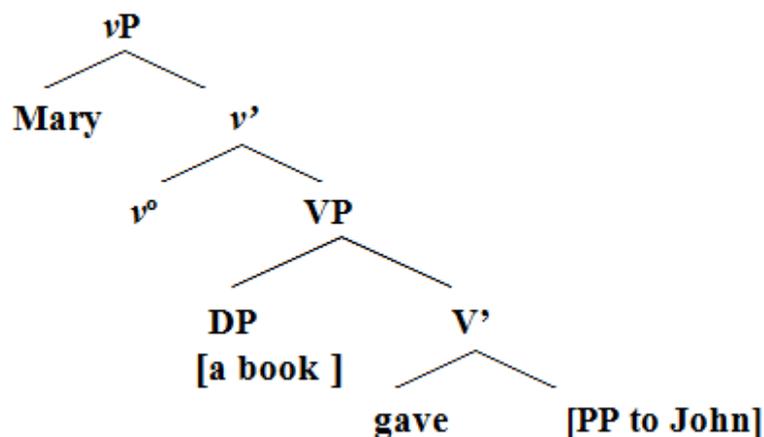
Essa ideia do núcleo causativo como um verbo leve parte da proposta de Larson (1988) ao defender uma estrutura verbal bipartida, capaz de explicar a estrutura de verbos de três lugares, a saber um argumento externo e dois argumentos internos. Larson (*op. cit.*) postula que cada núcleo lexical pode projetar um nível sintagmático acima, formando uma estrutura argumental complexa que possui dois VPs.

Essa estrutura bipartida é revista e adotada no Programa Minimalista por Hale e Keyser (1993) e por Chomsky (1995). De acordo com Chomsky (1995), a construção sintática constitui uma estrutura em que o VP mais baixo projeta um núcleo lexical  $V^0$  e o  $vP$  mais alto possui um verbo leve<sup>53</sup>  $v$  foneticamente nulo, que pode ser o núcleo causativo  $v^0$ , conforme ilustrado em (1).

#### VERBO DITRANSITIVO

(1) a. Mary gave a book to John.

b.



Em (1b), o verbo *gave* “dar” é gerado em  $V^0$  e se incorpora ao núcleo  $v^0$ , nos termos de Baker (1988), formando uma estrutura complexa. Pelo fato de o verbo leve possuir um traço V forte, é acionado o movimento do verbo lexical.

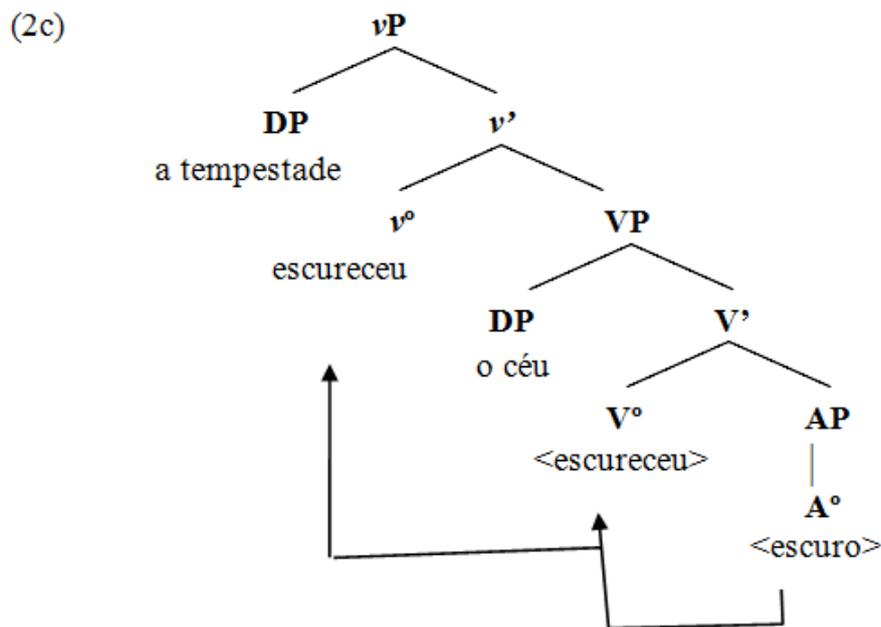
Em uma versão aprimorada sobre estrutura argumental, Hale e Keyser (1993, 2002) propõem que os verbos têm uma estrutura argumental complexa, e são formados a partir da operação *conflation*, realizando a fusão de uma raiz acategorial a um núcleo

<sup>53</sup> Segundo Hornstein et al (2005), um verbo leve é aquele cujo sentido depende do sentido de seu complemento, ou seja, tem importância sintática, mas é semanticamente leve. Forma, dessa maneira, um predicado complexo. Para mais explicações sobre verbo leve em predicados complexos, Butt (2003).

sintático. Nesse contexto, a formação de um verbo envolve um núcleo  $v^0$ , verbo leve, e um  $X^0$  (que pode ser  $A^0$ ,  $P^0$ ,  $N^0$ ,  $V^0$ ). O verbo leve pode ser fonologicamente realizado, ou não.

Essa operação consiste na condensação de núcleos sintáticos em que a matriz fonológica do núcleo de um complemento (N, A....) é inserida na posição de núcleo, vazio ou afíxal, que o governa, originando uma única palavra. Verbos que denotam mudança de estado, por exemplo, segundo Hale e Keyser (1993, 2002), são formados a partir de uma raiz adjetival, no seguinte processo: uma primeira operação *conflation* faz um núcleo  $A^0$  se juntar a  $V^0$ ; e em segunda operação *conflation* o verbo formado se junta a  $v^0$ . Essas operações são ilustradas em (2)<sup>54</sup>.

- (2) a. O céu está escuro.  
 b. O céu escureceu.  
 c. A tempestade escureceu o céu.



(CAMARGOS, 2013, p.72)

Para o exemplo (2c), Camargos (2013) explica que, primeiramente, ocorreu o processo de *conflation* que formou o verbo *escureceu*, a seguir, ocorre outra operação *conflation* com o núcleo causativo  $v^0$ , formando o verbo transitivo *escurecer*.

<sup>54</sup> Exemplos e representação arbórea de (CAMARGOS, 2013, p.72).

Blanco (2010) observa que, em relação a  $v^o$  causativo, Chomsky (1995) assume que ele tem função de atribuir interpretação causativa ao predicado, atribuir caso acusativo ao DP do complemento VP e ainda projetar uma posição de especificador que aloca o argumento externo. Pylkkänen (*op. cit.*), por sua vez, constata que o  $v^o$  causativo não está necessariamente ligado ao argumento externo, ou seja, há sentenças que licenciam o núcleo causativo, mesmo na ausência de um argumento externo agentivo, como veremos mais adiante. Além disso, Pylkkänen (*op. cit.*), assume a proposta de Kratzer (1994,1996) de que o argumento externo é introduzido na estrutura por um núcleo diferente de VP, como mostro a seguir.

#### 4.2 VoiceP – O Lugar do Argumento Externo

A partir da proposta de Marantz (1984) de que o argumento externo não é argumento do verbo, mas argumento selecionado pela predicação composta do verbo e seu argumento, Kratzer (1996) desenvolve análise em que o argumento externo é gerado em núcleo diferente de VP. O argumento robusto de Marantz (*op. cit.*), adotado por Kratzer (1986), no que concerne ao estatuto do argumento externo se refere a expressões idiomáticas. Nessas expressões, o argumento externo não provoca alterações semânticas, ao passo que o argumento interno afeta o sentido básico da predicação, como demonstrado em (3)<sup>55</sup>

- (3)
- a. take a book from the shelf.
  - b. take a bus to New York.
  - c. take a nap.
  - d. take an aspirin. ( MARANTZ, 1984, p.25)

Assim, em (3) fica explícito que o argumento interno é gerado dentro do VP, mas o argumento externo é gerado fora do VP, tanto que se adicionarmos um sujeito às expressões citadas, o sentido não seria afetado. Kratzer, dessa forma, propõe que, durante a derivação sintática, o argumento externo agente é introduzido por um núcleo, nomeado de Núcleo Voice<sup>o</sup>. Para a autora, trata-se de um núcleo funcional com dupla função (i) introduzir

<sup>55</sup> A tradução não foi colocada no corpo do texto por se tratar de expressões idiomáticas.

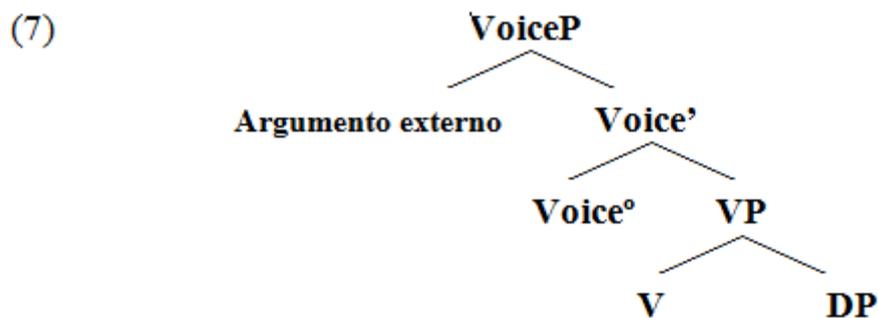
- a. take a book from the shelf – tirar um livro da estante
- b. take a bus to New York. – pegar um ônibus para Nova Iorque
- c. take a nap. – tirar uma soneca
- d. take an aspirin. – tomar uma aspirina

argumento externo e (ii) atribuir Caso estrutural, caso acusativo ao DP objeto. Esse núcleo pode ser fonologicamente realizado ou não, como nos exemplos a seguir.

- (4) George sold the sofa to my aunt.  
 (5) George vendeu o sofá para a minha tia.  
 (6) Hasan            **geu-peu**-reubah        aneuk    nyan.  
       Hasan            3POL-CAUS-cair        criança    DEM  
       ‘Hasan fez a criança cair.’

Para Legate (2014), no exemplo (4), do inglês, o núcleo Voice<sup>o</sup> não é realizado morfologicamente. Estendo esse mesmo entendimento para o exemplo (5) do Português. Já em (6), na língua Acehnese, de acordo com o estudo de Legate (2014), esse núcleo é realizado por meio do morfema {*geu*}.

Kratzer conclui que argumentos externos são argumentos de Voice, gerados em Spec de VoiceP e ainda que VoiceP é alocado diretamente acima de VP, na ausência de outros núcleos flexionais. Essa proposta pode ser mais bem visualizada, conforme delineada na estrutura sintática abaixo:



Apresento, a seguir, a forma como Pylkkänen (2002, 2008) une essas propostas na delimitação dos parâmetros que atuam na variação nas estruturas causativas. Para a autora, os núcleos Voice<sup>o</sup> e  $v^{\circ}_{\text{CAUSE}}$  podem se realizar de maneira independente ou agregada no Parâmetro Agregação de VoiceP (*Voice-bundling*). Já o núcleo  $v^{\circ}_{\text{CAUSE}}$  pode selecionar diferentes estruturas argumentais como complemento, no Parâmetro c-selecção de  $v^{\circ}_{\text{CAUSE}}$ .

#### 4.2.1 Parâmetro - Agregação de VoiceP

Pylkkänen assume a definição de causatividade como uma relação entre dois eventos (PARSONS, 1990), em que

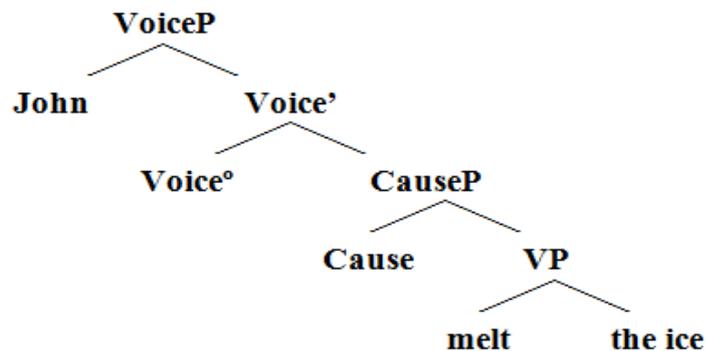
(8) a. *John melted the ice.*

b. ‘John foi o agente de algum evento que causou o derretimento do gelo.’

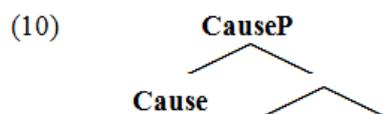
(PYLKKÄNEN, 2008, p. 86)

Assim, é mostrado que na sentença causativa há uma relação de causação entre o evento de causação e o evento causador e uma relação temática entre o evento de causação e o elemento que se realiza como argumento externo. Combinando essa interpretação com a proposta de Voice<sup>o</sup> como núcleo introdutor do argumento externo (KRATZER, 1996), a autora apresenta a árvore sintática em (9). Nesta representação, o núcleo Cause se junta com o VP apresentando o evento causado, e o núcleo Voice<sup>o</sup>, por sua vez, introduz o agente do evento da causação. Mais à frente no texto, veremos que a estrutura argumental da sentença pode ser alternada a partir da proposta de agregação de Voice<sup>o</sup> e Cause<sup>o</sup>.

(9) *John melted the ice.* (PYLKKÄNEN, 2008, p. 88)



Como visto, o núcleo de VoiceP é projetado para introduzir o argumento externo. Sendo assim, se não há argumento externo não haverá projeção de Voice<sup>o</sup>. Nessa perspectiva, a autora propõe a existência de causativas sem argumento externo, logo sem VoiceP. Na análise bieventiva (evento da causação e evento causado), VoiceP pode ser separado de CauseP. Esse aspecto é constatado nas causativas com verbos inacusativos, como exemplificado em (10), implicando assim evento de causação sem argumento externo, existentes no Japonês e no Finlandês.



(PYLKKÄNEN, 2008, p. 99)

A configuração em (10) representa uma estrutura que projeta CauseP, mas não projeta VoiceP, evidenciando que esses núcleos podem ser projetados separadamente. Essa descrição, segundo a autora, é aplicada às chamadas causativas lexicais de adversidade em Japonês e as construções desiderativas em Finlandês. Nas causativas com a interpretação de adversidade, o argumento nominativo é interpretado como argumento afetado pelo evento descrito pelo verbo não causativo, não como o causador do evento, o que gera ambiguidade de interpretação, em (11).

- (11) *Taroo-ga musuko-o sin-ase-ta*  
 Taro-NOM filho-ACC morrer-CAUS-PAST  
 (i) “Taro fez seu filho morrer”  
 (ii) “O filho de Taro morreu em detrimento de Taro” (causativa de adversidade)  
 (PYLKKÄNEN, 2008, p. 90)

As causativas de adversidade mostram um evento de causação sem a presença de um agente causador. Para explicar essa relação, a autora evidencia que essa construção apresenta um argumento nominativo que não é argumento externo e que não é agente. Não há um argumento evento implícito. Mostra também que, embora a interpretação causativa não seja óbvia, ela apresenta uma leitura semântica de causativização.

Para comprovar essas propriedades, é tomada a generalização de que sentenças com sujeitos derivados não aceitam voz passiva (PERMULTER e POSTAL, 1984). Diante disso, a autora faz as seguintes predições:

- a) Se o argumento nominativo afetado nas causativas de adversidade for um argumento externo, a passivização seria possível e um sentido de argumento afetado implícito seria introduzido.
- b) Se esse argumento for um sujeito derivado, a passivização faria a interpretação de adversidade desaparecer.

Esse teste mostra, conforme exemplificado em (12), que se trata de uma estrutura que não aceita passivização, logo não apresenta um argumento externo implícito. Seu argumento nominativo não é argumento externo, é sujeito derivado.

- (12) *musuko-ga sin-ase-rare-ta*  
 filho-NOM morrer-CAUS-PASS-PAST  
 (i) “O filho foi morto”

- (ii) \* “O filho de alguém foi morto em detrimento desse alguém” (argumento afetado implícito) (PYLKKÄNEN, 2008, p. 90)

A construção causativa de adversidade é comparada à construção passiva de adversidade, para comprovar que a causativa tem uma leitura semântica de causação que é ausente na construção passiva, exemplificado em (13).

- (13) *Taroo-ga musuko-ni sin-are-ta*  
 Taro-NOM filho-DAT morrer-PASS-PAST  
 “O filho de Taro foi morto em detrimento de Taro” (passiva de adversidade)  
 (PYLKKÄNEN, 2008, p. 91)

Embora as construções se assemelhem, a passiva não tem uma morfologia causativa. Ao acrescentar o sintagma posposicional que introduz uma especificação de evento causativo *ni-yotte* (similar à estrutura *by-phrase* do Inglês), a causativa de adversidade expõe o evento de causação, o que não acontece com as causativas passivas, conforme exemplificado em (14a e 14b).

- CAUSATIVA DE ADVERSIDADE + PP EVENTO DA CAUSAÇÃO  
 (14a) *Taroo-ga sensoo-ni.yottemusuko-o sin-ase-ta*  
 Taro-NOM guerra-por filho-ACC morrer-CAUS-PAST  
 “O filho de Taro foi morto em detrimento de Taro pela guerra”

- PASSIVA DE ADVERSIDADE + PP EVENTO DA CAUSAÇÃO  
 (14b) \* *Taroo-ga sensoo-ni.yotte musuko-ni sin-are-ta*  
 Taro-NOM guerra-por filho-DAT morrer-PASS-PAST  
 “O filho de Taro morreu em detrimento de Taro pela guerra”  
 (PYLKKÄNEN, 2008, p. 91)

Além da constatação acima, o sintagma posposicional referido tem a propriedade de especificar um argumento implícito. Assim, esse sintagma será aceito em construções passivas e não será aceito em construções com verbos inacusativos, estas não apresentam argumento implícito ou evento de causação implícito.

Outra propriedade desse sintagma (*ni-yotte*) é modificar argumento evento. A autora mostra que causativa de adversidade tem um argumento evento implícito que a passiva de adversidade não tem. Esse argumento evento implícito, no entanto, não é argumento externo. Se assim o fosse, o sintagma preposicional seria capaz de especificar não somente o

evento de causação, mas também o participante do evento. Se esse sintagma especificar esse participante, a sentença torna-se agramatical, como mostrado no exemplo em (15).

(15) CAUSATIVA DE ADVERSIDADE + PP INDICANDO O AGENTE

*\*Taroo-ga Hanako-ni-yotte musuko-o sin-ase-ta.*

Taro-NOM Hanako-por filho-ACC morrer-CAUS-PAST

“O filho de Taro morreu em detrimento de Taro por Hanako” (PYLKKÄNEN, 2008, p. 92)

Em relação a esse teste, pode-se concluir que o sintagma posposicional *ni-yotte* modifica o evento da causação e o participante do evento nas construções passivas de adversidade, ao passo que nas causativas de adversidade apenas o evento de causação é modificado, uma vez que o participante não é existente.

O que foi até aqui exposto mostra que a causativa de adversidade envolve um núcleo causativo que introduz um evento de causação, mas não introduz o argumento externo. Como o núcleo Voice não foi projetado, não há argumento externo. Isso justifica a análise bipartida proposta em que o Núcleo Voice pode ser separado do Núcleo Cause.

Como mais um suporte a favor desse fato linguístico, a autora mostra que em Finlandês, há estruturas causativas que projetam núcleo Cause e não apresentam Voice. A causativização de verbo inergativo resulta em construção causativa sem a introdução de argumento novo na sintaxe, com um argumento pré-verbal, partitivo e com sentido desiderativo. Da mesma forma que as causativas de adversidade em Japonês, as construções causativas desiderativas não apresentam um sentido causativo óbvio, mas permitem uma leitura semântica de causatividade, conforme exemplificado em (16)

(16) *Maija-a laula-tta-a*

Maija-PART cantar-CAUS-3.SG

“Maija sente vontade de cantar” (PYLKKÄNEN, 2008, p. 86)

A autora explica que o argumento partitivo não é argumento externo e sim um sujeito derivado. A explicação parte do fato de esse argumento apresentar caso partitivo. Em Finlandês, geralmente o objeto do verbo é partitivo, quando o evento é descrito por um verbo estativo, o qual apresenta uma interpretação de tempo presente não habitual.

Como a construção desiderativa apresenta essa mesma interpretação para o presente, a autora assume que a causativa desiderativa é estativa, apresenta um argumento pre-verbal partitivo, sendo que o caso desse objeto é retido pelo sujeito derivado, como ocorre

na forma passiva de um verbo estativo, exemplificado em (17). Esse contexto sintático mostra que o argumento partitivo exhibe as propriedades de um sujeito derivado.

- (17) Pekka-a rakaste-ta-an.  
 Pekka-PART amar-pass-agr  
 ‘Pekka é amada.’ (PYLKKÄNEN, 2008, p. 96)

Cabe acrescentar que, em Finlandês, o argumento externo pode ser licenciado no caso partitivo, mas somente com nomes plurais ou incontáveis (*mass nouns*), sendo agramatical com nomes no singular. Isso evidencia que o elemento partitivo representado por um nome no singular não é argumento externo.

Outro ponto a favor da ausência do argumento externo nas causativas desiderativas é a impossibilidade, em geral, de o partitivo não poder ser um sujeito experienciador. Isso é demonstrado a partir do verbo *like* que seleciona um objeto ‘*elative*’ e um argumento externo nominativo experienciador. Como o experienciador partitivo nas causativas desiderativas é agramatical, prova-se que há propriedades diferentes nessa construção, tal como o argumento partitivo não ser argumento externo, por isso não funciona como experienciador. Tal situação é arrolada nos exemplos a seguir.

- (18) a. *Minä pidän sinu-sta.*  
 Eu.nom gostar você-ela  
 ‘Eu gosto de você.’
- b. *Sinu-sta pide-tä-än.*  
 Você-ela gostar-PASS-AGR  
 ‘Você é gostar (particípio).’
- c. \**Minu-a pidä sinu-sta.*  
 Eu.PART gostar você-ela  
 ‘Eu gosto de você.’ (PYLKKÄNEN, 2008, p. 97)

A autora evidencia também que as causativas desiderativas, da mesma forma que as causativas de adversidade, têm um argumento implícito que não é argumento externo. Isso é mostrado pelo fato de o evento de causação introduzido pelo morfema causativo poder ser questionado nas causativas desiderativas e não poder ser nas construções que expressam desejo somente. Esse argumento implícito não é um argumento externo, posição essa fundamentada, uma vez que a sentença se torna agramatical quando se levanta pergunta que

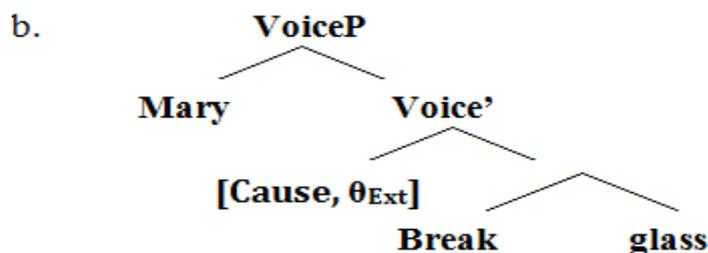
se refere ao participante do evento e não ao evento em si. Observe o exemplo em (19), a seguir:

- (19) \**Minu-a naura-tta-a mutt-en tiedä kuka.*  
 Eu-PART sorrir-CAUS-3SG mas-não.1SG saber quem.NOM  
 ‘Algo me faz sorrir mas eu não sei quem (me faz sorrir),’  
 (PYLKKÄNEN, 2008, p. 98)

A descrição das causativas de adversidade do Japonês e as causativas desiderativas do Finlandês explicitam que os elementos funcionais Cause e Voice são independentes um do outro. Para Pylkkänen (*op. cit.*), no estabelecimento de uma teoria forte, essa separação seria universal e CauseP não introduz argumento externo, uma vez que essa função é própria do VoiceP.

Ademais, é proposto também que Voice<sup>o</sup> e Cause<sup>o</sup> podem ser agrupados em um morfema no léxico de uma língua particular, formando uma unidade sintática, como ocorre no Inglês, exemplificado em (20). Esse sincretismo seria similar ao formado por *Tense* e *Agreement* nas línguas que não tem Infl cindido.

- (20) a. Mary broke the glass.



(PYLKKÄNEN, 2008, p. 100)

Em resumo, a autora parametriza essas categorias da seguinte forma:

- I. **Núcleos distintos:** As línguas podem apresentar o núcleo Cause e o núcleo Voice em morfemas distintos, com Cause introduzindo o evento de causação e Voice introduzindo o argumento externo. Presença do argumento externo é facultativa.
- II. **Núcleos agregados:** As línguas podem apresentar o núcleo Cause e o Núcleo Voice sincretizados em um único morfema. Presença do argumento externo é obrigatória.

Apresento a seguir as possibilidades de complementação do núcleo causativo, de acordo com essa proposta de análise.

#### 4.2.2 Parâmetro - *c-selecção de $v^{\circ}$ cause*

Como anteriormente mostrado, o núcleo  $v^{\circ}_{\text{CAUSE}}$  pode selecionar como seu complemento, (PYLKKÄNEN, 2008):

- I. uma raiz de categoria neutra (i.e.  $\surd$ );
- II. um sintagma verbal sem argumento externo (i.e. vP);
- III. um vP fásico com argumento externo<sup>56</sup>.

A seleção de cada tipo de complemento acima mostrado depende das propriedades que ele apresenta. Nesse sentido, a autora descreve as propriedades de cada complemento (Quadro 5) a partir de diagnósticos sintáticos e morfológicos, como traduzido por Camargos, (2013).

Quadro 5 - Propriedades que Predizem os Complementos de  $v^{\circ}_{\text{CAUSE}}$

DIAGNÓSTICOS	SELEÇÃO DE RAIZ $\surd$	SELEÇÃO DE vP	SELEÇÃO DE vP FÁSICO
a. Permite modificação adverbial de vP abaixo de $v^{\circ}_{\text{CAUSE}}$ ?	Não	Sim	Sim
b. Permite morfologia verbal entre $v^{\circ}_{\text{CAUSE}}$ e a raiz $\surd$ ?	Não	Sim	Sim
c. Permite modificação adverbial orientada para agente abaixo de $v^{\circ}_{\text{CAUSE}}$ ?	Não	Não	Sim
d. Permite morfologia de aplicativo alto entre $v^{\circ}_{\text{CAUSE}}$ e a raiz $\surd$ ?	Não	Não	Sim

Fonte: PYLKKÄNEN, 2008, p. 106

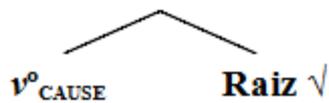
No entanto, a análise dos dados da presente pesquisa mostra que a predição de Pylkkänen(2008) não está totalmente correta. Veremos adiante que a ampliação dessa proposta é necessária para contemplar línguas em que o núcleo causativo seleciona categorias mais completas que o vP fásico. Passo a apresentar agora as propriedades da estrutura em que  $v^{\circ}_{\text{CAUSE}}$  seleciona uma raiz  $\surd$ .

<sup>56</sup> De acordo com Pylkkänen, uma fase é uma estrutura que deve hospedar um argumento externo ou um argumento aplicado alto.

#### 4.2.2.1 $v^{\circ}_{CAUSE}$ – Seleção de Raiz ✓

Esse tipo de estrutura encaixa uma raiz acategorial diretamente ao verbo e não permite os seguintes contextos: a modificação do evento causado por elemento orientado ao agente; morfema de aplicativo alto entre a raiz e o núcleo  $v^{\circ}_{CAUSE}$ ; interveniência de elemento verbal entre a raiz e o núcleo  $v^{\circ}_{CAUSE}$  e nem que elemento adverbial modifique o evento causado. Para a autora, essa estrutura apresenta o formato em (21):

(21)  $v^{\circ}_{CAUSE}$  SELECIONA UMA RAIZ



A autora mostra que as causativas lexicais japonesas, que têm a interpretação de adversidade como traço distintivo das causativas produtivas, selecionam raiz. Portanto, não licenciam sintagma adverbial modificador do evento causado. Se isso ocorre, a interpretação de adversidade é perdida, conforme o exemplo em (22). Neste exemplo, o modificador *isagiyoku* (*bravamente*) é o responsável pela mudança estrutural.

(22) *Taroo-ga musuko-o isagiyoku sin-ase-ta.*  
 Taro-NOM filho-ACC bravamente morrer-CAUSE-PAST  
 a. ‘Taro corajosamente fez seu filho morrer.’  
 b. \* ‘Alguma coisa fez Taro ser negativamente afetado por seu filho morrer corajosamente. (PYLKKÄNEN, 2008, p. 108)

A mesma situação ocorre, se qualquer elemento verbal estiver interveniente entre a raiz e o núcleo  $v^{\circ}_{CAUSE}$ . No exemplo em (23), o termo *taku* está entre a raiz *sini* e o morfema causativo {-*sase*}.

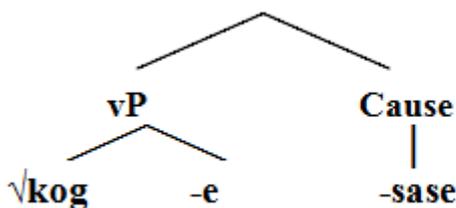
(23) *Taroo-ga musuko-o sini-taku-sase-ta.*  
 Taro-NOM filho-ACC morrer-des-CAUS-PAST  
 a. ‘Taro fez seu filho querer morrer.’  
 b. \* ‘Taro foi negativamente afetado por seu filho querer morrer.’  
 (adversidade) (PYLKKÄNEN, 2008, p. 109)

Pylkkänen mostra que esse tipo de interveniência não é permitido, de forma geral, na língua Japonesa. Nesse sentido, é explicado que os verbos intransitivos e transitivos, nos exemplos (24) e (25), fazem parte da classe de alternância *-e/-as* em *Kogeru/ kogasu* 'queimar (intr.) / queimar (trans.)', em que a forma intransitiva do verbo é derivada com o acréscimo de *-e* à raiz e a forma transitiva, de *-as*. Como esse elemento *-e* é morfologia verbal e define a categoria como verbo e ainda está interveniente entre a raiz e  $v^{\circ}_{\text{CAUSE}}$ , a estrutura causativa não pode ser considerada como  $v^{\circ}_{\text{CAUSE}}$  que seleciona raiz.

Assim, tem-se em (24 a) causativa que não seleciona raiz, na verdade seleciona um  $vP$  e a leitura adversativa falha e em (24b) apresenta-se a derivação do verbo intransitivo *Kogeru*, no qual o núcleo  $v^{\circ}_{\text{CAUSE}}$  não tem uma relação local com a raiz *kog*. Em (25a) tem-se causativa que seleciona raiz e em (25b) apresenta-se a derivação do verbo transitivo *Kogasu* com relação local entre  $v^{\circ}_{\text{CAUSE}}$  e a raiz *kog*.

$v^{\circ}_{\text{CAUSE}}$  SELECIONA UM  $vP$

- (24a) *Taroo-wa niku-o kog-e-sase-ta*  
 Taro-TOP carne-ACC queimar-CAUS-PAST  
 (i) “Taro queimou a carne”  
 (ii) \* “A carne foi queimada em detrimento de Taro” (leitura adversativa)
- (24b)

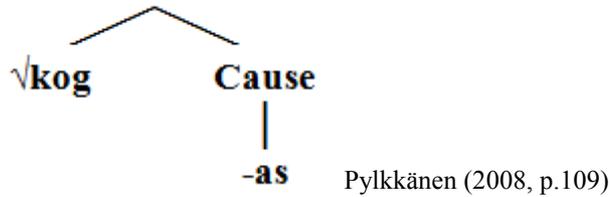


Pylkkänen (2008, p.110)

$v^{\circ}_{\text{CAUSE}}$  SELECIONA UMA RAIZ  $\checkmark$

- (25a) *Taroo-wa niku-o kog-asi-ta*  
 Taro-TOP carne-ACC queimar-CAUS-PAST  
 (i) “Taro queimou a carne”  
 (ii) “A carne foi queimada em detrimento de Taro” (leitura adversativa)

(25b)

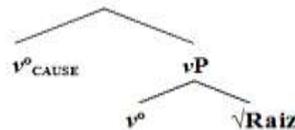


Conforme observado por Blanco (2010), essa alternância estrutural e de sentido demonstra que o  $vP_{\text{CAUSE}}$  pode projetar configurações sintáticas de diferentes tipos, mesmo dentro de uma única língua, e cada configuração impõe restrições sintáticas e de interpretação. Essa é uma das ideias a ser seguida no desenrolar desta investigação.

#### 4.2.2.2 $v^{\circ}_{\text{CAUSE}}$ – Seleção de VP Não Fásico

Esse tipo de estrutura seleciona um  $vP$  como complemento, permitindo a interveniência de elemento verbal entre a raiz e o núcleo  $v^{\circ}_{\text{CAUSE}}$  e modificação do evento causado por item adverbial não agentivo. Essa estrutura não aceita morfologia de introdutor de argumento externo dentro da causativa. Pylkkänen (2008) propõe o formato (26) para essa estrutura.

(26)



Pylkkänen (2008, p.105)

A sentença causativa na língua Bemba seleciona  $vP$ , evidenciado por aceitar morfologia verbal entre o afixo causativo {ya} e a raiz; por aceitar advérbios de modo não agentivos no escopo mais baixo e não aceitar advérbios agentivos, em (27a, b) e por não aceitar aplicativo alto abaixo de  $v^{\circ}_{\text{CAUSE}}$ , exemplificado em (28). Como o caso benefactivo em Bemba é um aplicativo alto, ele combina com verbo inergativo e assim esse aplicativo apresenta escopo alto.

(27 a)    Naa-butwiish-ya                    Mwape                    ulubilo.  
           eu. PAST -correr- CAUS            Mwape                    rapidamente

(i) ‘Eu fiz Mwape correr rapidamente.’

(ii) \*‘Eu rapidamente fiz Mwape correr.’

(Givón 1976, 343, (120))

(27b) Naa-mu-fuund-**ishya** uku-laanda iciBemba ku-mufulo  
 eu.PAST-ele-aprender-CAUS INFIN-falar Bemba de-propósito

(i) \* “Eu fiz ele de propósito aprender a falar Bemba”

(ii) “Eu, de propósito, fiz ele aprender a falar Bemba”

(Givón 1976, 329, (18))

(28) \*Naa-tem-en-eshya Mwape Mutumba iciimuti.  
 eu. PAST -cortar-BEN- CAUS Mwape Mutumba vara

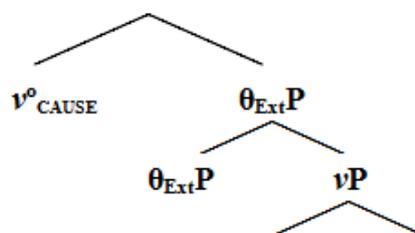
‘Eu fiz Mwape cortar uma vara para Mutumba.’

(Givón 1976, 345, (136)<sup>57</sup>)

#### 4.2.2.3 $v^{\circ}_{CAUSE}$ – Seleção de $vP$ Fásico

Esse tipo de estrutura seleciona um  $vP$  fásico, ou seja, uma estrutura hospeda um argumento externo ou um argumento aplicado alto. As demais restrições vistas para as causativas que selecionam raiz ou verbo não se aplicam às que selecionam  $vP$  fásico. Pylkkänen (2008) propõe o formato (29) para essa estrutura.

(29)



Pylkkänen (2008, p.105)

As evidências partem das línguas Bantu: Venda e Luganda. O morfema causativo {-is} em Venda e o morfema {-sa-} em Luganda aceitam afixo verbal entre esses afixos e a raiz. Essas línguas aceitam também aplicativo alto entre o núcleo causativo e a raiz, conforme exemplificado em (30). Como a posição alta já está preenchida, conseqüentemente, advérbio de modificação agentiva terá o escopo baixo, como exemplificado em (31).

#### (30a) Língua: Venda

a. -tshimbila	‘caminhar’	
b. -tshimbi-dz-a	‘fazer caminhar’	CAUSE
c. -tshimbil-el-a	‘caminhar para’	APPL
d. -tshimbil-e-dz-a	‘fazer [caminhar para]’	APPL-CAUSE

<sup>57</sup> Exemplos 65 e 66 citados em Pylkkänen (2008, p.115).

(30b) **Língua: Luganda**

a. -tambula-	‘caminhar’	
b. -tambu-za-	‘fazer caminhar’	CAUSE
c. -tambul-ir-a-	‘caminhar para’	APPL
d. -tambul-i-z-a-	‘fazer [caminhar para]’	APPL-CAUSE

(31) **Língua: Luganda**

Omusomesa	ya-wandi-s-a	Katonga ne obu nyikivu.
teacher	3sg.PAST-escrever-CAUS-fv	Katonga com dedicação

‘A professor fez Katonga [escrever com dedicação].’

Pylkkänen (2008, p.119)

**4.2.3 Ampliação da Proposta de Pylkkänen (2002, 2008)**

A teoria proposta mostra que o elemento comum às línguas naturais é o núcleo de causação  $v^{\circ}_{\text{CAUSE}}$ . Já o núcleo Voice pode ser projetado ou não. Em relação aos parâmetros, esses não podem ser considerados totalmente ao modo da Teoria de Princípios e Parâmetros, uma vez que o parâmetro de seleção de complemento de  $v^{\circ}_{\text{CAUSE}}$  pode variar dentro da mesma língua, não podendo ser binário. Conforme Blanco (2011), esses parâmetros não são dependentes da língua, mas dependentes da estrutura, por isso eles podem variar dentro de uma mesma língua.

No entanto, a perspectiva de Pylkkänen (2002, 2008) sobre as causativas fornece suporte suficiente para a análise da variação nas causativas sintéticas, tanto interlinguística quanto translinguística, o que me fez tomar essa proposta como aparato teórico para estudar a estrutura argumental nas causativas em PB.

Em relação à complementação de  $v^{\circ}_{\text{CAUSE}}$ , a autora explicita as propriedades sintáticas do complemento XP, em relação à modificação do evento causado, à interveniência de morfologia e de aplicativo alto entre a raiz e  $v^{\circ}_{\text{CAUSE}}$ , à modificação orientada ao agente do evento causado, como anteriormente representado. Um dos meus propósitos, nesta tese, é avaliar essas propriedades nas causativas em PB e verificar o tipo de complemento selecionado por  $v^{\circ}_{\text{CAUSE}}$ .

No entanto, essa proposta não dá conta de explicar a estrutura causativa analítica, ou seja, com verbo causativo lexicalizado na superfície da sentença (mandar, deixar, fazer),

que em PB, seleciona também um complemento sentencial<sup>58</sup>. Sendo assim, assumo que o núcleo  $v^o_{CAUSE}$  pode selecionar ainda mais dois tipos de complementação na estrutura causativa, a saber: TP defectivo e CP. Como essa complementação é comum também a outras línguas, a ampliação da proposta ora apresentada é adequada na explicação da estrutura causativa. Exemplifico esses tipos de complementação, a seguir.

#### 4.2.3.1 $v^o_{CAUSE}$ – Seleção de TP defectivo

É recorrente, entre os estudos que analisam estruturas causativas na Língua Portuguesa (variedade europeia ou brasileira), a evidência de que essas estruturas também se configuram em ECM (Marcação Excepcional de Caso). Desde Chomsky (1981), é considerado que estrutura ECM projeta TP defectivo, uma vez que o verbo da matriz é incapaz de atribuir caso ao elemento sujeito no domínio encaixado.

Chomsky (2001, 2008) assume que a derivação se processa de forma cíclica por fases. Segundo essa teoria, são fases CPs,  $v^*Ps$  e DPs, já TP não é fase. Como anteriormente mostrado, Pyllkkänen (2002, 2008) constata que o núcleo causativo pode selecionar raiz, VP e  $vP$  fásico. O desafio que se impõe é a necessidade de assumir que o núcleo causativo seleciona também como complemento uma projeção intermediária entre CP e a primeira fase, ou seja, TP defectivo. Esse contexto, além do PB a ser explanado adiante, é constatado também em outras línguas em que o núcleo causativo se configura em ECM, tal como PE, Espanhol, Udmurt<sup>59</sup>. Vejamos os exemplos a seguir:

(32) Em PE – exemplo de Gonçalves (1999), anteriormente citado

- a. O professor mandou [ TP os meninos sair].
- b. O professor mandou-os sair.

No Português Europeu, o exemplo (32) mostra que o termo sujeito do infinitivo (os meninos) verifica Caso Acusativo com o verbo mandar no domínio superior. A sentença encaixada é uma projeção reduzida - um TP defectivo, (cf. CHOMSKY, 1986, 1995, 2004 GONÇALVES, 1999; WURMBRAND, 2001).

<sup>58</sup> Blanco (2010) demonstra que causativas analíticas com *make* em inglês também apresentam complemento sentencial.

<sup>59</sup> Udmurt é uma língua minoritária originária da família de língua Uralic, é falada na região Volga-Kama da Federação Russa. As línguas relacionadas mais próximas são Komi e o Komi-Permyak. (ORSOLYA, 2015).

Em Espanhol, contexto similar é observado. O núcleo causativo é complementado por uma estrutura ECM. Nessa configuração, o DP interpretado como causado/sujeito lógico recebe Caso na relação com o ‘vP’ da matriz, conforme indicado a seguir.

(33) Juan la hizo [rechazar el premio]

Juan 3SF.ACC=made reject.INF the prize

‘Juan made her reject the prize.’

‘Juan a fez recusar o prêmio.’

Na Língua Udmurt, o núcleo causativo também seleciona complementação ECM, envolvendo um TP encaixado, segundo Orsoyla (2015). O autor evidencia que a categoria é TP a partir do diagnóstico que mostra o licenciamento de um modificador temporal na cláusula encaixada, conforme demonstrado no exemplo (34) a seguir.

(34) *Sasha Masahjez chukaze bibliotekaje vetlyny kosiz.*  
 Саша Машаез чүказе библиотекае ветлыны косйз.  
 Sasha.NOM Masha.ACC tomorrow library.ILL go.INF order.PST.3SG  
 ‘Sasha ordered Masha to go to the library tomorrow.’  
 ‘Sasha fez Masha ir à biblioteca amanhã.’

A descrição realizada por Trannin (2010), sobre o Português Clássico, mostra que a estrutura causativa ECM é bioracional, o causado ocorre em posição intermediária entre o verbo causativo e o verbo infinitivo; ocorre a marcação excepcional de caso acusativo ao causado pelo verbo matriz e subida de clítico causado obrigatória para o domínio mais alto. O domínio infinitivo encaixado licencia negação frásica e clíticos complementos. Essa estrutura permanece no PB e é exemplificada, com dados do PB, em (35), a seguir.

(35) Henrique – Protesto, meus senhores. **Deixem-me falar**, em nome da lei e das garantias do cidadão. (100-7-A)

Diante da assumpção de que o núcleo causativo seleciona um complemento com projeção da Categoria TP incompleto, aplico os diagnósticos<sup>60</sup> de licenciamento da negação e

<sup>60</sup> Guasti (1993) comprova a partir do não licenciamento de negação, de advérbios de tempo e do auxiliar perfectivo ‘avere’ que as causativas, em Italiano, não selecionam TP como complemento.

de advérbios de tempo na estrutura encaixada. Esses diagnósticos foram inspirados pelo trabalho de Guasti (1993), para o Italiano. Considero aqui o PB contemporâneo.

(36) **NEGAÇÃO**

- a) A mãe fez [TP o menino não gritar mais com a avó.]
- b) A mãe deixou [TP o filho não ir à escola somente ontem]. Hoje ele deveria ter ido.
- c) A professora mandou [TP o aluno não repetir tal gesto.]

(37) **MODIFICADOR TEMPORAL**

- a) O professor mandou-nos ontem [TP apresentar dois textos **na próxima semana.**]
- b) A mãe fez [TP os meninos organizar o quarto **no dia seguinte.**]
- c) O pai deixou [TP as filhas ir à festa **amanhã.**]

As sentenças em (36) demonstram que a negação se aplica apenas ao evento causado de forma independente do evento da matriz. Da mesma forma, nos exemplos em (37) os modificadores temporais se relacionam apenas ao evento causado, ou seja, ao domínio encaixado. Essa interpretação indica a existência de uma camada TP na estrutura que complementa o núcleo causativo.

Diferentemente do Português, para Guasti (1993), as causativas em Italiano não apresentam estrutura ECM e também não são complementadas por uma projeção TP, como se pode notar na exemplificação<sup>61</sup> a seguir.

(38) a. ?\**Ció ha fatto non parlare (piú) Maria.*

That has made not speak (anymore) Mary

‘That made Maria not speak anymore’

‘Isso tem feito Maria não mais falar’.

b. \**Marco fara aver pulito le toilette al generale*

Marco make (FUT) have cleaned the toilet to the general

‘Marco will make the general have cleaned the toilet.’

‘Marco fará o general ter limpadado o banheiro’.

<sup>61</sup> Exemplos citados em Blanco (2011) e em Orsoyla (2015).

c. *#Ieri Marco ha fatto pulire le toilette al generale oggi*

yesterday Marco has made cleaned the toilet to the general today

‘Yesterday Marco made the general clean the toilet today.’

‘Ontem Marco fez o general limpar o banheiro hoje’.

(Guasti 1993)

De acordo com Blanco (2011), diante da constatação dos exemplos em (38) da impossibilidade de licenciar a negação, o auxiliar perfectivo e modificadores adverbiais evidenciam que as causativas em Italiano não aceitam uma complementação TP.

Retornando ao fato de que as línguas podem apresentar uma complementação TP ao verbo leve causativo, tal como o PB, apresento a estrutura argumental dessa construção, tendo por base o exemplo a seguir.

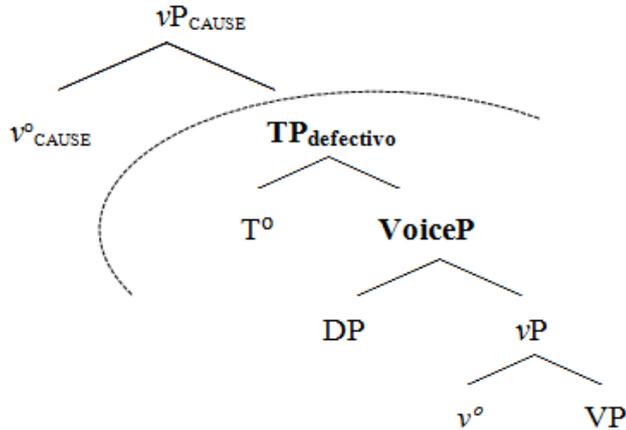
(39) Fizeste mal em **deixá-lo entrar**, mas agora é preciso salvá-lo. (13-1-A-)

No exemplo arrolado acima, o núcleo  $v^{\circ}_{\text{CAUSE}}$  seleciona uma sentença com o núcleo  $T^{\circ}$  defectivo, incapaz de verificar caso estrutural do DP que se aloca em seu especificador. Além disso, apresenta um argumento que ocupa Spec-TP com caso Acusativo, preenche, assim, a posição de sujeito gramatical e indica que VoiceP pode ser projetado na estrutura.

Em relação à projeção de VoiceP nessa estrutura, isso vai depender do estatuto do verbo infinitivo encaixado. Se esse verbo for transitivo ou inergativo, ambos podem projetar argumento externo e assim projetar posição para esse argumento introduzido por VoiceP. Se tal verbo for inacusativo, o núcleo  $\text{Voice}^{\circ}$  não será projetado. Dessa forma, assumo as seguintes representações sintáticas para a construção causativa em que o núcleo  $v^{\circ}_{\text{CAUSE}}$  seleciona TP.

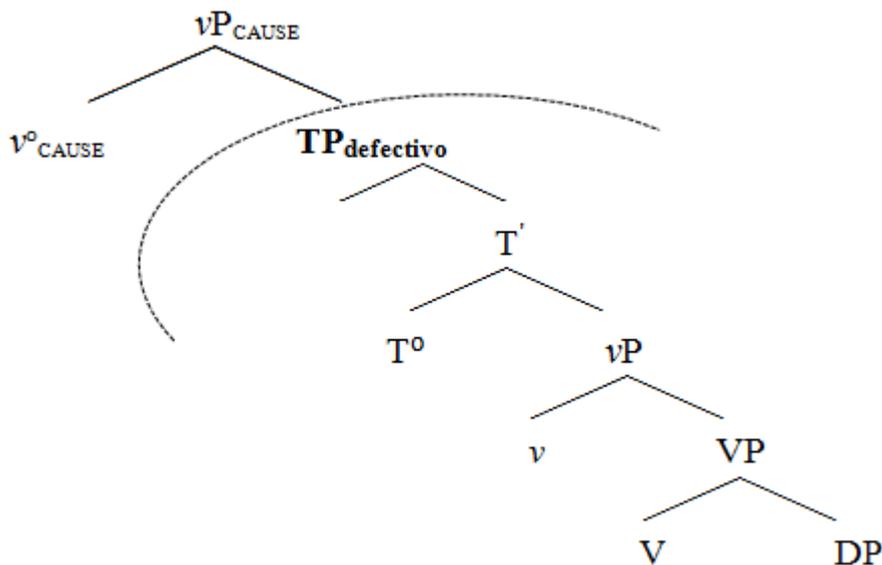
$v^{\circ}_{\text{CAUSE}}$  SELECIONA TP – PRESENÇA DE VOICEP

(40)



$v^{\circ}_{\text{CAUSE}}$  SELECIONA TP – AUSÊNCIA DE VOICEP

(41)



#### 4.2.3.2 $v^{\circ}_{\text{CAUSE}}$ – Seleção de CP

De acordo com a descrição realizada por Trannin (2010), sobre o Português Clássico, as construções causativas com infinitivo flexionado apresentam uma complementação CP<sup>62</sup> ao verbo causativo. O traço relevante entre o Português e as demais línguas é a possibilidade de licenciar infinitivo flexionado, ou seja, com marcação de número.

<sup>62</sup> Nas estruturas causativas analíticas com verbos finitos, o núcleo causativo seleciona CP como complemento no PB, Espanhol, Udmurt entre outras línguas. A presente tese foca nos complementos infinitivos.

A presença do sistema C-T completo, tal como constatado no estudo de Cyrino (2010, 2012) anteriormente mostrado, é evidenciado pelo licenciamento de negação e de modificadores temporais relacionados somente ao domínio encaixado. Observemos os exemplos:

(42) Minha mãe mandava [**eu não ir pra escola se tivesse febre.**]

Eu mandei [**eles não tocar nesse livro**]. Ele é especial.

Os líderes ontem mandaram [**eles arrumar tudo hoje depois da apresentação**].

Trata-se de uma estrutura bioracional, com domínio matriz e domínio encaixado e com sujeito do verbo infinitivo em posição intermediária entre o verbo causativo e o verbo infinitivo. O sujeito causado recebe caso nominativo no domínio sentencial infinitivo, de forma canônica. O núcleo causativo seleciona uma projeção sentencial completa, como exemplificada, com dados do PE<sup>63</sup> em (43) e do PB, em (44).

(43) PE

a) Eu mandei [<sub>CP</sub> **os meninos comerem a sopa**.]

b) O professor mandou [<sub>CP</sub> **os meninos filmarem os actores**.]

(44) PB

a) Minha mãe mandava [<sub>CP</sub> **eu ir pra escola**]. (367-SJP15-C6)

b) Então os pais não vão mandar [<sub>CP</sub> **eles fazerem algo**] que prejudiquem eles.

(372-E22-C7)

Nos exemplos arrolados em (43 e 44), o núcleo  $v^0_{\text{CAUSE}}$  seleciona uma sentença completa como complemento, o que corresponde à seleção da categoria CP. Além disso, apresenta um argumento que ocupa Spec-TP, preenche, assim, a posição de sujeito gramatical e indica que VoiceP pode ser projetado na estrutura. Outro aspecto a considerar é a forma nominativa desse argumento externo e a flexão do infinitivo que depõem a favor dessa complementação CP. Vale destacar que a complementação CP nas causativas com verbos infinitivos também foi considerada por Tranin (2010), nos dados do português Europeu, por Cyrino (2010, 2012); Pereira (2013) no PB.

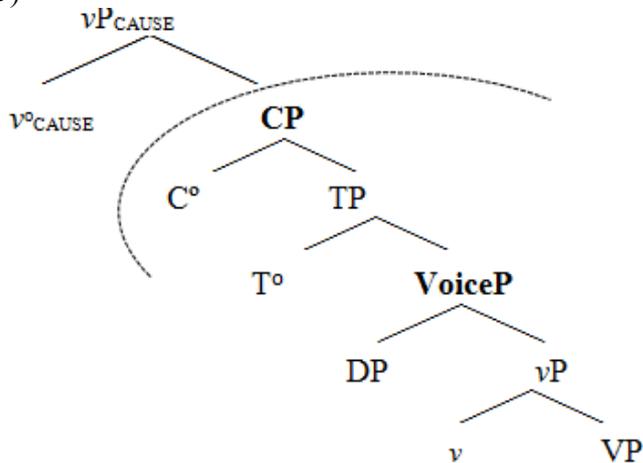
---

<sup>63</sup> Exemplos de Gonçalves (1999).

Em relação à projeção de VoiceP nessa estrutura, o comportamento é similar ao que foi apresentado para estruturas causativas que selecionam TP defectivo. O estatuto do verbo infinitivo encaixado interfere diretamente na projeção de VoiceP. Se esse verbo for transitivo ou inergativo, ambos podem projetar argumento externo e assim projetar VoiceP. Se tal verbo for inacusativo, o núcleo Voice<sup>o</sup> não será projetado. Dessa forma, considero as seguintes configurações sintáticas para a construção causativa em que o núcleo  $v^{\circ}_{\text{CAUSE}}$  seleciona CP.

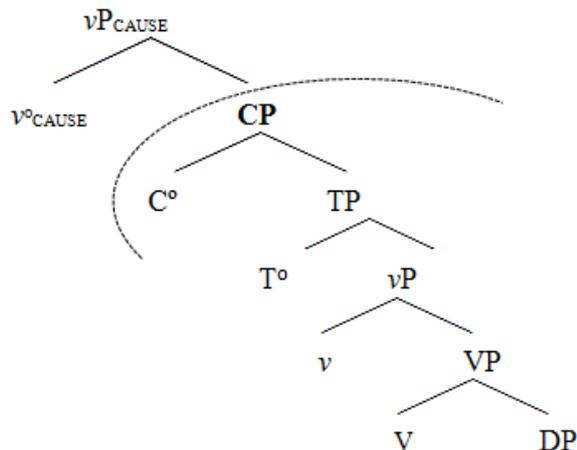
$v^{\circ}_{\text{CAUSE}}$  SELECIONA CP – PRESENÇA DE VOICEP

(45)



$v^{\circ}_{\text{CAUSE}}$  SELECIONA CP – AUSÊNCIA DE VOICEP

(46)



A proposta delineada é suficiente para explicar a natureza do núcleo causativo nas construções causativas no que diz respeito à agregação de Voice e à seleção categorial efetuada pelo núcleo causativo. O estudo de Pylkkänen (2002, 2008) contempla com

totalidade as construções causativas sintéticas. Com a ampliação proposta, construções causativas analíticas que selecionam um complemento maior que um vP fásico também são contempladas na análise em sua totalidade.

Diante das explicações apresentadas, delineam-se perguntas específicas para a presente pesquisa, a saber (i) Que tipo de complemento é selecionado por  $v^{\circ}_{\text{CAUSE}}$  : raiz, vP não fásico, vP fásico, TP defectivo ou CP ? (ii) Como se dá a variação de complementação do núcleo causativo em PB?

### 4.3 Resumo do Capítulo

Este capítulo apresentou o mapeamento sintático das construções causativas, com uma abordagem uniforme para a análise tanto de causativas lexicais quanto de causativas analíticas. O rumo de análise é sintático e são consideradas as causativas analíticas formadas com verbo infinitivo.

De modo mais específico, destaco dois parâmetros propostos por Pylkkänen (2002, 2008) na explicação das construções causativas, a saber: o parâmetro de agregação de VoiceP que indica que o núcleo causativo pode ser agregado a Voice ou independente; o parâmetro de seleção categorial efetuada pelo núcleo causativo em que seu complemento pode ser uma raiz, um vP não fásico ou um vP fásico.

Como as estruturas causativas podem apresentar um XP encaixado maior que um vP fásico, assumo na presente tese, que o núcleo causativo pode selecionar um TP defectivo ou uma estrutura sentencial completa, não defectiva com o sistema C-T, na categoria CP.

A partir dessa base teórica sintática, apresento os procedimentos metodológicos utilizado na coleta e análise dos dados, no Capítulo a seguir. Ao longo da análise, a proposta teórica é retomada e especificada na explicação da descrição, derivação e variação das construções causativas em PB.



## 5 CAMINHO METODOLÓGICO

A análise da variação nas estruturas causativas, tanto analíticas como lexicais em PB, foi realizada em três sincronias, séculos XIX, XX e XXI. A análise quantitativa seguiu o caminho proposto pela Teoria da Variação, conforme Weinreich, Labov e Herzog (1968) e Labov (1972, 2001). Para explicar as estruturas em estudo, foi seguido o arcabouço da Sociolinguística Paramétrica, conforme Tarallo e Kato (1989) e a versão minimalista da Teoria de Princípios e Parâmetros, principalmente a partir da proposta de Pylkkänen (2002, 2008).

Neste trabalho, conforme explicado anteriormente, considero como construção causativa sintética, no que concerne à configuração superficial, a estrutura que não realiza fonologicamente o núcleo causativo, tal como exemplificado em (1). Tomo como construção analítica as estruturas que realizam fonologicamente os verbos causativos (*fazer, mandar, deixar*)<sup>64</sup> e analiso somente aquelas formadas com verbo infinitivo. Exemplifico em (2) a construção analítica com o verbo *fazer*.

- (1) Isto assim não pode continuar. Não há gente para o serviço com estes maus exemplos. **A impunidade desorganiza a Guarda Nacional.** (31-3-A)<sup>65</sup>
- (2) Mas Madalena...ai, que **isto agora faz-me lembrar de uma coisa**: o pequeno está estranhando a farda, as calças e todo esse aparelho. (3-1-A)

Para selecionar as ocorrências com estruturas sintéticas, o estudo de Bittencourt (1995, 2001) possibilitou maior clareza na coleta dos dados da causativa sintética, como mostrado anteriormente. Para as causativas homônimas e heterônimas, observei a contraparte não causativa ou a inclusão do verbo *fazer/mandar*, como se fosse uma causativa analítica.

<sup>64</sup> Neste estudo, analiso os verbos causativos do grupo factitivo (*fazer*), permissivo (*deixar*) e ordenativo (*mandar*).

<sup>65</sup> Como mostrado na introdução deste trabalho, em nota, todos os exemplos da diacronia contêm a seguinte informação: número da ocorrência, número do texto e letra correspondente ao tempo. Ex: (31-3-A).

A: século XIX

B: século XX

Já todos os exemplos da sincronia contêm número da ocorrência, número da entrevista, letra do tempo e faixa etária. Ex: (15-E13-C-6).

Faixa etária 6: de 17 a 29 anos

Faixa etária 7: de 30 a 59 anos

Faixa etária 8: 60 anos e acima

Em relação ao tempo, uso a letra C que representa tempo contemporâneo - século XXI.

Para as causativas com causação intrínseca, as quais não admitem uma contraparte não causativa, observei o sentido de afetamento, em que a estrutura é causativa, se esta envolve uma mudança, uma transformação (estado, forma, condição, estado psicológico, perceptual, locativa, incorporação locativa<sup>66</sup>) de um dos participantes. Reescrevo alguns exemplos, em (3), que mostram como a interpretação causativa se estabelece, com dados do PB contemporâneo.

- (3) a. As propagandas já tão tentando **voltar** as coisas simplórias.  
(15-E13-C6)  
**Voltar = fazer voltar**
- b. Também não adianta eu **aumentar** o salário, fazer uma distribuição de renda bacana se os preços das coisas aumentarem tudo. (21-E13-C6)  
**Aumentar = fazer aumentar**
- c. Tem o NP, tem... NP ( prefeito), que foi quem **asfaltou** as ruas, também fez a construção da praça, que foi onde tudo começou a dar trabalho pra cidade, pro centro assim, que até hoje se mantém. (80-ARC5-E6)  
**asfaltou = mandou asfaltar**
- d. é:: eu falei: dá suspensão, me **tira** da iscola, me dá uma expulsão da iscola... (26-E18-C6)  
**Tirar da escola = fazer sair da escola**
- e. Elis **mimam** os filho desdi criança... (27-E18-C6)  
**Mimar = fazer ficar mimado**

Vale destacar que um agravante na análise das estruturas, a ser considerado, diz respeito à competência linguística de um falante contemporâneo ao observar dados de séculos anteriores, como aventado por Martins (2004). Não é possível, por exemplo, certificar se um dado elemento permite ser modificado por um advérbio orientado para o agente ou não, para configurar, por exemplo, a presença de argumento externo. Assim, nos dados do século XIX e da primeira metade do século XX, os diagnósticos se restringem aos elementos linguísticos realizados na oração, já os dados da segunda metade do século XX e do século XXI permitem ampliação dos diagnósticos e envolvimento da minha intuição como falante da língua.

---

<sup>66</sup> Verbos de mudança de estado, forma condição: abrandar, engrandecer, adormecer, brilhar, calejar...  
Verbos de mudança de estado psicológico, perceptual: alegrar, apavorar, irritar, esquentar, esfriar...  
Verbos de mudança locativa: alagar, atrasar, espalhar, avançar...  
Verbos de incorporação locativa: embarcar, engarrafar, asfaltar... (BITTENCOURT, 1995, p.183, 184)

Neste capítulo, serão apresentadas as perguntas de pesquisa, os objetivos e hipóteses definidas. Além disso, serão apresentados os diagnósticos, a amostra, as etapas da análise e os grupos de fatores linguísticos e sociais.

### 5.1 Hipóteses e Perguntas de Pesquisa

Para o encaminhamento das investigações desta pesquisa, postulo a seguinte hipótese geral:

- a variação na complementação da estrutura causativa está relacionada à natureza do núcleo  $v^{\circ}_{\text{CAUSE}}$  na gramática do PB.

Essa hipótese busca responder às seguintes perguntas de pesquisa, de modo geral:

- i. Qual é a natureza do núcleo  $\text{Cause}^{\circ}$  em PB no que diz respeito ao núcleo  $\text{Voice}^{\circ}$  e à seleção do complemento XP encaixado?
- ii. Como se explica o encaixamento da variação na complementação do núcleo causativo no sistema linguístico do PB?
- iii. Se há de fato uma mudança em curso na configuração das causativas em PB, como ela vem ocorrendo ao longo do tempo? Isto é: que contextos favorecem as formas inovadoras e quais são resistentes ao seu avanço?

Considerando as propriedades paramétricas apresentadas e os estudos discutidos anteriormente, proponho as demais hipóteses:

- O núcleo  $v^{\circ}_{\text{CAUSE}}$  é separado de  $\text{Voice}$ , cada um com uma projeção independente.
- O núcleo  $v^{\circ}_{\text{CAUSE}}$  seleciona VP,  $v\text{P}$  fásico,  $\text{TP}_{\text{defectivo}}$  e CP, mas não seleciona raiz, em PB.
- O encaixamento da variação na complementação do núcleo causativo no sistema linguístico do PB se explica pelo fato de as causativas analíticas estarem passando pelo mesmo processo de mudança pelo qual a estrutura canônica das sentenças em PB está passando, refletindo evidências de mudança em progresso;
- Há mudança em progresso em relação à variação na seleção do complemento XP pelo núcleo  $v^{\circ}_{\text{CAUSE}}$ , evidenciado também pela preferência pelo tipo de seleção XP nas faixas etárias analisadas.

A importância em analisar os fenômenos linguísticos em relação ao fator externo faixa etária deve-se ao fato de que, de acordo com os estudos Sociolinguísticos, é possível atestar mudança em progresso quando há maior incidência da variante inovadora entre os mais jovens e entre as pessoas de classes mais populares e menor incidência entre os mais velhos e entre aqueles de classes com mais acesso aos bens culturais (TARALLO, 1986).

## 5.2 Objetivos

As perguntas de pesquisa e as hipóteses apresentadas se correlacionam com os objetivos aqui propostos. O objetivo geral da presente pesquisa consiste em:

- descrever e analisar as relações existentes entre a variação na complementação da estrutura causativa e a natureza do núcleo  $v^{\circ}_{\text{CAUSE}}$  na gramática do PB, tendo em vista o percurso histórico a partir do século XIX até os dias atuais.

Apresento os demais objetivos:

- Investigar se o núcleo  $v^{\circ}_{\text{CAUSE}}$  nas causativas em PB é agregado a  $\text{Voice}^{\circ}$  ou independente de  $\text{Voice}^{\circ}$ ;
- Verificar, no PB, o tipo de complemento selecionado por  $v^{\circ}_{\text{CAUSE}}$ : raiz, VP,  $v\text{P}$  fásico, TP defectivo, CP;
- Analisar a estrutura morfossintática das causativas analíticas, observando se essa estrutura está passando pelo mesmo processo de mudança pelo qual a estrutura canônica das sentenças em PB está passando; refletindo evidências de encaixamento linguístico da variação e mudança em progresso;
- Verificar se há mudança em progresso em relação à variação na seleção do complemento XP pelo núcleo  $v^{\circ}_{\text{CAUSE}}$  e se há preferência por algum tipo de seleção XP nas faixas etárias analisadas.

## 5.3 A seleção dos Contextos

Para analisar a natureza do núcleo  $v^{\circ}_{\text{CAUSE}}$  e sua seleção no PB, utilizei diagnósticos sintáticos elaborados a partir da descrição das causativas e dos estudos de Pylkänen (2002, 2008), Blanco (2010), Guasti (1997, 2006), Camargos (2013) e Legate

(2014). O primeiro diagnóstico permite predizer o estatuto de  $v^{\circ}_{\text{CAUSE}}$  (agregado a  $\text{Voice}^{\circ}$  ou independente de  $\text{Voice}^{\circ}$ ), observando o licenciamento de estruturas causativas sem argumento externo, ou seja, causativas formadas a partir de verbo inacusativo.

Quadro 6 - Propriedade que prediz o estatuto  $v^{\circ}_{\text{CAUSE}}$

DIAGNÓSTICO	$v^{\circ}_{\text{CAUSE}}$ agregado a $\text{Voice}^{\circ}$	$v^{\circ}_{\text{CAUSE}}$ independente de $\text{Voice}^{\circ}$
Permite estrutura formada com verbo inacusativo?	Não	Sim

Fonte: elaborado a partir de Pylkkänen (2008, p. 106)

O diagnóstico no Quadro 6 acima se explica pelo fato de que, se os núcleos são agregados, tanto a causação como o argumento externo serão projetados juntamente. Assim, considerando que o núcleo  $v^{\circ}_{\text{CAUSE}}$  é universal, a estrutura não licencia uma sentença causativa que não contenha o argumento externo, tal como ocorre nas sentenças com verbo inacusativo. No entanto, se os núcleos  $v^{\circ}_{\text{CAUSE}}$  e  $\text{Voice}^{\circ}$  são independentes, ou seja, com projeções distintas, essa restrição não se faz presente.

O segundo diagnóstico trata da seleção da complementação de  $v^{\circ}_{\text{CAUSE}}$ , observando as propriedades sintáticas do complemento XP, em relação à modificação do evento causado, à interveniência de morfologia entre a raiz e  $v^{\circ}_{\text{CAUSE}}$ , à modificação orientada ao agente do evento causado, como anteriormente apresentado, em Pylkkänen (2008).

Pylkkänen (2002, 2008) assume que o núcleo  $v^{\circ}_{\text{CAUSE}}$  pode selecionar uma raiz, um vP ou uma complementação fásica que contenha um aplicativo alto ou um argumento externo. Como anteriormente mostrado, os diagnósticos apresentados por essa autora não contemplam com totalidade a complexidade das estruturas causativas no Português. Soma-se a isso o fato de que a complementação de  $v^{\circ}_{\text{CAUSE}}$  no Português licencia também categorias mais amplas do que o vP fásico, conforme demonstrado no Português Clássico que seleciona categorias TP e CP<sup>67</sup>.

<sup>67</sup> Chomsky (2000, 2001 e trabalhos subsequentes) assume que, além de vP, CP também é um domínio fásico. Fase é considerada como a definição de domínios de localidade para a aplicação dos processos sintáticos que iniciam na numeração e finalizam em *spell out*.

Diante disso, foi necessário ampliar a proposta dessa autora para explicar a complementação das causativas. Assim, procedi o levantamento das propriedades dessas categorias de complementação e elaborei um novo quadro de diagnósticos para a organização e quantificação dos dados e para tratar de maneira uniforme os dados das causativas sintéticas e analíticas.

Os estudos apresentados, tanto sobre o PE quanto sobre o PB, favoreceram o elencamento de possíveis propriedades, apresentadas a seguir, nas construções causativas, no que diz respeito à complementação do núcleo causativo.

### **SELEÇÃO DE VP não fásico:**

- apresenta predicado complexo;
- elemento causado NP ou PP na posição final;
- não licencia flexão do infinitivo;
- elemento causado acusativo, dativo ou oblíquo;
- exige subida obrigatória de causado clítico;
- exige subida obrigatória de clítico complemento;
- não permite negação frásica abaixo de  $v^o_{\text{CAUSE}}$ ;
- estrutura mono-oracional;
- o causado é introduzido pela preposição *por* ou pode ser omitido. Se omitido, o elemento causado é interpretado como genérico ou indefinido.

#### Exemplos:

- (4) Endireita este pescoço, menina! (399-7-A)
- (5) Estas cenas de família chocam-me extraordinariamente! (400-7-A)
- (6) Farei chegar às suas mãos um convite para o baile de máscaras do senhor Maurício. (15-19-A)

### **SELEÇÃO DE $v$ P fásico:**

- apresenta predicado complexo;
- elemento Causado NP ou [a NP];
- não licencia flexão do infinitivo;

- Causado acusativo, dativo;
- exige subida obrigatória de causado clítico;
- exige subida obrigatória de clítico complemento;
- não permite negação frásica abaixo de  $v^0_{\text{CAUSE}}$ ;
- estrutura mono-oracional.

Exemplos:

- (7) Nem creio que me mandasses dizer que o velho ia à missa do galo para brigares comigo. (2-1-A)
- (8) Hei de mandar-lhe dizer que me fale em português. (28-3-A)
- (9) Sim, sim, é para afastar-me de ti que ele manda-me sempre prender. (30-3-A)

**SELEÇÃO DE TP defectivo:**

- apresenta ECM;
- Causado NP em posição intermediária entre o verbo causativo e o verbo infinitivo;
- Causado acusativo;
- não verifica caso do sujeito infinitivo no domínio infinitivo;
- não licencia flexão do infinitivo;
- exige subida obrigatória de causado clítico;
- licencia clítico complemento no domínio infinitivo;
- licencia negação frásica no domínio infinitivo;
- estrutura bioracional.

Exemplos:

- (10) O major manda o escravo votar? (96-7-A)
- (11) Rosalina, faça-a entrar. (275-5-B)
- (12) Peço a V. Sa. que mande entregar-me o leitão. (59-5-A)

## SELEÇÃO DE CP

- Causado NP em posição intermediária entre o verbo causativo e o verbo infinitivo;
- Causado Nominativo;
- licença flexão do infinitivo;
- subida proibida de causado clítico e de clítico complemento;
- licença clítico complemento no domínio infinitivo;
- licença negação frásica no domínio infinitivo;
- estrutura bioracional.

### Exemplos:

- (13) Pode mandar ela aprontar a sandália. (432 –E51- C-8)
- (14) Não tenho meios mais para fazer eles me obedecer. (436 –E6- C-8)
- (15) Bom, deixa eu dar uma olhada nessa gente (317-8-B)

Além das propriedades elencadas, foi necessário também analisar as propriedades semânticas do elemento causado juntamente com o estatuto de verbo encaixado (inacusativo, inergativo, transitivo de ação). Os estudos de Pylkkänen (*op. cit.*) e Legate (2014) mostram que a seleção de um complemento fásico implica a presença de uma posição para o argumento externo.

Esse argumento externo é agente com a propriedade semântica de [+ iniciador] e ocupará Spec-VoiceP. A estrutura argumental que propicia posição de argumento externo com tal propriedade semântica é a dos verbos de ação (transitivos e inergativos). Dessa forma, como foi mostrado no capítulo anterior, a seleção efetuada pelo núcleo  $v^o_{CAUSE}$  envolverá o estatuto do verbo encaixado, a propriedade [+ iniciador], [-iniciador] do elemento causado, a presença de argumento externo e as propriedades que especificam as categorias funcionais da complementação.

Para a explicação, de modo uniforme, da seleção que o núcleo causativo realiza, como anteriormente discutido, amplio a proposta de Pylkkänen (*op. cit.*), contemplando a seleção  $TP_{defectivo}$  e CP. Essa ampliação se dá em uma perspectiva diferente daquela abordada em Blanco (2010), uma vez que, entre as propriedades sintáticas das causativas em PB, está o licenciamento de verbo infinitivo flexionado e a possibilidade de concordância verbal entre verbo infinitivo e sujeito causado.

Diante do exposto, apresento o seguinte quadro de diagnósticos para a classificação dos dados.

Quadro 7 - Propriedades que predizem os complementos de  $v^{\circ}_{\text{CAUSE}}$  (ampliado)

DIAGNÓSTICOS	SELEÇÃO DE RAIZ √	SELEÇÃO DE VP não fásico	SELEÇÃO DE vP FÁSICO	SELEÇÃO DE TP defectivo	SELEÇÃO DE CP
a..Permite modificação adverbial de vP abaixo de $v^{\circ}_{\text{CAUSE}}$ ?	Não	Sim	Sim	Sim	Sim
b. Permite modificação adverbial orientada para agente abaixo de $v^{\circ}_{\text{CAUSE}}$ ?	Não	Não	Sim	Sim	Sim
c. Permite negação do evento causado?	Não	Não	Sim	Sim	Sim
d. Permite Agente [+ iniciador] no evento causado?	Não	Não	Não licencia (com verbo inacusativo)  Permite (com verbo inergativo e transitivo de ação)	Não licencia (com verbo inacusativo)  Permite (com verbo inergativo e transitivo de ação)	Não licencia (com verbo inacusativo)  Permite (com verbo inergativo e transitivo de ação)
e-Subida de clítico causado	Não se aplica	obrigatória	obrigatória	proibida	proibida
f-Subida de clítico complemento	Não se aplica	obrigatória	obrigatória	proibida	proibida
g-Caso do causado	Não se aplica	Acusativo Dativo Oblíquo	Acusativo Dativo	Acusativo	Nominativo
h- Infinitivo flexionado	Não se aplica	Não	Não	Não	Sim

Fonte: elaborado a partir de (PYLKKÄNEN, 2008, p. 106)

Além de tudo que foi considerado até agora, acrescento que a categoria CP como complemento do núcleo  $v^{\circ}_{\text{CAUSE}}$  pode ter começado a se implementar no sistema ao mesmo tempo em que o PB começa a implementar um sistema gramatical independente no final do século XIX. Sendo assim, é possível aliar as propriedades dessa complementação aos efeitos de alterações sintáticas na gramática do PB. Busco constatar essa predição na análise a ser apresentada no Capítulo 7.

#### 5.4 Grupos de Fatores: Linguísticos e Sociais

No desenvolvimento da análise e discussão dos dados, primeiramente busco definir a natureza do núcleo causativo e o tipo de complemento selecionado por esse núcleo. Após essa etapa, passo à análise das variáveis e dos grupos de fatores a seguir apresentados. A escolha das variáveis e o elencamento dos grupos de fatores partiram das hipóteses sociais e sintáticas formuladas neste trabalho. Assim, considere como variáveis dependentes o fator tempo, englobando as ocorrências do PB diacrônico e as do PB sincrônico. As variantes das construções causativas são apresentadas, a seguir:

### **Variáveis - Tempo**

0- século XIX

1- século XX

2- Dados contemporâneos ( século XXI)

### **GRUPOS DE FATORES**

#### **Grupo 1 – Configuração estrutural**

- a) Estrutura lexical (ausência de verbo causativo realizado)
- b) Estrutura analítica (presença de verbo causativo realizado)

Exemplos:

(16) Mas, é: é a mídia, é o poder que a mídia tem, de manipular. É infelizmente a gente ta muito manipulado em relação a isso, mas **eu mudaria algumas programações...** (7-E5-E6)

(17) Eduardo - Este imita o canto dos passarinhos... zurra como burro... e repenica cordas... Aquele toca abaixo do cavalete, toca em cima no braço... e saca-lhe sons tão tristes e lamentosos **capazes de fazer chorar um bacalhau...**  
(21-2-A)

#### **Grupo 2 -Tipo de complemento de Cause<sup>o</sup>**

- c) Raiz
- d) VP não fásico
- e) vP fásico

- f) TP defectivo
- g) CP

Exemplos:

- (18) Exemplo da seleção raiz não foi encontrado.
- (19) Há uns cavalos tão bem ensinados, que dançam, fazem medidas, saltam, falam, **porém o que mais me espantou** foi ver um homem andar em pé em cima do cavalo. (2-5-A)
- (20) Senhora, sabe que mais? **É preciso casarmos esta rapariga.** (5-5-A)
- (21) O senhor juiz **manda dizer-lhe** que se não for, irá preso. (55-5-A)
- (22) E ela não se importa com a vida dela, ... e faz os outros sofrerem...  
(441-EJ - C8)

**Grupo 3 -Tipo de verbo causativo**

- h) Fazer
- i) Mandar
- j) Deixar
- \ não se aplica

Exemplos:

- (23) Carregue-os, carregue-os, senão **fazem-me perder a alma...** (25-2-A)
- (24) Hei-de mandar-lhe dizer que me fale em português. (28-3-A)
- (25) Reclama muito que tem vez que pede pa ir num lugar eu num dexo ... ah você  
a. -E51- C-8)é cha::ta que **num deixa a gente sair ... não** (384-E46-C7)

**Grupo 4 - Estatuto do verbo encaixado**

- k) Inacusativo
- l) Inergativo
- m) Transitivo

Exemplos:

- (26) Também não adianta **eu aumentar o salário**, fazer uma distribuição de renda

bacana se os preços das coisas aumentarem tudo, então assim, seria uma política econômica diferente... (21-E13-C6)

(27) Mais de tudo que precisa. É a paz mesmo porque os outros num dão sossego, porque **eles não deixam o prefeito atual trabalhá** em paz. (393-ARC12-C7)

(28) ... é **filho matando pai**, pai matando filho, uma violência... (22-E13-C6)

### Grupo 5 – Forma gramatical do sujeito causado nas construções analíticas

n) 1ª pessoa – eu, me, a gente, nós, nos

o) 2ª pessoa – tu, te, você(s), lhe(s)

p) 3ª pessoa – ele(s), ela(s), -o(s), -a(s), lhe(s)

q) NP

r) Nulo

/ Não se aplica

### Exemplos:

(29) Meus pais eram muito bravos, num deixavam **eu** sair de casa.  
(394-ARC13-C7)

(30) Fala de uma certa forma que a pessoa não se sente ofendida porque cê ta falano eu vo, [to **te** mandano fAzê ], cê tem que sempre sabe pedi e fala, e nunca fala, vo mandá fulano não, vo delegá fulano, pra faze isso pra mim, né? (439-E6-C8)

(31) Eu.... ia na polícia, falava tudo, aí [deixava **eles** resolver]. Por que eu mesmo não ia lá querer batê neles, né? Sendo que eles que me (risos)... não ia adiantar nada. (43-2-C7)

(32) [Eu mandei **a senhora** me botar no mundo], mandei? (71-3-B)

(33) Aí um começa a tocar violão, o otro começa a dançar né ... é por isso que todo lugar ... que tem uma festinha de conhecido [eles manda me **buscar**](430-E51-C8)

### Grupo 6 – Propriedades semânticas do elemento causado - [Desencadeador]

s) [+ Iniciador]

t) [- Iniciador]

Exemplos:

- (34) [ela não deixava **ninguém** entrar no quartinho dela],... (370-E15-C7)  
 (35) [Deus vai **te** acalentando], vai te ajudandu... (41-E19-C6)

**Grupo 7 - Posição de clítico – sujeito do infinitivo**

Utilizo esse grupo, considerando os estudos de Andrade (2010), de Cyrino (2010), para analisar a produtividade e a motivação do fenômeno de subida de clíticos nas construções causativas analíticas. E ainda, investigar, em quais pessoas, o clítico se realiza nessa posição ao longo do percurso da Gramática do Português do Brasil. Essa posição interfere na forma pronominal do causado e no tipo de complementação selecionada.

- u) V<sub>causativo</sub> X<sub>clítico</sub> V<sub>infinitivo</sub>  
 v) X<sub>clítico</sub> V<sub>causativo</sub> V<sub>infinitivo</sub>  
 / Não se aplica

Exemplos:

- (36) Mas Madalena...ai, que [isto agora **faz-me** lembrar de uma coisa]: o pequeno está estranhando a farda, as calças e todo esse aparelho.(4-1-A)  
 (37) Aconteceu uma coisa, na minha vida, que [**me fez** vir aqui.] (5-1-A)

**Grupo 8 - Flexão verbal - infinitivo**

Como a flexão do infinitivo pode interferir na marcação de Caso (Acusativo, Nominativo ou ECM) e na seleção da complementação XP, verifiquei como essa flexão se processa nos dados analisados.

- w) Flexionado  
 x) não-flexionado  
 y) ambíguo (1ª e 3ª pessoa do singular)  
 / não se aplica

Exemplos:

- (38) Intão muita coisa que eu aprendi no NP, a trabalhar [deixando **eles olharem** minha boca...] trabalhá pronunciando bem a [ff] o fonema.. (397-BH10-C7)  
 (39) [Você não podi fazê **as pessoas sofrer**,] maltratá, você não podi nem nem us

animais a genti não devi maltratá. (374-E22E7)

- (40) ...os meus namoros nessa idade, nessa faxa assim, da adolescência eram bem mais inocentes do que é hoje, era aquele negócio de paquerá, de olhá, de [mandá a amiga dá recado]. (358-ARC11E6)

### **Grupo 10 - Fator Social - idade**

Esse grupo de fatores será analisado somente nos dados do PB contemporâneo.

- 1) de 17 a 29 anos
- 2) de 30 a 59 anos
- 3) 60 anos e acima

### **5.5 Material Analisado**

Os dados da sincronia, coletados na modalidade oral contemporânea, fazem parte de dois *corpora*: o primeiro é constituído de 50 (cinquenta) entrevistas com falantes de Pirapora e microrregião<sup>68</sup>, no norte de Minas Gerais. O segundo é o *corpus* disponibilizado pela Fale - UFMG, constituído de 50 (cinquenta) entrevistas sociolinguísticas de falantes de Belo Horizonte, Piranga, Arceburgo e Ouro Preto - MG.

As entrevistas utilizadas foram realizadas sob a metodologia da Entrevista Sociolinguística. O fator social considerado foi faixa etária, distribuída da seguinte forma: de 17 a 29 anos; de 30 a 59 anos; 60 anos e acima.

Essas faixas etárias foram definidas com base em Labov (2001, p. 101) que mostra que os grupos etários devem estar de acordo com os estágios da vida. Tendo como parâmetro a sociedade americana, esse autor mostra que dos 17-19 anos acontece a conclusão da escola secundária e orientação para o mundo do trabalho e/ou ensino superior; dos 20-29 anos acontece início de emprego regular e de vida familiar, dos 30-59 anos, engajamento completo na força de trabalho e em responsabilidades familiares, e a partir dos 60 anos, geralmente, a aposentadoria já está a caminho. Tendo em vista as peculiaridades da sociedade brasileira, juntei as duas primeiras faixas etárias, formando uma só de 17 a 29 anos.

---

<sup>68</sup>*Corpus* formado no âmbito do IFNMG, no projeto de pesquisa “O Português Falado no Norte de Minas- iniciando a conversa em Pirapora-MG”.

Já para a análise diacrônica, foram utilizados dados de textos escritos para o teatro (peças de teatro), buscando refletir, na medida do possível, o vernáculo de certo período de tempo. Foram considerados os textos teatrais escritos por autores nascidos por volta de 1800 em diante, devido ao fato de ser comprovado que, na virada do século XIX para o XX, o Português do Brasil faz emergir uma série de variações em sua gramática. Pretende-se aqui entender a trajetória temporal da variação sintática, na estrutura em foco, e possível implementação do processo de mudança ao longo de 200 anos, aproximadamente.

Em suma, teremos o corpus constituído de forma que contemple a seguinte linha de tempo: século XIX: peças de teatro, século XX: peças de teatro; Século XXI: dados contemporâneos (de 2003 em diante) – entrevistas transcritas.

Para compor o *corpus* diacrônico, foram selecionadas 20 (vinte) peças de teatro de autores variados, sendo dez peças para cada período acima especificado. Os textos a serem analisados estão abaixo elencados por data e autor:

### **Século XIX**

O juiz de paz na roça (1833) – Martins Pena  
 O Judas em sábado de aleluia (1844) – Martins Pena  
 Quem casa quer casa (1845) – Martins Pena  
 As casadas solteiras (1845) – Martins Pena  
 As desgraças de uma criança (1846) – Martins Pena  
 O demônio familiar (1857) – José de Alencar  
 Luxo e vaidade (1860) – Joaquim Manuel de Macedo  
 Tipos da atualidade (1862) – França Júnior  
 Como se fazia um deputado (1882) – França Júnior  
 A capital federal (1897) - Artur Azevedo

### **Século XX**

Onde canta o sabiá (1920) – Gastão Tojeiro  
 O rei da vela (1933) – Oswald de Andrade  
 A patroa (1933) – Armando Gonzaga  
 A vida tem três andares (1938) – Humberto Cunha  
 Vestido de Noiva (1943) – Nelson Rodrigues  
 A navalha na carne (1966) – Plínio Marcos  
 Os órfãos de Jânio (1979) – Millôr Fernandes

O Santo Milagroso (1981) - Lauro César Muniz

Como encher um biquíni selvagem (1992) – Miguel Falabella

Não se incomode pelo carnaval (1997) – Paulo Vieira

A coleta dos dados resultou em 1811 ocorrências, sendo que 411 ocorrências são de causativas analíticas e 1400 são causativas sintéticas. A quantificação dos dados e o tratamento estatístico proposto pela Sociolinguística laboviana foram realizados por meio do Programa GOLDVARB, versão 2001, (ROBINSON; LAWRENCE; TAGLIAMONTE, 2001), que remete diretamente à análise de grupos de fatores em função de variável dependente.

Apresento a análise e a discussão dos dados separados em etapas. A primeira etapa consta da aplicação dos diagnósticos sintáticos que delineiam a natureza do núcleo  $v^{\circ}_{\text{CAUSE}}$ . A segunda etapa consta da análise do XP complemento selecionado por  $v^{\circ}_{\text{CAUSE}}$ , nas causativas sintéticas e nas causativas analíticas. Já a terceira etapa apresenta análise dos constituintes do XP encaixado a  $v^{\circ}_{\text{CAUSE}}$ , destacando a variação morfossintática nas causativas analíticas, tendo em vista as propriedades da gramática em PB. Nessa etapa, a análise busca explicar o encaixamento da complementação do núcleo causativo no sistema linguístico e social do PB. No capítulo que segue, apresento a aplicação da proposta teórica na análise e discussão dos dados.



## 6 O NÚCLEO CAUSATIVO NO PB

Este capítulo busca esclarecer duas perguntas da presente pesquisa, a saber:

- (i) Qual é o estatuto de  $v^{\circ}_{\text{CAUSE}}$  nas causativas em PB, agregado a  $\text{Voice}^{\circ}$  ou independente de  $\text{Voice}^{\circ}$ ?
- (ii) Que tipo de complemento é selecionado por  $v^{\circ}_{\text{CAUSE}}$ ?

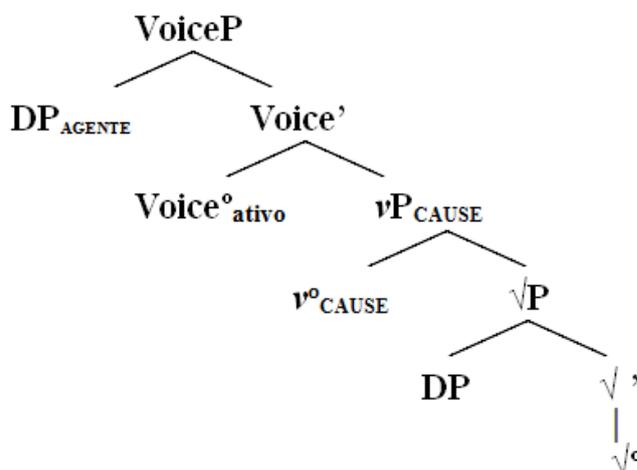
Esses questionamentos são explicitados a partir da análise do estatuto gramatical dos núcleos  $v^{\circ}_{\text{CAUSE}}$  e  $\text{Voice}^{\circ}$ , na abordagem teórica proposta por Pylkkänen (2002, 2008), Legate (2014). Dessa forma, apresento, primeiramente, a natureza do núcleo causativo em PB. Em seguida, apresento a análise da complementação selecionada por esse núcleo tanto nas estruturas causativas sintéticas, como nas estruturas analíticas. Para a interpretação sintática da complementação, faço uso da teoria acima citada, mas de forma ampliada, como anteriormente explicitado.

Para maior clareza do processo de variação sintática nas construções causativas ocorrido em PB, mostro uma linha de continuidade dessa variação que se inicia no Português Clássico e é desenvolvida ao longo da implementação da gramática própria do PB.

### 6.1 Natureza do Núcleo $v^{\circ}_{\text{CAUSE}}$

Em relação ao estatuto do núcleo  $\text{Cause}^{\circ}$ , proponho que, nas construções causativas em PB, esse núcleo é mapeado na sintaxe como um verbo leve funcional com projeção distinta da projeção de  $\text{Voice}^{\circ}$ , ou seja, são núcleos cindidos. Há uma projeção  $v\text{P}_{\text{CAUSE}}$  para o evento da causação e uma projeção  $\text{VoiceP}$  ativo para a introdução do argumento externo, conforme a estrutura abstrata em (1).

(1)



Essa proposta se fundamenta no fato de não haver restrição a verbos inacusativos na formação das causativas, conforme diagnóstico proposto por Pykkänen (2002, 2008), apresentado no Quadro 6 anteriormente. Esse diagnóstico prevê que, se os núcleos são agregados, tanto a causação como o argumento externo serão projetados de modo sincrético, agregado. Dessa forma, considerando que o núcleo  $v^{\circ}_{\text{CAUSE}}$  é universal, a estrutura não licencia uma sentença causativa que não contenha o argumento externo, tal como ocorre nas sentenças com verbo inacusativo.

No entanto, se os núcleos  $v^{\circ}_{\text{CAUSE}}$  e  $\text{Voice}^{\circ}$  são independentes, ou seja, com projeções distintas, essa restrição não se faz presente e sentenças com verbos inacusativos são licenciadas. Nesse caso, o núcleo de  $\text{VoiceP}$  não será projetado. Tal contexto ocorre no PB. Além de estruturas formadas a partir de verbos inacusativos, são licenciadas também estruturas com inergativos e transitivos, tanto nas estruturas sintéticas como nas estruturas analíticas. Não foi evidenciada restrição quanto ao estatuto do verbo nos dados em PB, como se pode observar nos exemplos a seguir:

#### ESTRUTURAS LEXICAIS

- (2) a. [Deus vai te **acalentando**], vai te ajudando... (41-E19-C6)  
 b. [A professora **correu** o aluno da sala].  
 c. Aí tem hora que eu até penso assim “E o fim do mundo mesmo” por que tá na bíblia né? Por que é [filho **matando** pai], [pai **matando** filho], uma violência, uma coisa, sabe? (22-E13-C6) (23-E13-C6)

#### ESTRUTURAS ANALÍTICAS

- (3) a. [Essas políticas que faz o país **crescer**], que é coisa que no Brasil num acontece. (343-E13-C6)  
 b. ...de madrugada eles liberaram ele, [ mandou ele **andar**] sem olhar para trás. (337-E5-C6)  
 c. Meus amigos, espera-os na sala de jantar um ponche, um ponche monumental, que [mandei **preparar**] no intuito de animar as pernas para a dança e os corações para o amor! (117-8-A)

Nos exemplos (2a) e (3a), as causativas são formadas com verbo inacusativo, já em (2b) e (3b), as sentenças são formadas a partir de verbos inergativos e em (2c) e (3c) as sentenças se formaram com verbos transitivos.<sup>69</sup>

## 6.2 Complementação do Núcleo Causativo nas Estruturas Lexicais no PB

Pylkkänen (2002, 2008) assume que o núcleo  $v^{\circ}_{\text{CAUSE}}$  pode selecionar uma raiz, um VP ou uma complementação fásica que contenha um aplicativo alto ou um argumento externo. A análise da complementação nas causativas lexicais em PB parte da hipótese de que o núcleo  $v^{\circ}_{\text{CAUSE}}$  seleciona VP e  $v\text{P}$  fásico. A seleção de  $v\text{P}$  fásico envolve a projeção de VoiceP, a qual aloca um argumento externo agente com a propriedade semântica de [+ iniciador] e ainda atribui caso acusativo ao DP mais baixo. Seguindo também o essencial da proposta de Legate (2014), considero, neste estudo, que VoiceP constitui uma fase cíclica, ou seja, domínio cíclico sintático, como proposto em Chomsky (2000) e que corresponde à projeção de VoiceP como complemento de  $v^{\circ}_{\text{CAUSE}}$ .

Para definir o tipo de complemento selecionado, foram aplicados três diagnósticos, especificados no Quadro 8, a seguir, retirados de Pylkkänen (2008), possíveis de serem testados nas causativas lexicais em PB.

Quadro 8 - Diagnósticos de identificação de complementos de  $v^{\circ}\text{CAUSE}$

DIAGNÓSTICOS	SELEÇÃO DE RAIZ $\checkmark$	SELEÇÃO DE VP	SELEÇÃO DE VP FÁSICO
a. Permite modificação adverbial de $v\text{P}$ abaixo de $v^{\circ}_{\text{CAUSE}}$ ?	Não	Sim	Sim
b. Permite modificação adverbial orientada para agente abaixo de $v^{\circ}_{\text{CAUSE}}$ ?	Não	Não	Sim
c. Permite DP agentivo [+ iniciador] abaixo de $v^{\circ}_{\text{CAUSE}}$ ?	Não	Não	Sim

Fonte: PYLKKÄNEN, 2008, p. 106

O resultado desses diagnósticos evidencia que o núcleo do verbo causativo, em PB, não seleciona uma raiz, uma vez que, ao selecionar diretamente uma raiz, a interveniência de termos entre raiz e núcleo causativo não é permitida. Logo, também não é licenciada a modificação adverbial de  $v\text{P}$  abaixo de  $v^{\circ}_{\text{CAUSE}}$ . As causativas sintéticas em PB permitem essa modificação, como mostra o exemplo (4).

<sup>69</sup> Verbo transitivo faz referência ao verbo transitivo de ação.

- (4) Não conseguem organizar uma frase e **querem organizar o país**. (814-7-B)
- (i) .... e querem **rapidamente** organizar o país.
- (ii) ... e querem organizar **rapidamente** o país.

A aplicação do diagnóstico quanto à modificação adverbial de  $vP$  abaixo de  $v^0_{CAUSE}$  permitiu constatar que o núcleo causativo pode selecionar  $vP$  ou  $vP$  fásico, mas não selecionaria uma raiz acategorial, na estrutura causativa em PB.

A aplicação do segundo diagnóstico, referente à modificação adverbial orientada para agente abaixo de  $v^0_{CAUSE}$ , permite identificar se um argumento externo é licenciado ou não na complementação de  $v^0_{CAUSE}$ . Nessa mesma linha, identifica também se ocorre a projeção de VoiceP. Além disso, esse diagnóstico demonstrou que a seleção de  $v^0_{CAUSE}$  está diretamente relacionada ao estatuto do verbo lexical formador da estrutura causativa, a saber: verbo inacusativo, verbo inergativo ou verbo transitivo; e com a interpretação semântica [+ / - Iniciador] do DP, elemento causado, na sentença.

Sendo assim, início apresentando o comportamento das causativas formadas de verbos inacusativos.

### ***6.2.1 Causativas Lexicais Formadas a partir de Verbos Inacusativos***

De acordo com a hipótese inacusativa de Búrzio (1986), os verbos inacusativos não atribuem caso a seu argumento interno, logo não projetam um argumento externo. Dessa forma, é de se esperar que a causativa sintética formada a partir de verbo inacusativo não projetará VoiceP, ou seja, argumento externo agente, no complemento de  $v^0_{CAUSE}$ . É esperado também que a modificação adverbial orientada para agente abaixo de  $v^0_{CAUSE}$  não seja permitida. Tendo em conta essa proposta, observe os exemplos (5) e (6) a seguir:

- (5) a. Hoje às oito horas, **eu vou esclarecer o acontecimento...** Apareça lá.  
(953-10-B)
- b. Eu, **de propósito**, vou esclarecer o acontecimento.
- c. Eu vou esclarecer o acontecimento, **de propósito**.
- (6) a. O drogado é um doente, **ele também adoece toda família**. (343- FMJ- C8)
- b. Ele, **de propósito**, adoece toda família.

c. Ele adoece toda família, **de propósito**.

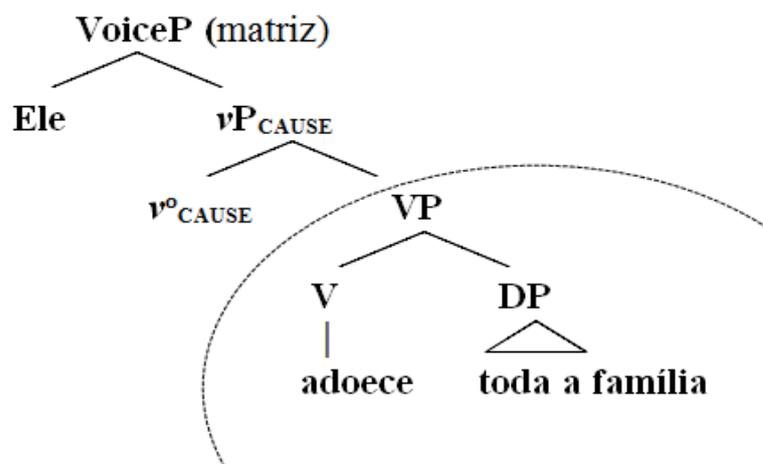
Nos exemplos em (5) e em (6), o modificador agentivo *de propósito* tem escopo apenas sobre o DP mais alto, o qual é o causador da ação expressa pelo verbo. A expressão adverbial modifica apenas o argumento externo na posição de sujeito, configurando-o como único agente na sentença e sinalizando que o núcleo  $v^0_{\text{CAUSE}}$  seleciona VP como complemento.

Além disso, de acordo com Legate (2014), o spec de VoiceP ativo é preenchido por um elemento agentivo com a propriedade semântica mais geral de [+ iniciador]. Considerando essa proposta, é argumento a favor da projeção de VP, como complemento de  $v^0_{\text{CAUSE}}$ , nos exemplos arrolados em (5) e em (6), o fato de que, nessas construções, os DPs (*acontecimento* e *toda família*) não constituem iniciadores da ação expressa pelo verbo. Esses DPs atuam tematicamente somente como pacientes.

Diante dessa descrição, na estrutura sintática da causativa sintética formada a partir de verbos inacusativos, o núcleo Voice<sup>o</sup> da matriz licencia um DP agente/causador. Já o núcleo  $v^0_{\text{CAUSE}}$  seleciona vP não fásico como complemento, devido ao fato de o verbo lexical inacusativo não licenciar argumento externo abaixo de  $v^0_{\text{CAUSE}}$ . A estrutura argumental dessa construção sintática é apresentada a seguir<sup>70</sup>.

#### CAUSATIVA LEXICAL FORMADA COM VERBO INACUSATIVO

- (7) a. Ele adoece toda a família.  
b.



### 6.2.2 Causativas Lexicais Formadas a partir de Verbos Inergativos

<sup>70</sup> Ao longo desta tese, a representação sintática arbórea contemplará a complementação do núcleo causativo, refletindo o essencial para o entendimento da proposta.

Os verbos inergativos apresentam, em sua estrutura sintática, argumento externo. Assim, a causativa sintética formada a partir de verbo inergativo projeta VoiceP, no complemento de  $v^0_{CAUSE}$  e a modificação adverbial orientada para agente abaixo desse núcleo é permitida. No exemplo em (8), a seguir, apresento diagnóstico com o modificador adverbial *pacientemente*.

- (8) a. Manuel João casou sua filha hoje. (10-5-A)
- (i) Manuel João, **pacientemente**, casou sua filha hoje.
  - (ii) Manuel João casou sua filha hoje, **pacientemente**.

Esse diagnóstico demonstrou que a expressão adverbial *pacientemente* apresenta ambiguidade de escopo, podendo modificar tanto o causador do evento (Manuel João) quanto o DP agente no evento causado (*a filha*). Esse fato evidencia a presença de núcleo causativo capaz de selecionar vP fásico como complemento, ou seja, complemento com argumento externo em Voice<sup>o</sup>. Uma interpretação do escopo adverbial indica que o pai se comportou com paciência na cerimônia de casamento da filha, e o advérbio se relaciona diretamente com o núcleo causativo (fazer), tal como explicitado em (8)′.

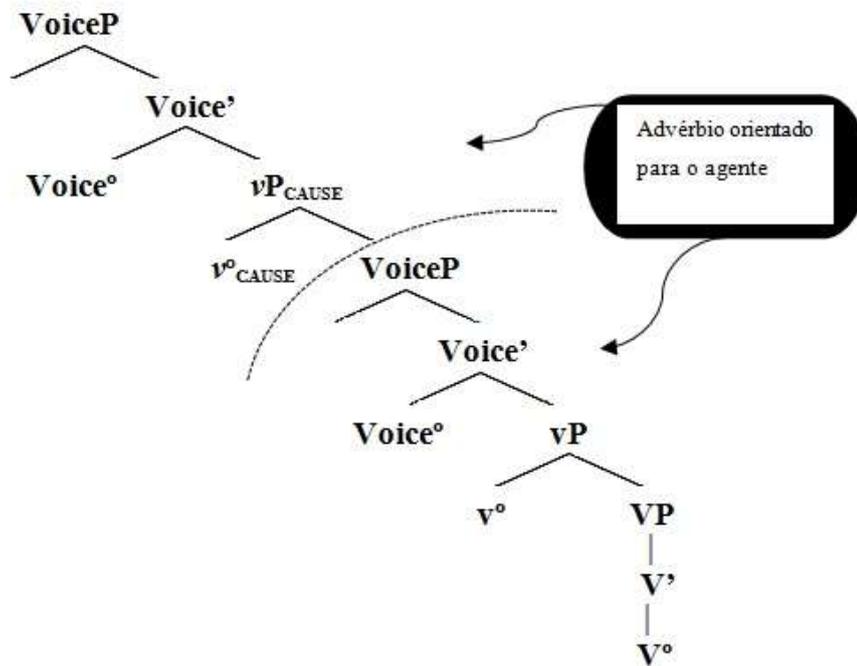
- (8)′ Manuel João (**fez**), **pacientemente**, sua filha casar.

A outra interpretação indica que a filha, contrariando o que se espera do comportamento de uma noiva, comportou com paciência no casamento, no entendimento de que o Manuel João criou o ambiente favorecedor para que a filha não ficasse nervosa. Nesse caso, o advérbio se relaciona diretamente com o verbo *casar*, encaixado ao núcleo causativo, como evidenciado no exemplo que segue.

- (8)′′ Manuel João (fez) sua filha **casar pacientemente**.

As duas possibilidades de interpretação sintática diagnosticadas são representadas a seguir.

(9)

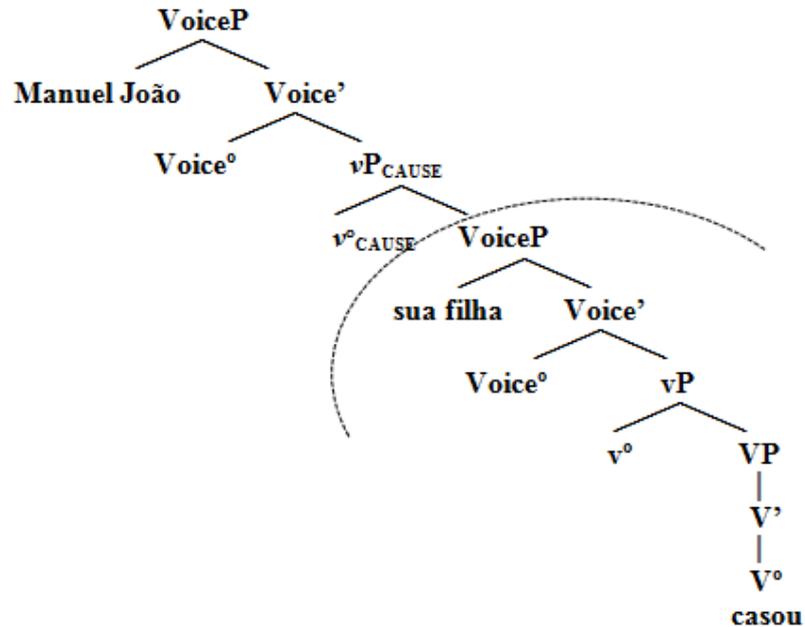


Tal situação indica a projeção de dois argumentos agentivos, um alocado acima de  $v^{\circ}_{\text{CAUSE}}$  e outro alocado abaixo desse núcleo. Soma-se a esse resultado, o fato de o DP (*sua filha*) apresentar interpretação semântica de participante [+ iniciador] da ação expressa pelo verbo. Considerar argumento agentivo abaixo do núcleo causativo implica a projeção de VoiceP. Sendo assim, constata-se que o núcleo  $v^{\circ}_{\text{CAUSE}}$ , nesse contexto, seleciona vP fásico como seu complemento.

Diante dessa descrição, na estrutura sintática da causativa sintética formada a partir de verbos inergativos, o núcleo Voice° da matriz licencia um DP agente/causador. Já o núcleo  $v^{\circ}_{\text{CAUSE}}$  seleciona vP fásico/VoiceP como complemento, conforme representado na estrutura argumental, a seguir.

## CAUSATIVA LEXICAL FORMADA COM VERBO INERGATIVO

- (10) a. Manuel João casou sua filha.  
b.



## 6.2.3 Causativas Lexicais Formadas a partir de Verbos Transitivos

Os dados mostraram que as causativas formadas a partir de verbos transitivos podem selecionar VP não fásico ou vP fásico. A restrição que se coloca nessa seleção de  $v^{\circ}_{CAUSE}$  é a existência ou não de um argumento externo abaixo de  $v^{\circ}_{CAUSE}$  e o traço semântico [+ iniciador] desse DP.

O contexto sintático em que o núcleo causativo seleciona VP é constituído por verbo transitivo e o DP objeto direto do verbo é [- iniciador]. Observe os exemplos:

- (11) a. Eu falei: [**me**] **tira da escola**, me dá uma expulsão da escola. (26-E18-E6)  
tirar = fazer sair  
b. **Ele matava [pintinho]** afogado no bebedor. (64-E43-E6)  
Matar = fazer morrer  
c. Era uma hora da manhã, assaltaram ela e **derrubou [ela] na lama**.  
(338- JC- E8) Derrubar = fazer cair

Argumentando a favor da seleção VP nessas construções, mostro que nas sentenças em (11), os DPs (*me*, *pintinho* e *ela*) apresentam o traço semântico de [- iniciador]

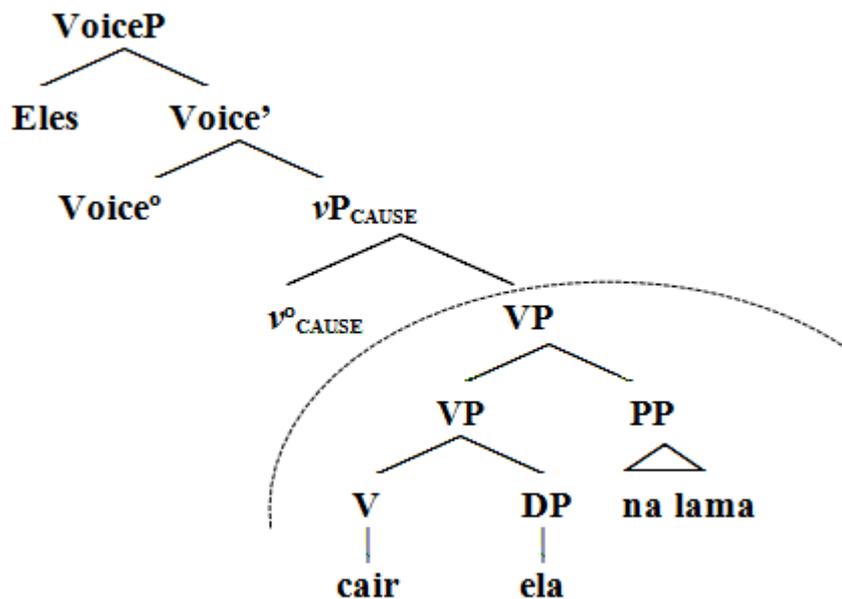
da ação verbal, por isso não podem se alocar em VoiceP. Destaca-se, também, que a contraparte causativa heterônima, nos exemplos arrolados, forma-se com verbos inacusativos (*sair*, *morrer* e *cair*), os quais não selecionam argumento externo agentivo.

A representação sintática dessa estrutura é apresentada na configuração abstrata, a seguir.

CAUSATIVA LEXICAL FORMADA COM VERBO TRANSITIVO

$v^{\circ}_{\text{CAUSE}}$  SELECIONA VP

- (12) a. Eles derrubaram ela na lama. (derrubar = fazer cair)  
b.



As causativas formadas por verbos transitivos em que o núcleo causativo seleciona vP fásico como complemento são constituídas por estruturas em que o sujeito gramatical não é o executor da ação realizada pelo verbo, conforme interpretação do contexto. Essa ação é realizada por um argumento externo implícito, pressuposto existencialmente, conforme mencionado por Bittencourt (1995, 2001) e Miliano (2014). Observe os exemplos:

- (13) Mas, ele foi além daquilo que o almejado...estava acostumado **com prefeito que asfaltava uma rua**, soltava foguetes, certo. (386- E55– E8)

= MANDAVA (alguém) ASFALTAR

- (14) ...Eles investiram muito em/ na educação, na saúde, olha aqueles prédio, aquelas casa tudo lá em frente o hospital né, ali/ o hospital tava devagar, **derrubaram, construíram um novo**, agora a gente entra lá, dá gosto da gente vê né tudo bem organizado né (336- JC– E8) (337- JC– E8)

= MANDARAM (alguém) DERRUBAR/ MANDARAM (alguém) CONSTRUIR

- (15) **Ele reformou a cidade** ... tiro:u muitas coisa, tá faltando muitas coi:sa, MAis, num temo prefeito pra trabalhar igual ele. (276- E44 – E7)

=MANDOU (alguém) REFORMAR

- (16) Sabe? Então, ela... **ele, ele construiu a igreja** e eu me lembro... (150- ARC 12 – E7)

=MANDOU (alguém) CONSTRUIR

- (17) Sim, NP sim ... NP ... não que **NP fez cirurgia de garganta** ... ele tinha poblema de garganta ... (281- E46 – E7)

= (MANDOU (alguém/ o médico) EXECUTAR A CIRURGIA)

Seguindo parcialmente a proposta de Milanio (2014), essas construções causativas sintéticas são derivadas de construções causativas analíticas, constituindo uma redução, com a omissão do agente da ação encaixada, conforme exemplificado a seguir.

- (18) a. Ele construiu a igreja.  
b. Ele mandou (**alguém**) construir a igreja.

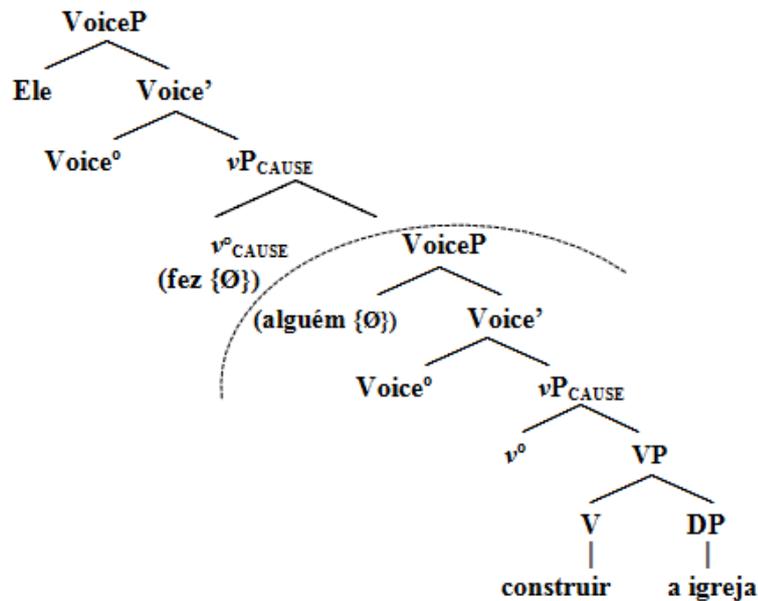
Para Milanio (2014), o pronome indefinido (*alguém*) alocado na posição de sujeito da oração encaixada representa a interpretação do sujeito nulo ligado ao verbo transitivo. Esse sujeito é interpretado como o profissional responsável ou alguém capaz de executar a ação expressa pelo verbo lexical e receberia caso Nominativo.

Nesse tipo de estrutura, acima do núcleo  $v^{\circ}_{\text{CAUSE}}$ , há a projeção de VoiceP, o qual aloca o argumento externo no evento da causação. Abaixo do núcleo causativo, há outra projeção de VoiceP que aloca o executor da ação verbal, no evento causado. A configuração sintática dessa estrutura é apresentada na estrutura arbórea a seguir.

## CAUSATIVA LEXICAL FORMADA COM VERBO TRANSITIVO

 $v^{\circ}_{\text{CAUSE}}$  SELECIONA  $v\text{P}_{\text{CAUSE}}$  fásico / VoiceP

- (19) a) Ele construiu a igreja.  
 (i) Ele fez (**alguém**) construir a igreja.  
 b)



Ressalto que a análise realizada por Milano (2014) é adequada no que se refere aos dados contemporâneos, nos quais, no PB, o núcleo causativo da construção causativa analítica opta por uma categoria fásica, com caso Nominativo atribuído no domínio inferior, conforme veremos adiante. Se a estrutura exemplificada em (19) fosse realizada no início do século XIX, por exemplo, haveria possibilidade de se interpretar o verbo transitivo como parte de um predicado complexo, tal como exemplificado em (20) a seguir.

- (20) a. Ele construiu a igreja.  
 I. Ele [mandou construir] a igreja.  
 II. Ele [mandou construir] a igreja **ao clero**.  
 III. Ele [mandou construir] a igreja **pelos melhores arquitetos do mundo**.

Nas interpretações sintáticas em (I, II, III), o verbo leve forma um predicado complexo com o verbo transitivo, apresentando o agente da ação do domínio encaixado de formas diferentes: ausente (em I), Dativo posposto (em II), Oblíquo na forma de adjunto encabeçado pela preposição *por* (em III).

Os dados apresentaram ainda estrutura em que a inserção de um argumento externo, mesmo implícito, não é permitida, de acordo com a interpretação contextual. No exemplo (21) a seguir, o sujeito gramatical é o executor da ação expressa pelo verbo transitivo. O núcleo causativo seleciona vP não fásico<sup>71</sup> como complemento.

- (21) Da construção foi assim, com muita dificuldade que **a gente mesmo construiu** e ... nós mudamo pra casa antes de terminar. (155- ARC 13 – C7)

Considerando as propostas teóricas e as estruturas sintáticas apresentadas, passo a detalhar, quantitativamente, a seleção que o núcleo  $v^{\circ}_{CAUSE}$  efetua nas causativas lexicais no PB.

#### 6.2.4 Quantificação dos Dados – Complementação de $v^{\circ}_{CAUSE}$ nas Estruturas Lexicais

Foram coletadas 1400 ocorrências de sentenças causativas sintéticas, cuja complementação de  $v^{\circ}_{CAUSE}$  se distribui como apresentada na Tabela 2, a seguir.

Tabela 2 – Distribuição da Seleção  $v^{\circ}_{CAUSE}$  nas Causativas Sintéticas em PB

Construção	XIX		XX		XXI	
	N	%	N	%	N	%
VP	456	97	518	98	365	91.3
vP fásico/ VoiceP	15	3	11	2	35	8.7
<b>Total</b>	<b>471</b>	<b>100</b>	<b>529</b>	<b>100</b>	<b>400</b>	<b>100</b>

Fonte: a autora

A Tabela 2 demonstra que o núcleo  $v^{\circ}_{CAUSE}$  nas causativas sintéticas tem preferência por uma complementação não fásica ao longo do tempo. Nos séculos XIX e XX o percentual é aproximado, com 97% e 98%, respectivamente, de seleção de complemento vP não fásico. Ocorre, no entanto, um decréscimo nos dados contemporâneos (de 2003 a 2015) a que chamo de século XXI<sup>72</sup>. A seleção de um núcleo não fásico se apresenta em 91,3% dos

<sup>71</sup> Esclareço que a estrutura sintática nas causativas lexicais permite a seguinte relação:

a) vP não fásico = VP

b) vP fásico = VoiceP

<sup>72</sup> Os dados contemporâneos (de 2003 a 2015) são representados ao longo da tese como dados do século XXI, na verdade, são dados apenas do início deste século.

dados e a seleção fásica VoiceP, a qual apresentava em 2% das ocorrências no século XX, passa a se apresentar em 8,7%, nos dados do século XXI. Esse resultado indica que, considerando a porcentagem, a variação exibida na estrutura é irrelevante, não carecendo de maiores aprofundamentos, além daqueles expostos nesta tese, em termos de implementação e encaixamento de mudança linguística.

A preponderância da complementação VP e o aumento da complementação VoiceP registrados na Tabela 2 estão relacionados com o estatuto do verbo (inergativo, inacusativo, transitivo) que forma a construção causativa sintética. Dessa maneira, a análise da produtividade das causativas formadas com cada tipo de verbo citado indica que a variação na complementação de  $v^{\circ}_{CAUSE}$  se deve aos seguintes fatores:

- alta produtividade de causativas sintéticas formadas com verbos transitivos de ação e que apresentam um elemento [- iniciador] do evento causado. Nessa estrutura o núcleo causativo seleciona VP não fásico;
- aparecimento, nos dados do século XXI, de estrutura causativa sintética, formada com verbos transitivos de ação, derivada de estrutura analítica, que licencia sujeito executor da ação implícito. Nessa estrutura o núcleo causativo seleciona VoiceP;
- diminuição de estruturas causativas formadas com verbos inacusativos, cujo elemento afetado pelo evento da causação é [- iniciador] de ação verbal. Nessa estrutura o núcleo causativo seleciona VP não fásico.
- Percentual de verbos inergativos relativamente estável. A estrutura causativa formada com verbo inergativo apresenta um elemento [+ iniciador] do evento causado e o núcleo causativo seleciona VoiceP.

A quantificação dos dados em relação ao estatuto do verbo formador da estrutura causativa sintética (inergativo, inacusativo e transitivo) é apresentada na Tabela 3, a seguir.

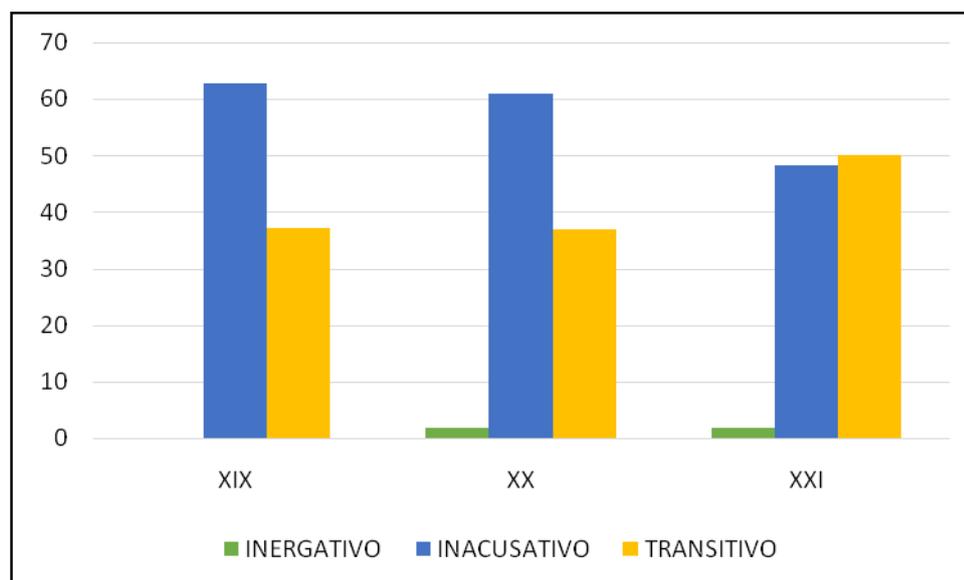
Tabela 3 – Estatuto do Verbo Formador de Causativas Sintéticas em PB

Estatuto do verbo	XIX		XX		XXI	
	N	%	N	%	N	%
Inergativo	0	-	10	1.9	7	1.8
Inacusativo	296	62.8	323	61	193	48.2
Transitivo	175	37.2	196	37	200	50
<b>Total</b>	<b>471</b>	<b>100</b>	<b>529</b>	<b>100</b>	<b>400</b>	<b>100</b>

Fonte: a autora

A Tabela 3 demonstra, numa leitura vertical, que no século XIX e XX, nos dados analisados, há a prioridade de verbos inacusativos na formação da causativa sintética, com percentual acima de 60%. Destaca-se que no século XIX, nesses dados, não ocorreram causativas formadas com verbos inergativos e no século XXI, acontece decréscimo de estruturas com verbos inacusativos e acréscimo percentual das estruturas com verbos transitivos. Para melhor visualização, apresento esses percentuais que retratam a variação nas causativas sintéticas, no Gráfico 2, a seguir.

Gráfico 2- Estatuto do Verbo Formador de Causativas Sintéticas em PB



Fonte: a autora

O Gráfico 2 demonstra que a estrutura causativa sintética em PB não prioriza aquelas formadas por verbo inergativo. É de se esperar, então, que as estruturas formadas por

esse estatuto verbal sejam contempladas em maior percentual nas construções causativas analíticas. Retomo esse ponto na quantificação das estruturas analíticas.

Relacionando os dados da Tabela 2 com os dados do Gráfico 2, pode-se dizer que a preponderância da complementação VP (acima de 90%) é justificada pelo fato de o contexto que licencia essa complementação ser o mais produtivo nas causativas sintéticas: estruturas formadas com verbos inacusativos e transitivos, com DP encaixado não agentivo.

Destaco, também, que é no século XXI que ocorre, nos dados analisados, o aparecimento de estrutura causativa sintética, formada com verbos transitivos, derivada de estrutura analítica, que licencia sujeito executor da ação implícito, tal como mostrada anteriormente, conforme Milano (2014). Nessa estrutura, exemplificada em (22), o núcleo causativo seleciona VoiceP. Observo que é nesse mesmo período de tempo que as causativas analíticas começam a consolidar uma estrutura encaixada que licencia uma posição de sujeito gramatical (spec de TP) e uma posição de sujeito temático (VoiceP), conforme será mostrado adiante na análise das causativas analíticas.

- (22) A pessoa tá com problema de droga, **o governo deveria internar as pessoas.**  
(mandar (**um agente público/ alguém**) internar as pessoas)

Os dados mostraram, assim como foi constatado em Bittencourt (1995), diversidade do repertório de verbos de ação que passam a formar causativas sintéticas no PB. Nesse sentido, apresento os verbos que formam causativas, cujo núcleo  $v^{\circ}_{\text{CAUSE}}$  selecionam VoiceP como complemento e licenciam um elemento participante [+ iniciador] da ação expressa no verbo lexical.

No século XIX, os verbos *casar*, *reconciliar*, *lembrar* e *decidir* formaram a estrutura descrita. No século XX, os verbos *casar*, *dormir*, *comungar* foram empregados nas construções com VoiceP. No século XXI, dados contemporâneos, o repertório aumenta em quantidade e diversidade dos itens verbais empregados<sup>73</sup>. Constam, nos dados analisados, 21 (vinte e um) verbos diferentes em 35 (trinta e cinco) ocorrências de causativas sintéticas, cujo núcleo  $v^{\circ}_{\text{CAUSE}}$  seleciona VoiceP. Os verbos empregados foram os seguintes: *voltar*, *frear*, *formar*, *corromper*, *asfaltar*, *fazer*, *afastar*, *iniciar*, *desandar*, *soltar*, *construir*, *casar*, *arrumar*, *juntar*, *reformatar*, *ligar*, *correr*, *internar*, *revolucionar*, *derrubar*, *reunir*.

<sup>73</sup> Apresento, ao final, apêndice com exemplos dos dados analisados na presente tese.

Em resumo, a análise realizada até este ponto de desenvolvimento da presente pesquisa mostrou que, em PB, as causativas sintéticas licenciam, como complemento de  $v^{\circ}_{\text{CAUSE}}$ , VP não fásico em torno de 90% das ocorrências. Esse percentual demonstra pequena variação entre a seleção VP e VoiceP. A seleção dessa complementação está diretamente relacionada com o estatuto do verbo (inergativo, inacusativo e transitivo) encaixado a XP e com a interpretação semântica [+ iniciador] ou [-iniciador] do elemento afetado pelo evento da causação.

Destaco também que a emergência de estrutura causativa sintética com sujeito implícito, conforme exemplificada em (22), está em consonância com o sistema gramatical do PB, que permite estrutura causativa analítica com licenciamento e preenchimento de posição de sujeito gramatical, como será mostrado adiante. Destaco também que, devido a variação apresentar baixa produtividade, em torno de 9%, não será necessário realizar análise dos fatores morfossintáticos dessa estrutura, além dos que foram até aqui expostos.

Sendo assim, dedico a seção que segue para a descrição e análise da seleção efetuada pelo núcleo causativo nas construções analíticas.

### **6.3 Complementação Seleccionada por $v^{\circ}_{\text{CAUSE}}$ nas Causativas Analíticas**

Para melhor entender a trajetória de variação na complementação nas estruturas causativas analíticas, necessário se fez retornar aos dados analisados em Trannin (2010), no que diz respeito às propriedades da seleção que o núcleo causativo efetua nessas construções. Assim, antes de passar aos dados do PB, retomo esses dados que trazem informações sobre a complementação do núcleo causativo no Português Clássico nos séculos XVI ao XIX.

Assim, inicio fazendo uma reinterpretação dos dados citados, tendo em vista as categorias funcionais que complementam o verbo causativo no Português Clássico. Após essa parte, apresento a análise da complementação de  $v^{\circ}_{\text{CAUSE}}$  nas construções analíticas em PB.

#### ***6.3.1 Complementação do Núcleo Causativo no Português Clássico***

Trannin (2010) assume, como anteriormente mostrado, que a estrutura do domínio infinitivo na construção Fazer-Infinitivo é um vP. Na construção Fazer-Por, o complemento infinitivo é um VP simples. Nas construções ECM, o complemento infinito é um TP defectivo

e nas construções de Infinitivo Flexionado o complemento é um CP, conforme exemplificado em (23-26)<sup>74</sup>, a seguir.

ESTRUTURA FAZER-INFINITIVO – NÚCLEO CAUSATIVO SELECIONA vP

- (23) O ciúme **fez** [vP **perder** a vida à Mariana ]  
 [CauseP [vP v [InfP [VP V<sub>inf</sub>perder a vida à Mariana] ] ] ]

ESTRUTURA FAZER-POR – NÚCLEO CAUSATIVO SELECIONA VP

- (24) Sua mulher me **mandou** [vP **chamar** por Dom Alexandre]  
 [CauseP [VP V<sub>inf</sub> chamar DP]

ESTRUTURA ECM – NÚCLEO CAUSATIVO SELECIONA TP defectivo

- (25) A graça de Deus, quando vem a algumas almas e lhe manda primeiro suas inspirações, é como os senhores que vão pelas estradas e **mandam** seus criados **prevenir** o aposento. (A. das Chagas, 1631)

[CauseP [TP T<sub>def</sub> [VP [InfP [VP V<sub>inf</sub>DP] ] ] ] ]

ESTRUTURA INFINITIVO – FLEXIONADO – NÚCLEO CAUSATIVO SELECIONA CP

- (26) O professor mandou os meninos fazerem a lição.  
 [CauseP [CP [VP [InfP [VP V<sub>inf</sub>DP] ] ] ] ]

Pode-se depreender das análises apresentadas para o PE que, da mesma forma que nas construções causativas lexicais em PB, a variação nas causativas analíticas ocorre no licenciamento do XP encaixado. Esse XP, como foi mencionado acima, pode ser um vP, um VP simples, ou ainda um TP<sub>defectivo</sub>. No caso das estruturas causativas com complemento de infinitivo flexionado, o XP se configura como um CP. Assim retomo os dados de Trannin, observando a configuração da predicação (VP, vP, TP<sub>defectivo</sub>, CP) e não mais observando a estrutura como um todo. Esclareço ainda que a predicação vP não faz referência ao vP fásico, na proposta de Pylkkänen (2002, 2008). Nesse sentido, apresento a relação seguinte:

<sup>74</sup> Exemplos citados em Trannin (2010).

CONFIGURAÇÃO CAUSATIVA		COMPLEMENTO DE $v^{\circ}_{\text{CAUSE}}$
Fazer-Por	↔	VP
Fazer-Infinitivo	↔	vP
ECM	↔	TP <sub>defectivo</sub>
Infinitivo Flexionado	↔	CP

A descrição das estruturas causativas em Trannin (2010), que tratam, na verdade, da descrição do domínio infinitivo, possibilitaram também levantar as propriedades dessas categorias que complementam o núcleo causativo. Essas propriedades, como foi mostrado no Capítulo 3, contribuíram para a elaboração dos diagnósticos aplicados nas causativas analíticas em PB. Nesse sentido, tem-se:

- (i) Complemento vP: estrutura mono-oracional, o causado aparece na posição final, precedido ou não pela preposição *a*. Atribuição de caso acusativo ao causado feita pelo verbo matriz. O causado na forma de clítico se junta ao verbo causativo no domínio superior. O domínio infinitivo encaixado não permite negação frásica e não licencia clíticos complementos, conforme exemplificado em (27).

(27) O professor não lhes deixou [comer o chocolate]<sup>75</sup>.

- (ii) Complemento VP: estrutura mono-oracional, o causado é introduzido pela preposição *por* ou pode ser omitido. Se omitido, é interpretado como genérico ou indefinido. Com verbos inacusativos, essa estrutura é agramatical. A estrutura não projeta uma posição para argumento externo. Subida de clíticos é obrigatória, conforme exemplificado em (28).

(28) Mas não quero que **te** deixes [guiar por mim.] (R. Ortigão, 1836)

- (iii) Complemento TP defectivo: estrutura bi-oracional, causado ocorre em posição intermediária entre o verbo causativo e o verbo infinitivo; marcação excepcional de caso acusativo ao causado pelo verbo matriz; subida de clítico causado obrigatória

<sup>75</sup> Exemplos (27-30) de Gonçalves e Duarte (2001) citados em Trannin (2010, p.53-56).

para o domínio mais alto. O domínio infinitivo encaixado licencia negação frásica e clíticos complementos. Essa projeção é exemplificada em (29), a seguir.

- (29) A mãe mandou [os miúdos **não** fazer barulho].
- (iv) Complemento CP: estrutura bioracional. Causado ocorre em posição intermediária entre o verbo causativo e o verbo infinitivo; causado recebe caso nominativo do verbo infinitivo, de forma canônica. O domínio infinitivo encaixado licencia negação frásica e clíticos complementos. A subida do clítico causado ou do clítico complemento não é permitida. O núcleo causativo seleciona uma projeção sentencial completa, como exemplificada em (30).

- (30) A mãe mandou [eles não comerem mais chocolate].

Os dados não ambíguos analisados em Trannin (2010) indicam que, ao longo do período, as estruturas apresentam complemento VP simples em 46,6% das ocorrências, vP em 32,2% das ocorrências e 21,2% de complementação TP<sub>defectivo</sub>. Esse contexto significa que a variação nas construções causativas no Português Clássico se estabelece na complementação do núcleo causativo em vP, VP ou TP. Essa constatação reforça que a proposta de Pilkkänen(2002, 2008) é restritiva em relação a análise das construções causativas.

Acrescenta-se que foi constatada pela autora ambiguidade nas estruturas cuja complementação é vP e TP<sub>defectivo</sub> e entre TP<sub>defectivo</sub> e CP. Como anteriormente mostrado, as projeções vP e TP<sub>defectivo</sub> se diferenciam por vP não permitir negação frásica e nem complementos clíticos, enquanto o complemento TP<sub>defectivo</sub> os permite. No entanto, essas duas estruturas licenciam a subida do clítico causado que verifica caso do verbo mais alto. Soma-se a isso o fato de formas pronominais de primeira pessoa (*me, nos*) e de segunda pessoa (*te, vos*) serem sincréticas para o caso acusativo e o dativo, fomentando assim a ambiguidade estrutural, como se pode observar no exemplo a seguir.

- (31) Esta vista já então *nos fazia recordar* com saudade de o tempo de a nossa meninice. ( M.es d'Alorna, 1802)

No exemplo arrolado em (31), a ambiguidade se dá com o alçamento do clítico *nos*, pois não é possível certificar se a posição anterior desse argumento era intermediária entre o verbo causativo e o verbo infinitivo, configurando estrutura TP<sub>defectivo</sub> (ECM) ou se era

pós-verbo infinitivo configurando vP (fazer-infinitivo). Outro ponto de ambiguidade nessa estrutura recai sobre a forma sincrética do clítico *nos* que pode ser acusativo (TP<sub>defectivo</sub>) ou dativo (vP), como exemplificado a seguir.

- (31') Esta vista já então **fazia-nos recordar** com saudade de o tempo de a nossa meninice.
- (31'') Esta vista já então **fazia recordar a nós (aos presentes, aos avós...)** com saudade de o tempo de a nossa meninice.

A outra ambiguidade estrutural, mostrada em Trannin (2010), se estabelece entre a complementação TP<sub>defectivo</sub> e CP. Esses complementos apresentam em comum as propriedades de alocar o causado entre o verbo causativo e o verbo infinitivo e de licenciar negação frásica e clíticos complementos no domínio mais baixo. No entanto, enquanto na estrutura que projeta TP a subida do clítico causado é necessária, no complemento CP a subida do clítico não é permitida.

A ambiguidade entre a seleção TP<sub>defectivo</sub>/CP se manifesta quando o argumento causado lexical se realiza na terceira pessoa do singular e ocupa a posição entre os verbos. Como na terceira pessoa do singular, o infinitivo não apresenta marcas morfológicas de concordância, e como o sujeito lexical não apresenta marcas morfológicas de caso, não é possível certificar se se trata de um complemento TP<sub>defectivo</sub> ou de um complemento CP, conforme se pode observar no exemplo (32) a seguir.

- (32) O Imperador da Rússia, Alexandre, então aliado do Imperador Napoleão, **mandou** uma forte esquadra **ancorar** no Tejo, a qual entrou poucas semanas depois da partida do Príncipe Regente [...]. (M.es d'Alorna, 1802)<sup>76</sup>

A partir dos dados de Trannin (2010), apresento, na Tabela 4 a seguir, a distribuição dessa complementação no Português Europeu ao longo dos séculos e a ambiguidade constatada, tendo em vista as categorias funcionais projetadas na complementação de  $v^{\circ}_{\text{CAUSE}}$ .

<sup>76</sup> Exemplos 31 e 32 retirados de Trannin (2010. p. 81).

Tabela 4 - Distribuição das Construções Causativas Analíticas no Português Europeu

Construção	XVI		XVII		XVIII		XIX	
	N	%	N	%	N	%	N	%
vP	70	14	105	20.6	102	29.7	34	20.5
VP	302	60.8	229	44.8	110	32	66	39.8
TP <sub>defectivo</sub>	64	12.8	86	16.8	36	10.6	18	10.8
vP ou TP <sub>def</sub>	60	12.2	90	17.6	94	27.4	47	28.3
TP <sub>def</sub> ou CP	1	0.2	1	0.2	1	0.3	1	0.6
<b>Total</b>	<b>497</b>	<b>100</b>	<b>511</b>	<b>100</b>	<b>343</b>	<b>100</b>	<b>166</b>	<b>100</b>

Fonte: adaptado de Trannin (2010, p.82)

A Tabela 4, numa leitura vertical<sup>77</sup>, apresenta a produtividade da complementação do núcleo causativo em categorias sem ambiguidade e com ambiguidade. Iniciando pela descrição da complementação sem ambiguidade, os dados mostram que, no século XVI, de 497 ocorrências de construções causativas, 87.6% estão distribuídas nas categorias vP (14%), VP (60.8%) e TP<sub>defectivo</sub> (12.8%).

Já no século XVII, de 511 ocorrências de construções causativas, 82.2% estão distribuídos nas categorias vP (20.6%), VP (44.8%) e TP<sub>defectivo</sub> (16.8%). No século XVIII, de 343 ocorrências, 72.3% estão distribuídos nas categorias vP (29.7%), VP (32%) e TP<sub>defectivo</sub> (10.6%).

Por fim, no século XIX, são computadas apenas 166 ocorrências. Dessas, 71,1% estão distribuídos nas categorias vP (20.5%), VP (39.8%) e TP<sub>defectivo</sub> (10.8%). Esses números indicam que, ao longo do tempo em estudo, a categoria VP foi preponderante, isto é, o núcleo causativo seleciona uma categoria verbal simples como complemento.

Essa Tabela 4 revela também o panorama da complementação estrutural nas causativas, a partir do qual as causativas analíticas no Português Brasileiro se desenvolvem. Esse resultado mostra que o sistema gramatical do PB, o qual se implementa no final do século XIX, recebe como herança do Português Clássico a ambiguidade na complementação do núcleo causativo.

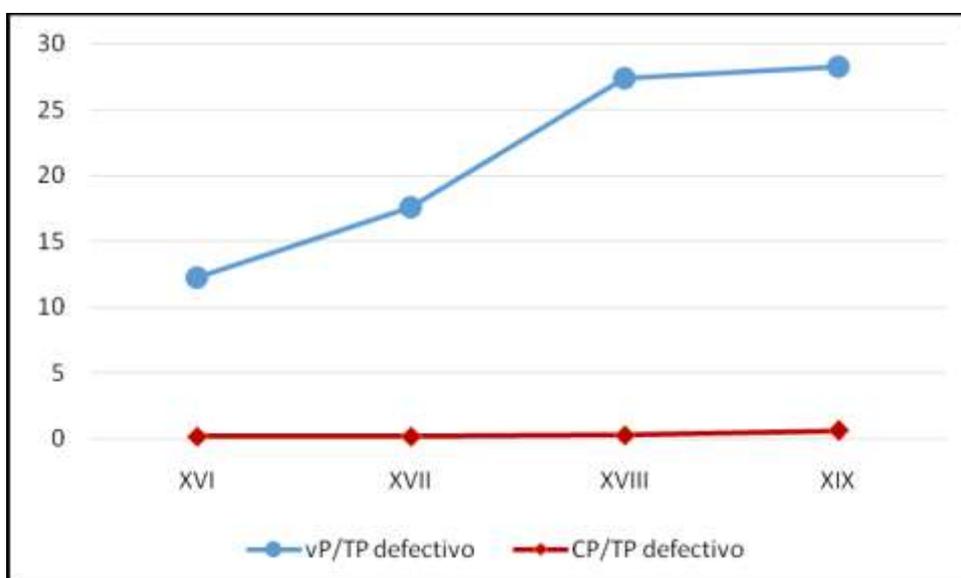
Defendo, diante dessa análise, a ideia de que a ambiguidade consiste basicamente na seleção pelo núcleo causativo de uma estrutura encaixada não sentencial, funcionalmente

<sup>77</sup> Não foi possível apresentar os dados de forma longitudinal devido ao fato de o quantitativo de ocorrências no século XXI ser bastante inferior aos demais períodos analisados, somente 166 ocorrências.

mais reduzida (VP/vP) passando para uma estrutura com mais propriedades formais sentenciais (com TP<sub>defectivo</sub> e CP). Esse é o processo de variação e mudança delineado no presente trabalho.

O Gráfico 3, a seguir, representa a evolução da ambiguidade vP / TP<sub>defectivo</sub> e registra a possibilidade de a estrutura apresentar uma sentença completa com infinitivo flexionado e atribuição de caso no interior do domínio infinitivo, uma vez que o infinitivo com marcas de flexão já está disponível no sistema linguístico do PE, conforme Martins (2004) e Salles e Pilati (2014).

Gráfico 3 – Ambiguidade vP/TP<sub>defectivo</sub> e CP/TP<sub>defectivo</sub> no Português Europeu



Fonte: a autora

O Gráfico 3 evidencia, em cada século, a projeção da ambiguidade vP/TP defeectivo no Português Europeu. No século XVI, essa ambiguidade se apresenta em 12,2% em um total de 497 dados, já no século XVII essa porcentagem é de 17,6%, no século XVIII a ambiguidade está em 27,4% e nas 166 ocorrências do século XIX tem-se 28,3%. A ambiguidade CP/TP defeectivo se apresenta em apenas 4 ocorrências nos quatro séculos estudados por Trannin (2010). Os resultados parecem indicar que quanto mais forte a produtividade de estruturas ambíguas, maior probabilidade de mudança sintática.

Destaco, de forma proeminente, o papel que a ambiguidade estrutural desempenha no processo de mudança linguística. De acordo com Roberts (2007), a ambiguidade sintática, a seleção de estruturas não marcadas e mais simples fomentam reanálises diacrônicas que geram mudança paramétrica. Para esse autor, as alterações no valor de um dado parâmetro

são implementadas por meio de processo de reanálise, mecanismo esse que muda a estrutura subjacente de uma expressão sintática sem envolver modificação na sua manifestação superficial. Esse contexto é constatado nas construções causativas analíticas tanto no PE, como analisado, quanto no PB, como será mostrado à frente, neste texto.

A análise da possível mudança linguística, neste estudo, segue os pressupostos de Roberts (2007) e da Teoria da Variação e Mudança Linguística tal como proposta por WLH (1968), como dito anteriormente, principalmente na consideração de que princípios de mecanismos de mudança que ocorreram no passado podem apresentar traços similares aos princípios que operam nas mudanças no presente.

Sendo assim, defendo a ideia de que o PB vai apresentar variação que caminha rumo à seleção do complemento infinitivo CP nas causativas analíticas e que a ambiguidade vai se fazer presente até o sistema apresentar TP não defectivo no domínio infinitivo. Desse modo, proponho que o núcleo  $v^o_{\text{CAUSE}}$  nas causativas em PB, ao longo do tempo, selecionará como complemento categorias com gradativas propriedades funcionais, tais como:

$$\text{VP} \rightarrow \text{vP} \rightarrow \text{TP}_{\text{defectivo}} \rightarrow \text{C-T}_{\text{não defectivo}}$$

Tendo em vista a análise apresentada em relação à complementação das construções causativas no Português Clássico, apresento na próxima seção a descrição e análise do complemento infinitivo nas estruturas causativas analíticas em PB.

### ***6.3.2 Complementação do núcleo causativo nas estruturas analíticas no Português Brasileiro***

O quadro de diagnósticos, proposto por Pylkkänen (2008), para a seleção efetuada pelo núcleo  $v^o_{\text{CAUSE}}$ , não contempla com totalidade a complexidade das estruturas causativas analíticas no Português, conforme mostrado anteriormente. Assim, a análise da variação na complementação das causativas analíticas segue, neste estudo, somente o essencial da proposta de Pylkkänen (2008).

Dessa forma, primeiramente, analiso as construções causativas no que diz respeito à categoria funcional (vP não fásico, vP fásico, TP<sub>defectivo</sub>, CP) selecionada pelo núcleo causativo como complemento. A seguir, demonstro como a estrutura sintática se alia com o estatuto do verbo encaixado (inergativo, inacusativo e transitivo) e com a interpretação

semântica do elemento causado como [+ iniciador] ou [-iniciador], para a projeção do núcleo introdutor de argumento externo, VoiceP.

Os dados analisados evidenciaram, ao longo do período em estudo, que o núcleo causativo, em PB, seleciona como complemento diferentes categorias funcionais, a saber: vP não fásico, vP fásico<sup>78</sup>, TP<sub>defectivo</sub> e CP. Em alguns momentos na trajetória de mudança, foi constatada ambiguidade estrutural entre essas categorias. Cada tipo de complementação nas causativas analíticas, acima citado, é a seguir apresentado.

### 6.3.2.1 Núcleo v<sup>o</sup><sub>CAUSE</sub> que seleciona vP Não Fásico

Proponho que as configurações de predicado complexo nas causativas apresentam dois verbos que se comportam como um único verbo, com grade temática única e apresentam somente um domínio de localidade<sup>79</sup>. Isso significa que não há projeção de categoria v fásico interveniente entre o verbo causativo e o verbo infinitivo, não é constituída uma barreira na derivação. Nesse tipo de estrutura ocorre forte adjacência entre o verbo causativo e o verbo infinitivo. Além disso, não se projeta uma posição para argumento externo agente, logo não se projetará o núcleo Voice<sup>o</sup> na complementação de v<sup>o</sup><sub>CAUSE</sub>.

Acrescenta-se que essa configuração não possui um domínio encaixado com o sistema funcional C-T. Essa proposta se fundamenta pelo fato de o domínio mais baixo não licenciar sujeito, infinitivo flexionado e negação frásica. No exemplo (33)<sup>80</sup>, a seguir, o operador de negação no domínio infinitivo é o responsável pela agramaticalidade da sentença.

- (33) a. A tempestade não fez sair as crianças.  
b. \*A tempestade fez não sair as crianças<sup>81</sup>.

(GONÇALVES, 1999:339-340)

Ainda como consequência da ausência do sistema C-T, como afirma Cyrino (2010), ocorre o licenciamento do movimento que propicia a subida de clítico. Nessas

<sup>78</sup> Relembro que aqui considero vP não fásico como categoria que não projeta argumento externo agente e vP fásico como categoria que projeta argumento externo agente, nos termos de Pykkänen (2008). Os dados analisados constam de estruturas causativas com verbos na voz ativa.

<sup>79</sup> Domínios de localidade relaciona-se aos limites de localidade de aplicação dos processos sintáticos. É o conceito de fases, no Programa Minimalista.

<sup>80</sup> Foi utilizado exemplo do PE por causa da impossibilidade de testar a gramaticalidade da sentença, por meio da intuição, com dados diacrônicos.

<sup>81</sup> Essa estrutura, presente no século XXI, não é agramatical no Português Brasileiro contemporâneo, como mostrado anteriormente.

estruturas, o elemento causado na forma de clítico *move-se*, obrigatoriamente, do domínio infinitivo e se junta ao verbo causativo, conforme exemplificado em (34).

- (34)
- a. Pimenta caminha receoso para o grupo que está no fundo, e com bons modos [**o faz sair**]. (40-3-A)
  - b. Deixe estar, mano, que havemos de [**fazê-lo chegar**] à razão. (1319A)
  - c. Eduardo - Se eles conhecessem o fel que encobrem essas rosas do prazer, [**deixá-las-iam murchar**], sem sentir-lhes o perfume (866A)

Nesse contexto sintático, a estrutura causativa não projeta uma posição argumental para alocar sujeito gramatical do verbo infinitivo e também não projeta o núcleo Voice<sup>o</sup> que introduz argumento externo agente. Essa proposição se justifica pelo fato de, nos dados, a estrutura em que o núcleo causativo seleciona vP não fásico ser formada sempre por verbos inacusativos.

Como foi visto, esse tipo de verbo não possui argumento externo e não é capaz de atribuir caso acusativo a seu único argumento interno. Por esse motivo, o elemento causado interno, quando se realiza na forma de clítico sobe para o domínio do verbo causativo para checar caso acusativo em Voice<sup>o</sup>.

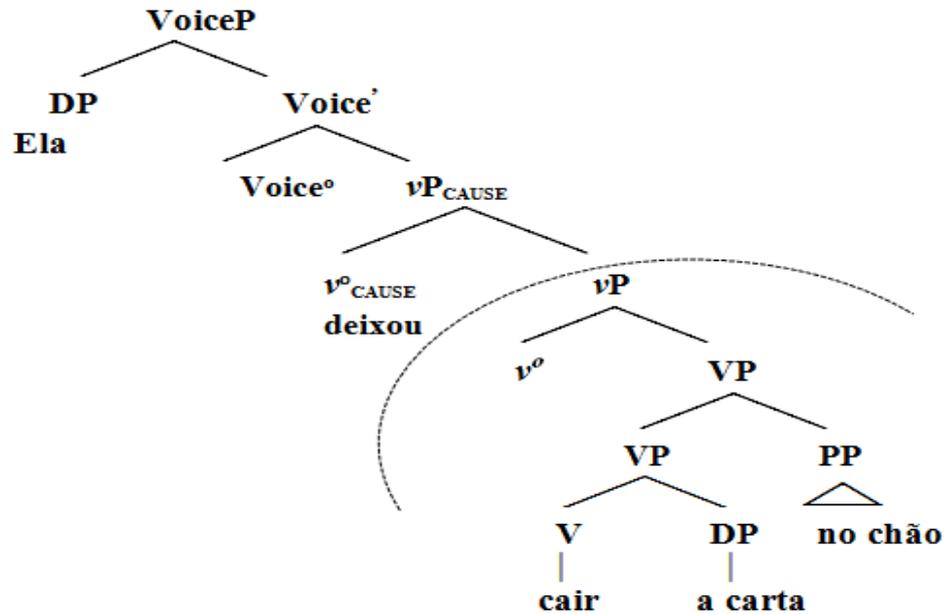
Ainda, em consonância com esse contexto, a interpretação semântica do elemento causado acusativo é [tema], sendo assim, não se trata de um elemento agente ou desencadeador/iniciador, conforme os exemplos em (35). Essa descrição é suporte para afirmação de que no complemento do núcleo causativo, não ocorre a projeção VoiceP. Para que a categoria VoiceP seja projetada, a estrutura sintática deve possuir argumento externo agente, com a propriedade de [+ iniciador], segundo Legate (2014).

- (35)
- a. Henrique – (À parte.) E não é que o diabinho da menina é bem interessante. (Alto.) Quero dizer-lhe que a senhora é a rosa mais encantadora destes prados, e que [faz morrer de inveja e de ciúmes **todas as flores**] que a cercam. (92-7-A)
  - b. Madalena - Deixa cair **a espingarda** no chão. (141A)
  - c. Pedro- Nanhã Carlotinha, [riqueza faz crescer **amor**]. (79-6-A)

Diante dessas propriedades, nos termos de Pytkänen (2002, 2008) e Legate (2014), nesse tipo de estrutura, o núcleo v<sup>o</sup><sub>CAUSE</sub> seleciona um sintagma verbal (vP) não fásico

como complemento. Há apenas uma projeção de VoiceP na estrutura, o qual aloca o DP iniciador/ desencadeador do evento da causação e atribui caso acusativo ao DP mais baixo. O verbo causativo comporta-se como um verbo leve que introduz o evento da causação<sup>82</sup>, conforme representação na estrutura sintática em (36).

(36) Ela deixou cair a carta no chão.



Os dados analisados apresentaram uma única estrutura causativa analítica formada por verbo transitivo, com a seleção de vP não fásico pelo núcleo  $v^{\circ}_{\text{CAUSE}}$ . Nessa estrutura também não há posição argumental para o argumento externo, conforme exemplo em (37).

(37) Um dia (ela) [mandou-me dizer **por Pedro**] que a minha curiosidade a incomodava. Desde então privei-me do prazer de olhá-la... (84-6-A)

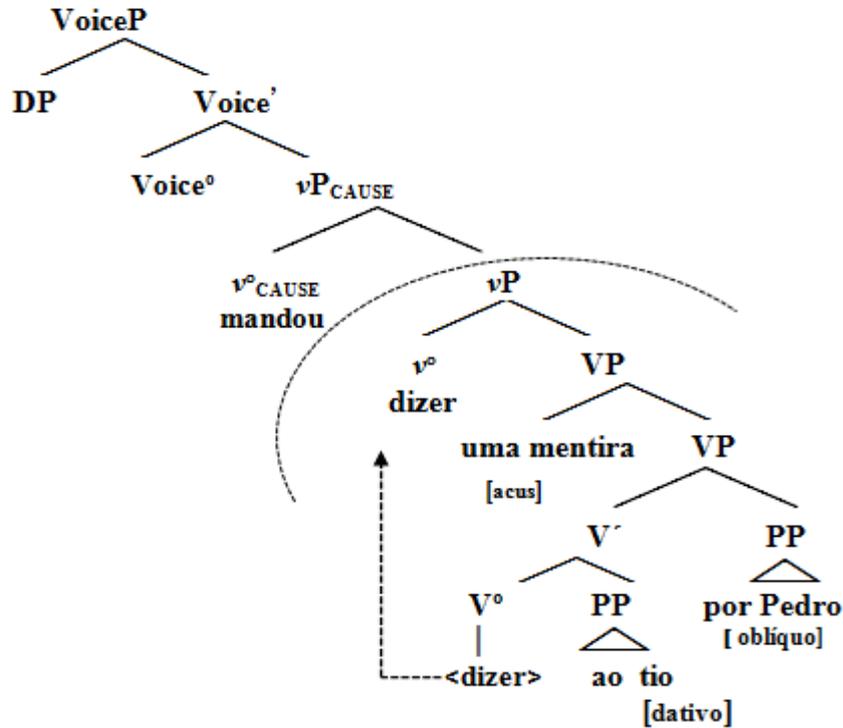
No dado arrolado em (37), o elemento *por Pedro* é o agente da ação do verbo infinitivo *dizer* e é afetado pelo evento da causação estabelecido pelo verbo *mandar*. Esse elemento se posiciona na estrutura argumental como adjunto preposicionado que recebe caso oblíquo da preposição *por*<sup>83</sup>. A configuração sintática subjacente da sentença exemplificada em (37) é apresentada na estrutura arbórea em (37c); e com um exemplo mais simples em (37b), mas com a mesma estrutura argumental.

<sup>82</sup> Pode-se analisar os elementos que complementam  $v^{\circ}_{\text{CAUSE}}$  tendo em vista também os movimentos sintáticos realizados nas operações e a atribuição de caso.

<sup>83</sup> A inserção da preposição *por* efetua operação de último recurso para assegurar a derivação da estrutura. Atribuição de caso dependente nas estruturas causativas, ver Baker (2015).

(37b) [Mandou dizer ao tio uma mentira **por Pedro**]

(37c)



### 6.3.2.2 Núcleo $v^{\circ}_{CAUSE}$ que seleciona vP Fásico

Esse tipo de estrutura ocorre com causativas analíticas formadas com o verbo leve causativo e verbo encaixado infinitivo transitivo ou inergativo. O núcleo causativo seleciona vP fásico como complemento com posição para argumento externo agente, logo projetará o núcleo  $Voice^{\circ}$  na complementação de  $v^{\circ}_{CAUSE}$ .

Da mesma forma que na estrutura que seleciona vP não fásico, a estrutura com vP fásico também não possui um domínio encaixado com o sistema funcional C-T. O domínio mais baixo não licencia infinitivo flexionado e negação frásica. No exemplo (38), a seguir, o operador de negação no domínio infinitivo não é permitido, configurando assim ausência de uma categoria TP no domínio encaixado.

- (38) a. O proprietário não mandou continuar o trabalho aos arquitectos.  
 b. \*O proprietário mandou não continuar o trabalho aos arquitectos<sup>84</sup>.

(GONÇALVES, 1999:339-340)

<sup>84</sup> Essa estrutura, presente no século XIX, não é agramatical no Português Brasileiro contemporâneo, como veremos adiante.

A ausência do sistema C-T licencia o movimento que propicia a subida de clítico, conforme anteriormente mostrado. Nessas estruturas, tanto o elemento causado na forma de clítico, exemplificado em (39a), como complemento verbal clítico exemplificado em (39b), movem-se, obrigatoriamente, do domínio infinitivo e se juntam ao verbo causativo.

- (39) a. Meu pai, não fico aqui nem mais um momento. [Não **me** deixam estudar a minha rabeça]... (26-2-A)  
 b. Nem creio [que **me** mandasses dizer que o velho ia à missa do galo] para brigares comigo. (2-1-A)

Em relação à interpretação semântica do elemento executor da ação expressa no verbo infinitivo, trata-se de um elemento agente ou desencadeador/iniciador, conforme os exemplos em (40). Em (40b), o termo *o orador* é o iniciador/desencadeador da ação do verbo inergativo *falar*. Essa descrição é argumento a favor de que, no complemento do núcleo causativo, ocorre a projeção VoiceP, introdutor do argumento externo.

- (40) a. Pedro - Corpo?... Não tem! Aquilo tudo que senhor vê é pano só! Vestido vem acolchoado da casa da Bragaldi; algodão aqui, algodão aqui, algodão aqui! [Cinturinha faz suar **rapariga** dela]; uma aperta de lá, outra aperta de cá... (89-6-A)  
 b. Henrique – [Deixem falar **o orador**.] (98-7-A)  
 c. Eduardo - Este imita o canto dos passarinhos... e saca-lhe sons tão tristes e lamentosos capazes de fazer chorar **um bacalhau**... (21-2-A)

Os dados analisados, nas estruturas em que  $v^{\circ}_{\text{CAUSE}}$  seleciona vP fásico, apresentaram o elemento agente do infinitivo nas seguintes formas: (i) causado na forma de clítico dativo adjacente ao verbo causativo, em orações com verbo transitivo conforme exemplificado em (41); (ii) causado omitido, genérico ou indefinido, conforme exemplificado em (42); (iii) causado acusativo posposto a verbo inergativo, exemplificado em (43). Destaca-se que ocorreu somente uma estrutura, nos dados analisados, em que o elemento causado é NP com caso dativo, exemplificado em (44).

- (41) Eleutério: Já está pronta a carta?  
 Carlos: Qual delas?  
 Eleutério: Como qual delas? A que **lhe** mandei fazer. (272 – 5-B)

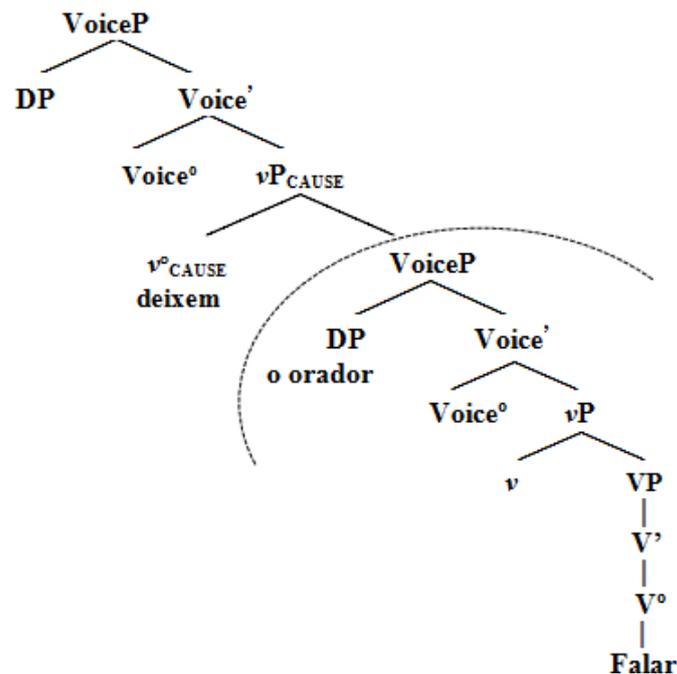
- (42) D. Ana — Já, Senhor Barão? Não seria melhor darmos um passeio pela chácara, enquanto [**eu mando --- aprontar o carro**] para conduzir Vossa Excelência à cidade?  
(170-10A) 1862
- (43) Henrique – [Deixem falar **o orador**.] (98-7-A)
- (44) Que mulher pode haver tão fina, que namore a muitos e que [faça crer **a cada um em particular** que é o único amado]? (293A)

Com essas propriedades, nessa estrutura, o núcleo  $v^{\circ}_{\text{CAUSE}}$  seleciona um sintagma verbal ( $vP$ ) fásico como complemento. Há projeção de VoiceP no domínio do verbo infinitivo para alocar o DP iniciador/ desencadeador do evento causado, conforme representação na estrutura sintática em (45) com verbo inergativo e em (46) com verbo transitivo.

#### SELEÇÃO VP FÁSICO – CAUSATIVA COM VERBO INERGATIVO

- (45) a. Henrique – [Deixem falar **o orador**.] (98-7-A)

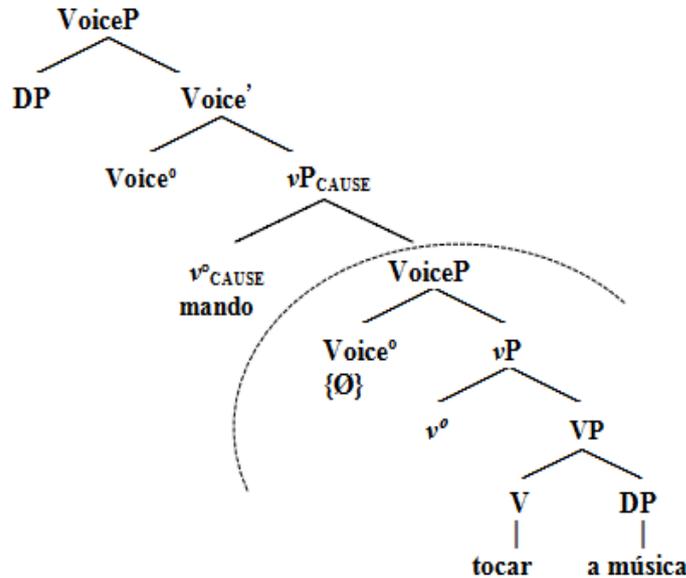
b.



SELEÇÃO VP FÁSICO – CAUSATIVA COM VERBO TRANSITIVO

(46) a. Arranje isso como puder; quando não, [**mando tocar a música...**](44-3-A)

b.



No exemplo arrolado em (46), o agente da ação de *tocar a música* é pressuposto existencialmente, embora seja um elemento indefinido. Assim, o núcleo de Voice° é projetado, mas é representado por um elemento vazio. O licenciamento dessa posição vazia se relaciona com o contexto sintático do Português empregado no início do século XIX, em que essa variedade apresentava mais traços de Língua de Sujeito Nulo, licenciando o sujeito não preenchido.

6.3.2.3 Núcleo  $v^{\circ}_{CAUSE}$  que seleciona TP defeitivo

Os dados apresentam estruturas causativas, cujo núcleo  $v^{\circ}_{CAUSE}$  envolve um TP defeitivo. Essa categoria não constitui um domínio de localidade, não apresenta traços *phi*, não sendo, portanto, uma fase. Comporta-se como um sistema C-T defeitivo.

Essa descrição formal se fundamenta nas seguintes propriedades. A estrutura se estabelece em um contexto de ECM, que em termos minimalistas (cf. Chomsky 1995; 2004), o V da matriz seleciona um T defeitivo o qual não manifesta traços formais do tipo *phi* (de pessoa, gênero e número). Dessa forma, o verbo infinitivo não licencia a flexão do infinitivo nos casos de concordância, a atribuição de caso se dá fora do domínio do infinitivo, ou seja, ocorre no domínio do V causativo. Isso faz gerar um contexto sintático em que a subida do clítico causado é necessária. Observe o exemplo a seguir.

- (47) Quando voltares da missa do galo, em vez de te ires deitar, [deixa **o avô** dormir], e espera-me. (5-1-A)

Em (47), o verbo causativo *deixar* seleciona complemento com sujeito antecedido ao verbo infinitivo, ou seja, causado com posição intermediária entre o verbo mais alto causativo e o verbo mais baixo infinitivo. O termo *o avô* verifica caso acusativo do verbo causativo.

Quando o sujeito causado se realiza na forma clítica, sua posição é adjacente ao verbo causativo, o qual lhe valora caso acusativo, como expresso no exemplo (48). Esse movimento do clítico para verificar caso é argumento a favor do caráter defectivo dessa categoria TP, a qual estabelece a configuração de ECM – marcação excepcional de caso.

- (48) Responda-me, por onde andou, que não passou por aqui ontem, e [fez-**me** esperar] toda tarde à janela? (32-3-A)

Já nas construções com complemento clítico do verbo infinitivo, como a estrutura não constitui um complexo verbal, como foi mostrado no Italiano e no PE, esse complemento permanece alocado no domínio do verbo infinitivo, conforme o exemplo (49).

- (49) Escrivão: [**O senhor juiz manda dizer-lhe**] que se não for, irá preso. (55-5- A)

No exemplo (49), o sujeito infinitivo causado não está expresso, mas é entendido no contexto de enunciação, referindo-se à primeira pessoa do discurso, singular. Nesta sentença, o sujeito do verbo *dizer* é o próprio escrivão. Assim, tem-se a seguinte construção com o sujeito preenchido, em (50).

- (50) Escrivão: [O senhor juiz **me** manda dizer-lhe] que se não for, irá preso.

Destaca-se que a estrutura sintática em (49) está inserida em um sistema linguístico que licencia sujeito nulo e o pronome LHE dativo. Esses fenômenos sintáticos serão retomados mais à frente na explicação do encaixamento da variação e mudança nas causativas em PB.

Além dessas propriedades, a categoria TP, nesse tipo de estrutura causativa, apresenta traços tais como licenciamento da categoria NegP (negação) no domínio do verbo infinitivo, como mostrado no exemplo a seguir.

(51) [O senhor juiz me mandou **não** sair de casa à noite]

Em vista dos processos descritos acima, considero que, na estrutura causativa em que  $v^{\circ}_{\text{CAUSE}}$  seleciona um TP defectivo como complemento, há duas sentenças e podem ser projetados dois núcleos Voice<sup>o</sup>. Nas estruturas causativas formadas por verbos inergativos ou transitivos, conforme exemplificado em (52 a,b) respectivamente, o núcleo Voice<sup>o</sup> mais alto aloca o agente causador e o núcleo Voice<sup>o</sup> mais baixo aloca o elemento agente do evento causado e, ao mesmo tempo, afetado pelo evento da causação.

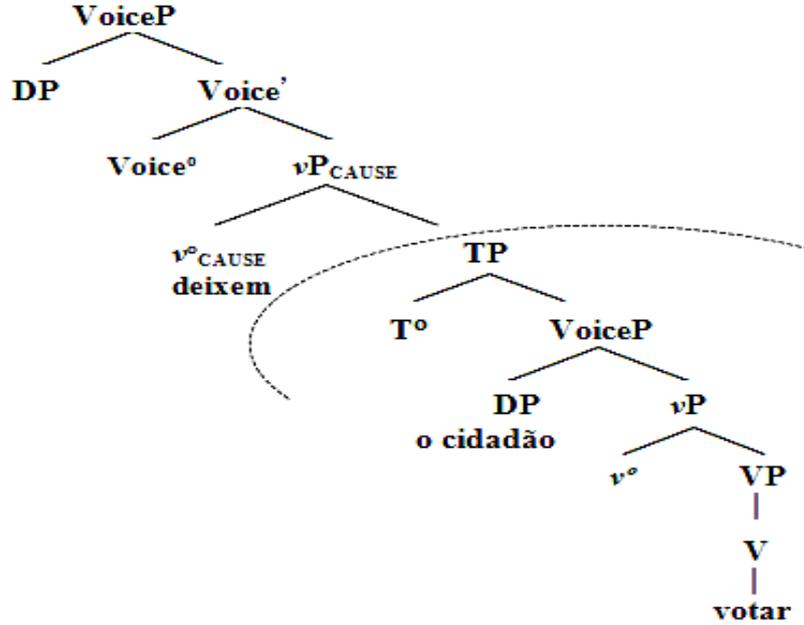
- (52) a. Quando voltares da missa do galo, em vez de te ires deitar, [deixa o **avô** dormir], e espera-me. (5-1-A)  
 b. Reinaldo – Isto não é nada; [deixem-**me** aplicar-lhe um globulozinho de beladona]. (133-9-A)

O segundo Voice<sup>o</sup> é projetado numa categoria TP defectiva que não valora caso ao sujeito do verbo encaixado no domínio mais baixo. Por esse motivo, o elemento agente afetado não encontra barreira para verificar caso do verbo causativo, no domínio matriz. Essa proposta assume a estrutura configuracional apresentada em (53), com verbo inergativo e em (54), com verbo transitivo.

SELEÇÃO TP<sub>DEFECTIVO</sub> – CAUSATIVA COM VERBO INERGATIVO

(53) a. Limoeiro: Deixem [o cidadão livre e independente votar]! (5-1-A)

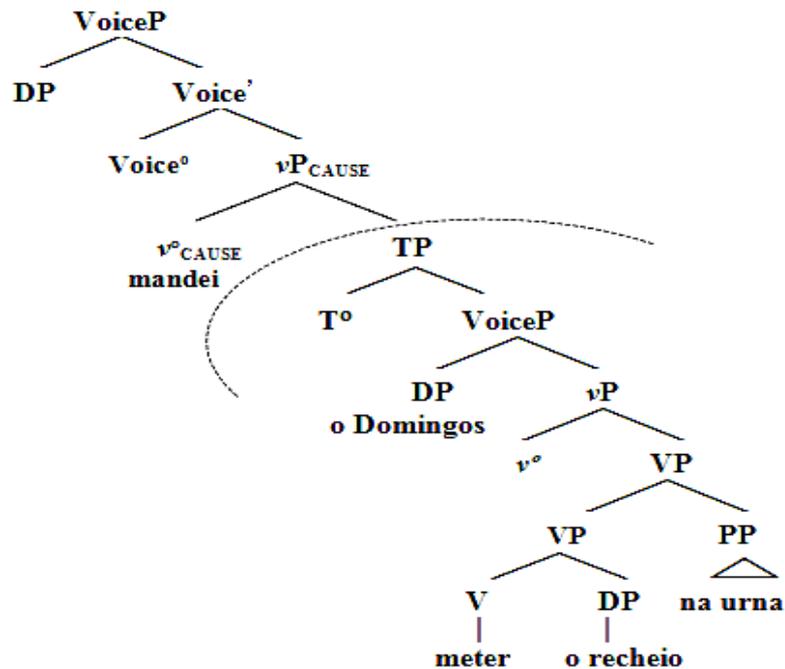
b.



SELEÇÃO TP<sub>DEFECTIVO</sub> – CAUSATIVA COM VERBO TRANSITIVO

(54) a. Limoeiro: Grande prejuízo! Perdemos esses votos, mas ganhamos todos do Partido Liberal, sem contar com [o recheio<sub>i</sub> que mandei o Domingos meter {Ø<sub>i</sub>} na urna].(957A)

b.

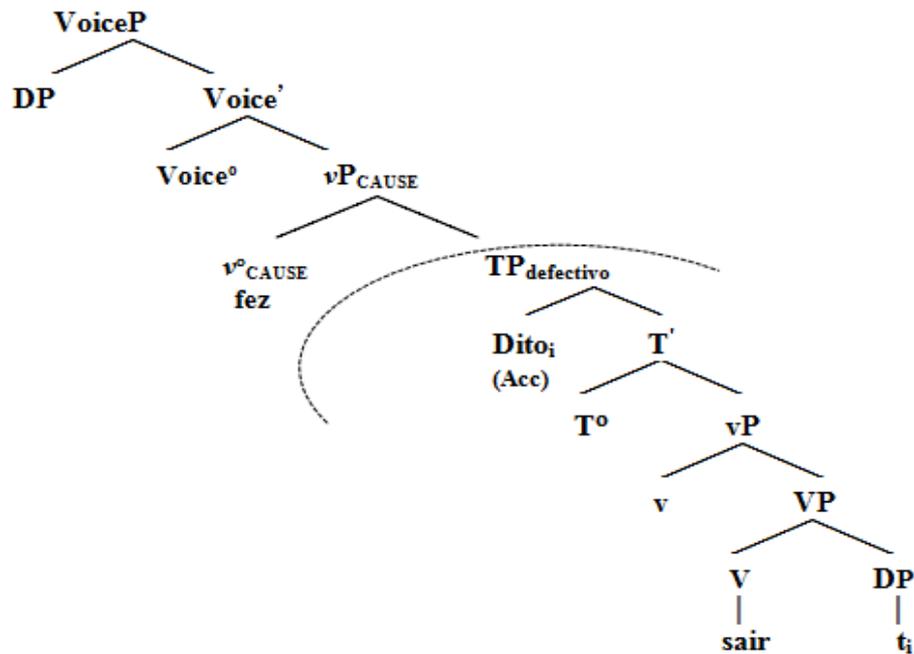


Nas estruturas causativas formadas por verbos inacusativos, conforme exemplificado em (55), há apenas a projeção do núcleo  $\text{Voice}^{\circ}$  mais alto, o qual aloca o agente causador. O núcleo causativo na estrutura com verbo inacusativo seleciona complemento não fásico, pois não apresenta argumento externo agente com a propriedade [+iniciador], conforme analisado anteriormente. Sendo assim, proponho a estrutura configuracional apresentada em (55b).

SELEÇÃO  $\text{TP}_{\text{DEFECTIVO}}$  – CAUSATIVA COM VERBO INACUSATIVO

- (55) a. P. Camilo: O senhor deve deixar-me a sós com o sacristão. **Fez Dito sair.**  
(194- 1-B)

b.



Na configuração em (55),  $v^{\circ}_{\text{CAUSE}}$  seleciona como complemento a categoria  $\text{TP}_{\text{defectivo}}$ . Essa complementação é formada com verbo inacusativo, o qual não atribui caso acusativo a seu argumento interno. Esse argumento se aloca então em Spec de TP para satisfazer EPP e para valorar o traço de Caso. Como a categoria TP é defectiva, o argumento interno, por já estar na borda, valoriza caso acusativo no domínio matriz.

Passo agora para a análise da complementação CP.

#### 6.3.2.4 Núcleo $v^{\circ}_{CAUSE}$ que seleciona CP

A análise dos dados, em conjunto com os estudos apresentados, permitiu definir uma categoria CP como complementação de  $v^{\circ}_{CAUSE}$ . Essa categoria constitui um domínio de localidade, apresenta traços *phi*, é uma fase na derivação sintática. Comporta-se como um sistema C-T completo, ou seja, não-defectivo.

Essa proposta se fundamenta nas propriedades das estruturas tais como causado NP em posição intermediária entre o verbo causativo e o verbo infinitivo com caso Nominativo e concordância com o verbo infinitivo, ou seja, licencia infinitivo flexionado. Conforme exemplificado em (56).

(56) Não deixe [<sub>CP</sub> **eles** falarem mais]. (228-3-B)

No exemplo (56), o verbo causativo seleciona uma sentença completa como complemento. O sujeito *eles* recebe caso nominativo e o verbo infinitivo é flexionado (*falarem*) em concordância com o sujeito.

Destaco que outras propriedades também dão suporte a essa complementação CP, com sistema C-T completo, tais como: subida proibida de causado clítico; licenciamento de clítico complemento no domínio infinitivo, conforme exemplificado em (57); licenciamento de NegP e de tempo independente no domínio mais baixo, exemplificado em (58) e (59)<sup>85</sup>.

(57) Primeiro deixa [eu **te** contar uma coisa do cinema]!... (386-E56-C7)

(58) São essas pessoas que fazem [a gente **não** querer ajudar].

(59) Também, quem mandou [você **ter ficado** em casa sozinha].

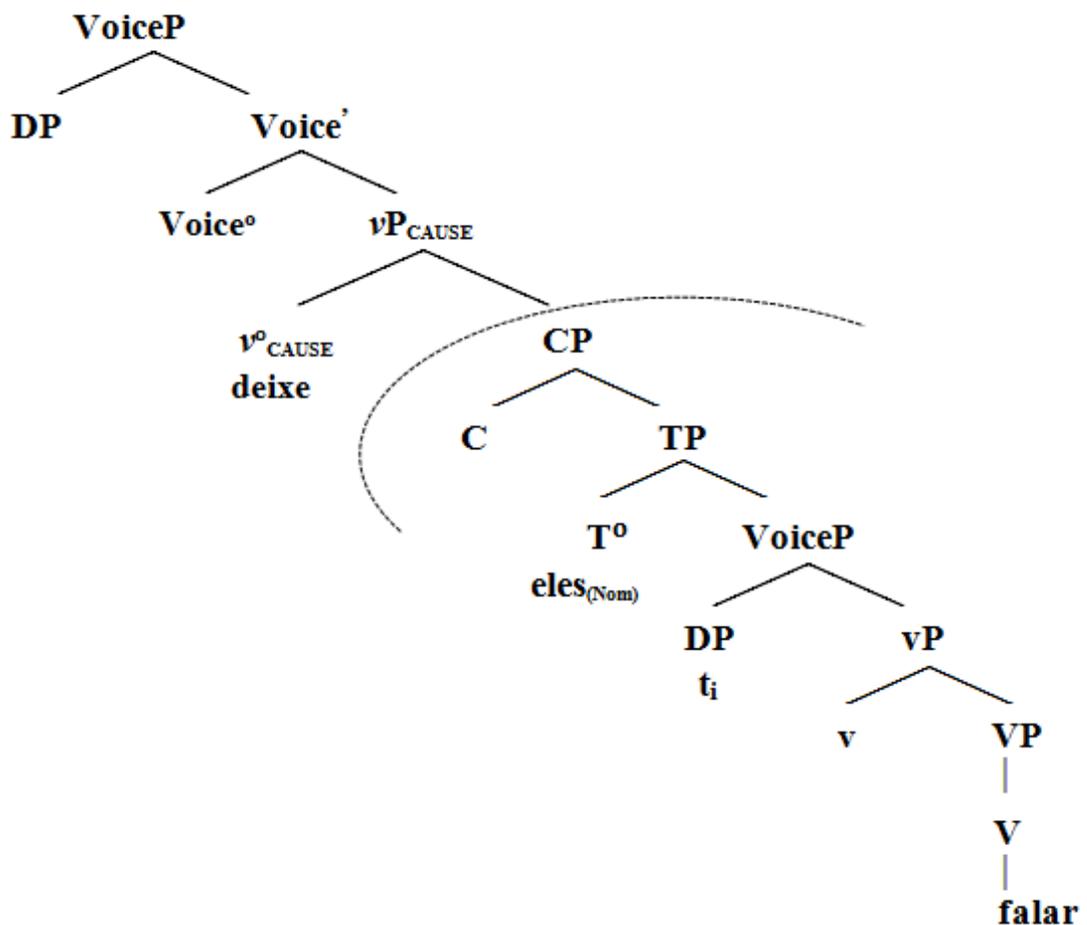
Considerando as propriedades sintáticas descritas acima, proponho que, na estrutura causativa em que  $v^{\circ}_{CAUSE}$  seleciona a categoria funcional CP como complemento, podem ser projetados dois núcleos Voice<sup>o</sup>, sendo que o núcleo mais alto aloca o agente causador e o núcleo mais baixo introduz o argumento externo do verbo infinitivo. Essa estrutura, com a projeção de dois núcleos Voice<sup>o</sup>, é contemplada nas causativas analíticas formadas com verbos inergativos e transitivos de ação. Já a estrutura formada com verbos inacusativos não projetará VoiceP no domínio encaixado.

<sup>85</sup> Os exemplos (58) e (59) foram colhidos na fala espontânea.

Nessa complementação CP, a categoria TP é completa com traços *phi* e tempo definido, assemelhando-se ao TP de uma sentença com verbo finito, como proposto em Cyrino (2010). A atribuição de caso nominativo é realizada no domínio de localidade e CP constitui uma fase, nos termos de Chomsky (2000, 2001). A subida de clítico não é possível, pois o movimento que propicia esse alçamento não está disponível na estrutura com sistema C-T completo. Além disso, o elemento clítico, para ser visível na derivação, fica adjacente ao termo que lhe atribui caso. Essa proposta é delineada na configuração sintática apresentada em (60) para causativas formadas com verbos inergativos; em (61), para causativas formadas com transitivos; e em (62) para causativas formadas com verbos inacusativos.

#### SELEÇÃO CP – CAUSATIVA COM VERBO INERGATIVO

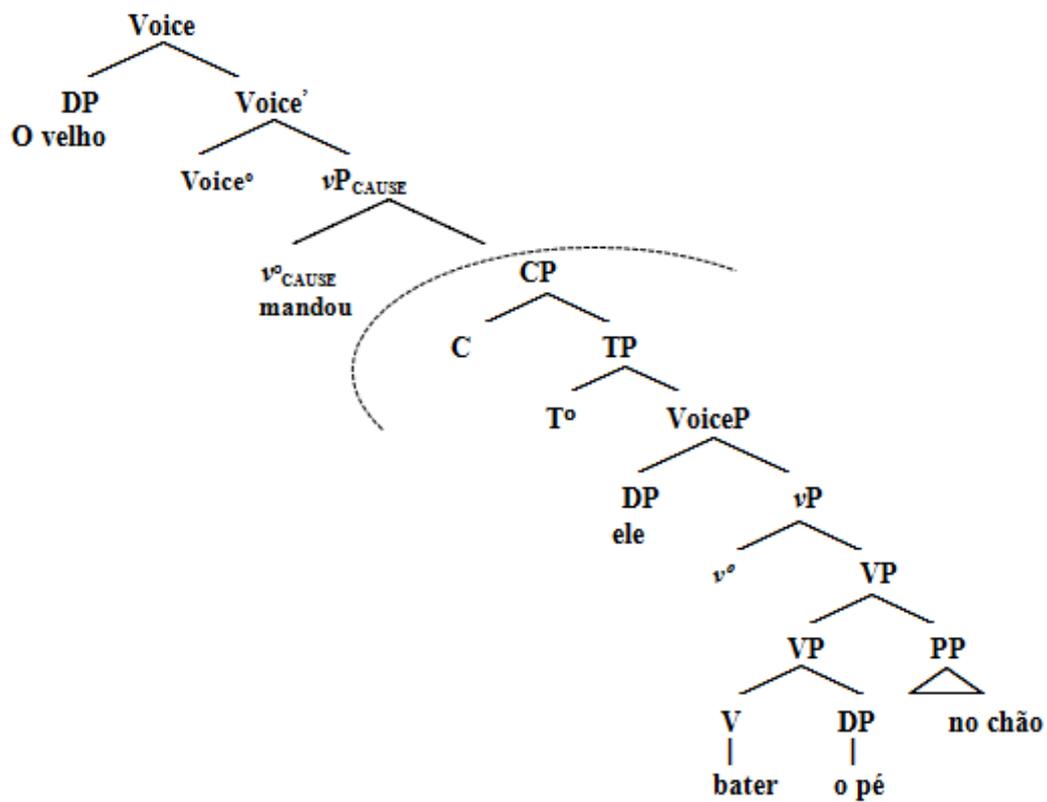
- (60) a. Não [deixe eles falarem ] mais (228-3-B)  
b.



## SELEÇÃO CP – CAUSATIVA COM VERBO TRANSITIVO

(61) a. O velho mandou ele bater o pé no chão (431-E51-C8)

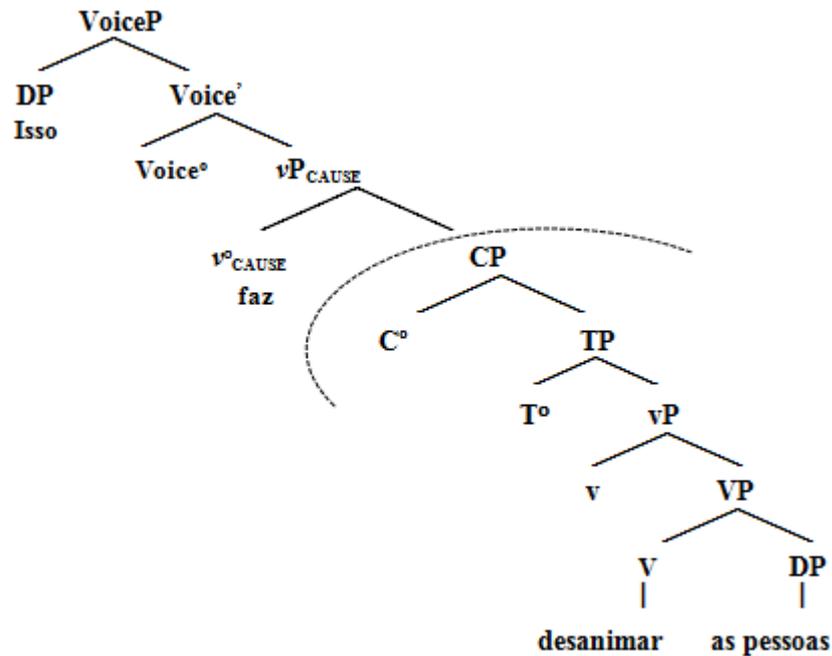
b.



## SELEÇÃO CP – CAUSATIVA COM VERBO INACUSATIVO

(62) a. [Isso faz as pessoas desanimarem] pra poder ir pra aula. (364-BH1-C6)

b.



Em resumo, essa análise mostrou que a variação de seleção de complemento pelo núcleo  $v^{\circ}_{\text{CAUSE}}$  nas causativas no PB se estabelece em quatro categorias funcionais, a saber:  $vP$  não fásico,  $vP$  fásico, TP defectivo e CP. Nos termos de Cyrino (2010), a variação nessa complementação consiste na seleção de um sistema C-T ausente, C-T defectivo, e C-T completo.

Como se pode perceber, as variações nas causativas analíticas são imbricadas. Nesse sentido, a estrutura que projeta VoiceP no domínio encaixado apresentará argumento externo agente [+ iniciador], verbo inergativo ou transitivo de ação. Já a estrutura que não projeta VoiceP no domínio encaixado apresentará elemento causado [- iniciador], verbo inacusativo ou transitivo.

Outra variação relacionada à variação na estrutura subjacente nas causativas é a atribuição de caso. Em estruturas com  $vP$  não fásico, o elemento causado recebe acusativo ou oblíquo; com  $vP$  fásico o elemento causado verifica caso acusativo ou dativo; com TP defectivo a marcação de caso é excepcional – acusativo; e com CP, o elemento causado recebe caso nominativo.

Destaco também o licenciamento da subida de clítico nessa complementação selecionada pelo núcleo causativo. Em estruturas com  $vP$ , é obrigatória a subida de clítico

causado e de clítico complemento do verbo mais baixo; com TP defectivo, é licenciada a subida do clítico causado; e com CP, a subida de clítico é proibida. Apresento o resumo dessas propriedades em variação no Quadro 9, a seguir.

Quadro 9 - Propriedades da Complementação Seleccionada por  $v^{\circ}_{\text{CAUSE}}$  nas Causativas Analíticas

Propriedades	vP não fásico	vP fásico	TP defectivo	CP
<b>VoiceP</b>	Não projeta	Projeta (com verbo inergativo e transitivo)	Não projeta (com verbo inacusativo)  Projeta (com verbo inergativo e transitivo)	Não projeta (com verbo inacusativo)  Projeta (com verbo inergativo e transitivo)
<b>Estatuto do verbo infinitivo</b>	Inacusativo Transitivo	Inergativo Transitivo	Inacusativo Inergativo Transitivo	Inacusativo Inergativo Transitivo
<b>Agente [+ iniciador]</b>	não	sim	Sim (com verbo inergativo e transitivo)	Sim (com verbo inergativo e transitivo)
<b>Sistema C-T</b>	inexistente	inexistente	defectivo	completo
<b>Subida de clítico causado</b>	obrigatória	obrigatória	obrigatória	proibida
<b>Subida de clítico complemento</b>	Não se aplica	obrigatória	proibida	proibida
<b>Caso do causado</b>	Acusativo Dativo Oblíquo	Acusativo Dativo	Acusativo	Nominativo

Fonte: a autora

Os dados, no entanto, não apresentam essas categorias de forma clara e determinada para cada época. Em muitas construções causativas, constatei ambiguidade estrutural, tal como observado no Português Clássico por Trannin (2010). Esse contexto é descrito e analisado na subsecção a seguir.

### 6.3.3 Ambiguidade Estrutural na Complementação das Causativas

Os dados coletados indicaram que há casos em que não é possível determinar a natureza do complemento de  $v^{\circ}_{\text{CAUSE}}$ , porque a realização da sentença é a mesma tanto para a seleção vP quanto para TP defectivo, ou TP defectivo para CP, ao longo do tempo.

A ambiguidade se estabelece na imprecisão de existência do predicado complexo, como ocorre em (63). Não é possível evidenciar se o elemento causado ausente que seria o agente do verbo *fazer* receberia caso acusativo tal como na complementação TP defectivo ou receberia caso dativo na complementação vP fásico.

(63) Eu **mandarei fazer** uma pequena divisão no quintal. (81-6-A)

Outro fator que causa ambiguidade é a posição do clítico sujeito infinitivo causado, conforme exemplificado em (64). Tanto a configuração TP defectivo quanto a configuração vP fásico e vP não fásico licenciam a subida obrigatória desse clítico. Assim, nos exemplos em (64 a,b,c) com verbos infinitivos inergativos, ocorre ambiguidade entre TP e vP fásico. Já no exemplo arrolado em (64d) com verbo infinitivo inacusativo, ocorre ambiguidade entre TP e vP não fásico.

- (64) a. Ensina**ram-me** a estimar aquilo que eu antes não sabia apreciar:  
[fizeram-**me** voltar ao seio da família]. (80-6-A)
- b. Manda-**o** entrar para o meu gabinete. (78-6-A)
- c. Não quero que [ele **te** faça chorar.] (72-6-A)
- d. Eu vou chamar meu pai que [**o** fará sair ]imediatamente desta casa!  
(130-9-A)

Ainda sobre o clítico, causa ambiguidade também o fato de as formas clíticas *me*, *te* e *nos* apresentarem forma sincrética tanto para acusativo quanto para o dativo, exemplificado em (64 a,c).

Em relação às estruturas causativas que se realizam com traços semelhantes na complementação TP<sub>defectivo</sub> e CP, destacamos os seguintes contextos: sujeito do infinitivo, na forma de NP lexical na terceira pessoa do singular, em posição intermediária entre o verbo causativo e o verbo infinitivo, conforme exemplificado em (65). A ambiguidade se estabelece por não se poder afirmar se o verbo recebe acusativo do verbo causativo ou nominativo de TP.

Como não há marcas morfológicas de flexão no verbo infinitivo de terceira pessoa singular, também não é possível certificar se este verbo é flexionado ou não.

(65) a. ...mas [deixa **Nínia** viver] com essa gente de teatro. (30-2-8B)

Outro contexto de ambiguidade é gerado nas estruturas em que o sujeito do infinitivo é ausente, correferencial. Observe os exemplos:

(66) a. Virgínia: Que choro é este? Mamãe mandou perguntar. (254-4B)

b. Mamãe **me** mandou perguntar.

c. Mamãe mandou **eu** perguntar.

No exemplo (66), a realização da sentença permite duas interpretações sintáticas. A primeira indica que o sujeito infinitivo na forma de clítico recebe caso acusativo do verbo mais alto e fica adjacente a ele, configurando assim complementação TP defectiva de  $v^{\circ}_{\text{CAUSE}}$ . A segunda interpretação, em (66c), apresenta um sujeito nominativo encaixado, com caso atribuído no domínio mais baixo, com configuração CP na complementação.

A situação se torna mais complexa em estruturas causativas que licenciam um sujeito do infinitivo genérico, conforme exemplificado em (67).

(67) Justino: Vou ao circo **mandar riscar** o teu nome.

A interpretação sintática da seleção de  $v^{\circ}_{\text{CAUSE}}$ , na estrutura em (67), pode assumir três caminhos diferentes, a saber: Primeiro,  $v^{\circ}_{\text{CAUSE}}$  poderia selecionar complementação vP fásico. Os verbos (*mandar riscar*) formariam um predicado complexo com verbo transitivo e o elemento agente da ação de *riscar* verificaria caso dativo. A segunda seleção poderia ser complementação TP<sub>defectivo</sub>, com a interpretação de que alguém, o atendente do circo, por exemplo, executaria a ação de *riscar o nome*. Esse elemento constituiria, dessa forma, o sujeito do verbo riscar. Esse sujeito poderia tanto receber caso acusativo do verbo mandar, configurando estrutura TP<sub>defectivo</sub>, ou receber caso nominativo no domínio infinitivo do verbo *riscar*. Assim, a estrutura encaixada com caso nominativo configuraria a terceira seleção, complementação CP.

Em suma, a complementação do núcleo  $v^{\circ}_{\text{CAUSE}}$ , em PB, nas estruturas causativas analíticas, envolve as categorias:

## CATEGORIAS SEM AMBIGUIDADE

- vP não fásico
- vP fásico
- TP<sub>defectivo</sub>
- CP

## CATEGORIAS AMBÍGUAS

- vP<sub>fásico</sub> / TP<sub>defectivo</sub>
- vP<sub>não fásico</sub> / TP<sub>defectivo</sub>
- TP<sub>defectivo</sub> / CP
- vP<sub>fásico</sub> / TP<sub>defectivo</sub> / CP

A partir de um olhar superficial, poder-se-ia dizer que o caos linguístico estaria instalado. Como lidar com essa variação e mistura de estruturas sintáticas na complementação de  $v^{\circ}_{\text{CAUSE}}$ ? Nesse ponto, entram em cena os pressupostos da Teoria da Variação e da Mudança Linguística (WLH, 1968) que defendem a ideia de que o caos é organizado, nos termos de Tarallo (1986), a heterogeneidade é sistemática.

Do ponto de vista da mudança linguística, essa ambiguidade estrutural é necessária para que o sistema se mantenha em funcionamento no decorrer de um processo de mudança. Trata-se de sistemas em competição, em que uma estrutura linguística pode sobressair ou não; pode se tornar obsoleta e sair do sistema ou não, pode ainda continuar coexistindo em harmonia, no decorrer do tempo. Destaca-se que a variação presente pode ser sistematicamente explicada. Esse é o meu objetivo ao unir as teorias Gerativa e Sociolinguística Laboviana na Sociolinguística Paramétrica, como proposto por Tarallo e Kato (1989).

Diante desse quadro, necessário se fez definir como analisar as ocorrências ao longo do tempo (séculos XIX, XX e XXI) no que se refere à complementação do núcleo causativo  $v^{\circ}_{\text{CAUSE}}$  quanto às categorias formais.

De início, levei em conta o fato de que o Português do Brasil nasce a partir do Português Clássico (GALVES, 2001), então considerei as estruturas causativas analisadas em Trannin (2010), a qual traz descrição das estruturas causativas de fontes também do século XIX. Considerei também o fato de que o PB começa a implementar um sistema gramatical independente no final do século XIX. Dessa forma, para explicar o encaixamento da variação

evidenciada, alio esses dois fenômenos aos efeitos sintáticos da remarcação paramétrica na gramática do PB, aos dados da presente pesquisa, mais à frente no texto.

Tendo em vista que, nos dados de Trannin (2010), não ocorreram sentenças que pudessem ser consideradas de Infinitivo Flexionado sem ambiguidade, na presente pesquisa considerei a ambiguidade TP/CP somente depois da ocorrência de complementação CP sem ambiguidade. O contexto CP é definido a partir da presença de marcas morfológicas de Infinitivo Flexionado e/ou de sujeito infinitivo com marcas de Nominativo. Essa primeira ocorrência, considerando o fator tempo, ocorreu em meados do século XIX, no ano de 1857 e o infinitivo flexionado é registrado em texto da primeira metade do século XX, no ano de 1933. Observe os exemplos:

(68) Pedro: Sim, senhor; nhanhã Carlotinha não quer deixar [**ela** ir].(75-6-A)

(69) Abelardo I: Não deixem [**eles falarem**] mais. (22-8-3B)

Destaco que essas formas podem até ter surgido na fala cotidiana em época anterior à citada. No entanto, como não é possível levantar intuições sobre os dados do século XIX e início do século XX, não foi possível realizar diagnósticos outros que me levassem a uma predição segura. Trabalhei assim somente com o objeto concreto, a realização dos elementos linguísticos na sentença.

Dessa forma, considerei para o século XIX e até meados do século XX, a possibilidade de que o núcleo  $v^{\circ}_{\text{CAUSE}}$  selecionasse:

- $vP_{\text{fásico}}$  – predicado complexo
- $vP_{\text{não fásico}}$  – predicado complexo
- $TP_{\text{defectivo}}$  – ECM
- CP – flexão infinitivo, sujeito Nominativo
- Ambiguidade:  $vP_{\text{fásico}} / TP_{\text{defectivo}}$
- Ambiguidade:  $vP_{\text{não fásico}} / TP_{\text{defectivo}}$

Da segunda metade do século XX até a contemporaneidade, foi possível realizar diagnósticos sintáticos nas ocorrências, considerando a gramaticalidade da sentença no que se refere à posição do causado, à subida de clítico, ao licenciamento de NegP no domínio mais baixo, à flexão do infinitivo e à marcação de nominativo no sujeito do infinitivo. Dessa forma,

foi possível constatar, nos dados, mais dois tipos de ambiguidade na categoria funcional selecionada pelo núcleo causativo, a saber:

- TP<sub>defectivo</sub>/CP
- vP<sub>fásico</sub>/TP<sub>defectivo</sub>/ CP

A primeira análise dos dados permitiu levantar a hipótese de que, nas causativas analíticas em PB, o núcleo  $v^{\circ}_{CAUSE}$  passa a selecionar o complemento CP ao mesmo tempo em que o sistema gramatical do PB se estabelece, a partir dos efeitos da remarcação do Parâmetro do Sujeito Nulo na língua. Esses efeitos, conforme veremos, relacionam-se à perda seletiva do sujeito nulo; perda da subida de clítico; enrijecimento da ordem canônica da sentença SV; PB proclítico<sup>86</sup> e reorganização pronominal. Essa investigação pormenorizada dos elementos que constituem a estrutura complemento de  $v^{\circ}_{CAUSE}$  constitui a terceira etapa de análise dos dados, no Capítulo 7.

Tendo estabelecido a clareza do procedimento e das propostas sintáticas de análise, apresento a seguir a quantificação dos dados das estruturas causativas analíticas, ao longo do tempo, no PB.

#### **6.3.4 Quantificação dos Dados – Complementação de $v^{\circ}_{CAUSE}$ nas Estruturas Analíticas**

A complementação de  $v^{\circ}_{CAUSE}$  está diretamente relacionada com o estatuto de verbo infinitivo (inacusativo, inergativo, transitivo), como foi mostrado. Assim, apresento na Tabela 5, a seguir, a distribuição geral dos dados, de acordo com o estatuto do verbo infinitivo encaixado.

---

<sup>86</sup> Refiro-me à mudança na direção de cliticização da direita para esquerda na gramática do PB, conforme Nunes (1993).

Tabela 5 – Estatuto do Verbo Formador de Causativas Analíticas em PB

Estatuto do verbo	XIX		XX		XXI	
	N	%	N	%	N	%
Inergativo	41	26,6	39	26,5	25	22,7
Inacusativo	28	18,1	30	20	26	23,6
Transitivo	85	55,2	78	52	57	53,6
<b>Total</b>	<b>154</b>	<b>100</b>	<b>147</b>	<b>100</b>	<b>110</b>	<b>100</b>

Fonte: a autora

A Tabela 5 mostra que, em cada século, não houve alteração percentual relevante no que diz respeito ao estatuto do verbo. O verbo inergativo se apresenta em torno de 25 % das ocorrências, o verbo inacusativo, em torno de 20% e a produtividade do verbo transitivo se mantém no percentual de 50%. Esses números indicam maior probabilidade de projeção da categoria VoiceP nas construções causativas analíticas, tendo em vista o quantitativo de verbos inergativos e transitivos, os quais podem licenciar um causado agentivo [+iniciador].

A fim de comparar esses dados das causativas analíticas com os dados das construções causativas sintéticas no que se refere ao estatuto do verbo do XP encaixado a  $v^{\circ}_{\text{CAUSE}}$ , apresento a Tabela 6, a seguir.

Tabela 6 – Comparação do Estatuto do Verbo em Causativas Sintéticas e Analíticas em PB

Estatuto do Verbo	XIX				XX				XXI			
	Sintéticas		Analíticas		Sintéticas		Analíticas		Sintéticas		Analíticas	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Inergativo	0	-	41	26,6	10	1,9	39	26,5	7	1,8	25	23
Inacusativo	296	62,8	28	18,1	323	61	30	20,4	193	48,2	26	24
Transitivo	175	37,2	85	55,2	196	37	78	53	200	50	57	54
<b>Total</b>	<b>471</b>	<b>100</b>	<b>154</b>	<b>100</b>	<b>529</b>	<b>100</b>	<b>147</b>	<b>100</b>	<b>400</b>	<b>100</b>	<b>110</b>	<b>100</b>

Fonte: a autora

A Tabela 6 indica que, no período em estudo, as causativas sintéticas se formam em maior proporção com verbos inacusativos e transitivos, como já foi anteriormente discutido. Nas causativas analíticas, as construções são formadas em maior número com

verbos transitivos (em torno de 50%) e há maior presença dos verbos inergativos, comparando com as causativas lexicais/sintéticas.

Enquanto nas causativas sintéticas, o quantitativo de causativas formadas a partir de verbos inergativos oscilou em menos de 2%, já nas estruturas causativas analíticas, esse percentual se apresenta em torno de 25% do total de ocorrências analisadas. Isso indica que a estrutura com verbo inergativo se estabelece na construção analítica em que há mais possibilidade de licenciamento do argumento externo do verbo inergativo, em consequência esse contexto projetará o núcleo VoiceP.

Esses resultados se relacionam diretamente com o tipo de complementação selecionado pelo núcleo causativo nas causativas sintéticas como nas causativas analíticas. Enquanto as analíticas apresentam um contexto sintático favorecedor da projeção do núcleo Voice (com verbos inergativos e transitivos), as causativas sintéticas apresentam uma probabilidade menor de projetar esse núcleo, pois as sentenças selecionam verbos inacusativos em percentual considerável (62,8%, 61% e 48,2%).

Para constatar essas previsões em relação às causativas analíticas, foram coletadas 411 ocorrências desse tipo de sentença, cuja complementação de  $v^{\circ}_{\text{CAUSE}}$  se distribui conforme apresentado na Tabela 7, a seguir. As informações dessa Tabela foram analisadas de forma geral e também de modo específico, considerando a complementação de  $v^{\circ}_{\text{CAUSE}}$  sem ambiguidade e a complementação com ambiguidade, propulsora da mudança em progresso.

Tabela 7 – Distribuição da Seleção  $v^{\circ}_{\text{CAUSE}}$  nas Causativas Analíticas em PB

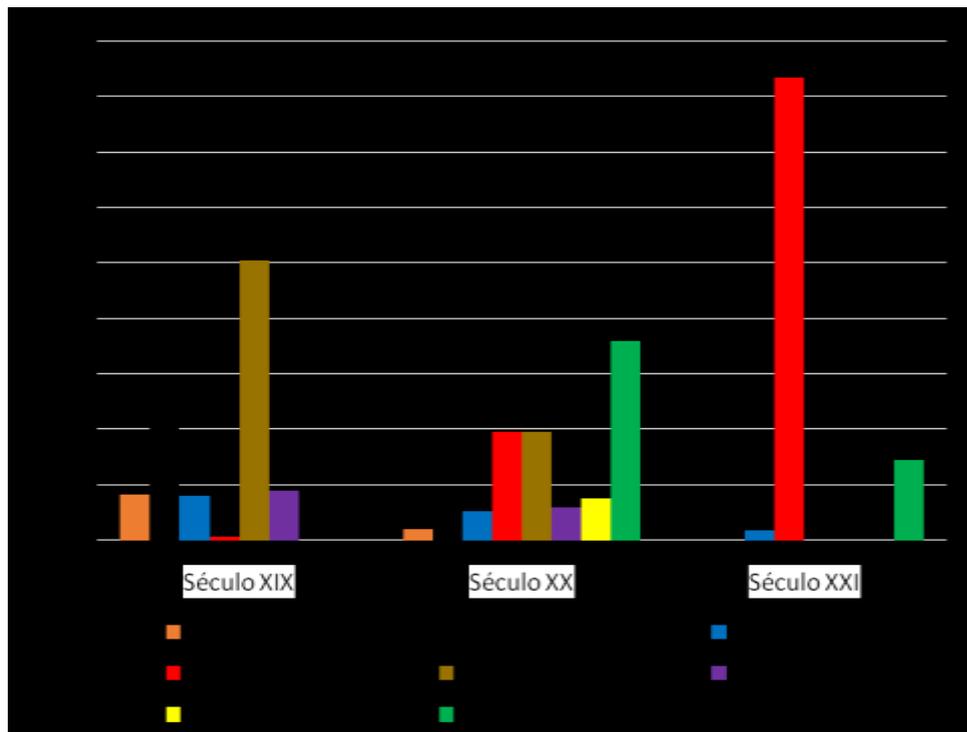
Construção	XIX		XX		XXI	
	N	%	N	%	N	%
$vP_{\text{não fásico}}$	13	8,4	3	2,0	0	-
$vP_{\text{fásico}}$	36	23,4	5	3,4	0	-
$TP_{\text{defectivo}}$	12	7,8	8	5,4	2	1,8
CP	1	0,6	29	19,7	92	83,6
$vP_{\text{não fásico}} / TP_{\text{defectivo}}$	14	9	9	6,1	0	-
$vP_{\text{fásico}} / TP_{\text{defectivo}}$	78	50,6	29	19,7	0	-
$TP_{\text{defectivo}} / CP$	0	-	53	36	16	14,5
$vP_{\text{fásico}} / TP_{\text{defectivo}} / CP$	0	-	11	7,5	0	-
<b>Total</b>	<b>154</b>	<b>100</b>	<b>147</b>	<b>100</b>	<b>110</b>	<b>100</b>

Fonte: a autora.

A Tabela 7 distingue os dados em duas partes, sendo que a parte sombreada se refere aos dados com ambiguidade e a parte sem sombreamento representa as categorias sem ambiguidade. Esses dados evidenciam que, no século XIX, a complementação do núcleo causativo se configura mais em contexto de ambiguidade (59,6%) de que em contexto sem ambiguidade (40,4%). A complementação  $vP_{\text{fásico}} / TP_{\text{defectivo}}$  é selecionada em 50,6% das ocorrências deste século, seguida da complementação  $vP_{\text{fásico}}$ .

Nos dados do século XX, a complementação ambígua é realizada em 69,3%, a não ambígua em 30,7%, de um total de 150 ocorrências. Esse percentual é superior em aproximadamente 10% ao percentual de complementação em contexto de ambiguidade do século anterior. É importante destacar o aumento da produtividade da complementação CP (19,7%),  $TP_{\text{defectivo}} / CP$  com 36%, seguida da complementação  $vP_{\text{fásico}} / TP_{\text{defectivo}}$  com 19,7%.

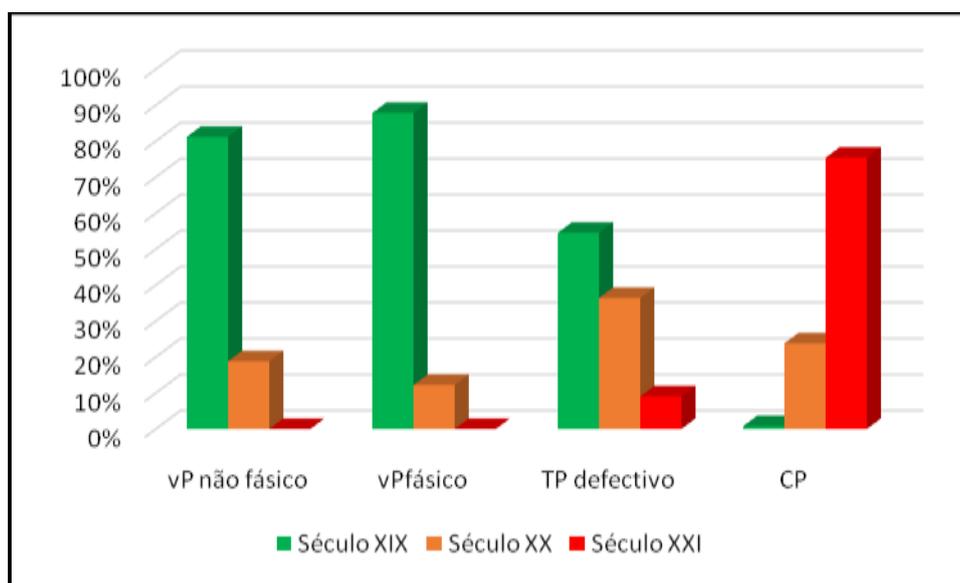
Nos dados do século XXI, o contexto de ambiguidade praticamente se desfaz e a seleção de complementação se estabelece na categoria CP. Esses resultados são apresentados também no Gráfico 4, a seguir, para melhor visualização dos dados, de forma geral.

Gráfico 4 - Seleção de v<sup>o</sup>CAUSE nas Causativas Analíticas em PB

Fonte: a autora

De modo mais específico, o resultado apresentado na Tabela 7 retratou a mudança lenta e gradual que está acontecendo na complementação do núcleo causativo em PB. Esse núcleo deixa de selecionar vP não fásico e passa a selecionar uma complementação CP (83,6%) nos dados do século XXI<sup>87</sup>, conforme se observa no Gráfico 5, a seguir. Esse gráfico representa apenas as estruturas sem ambiguidade.

<sup>87</sup> Vale destacar que os dados do século XXI são provenientes de entrevistas, ou seja, são dados da fala, enquanto os dados dos séculos XIX e XX são textos escritos para peças de teatro.

Gráfico 5– Seleção de  $v^{\circ}_{\text{CAUSE}}$  nas causativas analíticas em PB - sem ambiguidade

Fonte: a autora.

Vários fatores atuam em conjunto na explicação da variação e mudança na estrutura argumental das construções causativas analíticas em PB. Em relação à categoria vP não fásico como complemento de  $v^{\circ}_{\text{CAUSE}}$ , essa seleção só é possível em contexto sintático em que o verbo causativo e o verbo infinitivo formam um complexo verbal, o alçamento do clítico é licenciado e o movimento XP que propicia o movimento de subida de clítico é acionado por C-T ausente ou C-T defeectivo. Como o PB foi perdendo aos poucos esses três contextos sintáticos, a seleção vP não foi mais licenciada. Daí a relação com a perda das estruturas causativas Fazer- Infinitivo e Fazer-Por no PB, defendida por Cyrino (2010), Sheehan e Cyrino (2016).

Já em relação ao verbo infinitivo na complementação TP<sub>defectivo</sub>, este também passa por um processo de mudança, em sintonia com a mudança em progresso pela qual o PB está passando. O verbo infinitivo que no século XIX está inserido numa categoria defeectiva, como anteriormente explicado, passa a fazer parte de uma categoria TP não defeectiva, a partir do final do século XX.

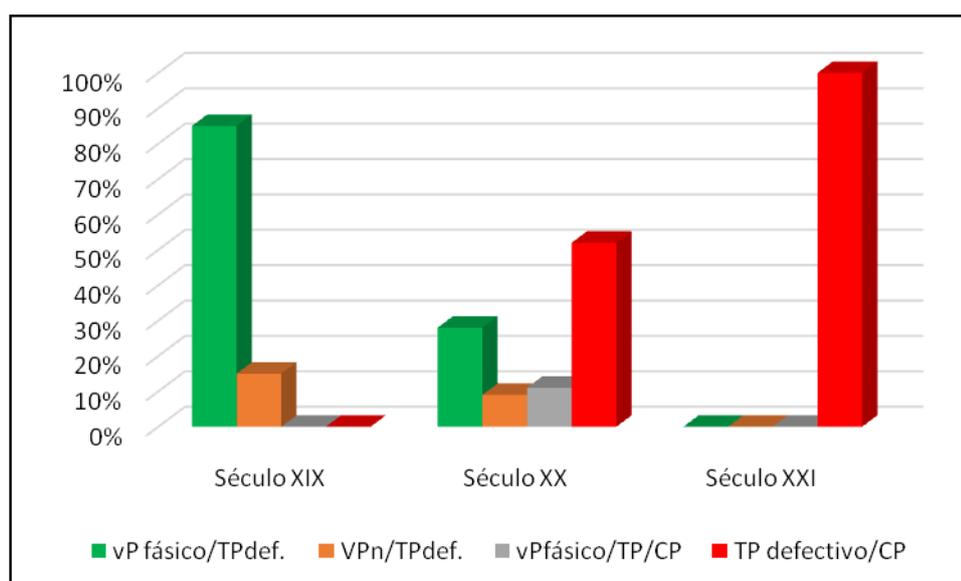
Conforme mostrado anteriormente, Cyrino (2010), a partir do estudo de Nunes (2007), defende a proposta de que o verbo infinitivo no PB se comporta como um T não finito e não defeectivo. Esse comportamento ecoa nas estruturas causativas analíticas que reanalisam a categoria TP passando de defeectivo a não defeectivo. Esse processo explica o decréscimo no percentual de estruturas que selecionam TP defeectivo como complemento.

A complementação CP de  $v^{\text{CAUSE}}$  aparece timidamente nos dados no século XIX, com apenas 01 ocorrência. No século XX, é travada uma concorrência entre CP e as outras categorias formais de complemento, demonstrada na ambiguidade da seleção dos complementos pelo núcleo causativo. No século XXI, a forma CP se destaca das demais com 83,6% das ocorrências de causativas analíticas, indicando que a gramática do PB se sobrepõe ao sistema gramatical do PE. Pode-se associar esse cenário à competição de gramáticas, tal como proposto por Krock (1989, 2001).

É relevante demonstrar que a complementação CP não entra sozinha nesse processo. Há um conjunto de fatores de variação atuando coletivamente para efetuar a mudança. A reanálise das propriedades da categoria TP é um dos efeitos colaterais desse contexto. Nos termos de Cyrino (2010), esse sistema passa a licenciar C-T no domínio encaixado das causativas analíticas, resultado de alterações morfossintáticas na gramática do PB.

Os dados revelam que, à proporção que a ambiguidade diminui, a mudança vai se processando e o sistema linguístico vai refinando a escolha por uma das estruturas em competição. O Gráfico 6, a seguir, evidencia a importância da ambiguidade estrutural como suporte à mudança linguística.

Gráfico 6- Ambiguidade Estrutural nas Causativas Analíticas em PB



Fonte: a autora.

O Gráfico 6 mostra que, no século XIX, a competição se dá entre a complementação vP (fásico e não fásico) e TP<sub>defectivo</sub>, totalizando 59,6% de ocorrências ambíguas. Trata-se de competição entre um domínio encaixado sem C-T e outro com C-T defectivo.

Já no século XX, a competição se fortalece com a entrada da complementação CP, registrada nos dados desta pesquisa. Trata-se, nesse período, da possibilidade de licenciamento e ambiguidade, nas estruturas causativas analíticas, de três domínios encaixados diferentes: C-T ausente, com C-T defectivo, com C-T não defectivo. O século XX é o palco de competição das estruturas sintáticas ambíguas e não ambíguas.

O Gráfico 6 mostra também que, nos dados contemporâneos, de 2001 em diante, a ambiguidade estrutural sofre redução relevante, permanecendo em apenas 16 ocorrências com a estrutura TP<sub>defectivo</sub>/CP. Comparando esse Gráfico e o contexto geral, pode-se dizer que a gramática do PB consolida a escolha da categoria funcional CP, em mais de 80% dos dados, como complemento do núcleo causativo nas estruturas causativas analíticas.

Como se pode perceber, no Gráfico 6, a complementação TP<sub>defectivo</sub> é presente em todos os períodos de tempo analisados. Pode-se considerar, então, que essa complementação é a propiciadora das configurações estruturalmente ambíguas que terão desencadeado a mudança. Nesse sentido, Davies (1994) mostra que, com a inserção de um sujeito do infinitivo entre o verbo causativo e o verbo infinitivo tal como na construção ECM (TP<sub>defectivo</sub>) e Infinitivo Flexionado (CP), começa a variação e possível mudança na estrutura argumental das construções causativas.

Isso permite sustentar que esse tipo de complementação (TP<sub>defectivo</sub>) atua como um suporte para o processo de mudança ocorrer e, assim, garantir o pleno funcionamento do sistema linguístico nesse processo, tal como proposto por WLH (1968). Essa suposição se justifica pelo fato de ser comum ocorrer mudança linguística com alteração de categoria defectiva para categoria não defectiva, tal como mostrado em Martins (2004, p.3).

A hipótese de que a mudança envolve a transformação de estruturas oracionais funcionalmente defectivas (i.e., IPs incompletos ou VPs) em estruturas oracionais mais complexas encontra-se defendida e bem fundamentada nos trabalhos de diversos autores (Davies (1994, 2000), Fresina (1982), Goodall (1984), Martins (1995, 2000), Moore (1994), Pearce (1990), Picallo (1990), Strozer (1986), entre outros).

Diante do exposto, em resumo, na complementação das causativas analíticas, ocorreu um processo de mudança que se iniciou ainda no Português Clássico e está tendo sua

fase final na contemporaneidade. Essa mudança consistiu na reanálise da estrutura sintática subjacente que passou a selecionar diferentes tipos de categoria funcional, numa escala de defectividade, tal como:

$$vP_{\text{não fásico}} \rightarrow vP_{\text{fásico}} \rightarrow TP_{\text{defectivo}} \rightarrow C-T_{\text{não defectivo}}$$

Além disso, essa mudança está relacionada com as seguintes alterações constatadas na Gramática do PB, a saber:

- Perda do predicado complexo;
- Perda da subida de clítico;
- Perda do movimento XP que é acionado por C-T ausente ou C-T defectivo;
- T infinitivo passa a se comportar como T finito;
- Alterações morfossintáticas advindas da remarcação paramétrica na gramática do PB.

Diante do exposto, no capítulo 7, apresentarei a terceira etapa da análise, a qual investiga fatores linguísticos e sociais envolvidos no encaixamento da variação e mudança da complementação do núcleo causativo no sistema linguístico do PB.

#### 6.4 Resumo do capítulo

Este capítulo demonstrou que, em PB, o estatuto de  $v^{\circ}_{\text{CAUSE}}$  é independente de  $\text{Voice}^{\circ}$ . Já a complementação selecionada por  $v^{\circ}_{\text{CAUSE}}$  se distribui entre as seguintes categorias:  $vP_{\text{não fásico}}$ ,  $vP_{\text{fásico}}$ ,  $TP_{\text{defectivo}}$  e CP e se difere nas causativas sintéticas e nas causativas analíticas.

As construções causativas sintéticas privilegiam a complementação  $vP_{\text{não fásico}}$  em torno de 90% das ocorrências em variação com percentual menor de  $vP_{\text{fásico}}$ . A análise dos dados indicou que a seleção dessa complementação está diretamente relacionada com o estatuto do verbo (inergativo, inacusativo e transitivo) encaixado a XP e com a interpretação semântica [+ iniciador] ou [-iniciador] do elemento afetado pelo evento da causação.

No caso das construções sintéticas, o contexto sintático favorecedor da seleção de complemento vP não fásico se estabelece com verbos inacusativos e transitivos em que não há projeção de argumento externo em XP e não há projeção do núcleo de VoiceP.

As construções causativas analíticas, por sua vez, licenciam complementação de  $v^{\circ}_{\text{CAUSE}}$  em variação no período estudado. A variação de seleção de complemento pelo núcleo  $v^{\circ}_{\text{CAUSE}}$  nas causativas no PB se estabelece em categorias funcionais, a saber: vP não fásico, vP fásico, TP defectivo e CP. Destaca-se ainda que essas categorias se mostram de forma ambígua em alguns contextos em que as propriedades se mesclam em  $vP_{\text{fásico}} / TP_{\text{defectivo}}$ ;  $vP_{\text{não fásico}} / TP_{\text{defectivo}}$ ;  $TP_{\text{defectivo}}/CP$ ;  $vP_{\text{fásico}}/TP_{\text{defectivo}}/ CP$ .

Os resultados mostraram que, nas causativas analíticas, a mudança ocorre de categorias mais defectivas para categorias menos defectivas, concretizado na complementação CP de  $v^{\circ}_{\text{CAUSE}}$ , em que há contexto C-T completo. Essa mudança inicia com a herança estrutural das causativas analíticas do Português clássico em conjunto com o fato de o PB começar a implementar um sistema gramatical independente no final do século XIX.

Dessa forma, nas causativas analíticas em PB, o núcleo  $v^{\circ}_{\text{CAUSE}}$  passa a selecionar o complemento CP ao mesmo tempo em que o sistema gramatical do PB se estabelece, a partir dos efeitos da remarcação do Parâmetro do Sujeito Nulo na língua. Assim, no Capítulo 7, a seguir, analiso os elementos que constituem a estrutura complemento de  $v^{\circ}_{\text{CAUSE}}$ , considerando os fatores sociais e linguísticos envolvidos, com o objetivo de explicar o encaixamento da mudança em progresso exibida na complementação das causativas analíticas.



## **7 ENCAIXAMENTO DA COMPLEMENTAÇÃO CP NO SISTEMA LINGUÍSTICO E SOCIAL DO PB**

Este capítulo busca esclarecer como se dá o encaixamento da complementação CP no sistema linguístico e social do PB. Busco explicitar qual foi o terreno que propiciou a preferência pela complementação sentencial ao núcleo causativo em PB.

Diante disso, a hipótese da presente tese é de que a estrutura morfossintática das causativas analíticas está passando pelo mesmo processo de mudança pelo qual a estrutura canônica das sentenças em PB está passando; refletindo evidências de encaixamento linguístico da variação e mudança em progresso. Isso quer dizer que alterações sintáticas tais como sujeito preenchido, ordem mais fixa (sujeito-verbo), reorganização pronominal, entre outras ecoaram e atingiram também a complementação sentencial nas causativas analíticas.

Para verificar a robustez dessa hipótese, ou não, primeiramente apresento a identificação do PB como Língua de Sujeito Nulo Parcial (LSNP), a seguir mostro alguns efeitos na sintaxe provenientes de remarcação paramétrica e faço um contraponto entre esses efeitos e os traços morfossintáticos nas causativas analíticas os quais favorecem a implementação da complementação CP. Além disso, apresento a relação existente entre o fator social faixa etária e complementação selecionada pelo núcleo causativo, a fim de verificar o estágio do processo de mudança.

### **7.1 PB – Língua de Sujeito Nulo Parcial**

Uma série de estudos (TARALLO, 1993; DUARTE, 1993, 1995; DUARTE et al, 2012; GALVES, 1993, entre outros) têm demonstrado que o PB está passando por um processo de mudança em sua gramática proveniente de alteração na marcação do Parâmetro do Sujeito Nulo, passando de uma Língua de Sujeito Nulo para uma Língua de Sujeito Preenchido. Nesse estágio intermediário<sup>88</sup>, é considerado que as línguas carreguem traços de Língua de Sujeito Nulo Parcial. Dessa forma, Kato (1999, 2000, 2009); Holmberg, Nayudu e Sheehan (2009); Biberauer et al (2010) e Kato e Duarte (2014) analisam o PB como Língua

---

<sup>88</sup> Remeto o leitor aos estudos de Walkden (2012, 2013) Walkden e Breitbarth (2014). Walkden (2012) mostra que, no ciclo linguístico do sujeito nulo, há três estágios: no primeiro, os pronomes sujeitos são gramaticalizados como marcadores de concordância. No segundo estágio, esses marcadores são reforçados por novos pronomes sujeitos e já no terceiro estágio os marcadores são perdidos e os pronomes se tornam obrigatórios. O sujeito nulo parcial se encontra entre o segundo e o terceiro estágio. Isso demonstra que a Língua de Sujeito Nulo Parcial ocupa, na verdade, uma posição de transição.

de Sujeito Nulo Parcial (doravante LSNP), por apresentar traços de Língua de Sujeito Nulo em co-ocorrência com traços de Língua de Sujeito Não Nulo.

Esse processo de mudança paramétrica se relaciona ao surgimento de novas formas de preenchimento de Spec de TP, novas formas de preenchimento da posição de sujeito, tal como evidenciado por Roberts e Holmberg (2010), Kato (1999, 2000) Buthers (2009), Buthers e Duarte (2012), Avelar e Galves (2011).

Kato defende a ideia de que o PB está passando por uma mudança em progresso em relação ao sujeito nulo e à inversão livre. Em relação à inversão livre, os fatos são constatados por Andrade Berlinck (1989, 1995) em que é mostrado o processo de perda da ordem VS em PB, sendo que esta ordem se mantém resistente apenas com verbos de cópula ou verbos inacusativos. Vale ressaltar, no entanto, que esses tipos de verbos ocorrem em pequeno número em PB, o que, quantitativamente, significa um pequeno número de atualização da ordem VS.

Em relação ao empobrecimento do paradigma flexional, Kato traz à baila constatações de Duarte (1993, 1995) e de Galves (1993). A primeira autora indica que esse enfraquecimento é acionado pela substituição do pronome de segunda pessoa “tu” pelo pronome “você”, o qual estabelece concordância em terceira pessoa. Os estudos de Duarte mostram que o sujeito pronominal de primeira pessoa se apresenta o mais frequentemente preenchido, embora fora do que é esperado por se tratar de termo marcado morfologicamente; seguido dos de segunda pessoa, enquanto os sujeitos pronominais de terceira pessoa apresentam-se com frequência estável.

Galves, por sua vez, mostra que esse fato fez o PB enfraquecer AGR, tornando-o [-pessoa] e transformou T em uma categoria sincrética (T + AGR), característica de língua com concordância fraca. A partir disso, Kato (1999) propõe que a flexão de concordância é o núcleo de um DP, o qual *merge* com o verbo funcionando como argumento desse verbo.

Kato (1999) aponta também mudanças em PB em relação à perda do sujeito nulo referencial e a substituição do sistema de concordância pronominal pelo pronome nominativo fraco como sujeito gramatical. Em relação à resistência dos sujeitos pronominais de terceira pessoa em continuarem nulos, tal fenômeno é explicado a partir da proposta de existência de um expletivo nulo, afixo neutro, não argumental.

A perda da inversão ou o aparecimento de um processo de ordem mais rígida SVO pode ser explicada, segundo Kato (1999), da seguinte maneira: a categoria de concordância não é mais analisada como [+ pronominal], não pode aparecer como item independente na numeração, vem afixada ao verbo. Os pronomes nominativos fracos e os DPs

plenos podem valorar Caso e traços *phi* de V+T. Para tanto, os pronomes sujeitos fracos requerem a projeção de TP, traços fortes de D em T, resultando assim na ordem SVO. A obrigatoriedade de projeção de Spec de TP resulta da existência dos pronomes fracos livres, sejam eles pronominais ou locativos. Segundo a autora, língua de sujeito nulo não apresenta essas formas fracas, logo não projeta Spec de TP.

Buthers e Duarte (2012), por sua vez, mostram que LSNP licenciam sujeitos foneticamente nulos, opcionalmente nulos e obrigatoriamente preenchidos a depender do contexto. Esses autores assumem que o acionamento do Parâmetro do Sujeito Nulo está diretamente relacionado com a natureza dos traços [*u*D] e [*u*P]<sup>89</sup> do núcleo T°. Esses autores acompanham a proposta de Holmberg (2000) e assumem que AGR relaciona apenas com a valoração do traço [*u*D] e que o traço [*u*P] é o responsável por engatilhar o mecanismo de preenchimento de Spec-TP. A proposta é fatorar o EPP nesses dois traços, de forma que a variação entre as línguas, no que diz respeito à satisfação de EPP e ao licenciamento de sujeitos nulos ou não, dependerá de como essas línguas se comportam com os traços citados.

A natureza dos traços [*u*D] e [*u*P] do núcleo T° permite aos autores classificar o PB contemporâneo como uma LSNP. É demonstrado que o PB projeta Spec-TP preenchido, mesmo em contextos considerados como de sujeito nulo obrigatório, conforme os exemplos a seguir.

- (1) **A chuva** tá chovendo forte. **Ela** chove sem parar.<sup>90</sup>
- (2) **A chuva** tá chovendo grossa.
- (3) **Este dia** choveu muito.
- (4) **Aqui** neva sempre.

Constatou-se que diferentes estratégias são utilizadas para o preenchimento de Spec-TP. Isso se deve ao fato de o PB não ter ainda especializado itens específicos para tal função. Como o preenchimento do sujeito está relacionado ao traço [*u*P] e, por esse traço ser apenas fonético, é permitido que XPs de natureza semântica variada possam ser inseridos nessa posição.

---

<sup>89</sup> Para explicações detalhadas sobre esses traços, remeto o leitor aos textos: Butchers (2009) e Butchers e Duarte (2012).

<sup>90</sup> Exemplos (24) - (27) extraídos de Butchers e Duarte (2012).

Diante disso, os autores interpretam que o PB contemporâneo tem utilizado novas estratégias para a valoração do traço EPP. A mudança paramétrica que o PB contemporâneo exhibe ocorre em relação ao traço [ $\mu$ P] que passa a comportar-se como um traço forte.

O núcleo T<sup>o</sup> passa a apresentar o traço [ $\mu$ P] forte, o qual precisa ser valorado na sintaxe estrita em construções que não mais apresentam a opcionalidade do sujeito nulo, diferentemente do que ocorre no PB não contemporâneo. (BUTHERS e DUARTE, 2012, p.86)

Por considerar que mudanças paramétricas são encaixadas no sistema linguístico, o fato de o PB exibir o núcleo T<sup>o</sup> com o traço [ $\mu$ P] forte gerará efeitos colaterais na gramática dessa língua. Dessa forma, essas alterações em Spec-TP nas sentenças em PB são ecoadas para as construções causativas em que o núcleo causativo faz uma seleção de complemento sentencial, CP. Dessa forma, o contexto para a seleção CP é estabelecido. Diante disso, apresento, a seguir, os efeitos da remarcação paramétrica citada na sintaxe do PB.

## 7.2 Remarcação Paramétrica e Efeitos na Sintaxe do PB

Tarallo (1993) aponta que, em meados do século XIX, começa a se estabelecer uma gramática própria no Brasil, configurando a gramática do Português Brasileiro, a partir das seguintes constatações: reorganização do sistema pronominal; mudanças sintáticas nas estratégias de relativização; reorganização dos padrões sentenciais básicos; alteração nos padrões sentenciais em perguntas diretas e indiretas; perda seletiva do sujeito nulo e aparecimento do objeto nulo referencial.

Nesse sentido, Tarallo (1993, p.74) mostra que “as mudanças acontecem em teias e ecoam umas nas outras”, podendo dessa forma haver mudanças sintáticas sintaticamente induzidas, como falado anteriormente. De acordo com o autor, as alterações sintáticas no Português do Brasil são explicadas como sintomas da alteração da marcação no PSN. No entanto, de acordo com Kato e Duarte (2014), as particularidades sintáticas do PB fazem parte do processo de mudança e também dos traços inerentes a uma LSNP, conforme Kato e Duarte (2014).

(...) a sintaxe do PB vem mudando e a variação exibida não é apenas efeito de uma mudança em curso, mas que ela pode ser explicada como propriedades de uma gramática estável caracterizável em termos de restrições semânticas de referencialidade e de propriedades morfossintáticas. (KATO; DUARTE, 2014, p.17).

A questão que permanece é definir se o PB já se configurara como uma LSN consistente, na diacronia, ou se sempre fora, desde a sua formação, uma LSNP, como aventado por Duarte (2014)<sup>91</sup>. Um caminho seria apontar que as mudanças atuais no PB poderiam evidenciar um processo de mudança rumo a propriedades de Língua de Sujeito Não Nulo. Essa questão, porém, ainda está em aberto e não consiste foco da presente tese.

O que é fato, constatado em muitos estudos brevemente apresentados a seguir, é que o PB tem sofrido alterações sintáticas de vários aspectos. O efeito dessas alterações é mostrado, principalmente, nos dados da modalidade falada popular no Brasil. Nesse sentido, apresento, de forma geral, alguns desses efeitos, partindo das seguintes propriedades: preenchimento e forma do sujeito, reorganização pronominal, ordem sujeito-verbo.

Em relação ao preenchimento do sujeito, o PB está caminhando para a perda seletiva do sujeito nulo. Kato et al (2006) mostram que, no final do século XX, passam a predominar (entre 70 e 80%) os sujeitos referenciais (definidos e indeterminados) preenchidos, como em (5) e (6) mesmo em contextos em que, em uma LSN, os sujeitos deveriam ser nulos.

- (5) a. Se **eu** ficasse aqui **eu** ia querer ser a madrinha<sup>92</sup>.  
 b. **Você** não entende meu coração porque **você** ‘tá sempre olhando pro céu e procurando chuva.  
 c. Agora **ele** não vai mais poder dizer as coisas que **ele** queria dizer.
- (6) a. **A gente** tem que aprender a esperar pelo futuro.  
 b. E esse chá, se **você** toma bem quente, é batata!

Duarte (1993, 1995 e 2003) atribui esse processo de mudança ao enfraquecimento do sistema flexional número-pessoal do verbo. Esse enfraquecimento consiste em abandono do pronome *tu* e sua substituição por *você*; na concorrência do pronome *a gente* com o pronome *nós*; na preferência dos pronomes *você* e *vocês* a *tu* e *vós*, na implementação do uso da forma pronominal *a gente*. Essas formas pronominais, realizadas com desinência verbal não marcada, contribuíram com a redução no número de oposições do paradigma verbal, como pode se observar no Quadro 10, a seguir, que ilustra a evolução do paradigma flexional do verbo no Português Brasileiro.

<sup>91</sup> Informação verbal no III Congresso Internacional de Dialetologia e Sociolinguística em Londrina- PR, 2014.

<sup>92</sup> Exemplos apresentados em Kato et al (2006, p. 416).

Quadro 10 - Paradigma Flexional do Verbo em PB

Pessoa	1º momento 1845-1918	2º momento 1937-1955	3º momento 1975-1992
1ª singular	falo	falo	falo
2ª singular	falas	fala	fala
3ª singular	fala	fala	fala
1ª plural	falamos	falamos	fala
2ª plural	falais	falam	fala(m)
3ª plural	falam	falam	fala(m)

Fonte: Soares da Silva (2006, p.34) adaptado pela autora.

Esse processo de variação e mudança no sistema pronominal acontece concomitante com o processo de variação no preenchimento do sujeito. Segundo Soares da Silva (2006), no primeiro momento a língua se comporta como uma língua de sujeito nulo com riqueza formal, por possuir desinências distintivas para as seis pessoas<sup>93</sup>, morfologia verbal rica e com sujeitos preferencialmente nulos. No segundo momento, o paradigma da morfologia ainda distintivo garante alto índice de sujeitos nulos, 54%<sup>94</sup>. No terceiro momento, a distinção no paradigma pronominal se reduz a três formas. Como consequência, o sujeito sem realização fonética se reduz a aproximadamente 28%.

No entanto, Buthers (2009) demonstra que Agr não é fator preponderante no licenciamento de sujeitos nulos. Para fundamentar esse posicionamento, a autora cita o fato de haver alta ocorrência de sujeitos preenchidos com 1ª pessoa do singular, em PB, conforme dados de Duarte (1993). Mesmo sendo essa pessoa gramatical, a única que apresenta morfologia flexional de pessoa distinta, ela restringe a ocorrência de sujeitos nulos. Esse fato reforça que a distinção de pessoa e concordância não explica completamente o acionamento do sujeito nulo, contrariando a análise de Duarte (1993, 1995) e de Galves (1993).

Retornando ao processo de mudança em PB, considerar que, paralelamente ao aumento do preenchimento do sujeito, ocorre o esvaziamento da posição de objeto demonstra a reorganização do sistema a partir dessas três alterações encaixadas: processo de perda da referência pronominal, expansão de sujeitos preenchidos, expansão de objetos nulos, entre outras alterações. Algumas dessas alterações são mostradas por Kato (2005), tais como: o PB passa a não exibir movimento longo do clítico, aparecimento do objeto nulo referencial, perda

<sup>93</sup> Pode-se questionar neste ponto, sob a ótica da Sociolinguística, se os falantes nascidos no Brasil realmente implementaram esse sistema morfológico distintivo para as seis pessoas gramaticais.

<sup>94</sup> Os dados citados nesse parágrafo são de Duarte (1993).

dos clíticos de 3ª pessoa, aparecimento de um quadro de pronomes fracos com o nominativo checado estruturalmente, formas não acusativas na posição de objeto, entre outras.

Kato (2005) mostra que, conforme os estudos de Pagotto (1993) e de Cyrino (1993), no final do século XIX e no século XX, o PB passa a não exibir mais, de forma geral, o movimento longo do clítico, apresentando próclise ao verbo temático como exemplificado em (7):

- (7) a. João não [**me** vai] dar o livro. (séc XVIII: 100%) (Cyrino, 1993)<sup>95</sup>  
 b. João não vai [**me** dar] o livro (séc. XX: 100%) (Cyrino, 1993)

É mostrado também que essa alteração coincide com o aparecimento do objeto nulo referencial, em (8), constatado nos estudos de Cyrino (1993), Nunes (1993) e Kato (1993).

- (8) a. Já viu que o nosso cinema virou clube i... E o burro... que limpe (cv)<sub>i</sub> depois!  
 (séc. XX)  
 b.... quando eu fui no curral, peguei um bocado de bosta<sub>i</sub> de vaca e taquei (cv)<sub>i</sub>  
 em cima do ferimento... (séc. XX)

Além disso, Kato (2005)<sup>96</sup> considera que esse fenômeno pode ter advindo da perda dos clíticos de 3ª pessoa, ao mudar a direção de cliticização da direita para a esquerda, conforme proposto em Nunes (1993). A autora analisa o objeto nulo do PB como um clítico nulo que completa o paradigma com os clíticos de primeira e de segunda pessoa ainda existentes (me, te,  $\phi$ ).

Ainda como consequência dessa reorganização pronominal, Kato (1999, 2002), tendo como base os estudos de Duarte (1995) e de Britto (1998), atribui o preenchimento do sujeito também, conforme anteriormente mostrado, ao aparecimento de um quadro de pronomes fracos com o nominativo checado estruturalmente. Estruturas de redobro pronominal são marcas da implementação do pronome fraco, exemplificado em (9).

- (9) a. EU, **ô** vou. ( $\hat{o}$  = eu)  
 b. VOCÊ, **cê** vai. (cê = você]

<sup>95</sup> Exemplos de (29) a (34) retirados de Kato (2005).

<sup>96</sup> O texto de Kato (2005) traz os principais resultados dos seguintes projetos: Projeto Diacrônico; Projeto Relações Gramaticais; Português Europeu/Português Brasileiro: unidade e diversidade na passagem do milênio.

Essas estruturas fazem o sistema gerar formas não acusativas na posição de objeto<sup>97</sup>, como exemplificado em (10) a seguir:

- (10) a. D. Senhorina – Você não botou **ele** para fora de casa, três dias depois do casamento? (séc. XX)  
 b. Jonas – Deixa **ela** comigo!... (séc. XX)

Além disso, a alteração vai se ecoando pelo sistema pronominal fazendo com que haja redução no uso dos possessivos pré-nominais de 3ª pessoa para a 2ª pessoa indireta. A forma invariante **ele** usada com preposição para o possessivo de 3ª pessoa, no lugar de *seu/sua*, em qualquer função, exemplificado em (11). Ocorre comportamento similar com os pronomes *você*, *vocês* e *a gente*, conforme exemplificado em (12) e em (13).

- (11) Os pais **dele** estão aborrecidos com isso. (séc. XX)
- (12) a. **Ele** ama a Maria. (séc. XX)  
 b. Mas Maria não ama **ele**. (séc. XX)  
 c. Ela disse para **ele** que não quer casar com **ele**. (séc. XX)
- (13) a. **Você** ama a Maria. (séc. XX)  
 b. Mas Maria não ama **você**. (séc. XX)  
 c. Ela disse para **você** que não quer casar com **você**. (séc. XX)  
 d. **A gente** ama a Maria. (séc. XX)  
 e. A Maria ama **a gente** (séc. XX)

Como o meu objetivo é demonstrar que as alterações sintáticas ocorridas nas sentenças canônicas ressoam na sentença completiva da estrutura causativa analítica, correlaciono essas alterações às propriedades morfossintáticas das construções causativas analíticas em PB. Esse conjunto de alterações ecoam e estabelecem o contexto favorecedor da complementação CP, como evidencio a seguir.

---

<sup>97</sup> Exemplo (32) (Nelson Rodrigues, *Álbum de família*: p. 65) citado em Kato (2005, p.12).

### 7.3 Efeitos das Alterações Sintáticas nas Causativas e Complementação CP

Para evidenciar que as alterações sintáticas ocorridas na gramática do PB afetam a seleção do complemento encaixado na construção causativa analítica, primeiramente, analiso a forma e o preenchimento do sujeito na oração encaixada ao núcleo causativo. Para maior clareza do comportamento da variação pronominal no preenchimento do sujeito da sentença selecionada pelo núcleo causativo, ao longo do tempo, apresento a Tabela 8, a seguir, com todas as formas desse sujeito atualizadas nos dados.

Tabela 8 - Forma e Preenchimento do Sujeito Encaixado

Forma do sujeito	Século XIX		Século XX		Século XXI	
	N	%	N	%	N	%
me, nos (1ª pessoa)	51	33	28	19	5	4,5
Eu (1ª pessoa)	0	-	10	0,7	14	12,7
o,a,lhe (s)	23	15	19	13	-	-
ele, ela (s)	1	0,6	8	5,4	20	18
te	5	3	2	1,4	1	0,9
você	0	-	4	2,7	1	0,9
a gente	0	-	0	-	3	2,7
NP	26	17	34	23	44	40
Nulo	48	31	42	29	22	20
<b>Total</b>	<b>154</b>	<b>100</b>	<b>147</b>	<b>100</b>	<b>110</b>	<b>100</b>

Fonte: a autora.

Quanto ao preenchimento do sujeito, os dados acima indicam que a preferência é pelo sujeito encaixado preenchido e a forma de preenchimento é diversificada: NP, clíticos e pronomes lexicais (eu, ela, ele, a gente, você). A diversidade citada contempla a reorganização pronominal descrita anteriormente. Ocorre variação de formas acusativas e

nominativas tanto na primeira pessoa (*eu*<sup>98</sup> / *me, nos*) quanto na terceira pessoa (*o, a / ele, ela*), como exemplificado a seguir.

- (14) a. Pimenta caminha receoso ..., e [ com bons modos **o** faz sair]. (403A)  
 b. Não tenha receio!... [Deixe-**me** continuar ao seu serviço] (1891B)  
 c. [Por que **o** deixaste sair]? (736A)
- (15) a. Aí ela saiu desesperada e nós num queria [dexá **ela** sai]. (355-ARC8E6)  
 b. [Não deixe **eles** falarem mais]. (228-3B)  
 c. [Eu fiz **ele** entrar], tomar uma água com açúcar e relaxar um pouco. (315 – 8B)

As formas *eu* e *me/nos* parecem estar em variação, em sentenças como (*Mandou eu comprar pão. / Me mandou comprar pão.*), com vantagens para a forma nominativa. A forma *eu* nominativa, causado/sujeito do verbo infinitivo encaixado, aparece nos dados a partir de 1900, ou seja, não é realizado de 1800 a 1900. No século XIX, ocorre, nos dados, 51 ocorrências da forma clítica *me/nos*, mas há diminuição no número de ocorrências no século XX, essa forma passa de 33% para 19% e, no século XXI, acontece uma queda brusca para 4,5%. Esses números sinalizam uma consolidação de fenômenos de variação no PB iniciada nos séculos XIX e XX.

Enquanto a forma acusativa (*me,nos*) diminui, a forma nominativa (*eu*) aumenta, não sendo esta atualizada no século XIX. A forma *eu* ocorre apenas em 0,7% das ocorrências (equivalente a 10 ocorrências) no século XX e passa para 12,7% do total de dados do século XXI. Já o clítico *-te*, apresenta reduzida produtividade nos dados em análise.

Vale destacar que ocorre também formas inovadoras como *você* e *a gente*, mas com baixa frequência. No entanto, a constatação dessas ocorrências demonstra que essas formas já estão presentes no sistema linguístico, e em posição de sujeito, valorando caso nominativo. Nos nossos dados, as primeiras ocorrências são no século XX, coincidindo com a implementação da seleção CP pelo núcleo Cause<sup>9</sup>. Apresento exemplos dessas formas, a seguir:

- (16) O psiquiatra vai ti dá um remedinho i ocê vai melhorá com isso i na verdadi num é isso essi remedinho vai ajudá mais i depois com' é qui fica cê tem qui tê um suporti

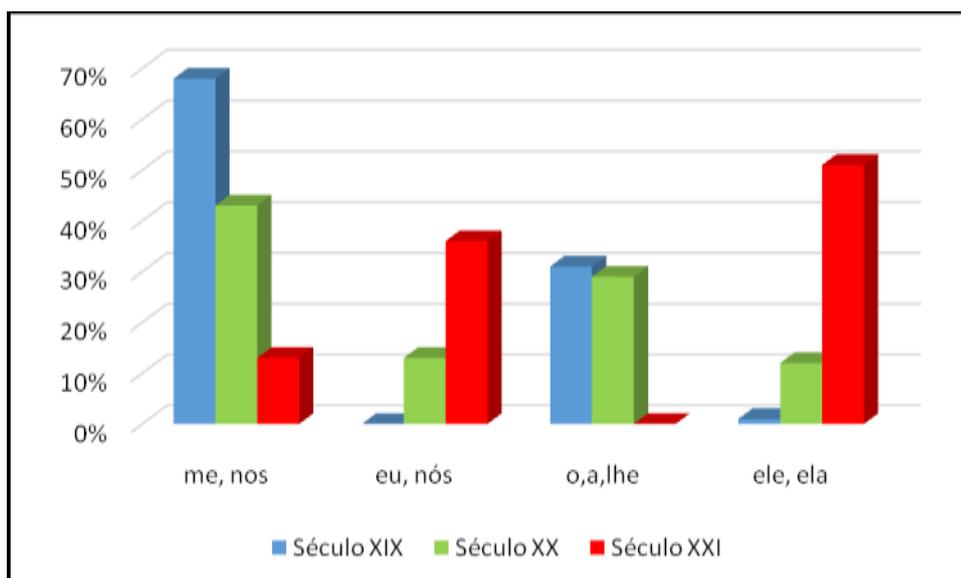
<sup>98</sup> A forma *nós* não foi empregada, nos dados em análise.

cê tem qui tê um um um alicerci qui vai ti sustentá naquilo i [fazê cê num caí di novo] i eu achu qui é psicologia qui dá essi suporti. (363-BH1E6)

(17) Ah você é chata que [num deixa **a gente** sair não ] (384-E46E7)

Para a representação do causado em 3ª pessoa, os dados mostraram variação entre a forma nominativa *ele, ela* e a forma clítica *-o, -a*, variação essa já bastante debatida na literatura da Linguística. Como é hipótese deste estudo de que a variação que ocorre nas sentenças canônicas do PB é refletida nas construções causativas, os resultados estão caminhando na direção da comprovação de tal proposta. O gráfico 7, a seguir representa a variação entre clíticos e pronomes lexicais de primeira e de terceira pessoa (*me, nos / eu, nós*) e (*o,a,lhe / ele, ela*).

Gráfico 7 - Variação entre clíticos e pronomes lexicais nas construções causativas



O Gráfico 7 aponta que os clíticos (*me, nos*) na posição de sujeito infinitivo da construção causativa analítica passa por um decréscimo significativo ao longo dos séculos, chegando a ser atualizado em apenas 6 ocorrências no século XXI. Contexto semelhante ocorre com os clíticos de terceira pessoa que, nos dados analisados provenientes do PB popular, não aparecem. Por outro lado, é constatado neste gráfico que, à medida que ocorre o declínio na produtividade dos clíticos nesse contexto sintático, ocorre também o aumento na produtividade dos pronomes nominativos (*eu, ele, ela (s)*).

Esse resultado trilha o caminho de mudança em progresso na seleção realizada por Cause<sup>o</sup> em PB. A medida que a seleção sentencial CP vai se implementando na língua, vai ocorrendo maior frequência das formas nominativas na posição de sujeito dessa sentença encaixada ao núcleo causativo.

Relacionada a esse fenômeno está a produtividade da subida de clítico sujeito do infinitivo nas construções em estudo. O movimento do clítico também foi observado e o resultado é consonante às constatações de Pagotto (1993) e de Cyrino (1993), conforme a Tabela 9, a seguir. As construções que exibem o clítico na função de causado, sujeito do infinitivo) distribuem a posição desse elemento da seguinte forma:

- quando ocorre movimento do Clítico, configura-se a ordem:

Clítico + V<sub>causativo</sub> + V<sub>infinitivo</sub>

(17) Se não, a senhora acaba sem dormir direito, e sem [**me** deixar dormir]. (304 – 8B)

(18) Mas como [**o** deixaram fugir]!... (262 – 4B)

- quando não ocorre movimento do Clítico, configura-se a ordem:

V<sub>causativo</sub> + Clítico + V<sub>infinitivo</sub>

(19) Rosalina, [faça-**a** entrar]!... (275 – 5B)

(20) Espero apenas um pretexto para [mandá-lo passear]. (276 – 5B)

Tabela 9 - Posição do Clítico - Sujeito Encaixado nas Causativas Analíticas em PB

Movimento do clítico	Século XIX		Século XX		Século XXI		Total	
	N	%	N	%	N	%	N	%
Clítico + V <sub>causativo</sub> + V <sub>infinitivo</sub>	33	52,3	24	38,2	6	9,5	<b>63</b>	<b>100</b>
V <sub>causativo</sub> + Clítico + V <sub>infinitivo</sub>	46	65,7	24	34,3	0	-	<b>70</b>	<b>100</b>

Fonte: a autora.

Entre as construções que exibem clítico-sujeito, o movimento desse elemento ocorreu em 52,3% das ocorrências no século XIX, diminuindo para 38,2% no século XX e para apenas 9,5% no século XXI. Já nas construções em que não ocorrem movimento, a produtividade do clítico diminuiu ao longo dos séculos. Destaca-se que esse contexto favorece

a seleção CP, uma vez que, ao sistema diminuir a frequência de clíticos como sujeito encaixado, ele passa a selecionar mais pronomes lexicais (eu, nós, a gente, você, ele) e NP como sujeito, conforme mostrado anteriormente. Ressalto que a forma clítica está presente em estruturas em que o núcleo causativo seleciona vP em uma configuração de complexo oracional, TP defectivo, com a diminuição do emprego de clíticos, ocorre paralelamente o aumento da complementação CP.

Convém observar também que, nos dados contemporâneos, nas causativas analíticas, os clíticos do século XXI são apenas de primeira e de segunda pessoa (*me*, *te*). Essas estruturas apresentam clítico do sujeito infinitivo adjacente ao verbo causativo no domínio mais alto, conforme exemplificado em (21).

- (21) a. Hum...[isso **me** faz lembrar outras coisas], né... (359-OP2-C6)  
 b. Só sei que [eles **me** fazem rir demais]... (361-OP2-C6)  
 c. Essa pergunta, [você **me** faz rir...] (429-E50-C8)  
 d. Então [isso **me** fez afastar do futebol]. (451-E55-C8)  
 e. Falar '[eu tô **te** mandando fazer]', num é certo, cê tem que sempre saber pedir e falar. (439-E6-C8)

Esse tipo de estrutura foi analisado na presente tese como uma configuração em que o núcleo causativo seleciona a complementação TP<sub>defectivo</sub>. No entanto, na interpretação de Cyrino (2010), a complementação selecionada é CP, uma vez que o PB licencia sistema C-T completo e o verbo infinitivo apresenta comportamento similar ao verbo finito. Esse contexto sinaliza que o sujeito do infinitivo preenchido por clíticos, tendo em vista a baixa produtividade, é resquício que marca estágio avançado da mudança linguística.

Esclareço também que as sentenças em (21) não se apresentam em contexto de complexo verbal, de reestruturação ou que licencia a subida de clítico, tal como defendido em Pereira (2013). Nesse contexto, a adjacência entre o verbo causativo e o verbo infinitivo é exigida, e isso não é verificado nas causativas analíticas do PB contemporâneo, conforme se pode observar no exemplo (22) a seguir. A inserção de elementos intervenientes entre o verbo mais alto e o infinitivo não torna agramatical a sentença.

- (22) Isso me **fez, aos poucos, de propósito, quando eu era bem jovem, com muita raiva, durante muitos anos, afastar** do futebol.

Quanto à forma do sujeito infinitivo *me*, esta não poderia ser diferente, uma vez que a forma nominativa na posição proclítica seria agramatical, conforme evidenciado em (23).

- (23) a. Isso **me** fez afastar do futebol.  
 b. \*Isso **eu** fez afastar do futebol.  
 c. Isso fez **eu** afastar do futebol.

Quanto à posição do sujeito infinitivo *me*, a próclise se explica pela direção de cliticização do PB, que conforme Nunes (1993) e Pagotto (1993), a próclise é a tendência geral de cliticização em PB. Soma-se a isso a questão de variação no emprego das formas pronominais *me / eu* nessa estrutura, conforme constatado anteriormente.

Além dos efeitos da reorganização pronominal na sentença causativa elencados até este ponto, a seleção CP apresenta um conjunto de propriedades que atuam conjuntamente, estabelecendo o contexto sintático propício para a implementação da complementação sentencial. Entre essas propriedades, destaco a realização de sujeito do infinitivo na forma potencial nominativa (incluindo NP com ambiguidade acusativo/nominativo na seleção TP defectivo/CP), sentença encaixada de ordem Sujeito-verbo, ambiguidade em relação à distinção de número do infinitivo. Em relação ao sujeito na forma nominativa (potencial), apresento a Tabela 10, a seguir:

Tabela 10 - Forma Sujeito Encaixado nas Causativas Analíticas em PB

Forma do sujeito	Século XIX		Século XX		Século XXI	
	N	%	N	%	N	%
Nominativo (NP, pronome lexical)	27	17,5	56	38	82	74,5
Clítico	79	51,3	49	33	6	5,5
Nulo	48	31,2	42	28,6	22	20
<b>Total</b>	<b>154</b>	<b>100</b>	<b>147</b>	<b>100</b>	<b>110</b>	<b>100</b>

Fonte: a autora.

Esta Tabela mostra que no século XIX o contexto propício para a complementação CP ainda não está estabelecido. Na leitura vertical da Tabela, nota-se que a forma clítica do sujeito é preponderante. No século XX, palco da competição entre a variação da complementação do núcleo causativo, apresenta-se a forma Nula, clítica e a forma potencial nominativa com frequências aproximadas. No século XXI, o sistema linguístico faz a opção pelas formas nominativas, mantém as formas nulas e deixa no sistema do PB falado apenas os clíticos de primeira pessoa. Esse contexto favorece o estabelecimento da complementação CP.

Em relação à inversão (VS), Tarallo (1993, p.90) propõe que, se o PB está alterando a marcação do PSN, seria de se esperar "um enrijecimento no padrão canônico de ordem de palavras em direção a SV, com uma proporção decrescente para sujeitos invertido", o que foi constatado em Andrade Berlinck (1989).

De acordo com Kato et al (2006), os dados diacrônicos analisados por Duarte (1993) revelam a ordem VS predominante nas interrogativas no final do século XIX, como em (24)<sup>99</sup>. Já no final do século XX, a ordem VS se restringe a verbos monoargumentais com sujeitos nominais. A ordem SV se torna o padrão, como mostram os exemplos (24):

#### SÉCULO XIX – ORDEM VS

- (24) a. O que pensa **tua filha** do nosso projeto? (1845)  
 b. E por que tanto chora **a menina**? (1845)  
 c. Por que desapareceu **ele** lá de casa? (1882)  
 d. Mas o que tens **tu** ? (1882)

#### SÉCULO XX – ORDEM VS (VERBOS MONOARGUMENTAIS)

- (25) a. Onde andar **a Neiva**?  
 b. Como era mesmo **a história**?

#### SÉCULO XX – ORDEM SV

- (26) a. E desde quando **país** tem perna?  
 b. Do que **tu** tá falando?

<sup>99</sup> Exemplos de (24) a (26) retirados de Kato et al (2006).

Ao analisar a ordem VS e a ordem SV na totalidade das ocorrências das estruturas causativas analíticas foi constatado, mais uma vez, o mesmo comportamento sintático das sentenças canônicas em PB, ou seja, caminho para uma ordem mais fixa de sujeito e verbo (SV). Evidencio esse contexto na Tabela 11, a seguir.

Tabela 11– Ordem VS e Ordem SV nas Causativas Analíticas em PB

Construção	Século XIX		Século XX		Século XXI	
	N	%	N	%	N	%
Ordem VS (Verbo + Sujeito)	16	23	16	21	6	7,5
Ordem SV (Sujeito +Verbo)	53	77	61	79	74	92,5
<b>Total</b>	<b>69</b>	<b>100</b>	<b>77</b>	<b>100</b>	<b>80</b>	<b>100</b>

Fonte: a autora.

Esses dados mostram que, entre as ordens de constituintes analisadas, a ordem SV prevalece nas construções causativas ao longo do tempo em estudo. No século XIX, apenas 23% das ocorrências atualizam a ordem VS, contando que desse percentual, 20% são de verbos inacusativos<sup>100</sup>. No século XX, a escolha sintática é similar: 21% das ocorrências escolhem a ordem VS, sendo que desse percentual, 18% estão em estrutura formada com verbo inacusativo. Já no século XXI, ocorre diminuição no percentual de frequência da ordem VS e aumento da ordem SV que passa de aproximadamente 77% para 92,5%.

Essa diferença percentual entre o século XXI e os demais períodos em estudo se justifica pela ordem SV propiciar a complementação sentencial CP nas causativas em que a ordem canônica da sentença é projetada. Além disso, um dos traços principais da projeção CP nas causativas em Língua Portuguesa é a possibilidade de licenciar verbo infinitivo flexionado na sentença encaixada. Considerando que a primeira e a terceira pessoa não exibem marcas de flexão no verbo não finito, a ambiguidade estabelece. Diante disso, verifiquei nos dados a produtividade do infinito com marcas de flexão e a ambiguidade de flexão, por esse contexto ser favorecedor da complementação CP ao núcleo causativo. Confira a Tabela 12 a seguir:

<sup>100</sup> Trata-se de contexto com verbo inergativo em que não houve movimento do sujeito que é argumento interno e permanece na posição em que foi gerado.

Tabela 12 – Flexão do verbo não finito nas Causativas Analíticas em PB

Verbo infinitivo	Século XIX		Século XX		Século XXI	
	N	%	N	%	N	%
Sem flexão	141	91,5	95	65	25	23
Com flexão	0	-	2	1,4	4	3,4
Ambiguidade	13	8,4	50	34	81	73,6
<b>Total</b>	<b>154</b>	<b>100</b>	<b>147</b>	<b>100</b>	<b>110</b>	<b>100</b>

Fonte: a autora.

Os resultados contemplados na Tabela 12 confirmam a emergência da complementação CP no século XX ao apresentar o infinitivo com marcas de flexão na sentença encaixada. Embora a produtividade desse fator seja baixa no século XXI, outras propriedades concorrem para o licenciamento dessa complementação tal como a presença de sujeito na forma de pronome lexical (eu, nós, você, a gente, ele, ela). Além disso, ocorrem os fatores que contribuem para a ambiguidade estrutural de complementação e de flexão do verbo: sujeito encaixado na forma de NP, sujeito nulo, sujeito na primeira ou terceira pessoa. Esses fatores justificam a ambiguidade na flexão que passa de 8,4% no século XIX, para 34% no século XX e atinge 73,6% no século XXI.

#### 7.4 Faixa Etária e Complementação CP

Para completar o contexto de favorecimento de licenciamento da complementação CP nas causativas em PB, analisei o fator social faixa etária nos dados do século XXI. O resultado indicou que a complementação selecionada pelos falantes varia entre a TP defectiva, a ambiguidade TP defectiva/CP e a CP, como mostra a Tabela 13

Tabela 13 – Fator Idade na Complementação das Causativas Analíticas em PB

Verbo infinitivo	17 a 29 anos		30 a 59 anos		60 anos e acima	
	N	%	N	%	N	%
TP <sub>defectivo</sub>	0	-	0	-	2	6,3
TP <sub>defectivo</sub> / CP	5	16	8	17	3	9,4
CP	26	84	39	83	27	84,4
<b>Total</b>	<b>31</b>	<b>100</b>	<b>47</b>	<b>100</b>	<b>32</b>	<b>100</b>

Fonte: a autora.

Como mostrado no Capítulo 5, a faixa etária que inclui os mais jovens é propulsora das inovações linguísticas e essa situação é indício de mudança em progresso. Como em todas as faixas etárias, a complementação CP atinge mais de 80% de frequência, pode-se inferir que, tendo em vista todos os outros fatores analisados, há uma mudança em progresso rumo à seleção CP em estágio avançado.

## 7.5 Resumo do Capítulo

Este capítulo esclareceu como se dá o encaixamento da complementação CP no sistema linguístico e social do PB. O estudo desenvolvido confirmou a hipótese de que a estrutura morfossintática das causativas analíticas está passando pelo mesmo processo de mudança pelo qual a estrutura canônica das sentenças em PB está passando; refletindo evidências de encaixamento linguístico da variação e mudança em progresso.

Evidenciei que alterações sintáticas tais como sujeito preenchido, ordem mais fixa (sujeito-verbo), reorganização pronominal, entre outras atingiram também a complementação sentencial nas causativas analíticas. Esse conjunto de variação sintática corrobora o processo de mudança que apresenta novas estratégias de valoração do traço EPP, caracterizando o PB como uma Língua de Sujeito Nulo Parcial.

O conjunto de variação sintática expresso nas construções causativas analíticas, além de estarem consonantes com as propriedades da gramática do PB, refletem o contexto favorecedor da implementação da complementação CP a Cause°. Esse contexto engloba a preferência por sujeito preenchido, ordem SV, comportamento do verbo não finito similar ao

finito (CYRINO, 2010), preferência por formas pronominais lexicais em detrimento dos clíticos.

Soma-se a esse contexto sintático, o fato de que as faixas etárias analisadas, nos dados do século XXI, preferem a complementação CP em mais de 80% das ocorrências em variação com a complementação TP<sub>defectivo</sub>. Esse resultado confirma que a projeção defectiva TP atua como suporte para o processo de mudança e que a mudança em progresso na complementação do núcleo causativo se encontra em estágio avançado.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa investigou a complementação do núcleo causativo no PB, em estruturas lexicais e analíticas ao longo dos séculos XIX, XX e XXI. A hipótese geral que guiou os caminhos do estudo considerou que a variação na complementação da estrutura causativa está relacionada à natureza do núcleo  $v^{\circ}_{\text{CAUSE}}$  na gramática do PB. Somaram-se a essa hipótese as seguintes perguntas de pesquisa:

- i. Qual é a natureza do núcleo Cause<sup>o</sup> em PB no que diz respeito ao núcleo Voice<sup>o</sup> e à seleção do complemento XP encaixado?
- ii. Como se explica o encaixamento da variação na complementação do núcleo causativo no sistema linguístico do PB?
- iii. Se há de fato uma mudança em curso na configuração das causativas em PB, como ela vem ocorrendo ao longo do tempo? Isto é: que contextos favorecem as formas inovadoras e quais são resistentes ao seu avanço?

Para responder a essas perguntas, o aparato teórico levou em conta a necessidade de uma abordagem uniforme para a análise tanto de causativas lexicais quanto de causativas analíticas. Sendo assim, utilizei parcialmente os parâmetros propostos por Pylkkänen (2002, 2008) na explicação das construções causativas, a saber: o parâmetro de agregação de VoiceP que indica que o núcleo causativo pode ser agregado a Voice ou independente; o parâmetro de seleção categorial efetuada pelo núcleo causativo em que seu complemento pode ser uma raiz, um vP não fásico ou um vP fásico.

Como as estruturas causativas podem apresentar um XP encaixado maior que um vP fásico, assumi na presente tese a ampliação da proposta de Pylkkänen (2002, 2008) em que o núcleo causativo pode selecionar um TP defectivo ou uma estrutura sentencial completa, não defectiva com o sistema C-T, na categoria CP. Considerei, portanto, que o núcleo Cause<sup>o</sup> em PB, ao longo do tempo, pode selecionar as categorias vP não fásico, vP fásico, TP defectivo, CP como complemento.

A aplicação dessa proposta teórica demonstrou que, em PB, o estatuto de  $v^{\circ}_{\text{CAUSE}}$  é independente de Voice<sup>o</sup>. Essa afirmação se fundamenta no fato de não haver restrição verbal na formação das causativas. São licenciadas construções formadas a partir de verbos inacusativos, inergativos e transitivos, tanto nas estruturas sintéticas como nas estruturas analíticas.

No que diz respeito à complementação do núcleo causativo, o comportamento é diferente entre as construções lexicais e analíticas. As construções causativas lexicais privilegiam a complementação vP não fásico em torno de 90% das ocorrências em variação com percentual não relevante de vP fásico. A seleção de vP não fásico se justifica pelo fato de as causativas lexicais apresentarem verbos inacusativos e transitivos em que não há projeção de argumento externo em XP e não há projeção do núcleo de VoiceP. Os resultados não apresentaram mudança em relação à complementação de Cause<sup>o</sup> nessas estruturas.

As construções causativas analíticas, por sua vez, licenciam complementação de  $v^{\circ}_{\text{CAUSE}}$  em variação nos períodos analisados. A variação de seleção de complemento pelo núcleo  $v^{\circ}_{\text{CAUSE}}$  nas causativas no PB se estabelece nas categorias: vP não fásico, vP fásico, TP defectivo e CP.

Destaco ainda que essas categorias mesclam suas propriedades e se mostram de forma ambígua em alguns contextos. Essa ambiguidade se estabelece pela categoria TP, é responsável pelo funcionamento do sistema em fase de mudança e ocorre entre as seguintes categorias:

- $vP_{\text{fásico}} / TP_{\text{defectivo}}$  ;
- $vP_{\text{não fásico}} / TP_{\text{defectivo}}$ ;
- $TP_{\text{defectivo}}/CP$ ;
- $vP_{\text{fásico}}/TP_{\text{defectivo}}/ CP$ .

Os resultados mostraram também que, nas causativas analíticas, a mudança ocorre de categorias mais defectivas para categorias menos defectivas, concretizado na complementação CP de  $v^{\circ}_{\text{CAUSE}}$ , em que há contexto C-T completo, em mais de 80% dos dados, no século XXI. Essa mudança inicia com a herança estrutural das causativas analíticas do Português clássico em conjunto com o fato de o PB começar a implementar um sistema gramatical independente no final do século XIX. Essa mudança consistiu na reanálise da estrutura sintática subjacente que passou a selecionar diferentes tipos de categoria funcional, numa escala de defectividade, tal como:

$$vP_{\text{não fásico}} \rightarrow vP_{\text{fásico}} \rightarrow TP_{\text{defectivo}} \rightarrow C-T_{\text{não defectivo}}$$

O encaixamento da variação na complementação do núcleo causativo no sistema linguístico do PB se explica pelo fato de as causativas analíticas estarem passando pelo

mesmo processo de mudança pelo qual a estrutura canônica das sentenças em PB está passando, refletindo evidências de mudança em progresso.

Evidenciei que alterações sintáticas como sujeito preenchido, ordem mais fixa (sujeito-verbo), reorganização pronominal, T infinitivo passa a se comportar como T finito; entre outras, atingiram também a complementação sentencial nas causativas analíticas. Esse conjunto de variação sintática corrobora o processo de mudança que apresenta novas estratégias de valoração do traço EPP, permitindo a implementação da complementação CP, ao longo do tempo.

Além da análise em tempo real, a análise da complementação, no século XXI, em relação à faixa etária evidenciou também que há indícios de mudança em progresso. Como em todas as faixas etárias, a complementação CP atinge mais de 80% de frequência, pode-se inferir que, tendo em vista todos os outros fatores analisados, há uma mudança em progresso rumo à seleção CP em estágio avançado.

Diante do exposto, a conclusão a que se chega é que a complexidade estrutural das causativas é desafiadora. Embora eu tenha buscado deixar uma contribuição para os estudos linguísticos e para a elucidação da estrutura causativa, não foi minha pretensão esgotar o assunto nesta pesquisa.

Alguns questionamentos continuam em aberto, demandando pesquisas futuras. O primeiro ponto diz respeito, de modo geral, à identificação dessa gramática que se desenvolve no Brasil. O conjunto de alterações sintáticas em PB corresponde a traços de uma LSNP estável ou são todas frutos de processos de mudança. Os demais pontos tratam especificamente da construção causativa: a complementação do núcleo cause<sup>o</sup> em PE, nas demais línguas românicas e no português falado nos países africanos apresenta algum processo de variação e de mudança? A variação constatada no PB falado já está se implementando no PB escrito? E assim a investigação poderá continuar.

## REFERÊNCIAS

- ADGER, D. *Core Syntax: A minimalist approach*. Oxford University Press, 2003.
- AMARAL, L. L. **A alternância transitivo-intransitiva no português brasileiro: fenômenos semânticos**. 2015. Tese de doutorado em Estudos Linguísticos, UFMG/POSLIN, Belo Horizonte, 2015.
- ANDRADE, A. L. **A subida de clíticos em português: Um estudo sobre a variedade europeia dos séculos XVI a XX**. Campinas: UNICAMP, 2010. 360f. Tese (Doutorado em Linguística). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.
- ANDRADE BERLINCK, R. A construção V SN no português do Brasil: uma visão diacrônica do fenômeno da ordem. *In*: TARALLO, F. (org.). **Fotografias sociolinguísticas**. Campinas: Pontes, 1989. p. 95-112.
- \_\_\_\_\_. **La position du sujet en portugais: etude diachronique des variétés brésilienne et européenne**. Thèse de Doctorat. Katholieke Universiteit Leuven, 1995.
- ANDRADE, J. C. **As Construções Causativas do Português do Brasil na Perspectiva Gerativa**. 2002. 85f. Dissertação de Mestrado - UNB/UNICEUB, 2002.
- AVELAR, J.; GALVES, C. **From European to Brazilian Portuguese: A parameter network approach**. 2011. Disponível em: [http://www.tycho.iel.unicamp.br/~tycho/pesquisa/artigos/avelar&galves\\_final\\_version.pdf](http://www.tycho.iel.unicamp.br/~tycho/pesquisa/artigos/avelar&galves_final_version.pdf). Acesso em 20 dez. 2014.
- BAKER, M. **Incorporation: a theory of grammatical function changing**. Chicago: University of Chicago Press. 1988.
- BAKER, M. **Case: its principles and its Parameters**. Cambridge: University Press. 2015.
- BITTENCOURT, V. O. **Da Expressão da Causatividade no Português do Brasil: uma Viagem no Túnel do Tempo**. 1995. 341f. Tese (Doutorado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1995.
- \_\_\_\_\_. Causativas lexicais no português do Brasil: perfil morfossintático, semântico e funcional-discursivo. *In*: DECAT, M. B. N. et al. **Aspectos da Gramática do Português: uma abordagem funcionalista**. Campinas: Mercado de Letras. 2001. p. 167-232.
- BIBERAUER, T. Semi null-subject languages, expletives and expletive pro reconsidered. *In* \_\_\_\_\_; HOLMBERG, A; ROBERTS, I; SHEEHAN, M (orgs.), **Parametric variation: null subjects in Minimalist theory**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010. p.153 – 199.
- BIBERAUER, T. et al. (eds.), **Parametric variation: null subjects in Minimalist theory**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

BLANCO, M. T. **Contrasting Causatives: A Minimalist Approach**. 2010. 412 F. Tese (Doctor of Philosophy). The University of Arizona: Tucson, 2010.

\_\_\_\_\_. **Causatives in Minimalism**. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins Publishing, 2011.

BORGES, D. C. **Construções causativas na diacronia do Português do Centro Oeste. Séculos XVII a XX**. 2008. 139f. Dissertação de Mestrado. Universidade de Brasília, 2008.

\_\_\_\_\_; H. M. LIMA-SALLES “**Construções causativas em documentos eclesiásticos do século XVIII, em Vila Boa de Goiás, GO**”. Relatório final.PIBIC/CNPq/UnB, 2005.

BRITTO, H. **Deslocadas à esquerda, resumptivo sujeito, ordem SV e a codificação sintática de juízos categórico e tético no Português Brasileiro**, 1998, tese inédita, UNICAMP, 1998.

BURZIO, L. **Italian Syntax: a government-binding approach**. Dordrecht: D. Reidel, 1986.

BUTT, M. The light verb jungle. **Harvard Working Papers in Linguistics**, 9, pp. 1-49, 2003.

BUTHERS, C. M. **Emergência da ordem [XP V (DP)] no PB Contemporâneo e o Parâmetro do Sujeito Nulo: uma abordagem minimalista**. 165 f. Dissertação de Mestrado em Estudos Linguísticos, Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2009.

\_\_\_\_\_. DUARTE, F. B. **Português Brasileiro: uma língua de sujeito nulo ou de sujeito obrigatório**. *Diacrítica* (Braga), v. 26.1, p. 63-87, 2012.

CAMARGOS, Q. F. **Estruturas Causativas em Tenetehára: uma abordagem minimalista**. 2013. 190 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais: Belo Horizonte, 2013.

CANÇADO, Márcia. **Hierarquia Temática: uma Proposta para o PB**. 2003. *Revista Letras* 61:60-62.

CANÇADO, M. **Propriedades Semânticas e Posições Argumentais**. 2005. *DELTA*, v. 21, n. 1, p. 23-56.

CANÇADO, M.; GODOY, L. AMARAL, L. **Catálogo de verbos do português brasileiro: classificação verbal segundo a decomposição de predicados**. Volume 1: verbos de mudança. UFMG, 2013.

CHOMSKY, N. Minimalist inquiries. In **Step by step**, ed. R. Martin, D. Michaels, and J. Uriagereka. Cambridge: MIT Press, 2000. p. 89-155.

\_\_\_\_\_. **Lectures on Government and Binding**. Foris, Dordrecht, 1981.

\_\_\_\_\_. **The minimalist program**. Cambridge, Mass: The MIT Press, 1995.

\_\_\_\_\_. **O Programa Minimalista**. Tradução: Eduardo Raposo. Lisboa:Caminho,1999.

\_\_\_\_\_. Derivation by Phase. In: KENSTOWICZ, M. (Org.). **Ken Hale: a life in language**. Massachusetts: the MIT Press, 2001. p.1-152.

\_\_\_\_\_. On phases. Manuscrito, MIT, 2005.

\_\_\_\_\_. Approaching up from below. Manuscrito, MIT, 2006.

\_\_\_\_\_. **Beyond Explanatory Adequacy**. In Structures and Beyond, ed. By A. Belletti, pp. 104-131. Oxford: Oxford University Press.2004.

\_\_\_\_\_. On Phases. R. Freidin, C. P. Otero & M. L. Zubizarreta (eds.), **Foundational Issues in Linguistic Theory: Essays in Honor of Jean-Roger Vergnaud**. MIT Press, Cambridge, pp. 133-166.2008.

CIRÍACO, L.; CANÇADO, M. A alternância causativo-ergativa no português brasileiro. **Matraga**, v. 16, n. 24, p. 216-231, 2009.

COMRIE, B. **Language universals and linguistic typology: syntax and morphology**. Chicago: University of Chicago Press, 1981.

COSTA, J; GONÇALVES, A. **Minimal projections: evidence from detective constructions in European Portuguese**. *CatWPL*, 59-69, 7, 1999.

CYRINO, S. Observações sobre a mudança diacrônica no português do Brasil: objeto nulo e clíticos . In *In*: ROBERTS, I; KATO, M. A. (orgs.). **Português brasileiro: uma viagem diacrônica**. Campinas: UNICAMP, 1993. p.163-184.

\_\_\_\_\_. On complex predicates in Brazilian Portuguese. **Iberia. An International Journal on Theoretical Linguistics** Vol. 2.2, p. 1-21. 2010.

\_\_\_\_\_. Mudança sintática no português brasileiro: a perda de predicados complexos. In Tânia Lobo ...[et al.] (Org.). **ROSAE: linguística histórica, história das línguas e outras histórias**. Salvador: EDUFBA, 2012. p.137-159.

DAVIES, M. **Parameters, Passives, and Parsing: Motivating diachronic and synchronic variation in Spanish and Portuguese**. In BEALS, K. ET AL. (Ed) Variation and Linguistic Theory. Vol. 2. Chicago: *CLS 30*, p. 46-60. 1994.

\_\_\_\_\_. The diachronic evolution of the causative construction in Portuguese. **Journal of Hispanic Philology**, 17, p. 261-292. 1996.

\_\_\_\_\_; FERREIRA, M. **Corpus do Português** (45 milhões de palavras, sécs. XIV-XX). Disponível em <http://www.corpusdoportugues.org>.

DUARTE, F. B. **Análise gramatical das orações da Língua Tembé**. 1997. 85 f. Dissertação (Mestre em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 1997.

\_\_\_\_\_. **Ordem dos constituintes e movimento em Tembé: minimalismo e anti-simetria**. 2003. 192 f. Tese (Doutor em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2003.

\_\_\_\_\_. **Estudos de morfossintaxe Tenetehára**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2007.

\_\_\_\_\_; CAMARGOS, Q. F. Núcleos causativos na língua Tenetehára: natureza dos complementos selecionados por CAUSE. In: CABRAL, Ana Suely Arruda Câmara; RODRIGUES, Aryon Dall’Igna; LOPES, Jorge Domingues; JULIÃO, Maria Risolêta Silva (Org.). **Línguas e Culturas Tupí**. Campinas: Curt Nimuendajú, 2011. v. 3. p. 147-162.

DUARTE, M. E. L. “Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil”. In: ROBERTS, Ian & KATO, Mary Aizawa (orgs.). **Português brasileiro: uma viagem diacrônica**. Campinas: UNICAMP, 1993.

\_\_\_\_\_. **A perda do princípio “Evite Pronome” no português brasileiro**. 1995. Tese de Doutorado. Campinas: UNICAMP, 1995.

\_\_\_\_\_. “A evolução na representação do sujeito pronominal em dois tempos”. In: PAIVA, M. C.; DUARTE, M. E. L. (orgs.). **Mudança linguística em tempo real**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2003.

\_\_\_\_\_. (org.). **O sujeito em peças de teatro (1983-1992): estudo diacrônicos**. São Paulo: Parábola, 2012.

\_\_\_\_\_.; KATO, M. A.; BARBOSA, P. **Sujeitos indeterminados em PE e PB**. Anais do II Congresso Internacional da ABRALIN, vol. I, p. 405-409, 2001

DEUS, S. **O Tétum-Díli como língua não-pro-drop: na senda do Caboverdiano**. Textos Selecionados, XXVI Encontro da Associação Portuguesa de Linguística, Lisboa, APL, 2011. p. 226-241.

FIGUEIRA, R.A. **Causatividade: um estudo longitudinal de suas primeiras manifestações no processo de aquisição do Português por uma criança**. 1985. 348f. Tese (Doutorado). Campinas: Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP, 1985.

FARRELL, P. **Backward Control in Brazilian Portuguese**. ESCOL. CLC Publications. 95: 116–127. 1995.

GALVES, C. O enfraquecimento da concordância no Português Brasileiro. In I. ROBERTS & Mary A. KATO (eds.) **Português Brasileiro: uma viagem diacrônica**, São Paulo, Campinas: Editora da Unicamp, 1993. p. 387-408.

\_\_\_\_\_. **Ensaio sobre as Gramáticas do Português**. Campinas: editora da Unicamp. 2001.

GIVÓN, Talmy. Cause and Control: on the Semantics of Interpersonal Manipulation. In: KIMBALL, John P. (Ed.). **Syntax and Semantics**. New York Academic Press, 1976. v. 4, p. 39-89.

GOMES, J. A. N. S. **Variação e sintaxe nas orações completivas de verbos causativos/perceptivos**. 2005. 153p. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Curso de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Uberlândia, 2005.

GONÇALVES, A. P. L. M. **Predicados complexos verbais em contextos de infinitivo não preposicionado do português europeu**. 1999, 502 p. Tese de doutoramento. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1999.

GUASTI, M. T.; **Romance causatives**, in Haegeman (ed.) (1997a), 124–144.

\_\_\_\_\_. **Causative and perception verbs**. Rosenberg and Sellier, Turin, 1993.

\_\_\_\_\_. Analytic causatives. In: EVERAERT, M.; C. van RIEMSDIJK, H. **The Blackwell companion to syntax**, v. 4. 2006. p. 142-163.

HALE, K.; KEYSER, S. J. On argument structure and the lexical expression of syntactic relations. In: HALE, Ken; KEYSER, Samuel Jay (Org.). **The view from building 20**. Cambridge: The MIT Press, 1993.

\_\_\_\_\_. **Prolegomenon to a Theory of Argument Structure**. Cambridge: MIT Press, 2002.

HARLEY, H. B. **Subjects, events, and licensing**. 1995. 236 f. Tese (Doctor of Philosophy) – Massachusetts Institute of Technology, Cambridge, 1995.

HARLEY, H. On the causative construction. In: MIYAGAWA, S.; MAMURO, S. (Eds.). **The Oxford Handbook of Japanese Linguistics**. Oxford: Oxford University Press, p. 20-53, 2008.

\_\_\_\_\_. **On the causative construction**. Unpublished ms., University of Arizona. 2005.

HENRIQUES, F. P. **Construções com verbos de alçamento que selecionam um complemento oracional: uma análise comparativa do PB e PE**. 155 f. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) Curso de Pós-Graduação em Letras Vernáculas. Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, 2013.

HOLMBERG, A. Null subject parameters. In BIBERAUER, T; HOLMBERG, A; ROBERTS, I; SHEEHAN, M (orgs.), **Parametric variation: null subjects in Minimalist theory**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010. p.88-124.

\_\_\_\_\_; ROBERTS, I. Introduction: parameters in minimalist theory. In BIBERAUER, T; HOLMBERG, A; ROBERTS, I; SHEEHAN, M (orgs.), **Parametric variation: null subjects in Minimalist theory**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010. p. 1-57.

\_\_\_\_\_; NAYUDU, A; SHEEHAN, M. **Three partial-subject languages**. *Studia Linguistica*, 63. p. 59-97. 2009.

HORNSTEIN, N.; NUNES, J.; GROHMANN K. **Understanding Minimalism**. New York: Cambridge University Press, 2005.

HORVATH, J.; SILONI, T. Causatives across components. **Natural Language and Linguistic Theory**, v. 29, p. 657-704, 2011.

HUANG, C. T. J. **On the distribution and reference of the empty categories**. *Linguistic Inquiry*, 15. p. 531-74. 1984.

KATO, M. A. **Teoria sintática: de uma perspectiva de “-ismos” para uma perspectiva de “programas”**. *Delta*, v.13, n.2: 1-16. São Paulo, ago.1997.

\_\_\_\_\_. The distribution of null and pronominal objects in Brazilian Portuguese. In: W, Ashby et alii (orgs) **Linguistic Perspectives on Romance Languages: Selected papers from the XXI LSRL**. Philadelphia: John Benjamins. (1993).225-235

\_\_\_\_\_. **Strong and weak pronominals and the null subject parameter**. *Probus*, 1, 1999a. p. 1-37.

\_\_\_\_\_. **Pronomes fortes e fracos na gramática do português brasileiro**. *Revista Portuguesa de Filologia*. Vol XXIV, 2002, p. 101-122, Coimbra.

\_\_\_\_\_. **Comparando o português da América com o português de Portugal e com outras línguas**. 2005. Disponível em

[http://www.museulinguaportuguesa.org.br/files/mlp/texto\\_13.pdf](http://www.museulinguaportuguesa.org.br/files/mlp/texto_13.pdf). Acessado em 11 nov. 2013.

\_\_\_\_\_. The partial pro-drop nature and the restricted VS order in Brazilian Portuguese. In KATO, M.A; NEGRÃO, E.V (Eds.) **Brazilian Portuguese and the Null Subject Parameter**. Frankfurt: Vervuert-Iberoamericana, 2000. p. 223-258

\_\_\_\_\_. O sujeito nulo revisitado no português brasileiro. In TORRES-MORAIS, M.A.; ANDRADE, M.L.O. (Orgs.) **História do Português Paulista**. Série Estudos, Vol II. Campinas: Ed. da Unicamp, 2009. p.61-82.

\_\_\_\_\_; DUARTE, M.E.; CYRINO, S; BERLINCK, R. “Português brasileiro no fim do século XIX e na virada do milênio”. In Suzana Cardoso, Jacyra Mota e Rosa Virgínia Mattos e Silva (orgs.) **Quinhentos anos de história linguística no Brasil**. Salvador, Empresa Gráfica da Bahia/Funcultura/Governo da Bahia. 2006. p. 413-438.

\_\_\_\_\_; DUARTE, M.E. **Restrições na distribuição de sujeitos nulos no Português Brasileiro**. *Veredas on-line* v. 18, n.1, 2014. Disponível em [http://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2014/07/01-Kato\\_Duarte2.pdf](http://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2014/07/01-Kato_Duarte2.pdf). Acesso em 15 out. 2014.

\_\_\_\_\_; RAPOSO, E. O objeto nulo definido no português europeu e no português brasileiro: convergências e divergências. **Actas do XVI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística** (APL 2001), Lisboa. 2001.

KAYNE, R . **French Syntax: The Transformational Cycle**. Cambridge, Mass.: The MIT Press, 1975

KENEDY, E. **Curso básico de linguística gerativa**. Contexto: São Paulo, 2013.

KRATZER, A. **The Event Argument and the Semantics of Voice**. Amherst: University of Massachusetts, 1994. (Não publicado)

KRATZER, A. Severing the External Argument from its Verb. In: Rooryck, J.; Zaring, L. eds., **Phrase Structure and the Lexicon**. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 1996, p.109-137.

KROCH, A. Morphosyntatic Variation. In BEALS, K. **Proceedings of the Thirtieth Annual Meeting of the Chicago**. Linguistics Society, v.2, 1994, p. 180-201.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline R. Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, (1972) 2008.

\_\_\_\_\_. **Principles of Linguistic Change – Social Factors**. Blackwell: Oxford, UK e Cambridge USA, 2001.

LARSON, R. On the double object construction. **Linguistic Inquiry**, v. 19, p. 335-391. 1988.

LEGATE, J. A. **Voice and v – Lessons from Acehnese**. Cambridge: The MIT Press, 2014.

LEITE, M.A. **Resultatividade: um estudo das Construções Resultativas em Português**, 2006. 153f. Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas– Língua Portuguesa - da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2006.

LEVIN, B.; RAPPAPORT HOVAV, M. **Unaccusativity: at the syntax lexical semantics interface**. Cambridge: MIT Press, 1995.

LIMA-SALLES; PILATI, E. Correlações entre a ordem sujeito-verbo e as características das causativas no Português Brasileiro. **Veredas on-line** v. 18, n.1, 2014. Disponível em [www.ufjf.br/revistaveredas/files/2014/07/11-Salles\\_Pilati.pdf](http://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2014/07/11-Salles_Pilati.pdf). Acesso em 15 out. 2014.

MARANTZ, A. No escape from syntax: Don't try morphological analysis in the privacy of your own lexicon. In Alexis Dimitriadis, Laura Siegel, Clarissa Surek-Clark, and Alexander Williams, eds., **Proceedings of the 21st Annual Penn Linguistics Colloquium**, 201-225. Pennsylvania Working Papers in Linguistics 4.2. Philadelphia. (1997).

\_\_\_\_\_. **On the Nature of Grammatical Relations**. Cambridge: MIT Press. 1984

MARTINS, A. M. **Clíticos na História do Português**. Universidade de Lisboa: Ph.D. Dissertação. 1996.

MARTINS, A. M. Aspects of infinitival constructions in the history of Portuguese. In: GESS, R. S. Gess & ARTEAGA, D. (ed.). **Historical Romance Linguistics: Retrospective and Perspectives**. Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins, 2006. p.327-355.

\_\_\_\_\_. Ambiguidade estrutural e mudança linguística: A emergência do infinitivo flexionado nas orações complemento de verbos causativos e perceptivos. **Linguística Histórica e História da Língua Portuguesa. Actas do Encontro de Homenagem a Maria Helena Paiva**, ed. Ana Maria Brito, Olívia Figueiredo, Clara Barros. Porto: Secção de

Linguística do Departamento de Estudos Portugueses e de Estudos Românicos da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. 197-225. 2004.

MILANIO, G. A. Q. **As causativas sintéticas do Português Brasileiro de acordo com o modelo minimalista** (2014) 94 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras. Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos/POSLIN: Belo Horizonte, 2014.

MIYAGAWA, S. (s)ase as an elsewhere causative and the syntactic nature of words. **Journal of Japanese linguistics** 67. 1998.

\_\_\_\_\_. **Blocking and Modularity: Causatives in Japanese and English.** 2010b. Unpublished handout.

NAVES, R. R. **Alternâncias sintáticas: Questões e perspectivas de análise.** 2005. Tese de doutorado, UNB, Brasília, 2005.

\_\_\_\_\_; PILATI, E. Cisão da categoria pronominal, transferência de traços de C para T e a expressão do sujeito no português brasileiro. Moura, D. **Estudos de gramática gerativa.** EdUFAL. 2013.

NUNES, J. M. Direção de cliticização, objeto nulo e pronome tônico na posição de objeto em português brasileiro. In ROBERTS, I.; KATO, M. A.(eds.) **Português Brasileiro: uma viagem diacrônica**, São Paulo, Campinas: Editora da Unicamp,1993. p. 207-222.

\_\_\_\_\_. A-over-A, inherent case, and relativized probing. Paper presented at the **Thirtieth Annual Colloquium of generative Linguistics in the Old World (GLOW XXX)**, University of Tromsø.2007.

OLIVEIRA, J.M.; **Os traços aspectuais condicionantes da alternância causativo-incoativa do Português brasileiro** , 2016. 254f. Tese de doutorado em Estudos Linguísticos, UFMG/POSLIN, Belo Horizonte, 2016.

ORSOLYA, T. **Causative Constructions and their syntactic analysis em the Udmurt language.** 2015. 191f. Tese. (Doutorado).Pázmány Péter Katolikus Egyetem Bölcsészeti és Társadalomtudományi kar Nyelvtudományi Doktori Iskola, Budapest, 2015.

PAGOTTO, E. “Clíticos, mudança e seleção natural”. In In ROBERTS, I.; KATO, M.A. (eds.) **Português Brasileiro: uma viagem diacrônica**, São Paulo, Campinas: Editora da Unicamp, 1993. pp. 185-206.

\_\_\_\_\_. **A posição dos clíticos em português: um estudo diacrônico.** Dissertação de Mestrado. Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade estadual de Campinas.1992.

PARSONS, T. **Events in the semantics of English: A study in subatomic semantics.** Cambridge MA: The MIT Press, 1990.

PEREIRA, M. B. **A sintaxe do dativo em estruturas com verbos causativos no português brasileiro.** 2013. 84f. Dissertação de Mestrado. Universidade de Brasília, 2013.

\_\_\_\_\_ ; SALLES, H.M.M.A. **Causativas no português brasileiro contemporâneo: especificidades do verbo deixar.** Trabalho apresentado no I congresso nacional de estudos linguísticos, Vitória-Es, de 18 a 21 de outubro de 2011.

PERLMUTTER, D. M. Impersonal passives and the unaccusative hypothesis. In: **Proceedings of the Fourth Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society.** University of California, Berkeley, 1978. p. 157-189.

PERLMUTTER, D.M.;POSTAL P.M. **The 1-Advancement Exclusiveness Law**, in D.M. Perlmutter and C. Rosen, eds., (1984) *Studies in Relational Grammar 2*, University of Chicago Press, Chicago, IL, 81-125.1984.

PYLKKÄNEN, L. **Introducing Arguments.** 2002. 137 f. Tese (Doctor of Philosophy) – Massachusetts Institute of Technology, Cambridge, 2002.

\_\_\_\_\_. **Introducing Arguments.** Cambridge: The MIT Press, 2008.

RABELO, P. **Argumentos EPP Nulos no português do Brasil em contextos oracionais finitos e infinitivos.** 2010. 232p. Tese de Doutorado. Universidade de Brasília, Brasília, 2010.

RAPPAPORT HOVAV, M.; LEVIN, B. Building verb meanings. In: BUTT, M.; GEUDER, W. **The projection of arguments: lexical and syntactic constraints.** Stanford: CSLI Publications, Stanford University, p. 97-134, 1998.

RICHARDS, M. On Feature Inheritance: an Argument from the Phase Impenetrability Condition, **Linguistic Inquiry** 38, 563-572. 2007

ROBERTS, I. **Verbs and Diachronic Syntax.** Dordrecht, Kluwer, 1993.

\_\_\_\_\_. **Diachronic syntax.** Oxford: Oxford University Press, 2007.

\_\_\_\_\_ ; KATO, M.A (orgs) **Português Brasileiro: uma viagem diacrônica.** Campinas: Editora da Unicamp, 1993a.

ROBINSON, J.S.; LAWRENCE, H.R.; TAGLIAMONTE, S.A. **GOLDVARB 2001: a multivariate analysis application for Windows.** 2001.

ROSA, J. G.; **Grande sertão: veredas.** 19. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001d.

SOARES da SILVA, H. **O parâmetro do sujeito nulo: confronto entre o português e o espanhol.** 2006. 117f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa - Letras Vernáculas) Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/UFRJ, 2006a.

\_\_\_\_\_. **Evidências da mudança paramétrica em dados da língua-E: o sujeito pronominal no português e no espanhol.** 2011. f. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa - Letras Vernáculas) Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/UFRJ, 2011.

SPANO, M. **A ordem Verbo-Sujeito no Português Brasileiro e Europeu: um estudo sincrônico da escrita padrão.** 2008. 191 f. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas - Língua Portuguesa). LETRAS. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

SCHÄFER F. **The Syntax of (Anti-)Causatives**. Amsterdam: John Benjamins Publishing, 2009.

SAKSENA, A. **The affected agent**. *Language* 56(4):812-826. 1980.

SILVA, Y. R. B. **As Causativas Sintéticas no Português do Brasil: Novas Evidências a Favor da Estrutura Bipartida do VP**. (2009) 134f. Dissertação (Mestrado). UFMG – Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos/POSLIN: Belo Horizonte, 2009.

SHEEHAN, M.; CYRINO, S. **Variation and change in the Romance faire-par causative** 2016. Disponível em <http://ling.auf.net/lingbuzz/002856>. Acessado em 15 fev. 2016.

SILVA, Y. R. B. **As Causativas Sintéticas no Português do Brasil: Novas Evidências a Favor da Estrutura Bipartida do VP**. (2009) 134f. Dissertação (Mestrado). UFMG – Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos/POSLIN: Belo Horizonte, 2009.

TARALLO, F. Diagnosticando uma Gramática Brasileira: o português d'aquém e d'além-mar ao final do século XIX. In KATO, M. A.; ROBERTS, I (orgs.). **Português Brasileiro: uma viagem diacrônica**. Campinas, SP. Editora da Unicamp, 1993.

\_\_\_\_\_. **A Pesquisa Sociolinguística**. São Paulo: Editora Ática, 1986, 96p.

\_\_\_\_\_; KATO, M. A. **Harmonia trans-sistêmica: variação intra - e inter - linguísticas**, *Preedição*, 5, 1989.

TRANNIN, J.B. **Aspectos sintáticos do infinitivo com verbos causativos no Português Europeu: uma abordagem diacrônica**. 2010.144p. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Curso de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Estadual de Campinas, 2010.

VAN GELDEREN, E. **The linguistic cycle: language change and the language faculty**. Oxford: Oxford University Press. 2011.

WALKDEN, G. **Syntactic reconstruction and Proto-Germanic**. PhD dissertation. University of Cambridge. 2012.

\_\_\_\_\_. **Null subjects in old English**. *Language Variation and Change*, v.25, p.155-178. Cambridge University Press, 2013. Disponível em: [http://www.academia.edu/8380711/Null\\_subjects\\_in\\_Old\\_English\\_2013\\_](http://www.academia.edu/8380711/Null_subjects_in_Old_English_2013_) Acesso em 26 out. 2014.

\_\_\_\_\_; BREITBARTH, A. Sociolinguistic typology and syntactic complexity. 2014. Trabalho apresentado em **Encontro anual de Deutsche Gesellschaft für Sprachwissenschaft (DGfS)**, Marburg, March 2014. Disponível em: <http://julienas.philosophie.unistuttgart.de/sandbox/groups/languageinhistoricalcontactsituation/s/wiki/welcome/attachments/3ca3e/walkdenbreitbarth.pdf?sessionID=81151939d50e2e182ec795c657fe4c43c073efd2>. Acesso em 10 nov. 2014.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. “Empirical foundations for a theory of language change.” In: LEHMANN, W.; MALKIEL, Y., **Directions for historical linguistics**. Austin, University of Texas Press, p. 97-195. 1968.

WURMBRAND, S. **Infinitives: Restructuring and clause structure**. Berlin/New York: Mouton de Gruyter. 2001.

ZIMMERMANN, M. On the evolution of expletive subject pronouns in Old French. In KAISER, G. A; REMERGER, E. **Proceedings of the workshop “null-subjects, expletives, and locatives in romance”**. Universität Konstanz, 2009, p. 63-92.

ZUBIZARRETA, M. L. **The Relation between Morphophonology and Morphosyntax: the case of Romance Causatives**. In: *Linguistic Inquiry*, 16. p. 247-289, 1985.

## APÊNDICE A - *Corpus* de peças de teatro

### SÉCULO XIX

PENA, M. **O juiz de paz na roça** (1833). Disponível em:  
[www.bdteatro.ufu.br/download.php?pid](http://www.bdteatro.ufu.br/download.php?pid). Acesso em 13 nov. 2013.

PENA, M. **O Judas em sábado de aleluia** (1844). Disponível em:  
<https://sites.google.com/site/projetosujeitopecas/>. Acesso em 10 nov. 2014.

PENA, M. **Quem casa quer casa** (1845). Disponível em:  
<https://sites.google.com/site/projetosujeitopecas/>. Acesso em 10 nov. 2014.

PENA, M. **As casadas solteiras** (1845). Disponível em:  
<https://sites.google.com/site/projetosujeitopecas/>. Acesso em 10 nov. 2014.

PENA, M. **As desgraças de uma criança** (1846) Disponível em:  
[www.bdteatro.ufu.br/download.php?pid](http://www.bdteatro.ufu.br/download.php?pid). Acesso em 10 nov. 2013.

ALENCAR, J. **O demônio familiar** (1857). Disponível em;  
[www.bdteatro.ufu.br/download.php?pid=TT00922](http://www.bdteatro.ufu.br/download.php?pid=TT00922). Acesso em 13 nov. 2013.

MACEDO, J.M. **Luxo e vaidade** (1860). Disponível em:  
<https://sites.google.com/site/projetosujeitopecas/>. Acesso em 10 nov. 2014.

JÚNIOR, F. **Tipos da atualidade** (1862) Disponível em:  
<https://sites.google.com/site/projetosujeitopecas/>. Acesso em 10 nov. 2014.

JÚNIOR, F. Como se fazia um deputado (1882), **Rio de Janeiro: Ediouro, 1985. p.9-53**. Disponível em  
<http://www.bibvirt.futuro.usp.br> Acesso em 13 nov. 2013.

AZEVEDO, A. **A capital federal** (1897). Disponível em <http://www.bibvirt.futuro.usp.br>  
 Acesso em 13 nov. 2013.

### SÉCULO XX

TOJEIRO, G. Onde canta o sabiá (1920). Disponível em  
[http://www.bjksdigital.museusegall.org.br/busca\\_folhetos.html](http://www.bjksdigital.museusegall.org.br/busca_folhetos.html). Acesso em 20 nov. 2013.

OSWALD, A. **Teatro: a morta, o rei da vela, o homem e o cavalo**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1973. p. 57-122. Disponível em:  
[http://monoskop.org/images/a/a3/Oswald-de-andrade-Obras\\_Completas-vol8.pdf](http://monoskop.org/images/a/a3/Oswald-de-andrade-Obras_Completas-vol8.pdf). Acesso em 13 nov. 2013.

GONZAGA, A. **A patroa (1933)**. Disponível em:  
[http://www.bjksdigital.museusegall.org.br/busca\\_folhetos.html](http://www.bjksdigital.museusegall.org.br/busca_folhetos.html). Acesso em 20 nov. 2013.

CUNHA, H. **A vida tem três andares (1938)**. Disponível em:  
[http://www.bjksdigital.museusegall.org.br/busca\\_folhetos.html](http://www.bjksdigital.museusegall.org.br/busca_folhetos.html). Acesso em 21 nov. 2013.

RODRIGUES, N. **Vestido de noiva**. Disponível em:  
[semac.piracicaba.sp.gov.br/ceta/vestidodenoiva.pd](http://semac.piracicaba.sp.gov.br/ceta/vestidodenoiva.pd). Acesso em 13 nov. 2013.

PLÍNIO, M. **A navalha na carne (1966)**. Disponível em:  
<http://pt.scribd.com/doc/35023456/Plinio-Marcos-Navalha-na-carne>. Acesso em 13 nov. 2013.

FERNANDES, M. **Os órfãos de Jânio (1979)**. Disponível em:  
<https://sites.google.com/site/projetosujeitopecas/>. Acesso em 13 nov. 2013.

MUNIZ, L. C. **O Santo Milagroso (1981)**. Disponível em:  
<https://sites.google.com/site/projetosujeitopecas/>. Acesso em 13 nov. 2013.

FALABELLA, M. **Como encher um biquíni selvagem (1992)**. Disponível em:  
<https://sites.google.com/site/projetosujeitopecas/>. Acesso em 13 nov. 2013.

VEIRA, P. **Não se incomode pelo carnaval**. Disponível em:  
<http://www.encontrosdedramaturgia.com.br/wp-content/uploads/2010/10/Paulo-Vieira-N%C3%83O-SE-INCOMODE-PELO-CARNAVAL1.pdf>. Acesso em 13 nov. 2013.

## APÊNDICE B– EXEMPLOS DE CONSTRUÇÕES CAUSATIVAS ANALÍTICAS

### SÉCULO XIX

- 1 Deixá-la vir!
- 2 Tem-me feito suar!
- 3 Quando voltares da missa do galo, em vez de te ires deitar, deixa o velho dormir, e espera-me.
- 4 As ruas estão incapazes? Cheias de lama. Não só não nos deixaram ir à missa, como te fizeram doente.
- 5 Fizeste mal em deixá-lo entrar, mas agora é preciso salvá-lo.
- 6 Agora, deixe-me também falar... Recorda-se do que lhe dizia eu quando se tratou do meu casamento com sua filha?
- 7 Deixa-as lá brigar. Vem dar-me o hábito.
- 8 Este imita o canto dos passarinhos... zurra como burro... e repenica cordas... Aquele toca abaixo do cavalete, toca em cima no braço... e saca-lhe sons tão tristes e lamentosos capazes de fazer chorar um bacalhau...
- 9 Uma lição; uma boa e útil lição. Ensina-me a estimar aquilo que eu antes não sabia apreciar; fizeram-me voltar ao seio da família, à vida íntima!
- 10 Deixe-me arrespirá um bocadinho! Virge Maria! Quanta escada! Avie-se! Pimenta caminha receoso para o grupo que está no fundo, e com bons modos o faz sair.
- 11 Faustino, enquanto Pimenta faz evacuar a sala, continua a falar.
- 12 Diz Inácio José, natural desta freguesia e casado com Josefa, sua mulher na face da Igreja, que precisa que Vossa Senhoria mande a Gregório degradado para fora da terra, pois teve o atrevimento de dar uma umbigada em sua mulher, na encruzilhada do Pau-Grande, que quase a fez abortar, da qual umbigada fez cair a dita sua mulher de pernas para o ar.
- 13 Por que o deixaste sair?
- 14 Nhonhô deixa passar um momento, fogo, luneta terceira vez; ai moça não resiste mais, cai por força, com o olho requebrado só, namoro está ferrado.
- 15 Nhanhã Carlotinha. Não tem nada; riqueza faz crescer amor.
- 16 Porque não refletem!... Se eles conhecessem o fel que encobrem essas rosas do prazer, deixá-las-iam murchar.
- 17 Quero dizer-lhe que a senhora é a rosa mais encantadora destes prados, e que faz morrer de inveja e de ciúmes todas as flores que a cercam.
- 18 Deixe correr o marfim. Trabalhe cada um para seu lado que afinal dá tudo certo.
- 19 Ai! E o meu leque?! Trouxeste-o, Dolores? Mercedes - Tu deixaste-o ficar sobre a mesa, no Braço de Ouro.
- 20 Então? O Gouveia? Não lhes disse? Bem me arrependi de o Ter deixado ficar!
- 21 Deixe-me ver se posso acabar este vestido para vesti-lo amanhã, que é Domingo de Páscoa.
- 22 Faz-me esperar tanto!
- 23 Este maldito homem ia-me fazendo perder a cabeça.
- 24 Ainda não me deixaram dizer ao que vinha.
- 25 Se diz uma palavra, mando-lhe dar uma arrojada.

- 26 Hei-de fazer cumprir a ordem de prisão.  
 27 Arranje isso como puder; quando não, mando tocar a música...  
 28 ...isto fez-me perder a cabeça...  
 29 Inglês não deixa brincar com ele, no!  
 30 Das quais estava sempre mandando consertar os telhados, por pedido dos inquilinos.

## SÉCULO XX

- 1 Não procure fazer-me tropeçar novamente e levar outro trambolhão.  
 2 Quando deixará de me fazer sofrer?  
 3 É o despeito que te faz falar assim!...  
 4 D. Lígia está indignada. Me disse que vocês se trancaram aí e não deixam ninguém entrar.  
 5 Deixem D. Lígia entrar, antes que ela chore.  
 6 Não faça entrar mais ninguém hoje, Abelardo.  
 7 Um intelectual. Diz que não sai sem vê-lo. ///Mande entrar. Quero vê-lo.  
 8 Não deixe eles falarem mais.  
 9 Fica certa de que, se algum dia alguém a fizer sofrer, não serei eu.  
 10 Eu mandei ele pescar rio acima, ele foi e caiu n'água...  
 11 Bento: Deixe-me ficar a sós com Romualdo. Vou chamá-lo à ordem.  
 12 se a inconsciência fizesse engordar você não passaria por essa porta.  
 13 Carlos: Si o jiló não servisse para mais nada, serviria ao menos para fazer amargar o Eleutério...  
 14 Não é que deixei ficar o endereço em casa de Mme. Olímpia!...  
 15 Mariana: felizmente o chauffeur era honesto. Desde que eu saltei fez parar o relógio do táxi...  
 16 ...me deixa sair.  
 17 Carlos - Pois é: o Jânio deixou cair a bola, o Jango chutou mal, os militares agarraram firme e, claro, passaram a se julgar donos da bola e tome cartão vermelho pra tudo quanto é jogador adversário!  
 18 Jovelina: Seu Eustorgio mandou-o levar ao falecido, as flores que trazia para Dona Yara!...  
 19 Yvone: O repentino encontro com Claudio fez-me esquecer a ética social.  
 20 Adelia: Posso mandar servir o jantar?...  
 21 Jovelina: Dona Adélia, a cozinheira manda (eu) perguntar se pode servir o almoço.  
 22 Vadêco (chofer): com licença!... O senhor Cláudio mandou trazer estes livros...  
 23 Adriano: Faz-me lembrar o momento da nossa despedida quando partiu para Petrópolis...recorda-se?...  
 24 Yara: Sim. Mandei-o entregar a Claudio o aviso.  
 25 Eustórgio: A sua palestra necrológica fez-me gelar a tibia.  
 26 Deixe eu me recordar como foi... Já sei! Papai estava dizendo: “ O negócio acabava...”

<b>SÉCULO XXI</b>
-------------------

- 1 Até que de madrugada eles liberaram ele, mandou ele andar, sem olha pra trás...
- 2 Ai então deixa eu pensar melhor, eu não gosto desses desenhos de super herói.
- 3 Se eu tivesse muito poder... Eu acho que eu ia fazer todo mundo trabalhar...
- 4 por exemplo, prefeitu qui deixa deixa entrá pessoas qui são di di ... tipu, di alta na sociedade, ne pro ne programas qui são di coisas pras pessoas qui são mais mais humildis
- 5 É... e também uma vez, dois... é... dois ladrão tava sendo carregado por dois policiais. Né? Eles pegaram, dexaram entrá no carro da polícia, lá dentro tava com uma arma na mão, ...
- 6 só sei que os homossexuais me fazem rir demais...
- 7 Mãe mandava eu i pa iscola, mãe mais pai...
- 8 Ela não deixava ninguém entrar no quartinho dela, ...
- 9 Você não podi fazê as pessoas sofrê...
- 10 Então, eu nunca pedi pro meu pai deixar eu ir porque eu sabia que ele num deixava sair assim.
- 11 Tava até perigoso, mas agora ele já mandou passar o maquinário e melhorou um pouco...
- 12 Eu: me, eu acho que eu mandaria melhorar as escolas... da periferia as escolas né?
- 13 OH! Basicamente ele num mandava eu fazer muita coisa cara.
- 14 ( ) Agora deixa eu falar uma opinião pessoal minha.
- 15 ...depois assim “gente como é que a gente num vale nada pra poder ter tirado a vida da gente aqui, né?” Então eu deixei levar tudo...
- 16 Mas sabe quê que acontece, pode ser, mas deixa eu te falar uma coisa por que o quê que acontece...
- 17 porque tipo assim, ... lá no NL, a genti dava muito, eles mandava muito a genti istudá sobre um assuntu i depois cê fazê tipo palestra pro pessoal da sua sala i tal.
- 18 ...qui você num deve mandá ninguém calá a boca...
- 19 Porque (quando somos jovens), significa a genti ta ainda começandu sua vida, se você deixa uma droga atrapalhá sua vida...
- 20 éh:: eu mandaria investir ((tosse)) na (estrutura) da cidade...
- 21 Não ... no momento não ... por enquan::to ainda nada, só:: as vezes que ela manda eu fazer muita coisa assim que eu fico bastante cansada assim:: mais chatia chatia assim não (352-E45E6)
- 22 Ele levo meu vô lá pa Belo Horizonte, mando prendê ele lá.



## APÊNDICE C – EXEMPLOS DE CONSTRUÇÕES CAUSATIVAS SINTÉTICAS

### Texto: O santo Milagroso (1981) Lauro César Muniz

1. Sua presença na festa é indispensável. Ainda mais o senhor que viu o Alberto nascer, que o batizou e o comungou pela primeira vez...
2. TERESINHA: Deve ser uma perfeição! Tudo aqui me deslumbras os vidros coloridos da janela, a pia de batizar, os ouros das paredes, os "veleiros de vela e os anjos! Tem um parecidíssimo com o Dito!
3. P.CAMILO: Eu criei Teresinha dentro da minha igreja incutindo nela o espírito de minha doutrina, para depois um rapazinho qualquer... um sacristão católico, leva-la e convertê-la às suas ideias. Isto é que não!
4. MASCATE: Ah atende sim!... Ele é louco por retratos! Tudo quanto é batizado e casamento ele faz questão de sair... Ah! Por falar em retratos, o senhor me iluminou uma ideia na cabeça!
5. P.CAMILO: Eu me sentirei como peixe fora d'água ! Eu vi nascer esta cidade, construí esta igreja, batizei toda esta geração e casei os pais... Ai de mim se não puder morrer aqui e ser enterrado nesse mesmo cemitério. .. que eu mesmo estreei abençoando Zé-Coveiro, o primeiro morto . . .
6. P.CAMILO: Vi morrer um pobre homem, sabendo que poderia salva-lo... Tiraram o coitado do rio, inchado de água e ficaram chacoalhando o homem sem conhecimento nenhum...
7. Não se esqueça Teresinha o mundo é mau lá fora! Com um simples olhar um homem despe uma mulher...
8. DITO: (Analisando) - É pena. Um pouquinho de sol aí, não lhe iria nada mal.  
TERESINHA: O sol me arde a pele...
9. Também não... Feche os olhos... Pode fechar, não se assuste...
10. Os postes iluminam a praça e a ponte.
11. P .JOSÉ: Apagou as velas?
12. Dai-me forças para engolir as indiretas do senhor Camilo. Eu quero tanto jogar uma partidinha de xadrez... (Persigna-se e vai abrir a porta).
13. Eu ajudei a construir tudo isso! Sabe, padre, ca entre nós...De vez em quando as coisas se apertam e eu rezo para São Benedito.
14. Até quando vou ao culto protestante e faço minhas orações como o senhor me ensinou...
15. Ele me expulsa de casa! Ele não é compreensivo como o senhor...
16. Eu te ensino. (Arrasta o genuflexório para perto do Pastor) Ajoelhe aqui... Vamos rezar para São Francisco!
17. Hoje as oito horas, eu vou esclarecer o acontecimento....Apareça lá!
18. Mas como? A igreja ficou coalhada de gente! Não ser? Difícil de uma hora para outra, tirar da cabeça de toda aquela gente que o santo não existe... O senhor precisava de ver! No momento em que eu o benzi . . .
19. (Num canto da praça, o Mascate arruma sua barraquinha).

20. (Pastor Camilo sai. Padre José tranca a porta cuidadosamente. Na praça aparece o Jornalista: roupa velha, chapéu e uma máquina fotográfica com "flash". Aproxima-se do Mascate).
21. Diz que o padre "tava" tão nervoso que na hora da benção do santo esparramou água pra todos os lados!
- 23 CORONEL: Quem pichou as paredes da igreja, fui eu mesmo...
- 24 (Na casa do Pastor Camilo. Teresinha com gestos misteriosos, constrói rapidamente um pequeno altar para o santinho de papel; o santinho ao centro, um vazinho de flores e uma vela acesa).
- 25 P.CAMILO: Nessas alturas, você já estava como que hipnotizada por tudo aquilo ... É a técnica que os católicos usam : aguçar a imaginação.
- 26 P.JOSÉ: Um, dois, um, dois, um... (O Padre acelera o movimento. Os dois compõem uma cena de movimentos grotescos e rápidos).
- 27 P.CAMILO: "Padre milagroso ressuscita mortos!"
- 28 P.CAMILO: Uniram-se e nos uniram!
- 29 Das outras imagens de São Francisco! (Os Fiéis apertam o círculo ameaçando o Mascate).
- 30 P.JOSÉ: Não posso... Não posso enganar a todos!